DRAWING INSPIRED IN A WORK OF ART BY JUDI CASTELLI

VÁRIUS : CONTOS MORAIS

Várius: Contos Morais
edição zmb_mur@yahoo.com
ZMB016x

Doença do meu amor,
do teu amor,
leito do nosso amor,
do nosso peito,
abre-lhe as folhas devagar,
com jeito
como se fossem pétalas perdidas.

Tu és o meu cacto do deserto
E eu sou a flor que nasce em ti.
Só de vez em quando,
de ano a ano é que os cactos têm flores.
O resto é tudo deserto,
não é nada, só areia e dunas muito altas,
nós pensamos que estamos sozinhos mas
afinal há milhares de cactos com flores.

Oh! Quanto é bom beijar os teus lábios, minha árvore de Natal roubada,
Com o vaso partido e fitas...
A terra pelo chão,
escuridão no quarto à excepção de uma pequena luz que surge
E te traz a ti pela janela fechada.

Às vezes, nem preciso de me olhar ao espelho para me sentir um demónio
que ri, ri...

(Estas palavras são de Xanda, uma antiga namorada do Rui)

MUSHROOMS OR
John Moore

Mushrooms ou a procura da identidade e do espaço

Delford Drive 89, Domingo 22h30m

Estou em casa. Sinto-me frágil. Ontem à noite, comi outra vez cogumelos mágicos. Não sei quantos comi. Tudo vem à superfície.

Recordo o poema gaélico de Seán Ó Ríordáin que ouvi um bardo no Tig Fili dizer, um poema com uma sonoridade bela que me conquistou mas do qual não percebi uma palavra, os meus colegas diziam-me «ta tir na nog... ar cul an ti» e aquilo soava-me a noites de solstício com liras e uísque, os póneis a passar no monte relvado, os galos a cantar, a escola ensinando as letras, as escarpas altas como os arranha-céus que não se vêem por aqui, apesar de existir uma torre millennium na capital. Acordo e recordo o poema ensinado na escola primária. Roubei-o esta semana de uma estante de poesia na livraria, o impulso de possuir o livro foi mais forte que a moral, hei-de encontrar uma tradução algures mas agora transcrevo o poema original:

Cúl an Tí
Tá Tír na nÓg ar chúl an tí,
Tír álainn trína chéile,
Lucht cheithre chos ag súil na slí,
Gan bróga orthu ná léine,
Gan Béarla acu ná Gaeilge.

Ach fásann clóca ar gach droím
Sa tír seo trína chéile,
Is labhartar teanga ar chúl a« tí
Nár thuig aon fhear ach Aesop,
Is tá sé siúd sa chré anois.

Tá cearca ann is ál sicín,
Is lacha righin mhothaolach,
Is gadhar mór dubh mar namhaid sa tír
Ag drannadh le gach éinne,
Is cat ag crú na gréine.

Sa chúinne thiar tá banc dramhaíl,

Is iontaisi an tsaoil ann,
Coinnleoir, búclaí, seanhata tuí,
Is trúmpa balbh néata,
Is citeal bán mar ghé ann.

Is ann a thagann tincéirí
Go naofa, trína chéile,
Tá gaol acu le cúl a« tí,
Is bíd ag iarraidh déirce
Ar chúl gach tí in Éirinn.

Ba mhaith liom bheith ar chúl a« tí
Sa doircheacht go déanach
Go bhfeicinn ann ar cuairt gealaí
An t-ollaimhín sin Aesop
Is é in phúca léannta.

Estou no Cork Arms a ouvir um grupo constituído por um velho de sessenta anos a tocar trompete com uma mulher, que podia ser sua filha, cantando ao som de cassetes com versões instrumentais de clássicos de jazz dos anos trinta. Estou junto à porta completamente bêbado e as pessoas que passam na rua olham para dentro atraídas pela música, pelo ambiente de festa, pelas pessoas na casa dos quarenta, cinquenta e tal, usando chapéus de papel. Um tipo, trazendo uma máquina fotográfica, aparece, olha, entra curioso, sai e, passado alguns momentos, volta a entrar. Decide tirar uma fotografia começando pela cantora. É engraçado ver o velho simular tocar trompete para justificar uma fotografia. Ele compreende e tira-lhe o retrato. Depois, sai porta fora.

Neste momento, são aproximadamente onze menos um quarto e porque estamos no fim-de-semana do festival de jazz não quero ir já apanhar o autocarro para casa. Lembro-me que tinha, no ano passado, conseguido entrar no Metropole Hotel pela porta do cavalo dando cinco libras ao porteiro, fiquei lá até às cinco da manhã ouvindo o final de vários concertos, bebendo com pessoal de Dublin hospedado no hotel, ainda uma jam-session de várias horas terminando eu em apoteose com alguns momentos de dedo num piano estacionado num corredor já estava eu de saída.

Mas agora que saí do Cork Arms, resolvo caminhar e entrar no Metropole. A distância é apenas de vinte metros e, neste espaço de tem-

po, decido que devo ir para casa e caminho em direcção à paragem. Enquanto ando, ainda penso em passar em casa de Rob para ver como eles estão e fumar um charro, mas decido bem em entrar no autocarro pois este é o ultimo hoje e, se não o fizer, depois terei que apanhar um táxi.

Chego a casa, como qualquer coisa, ponho-me a ver na televisão um filme chamado Marnie, uma mulher atormentada por acontecimentos vividos na infância e que, por isso, é incapaz de ser tocada por homens. O filme sensibiliza-me e lembra-me algumas mulheres passadas.

Vou para a cama por volta das três da manha. Durmo até ao meio-dia.

Acordo bem-disposto após um sono intenso, não me lembro de ter sonhado, e podia ficar aqui eternamente pois o meu corpo pede. Resolvo combater a preguiça fumando dois charros de erva de rajada antes de sair para ver Elvin Jones. A preguiça, no entanto, é tanta que digo que se foda e não tomo banho nem faço a barba. Pego na bicicleta e saio já completamente cansado indo até ao quiosque comprar este caderno. Pedalo, então, até à cidade, apanho um aguaceiro pelo caminho e chego contente, molhado e cansado ao Everyman Palace por volta da uma e meia da tarde.

Recolho o bilhete e vou tomar café ao Vibes & Scribes, um alfarrabista, uma loja de cedês, vinis e música em segunda mão. Dá-me vontade de gastar dezasseis libras num vinyl de Jimi Hendrix. Are you experienced? Acerca de experiências de vida, lembro-me de ter dito a uma pintora que gostaria de fazer quadros mostrando formas humanas em formas de letras, por exemplo, a palavra LOVE... ela trabalha numa loja de conveniência para sobreviver. Outra pintora disse-me noutro dia que ganhava a vida vendendo azeitonas. Em vez da palavra Love, pintei a palavra Aids: o homossexual como um A, o gigolo cabrão como um I, a droga injectável como um D e a mulher azul dançando como um S. Nada mais além de uma clave de sol numa partitura de título As quatro des-graças pop.

Saio da loja às duas e meia para entrar no Everyman mas como o concerto está demorado, vou ao Metropole espreitar o ambiente. Um grupo de aspecto decadente toca para meia dúzia de pessoas sentadas e sem vontade para sorrir. Volto ao Everyman para ver o concerto de um guitarrista que parece ter orgasmos contínuos de prazer. O concerto de Elvin Jones prima pela força da sua bateria, pelos solos de piano, pela alegria que transmite quase parecendo bêbado ao falar, mas não, é apenas uma celebração, uma festa, é o saxofone alto, o trompete, mesmo não apreciando o contrabaixo.

Quando o concerto acaba saio, não me apetece ir directo a casa, pelo que passeio pela cidade com a bicicleta e decido-me finalmente.

Chego a casa de Rob por volta das sete da tarde. Atende Gavin, está de passagem com a namorada Sinéad. Gavin não deve gostar muito de mim, talvez por ciúmes, infundados pois eu nunca tive intenção de me aproximar dela mas ela é sempre tão simpática comigo que parece... sei lá, mais uma fantasia minha!

Rob não está. Dirijo-me à cozinha e vejo o outro Rob lavando louça. Tem vinte e um anos, cabelo preto curto, cabeça redonda e cara vermelha. Entra Sean, tem cabelos loiros, joga futebol amador e lava comboios para pagar os estudos. Traz um pouco de erva holandesa e faz um charro. A seguir, comem um largo tacho de puré com dois bifes cada um. Vejo-os comer contentes, cheios de fome e eu fico quase augado. Comem para ir trabalhar. A sua entrada ao serviço é às oito da noite.

Vou até à sala da televisão e fumo um charro de erva. Vejo um programa sobre música clássica onde falam de um compositor chamado George Solti.

Passados alguns minutos, entra na sala uma rapariga de dezoito anos acompanhada da Valerie. Traz uma touca com molas, ou alguma coisa parecida, sobre o cabelo. Olham para mim e riem-se. Olho para elas, rio-me e pergunto desconfiado porque usa ela aquela touca. A amiga diz que ela quer ser ainda mais loura. Existem alturas em que detesto a virgem maria.

Então, olho para a televisão e acho que devo mudar de programa. Ponho nos Simpsons e todos vemos os Simpsons. Engraçado, perante tanta saudável inocência, parece-me que sou quase um pai nesta sala, sentado no sofá com dois cinzeiros em cada braço, fumando o meu cigarro de enrolar, com barba de uma semana, óculos sujos, uma qualquer espécie de maluco não tomando banho há uma semana. Além disso, estou cheio de sono e até penso que se tomasse cogumelos talvez pudesse acordar. Um pai freak.

Uma vez, saímos de casa num carro em direcção ao campo, brincando com a paranóia da perseguição policial e aterrámos num campo verde chamado apropriadamente de «Field of dreams», onde inúmeras pessoas olhavam para o solo. Foi a minha segunda maravilhosa experiência relacionada com a terra. Da primeira vez, fugira quando tinha cinco ou seis anos, aterrorizado com os escaravelhos, os bichos que gostam de viver na rama da batata, tentando entrar por uma poça de água da rega adentro; no final do dia, brincava com esses monstrinhos. Andar à procura dos cogumelos no meio da erva, reconhecer as espécies que

são boas, metê-los num saco de plástico e regressar horas depois a casa, comê-los com tostas de manteiga, alucinar com as caras dos amigos e os músculos que se mexem num vídeo da MTV, ter medo do filme «Misery» que parece tão real e ir para casa prestando atenção aos possíveis elefantes cor-de-rosa.

Rob entra por uns minutos, vê o final dos Simpsons e sai para o trabalho como apanhador de copos num bar. Passado algum tempo, as raparigas abandonam a sala anunciando que também estão de saída. Olho para elas, digo-lhes até logo e continuo a ver televisão como se estivesse em minha casa.

Passada meia hora a lata esgota-se, resolvo-me a sair e ir até ao pub. Passo pelo centro de emprego e leio os anúncios: precisam-se de indiferenciados, empregados de bar, engenheiros de sistema e etc.

Então, imagino o italiano Mr. Cool, professor de técnicas de venda, actualmente desempregado a consultar o jornal de Domingo enquanto toma café, um anúncio diz:

«Procura-se profissional, integração em empresa em expansão no mercado nacional e internacional, formação contínua, possibilidade de carreira, remuneração de acordo com o perfil e experiência demonstrada».

Mr. Cool acha ser esta uma boa proposta e decide, após o jantar, escrever a carta de apresentação manuscrita, dizendo:

«No seguimento de um anúncio publicado no Giornale Della Repubblica, decidi por este meio apresentar a minha candidatura para a vossa devida apreciação. O meu nome é Mr. Cool e sou um profissional. Apresento em folha branca anexa o meu currículo. Com os melhores cumprimentos».

Então, Mr. Cool escreve por onde passou como escravo: aos 13 fui ajudante de farmácia e pagaram-me o lanche, dois triângulos de pão de forma com queijo e fiambre e uma Green Sands para beber; aos 16 fui vendedor de louça plástica ao domicílio e recebi como pagamento uma largada de pitbulls famintos; aos 17 fui ajudante de electricista e o velho do pai do patrão pregou-me uma lapada nas ventas; mais tarde vendi enciclopédias a vizinhos ricos e pagaram-me um jantar num hotel de luxo com belas e sedutoras chefes de secção, o lucro deu para comprar um relógio; ainda aos 17 fui ajudante de reparações de consumíveis electrónicos, só ganhei treino de anedotas, o chefe assobiava a toda a mulher que passasse à frente da entrada da oficina, dizia «a pita lhe»; ao fazer 18 vendi livros por catálogo e preenchi o primeiro irs e apanhei uma multa por descuido; quase aos 19 servi copos e hambúrgueres com

batata frita num bar e os meus dedos tocaram pela primeira vez a recompensa de uma rata molhada. Aqui, Mr. Cool suspira, levanta a caneta da folha, olha o longe e observa «é melhor não escrever que fui também fui estagiário num escritório e chamei o chefe de frigorífico e a ajudante de borboleta enquanto enchia o computador com spyware oriundo das imagens digitais da Britney que eu usava para manualmente me satisfazer... aí ele já não perguntaria: onde vai estar daqui a cinco anos, é... cu-ri-culo Vida... Puta que os pariu a todos, qualquer dia, tenho de ir como trabalhador sexual para as esquinas, vaffanculo...»

Cu-rri-kulum... Vida... Coitado do Mr. Cool. Tão juvenil, tão exotérico, tão boçal.

Após este corticose, vou até ao Fred Zeppelins, um bar onde se pode ver todo o tipo de pessoas e beber uma cerveja. Prefiro a Beamish, tem um sabor amargo, faz-me lembrar o vinho tinto. Passados dez minutos, Andrew, que tinha conhecido em casa dos muitos estranhos Rory e Simon, aparece com a namorada Katrina. Não o reconheço logo à primeira embora saiba que o conheço de algum lado. Diz que, se calhar, já não me lembro dele ao que respondo, após alguns momentos de negra sombra, que o conhecera num Sábado. Ele concorda, mas talvez estranhe tanta precisão num dia específico — um Sábado, ou, pelo menos, é assim que interpreto as minhas próprias palavras. Nem mais nem menos, a luz ilumina o meu ser agora, foi num Sábado que eu disse ao Simon para ele pintar as paredes de vermelho primário e fazer uma instalação visual para homenagear o Franky Teardrop. Digo agora a Andrew: Estávamos a ouvir Suicide. Ele responde: Estás certo, desculpa mel, tenho de ir regar as ervilhas, volto já.

Enquanto ele desaparece para a casa de banho, Katrina começa a falar comigo tão perto, mas tão perto, que o seu falar, o seu sopro, o seu cheiro me faz apetecer beijar-lhe o nariz perfeitamente fino, os seus cabelos ruivos compridos. Tão absorto estou, desejo não desejar as mulheres que nunca posso ter neste ou em qualquer outro momento, pois ou têm namorado ou, então, são inatingíveis. Foda-se!, ou, se calhar, só nestes momentos de possível roubo do que os antigos chamam de propriedade é que eu desejo mulheres ou, se calhar, só nestes momentos em que eu as deixo ser livres e mostrarem-se orgulhosamente indí é que elas me falam assim tão perto, tão bonitas mas tão inatingíveis. Existem alturas em que detesto a Marlene Dietrich. Não sei, parece-me estranho ser um possível confidente sempre na sombra e nunca me completar porque nunca faço sombra, porque sou a sombra reflectida.

Quando Andrew volta, vamos até ao primeiro andar ouvir música

reggae e esperar pela banda começar a tocar. É bom ouvir reggae. «Gosto do ritmo, é relaxante», digo a Andrew. Ele responde que reggae é demasiado relaxante e que ele relaxa com coisas mais rápidas como Sisters of Mercy, Nine Inch Nails. Diz qualquer coisa como Katrina estar muito calada e que, se tivesse bebido vinho, o estaria menos, ao que respondo «bamos beber uma garrafa de binho!» Eu sou assim, nasci assim, digo as coisas assim, saem-me assim sempre nos momentos errados e com as pessoas erradas. Desculpa mundo mas tinha de o dizer.

Andrew ri e não diz nada. Imagino-o a pensar: «Este gajo deve estar a tentar comer-me a namorada...» ou, então, não pensa nada disso, e esta é só a minha paranóia do momento.

Às onze e um quarto, a banda começa a tocar teenage pop, não gosto nada. Por volta das onze e meia, levanto-me dizendo que vou para casa no último autocarro.

Enquanto caminho em direcção à bicicleta, acho que não devo ir já para casa, ela é monótona, aborrecida e longínqua neste momento. Passo numa loja aberta todas as vinte e quatro horas do dia e compro uma sandes de atum com milho doce. Não fico satisfeito e volto dez minutos depois para comprar a small roasted chicken que como na rua.

Já satisfeito mas ainda atordoado, cada vez mais sonâmbulo, resolvo voltar a casa de Rob. Porquê? Digo a mim mesmo que seria bom lá passar para ver como ele está mas a minha consciência não me engana, ele lembra-me an old friend of mine. Rob estuda Plant Science, um novo curso superior. Um dos seus sonhos é extrair a substância química de plantas como a canábis ou o cogumelo e, depois, incrustá-la em frutos e outras comidas.

A casa está integrada num bairro com trinta anos, casas de tijolo burro. Entro pelo portão ferrugento e bato à porta, Rob está sozinho e vê na televisão The life of Brian que eu nunca vira antes, o final: always looking for the bright side of life. Devendo ser perto da meia-noite, diz-me que não tem ganza nenhuma, só tem um charro para fumar. Fumamos essa ganza.

Batem à porta uns rapazes. Fala-se em cozinhar uma omelete de cogumelos. Estou quase a adormecer. Penso que será bom tomá-los, pois não quero adormecer. Eles vão para a cozinha enquanto eu continuo na sala da televisão.

Mais tarde, sou acordado por um deles a apresentar-me a omelete. Nem agradeço, engulo-os em duas ou três garfadas. O que ele diz a seguir, a sua reacção é incompreensível, you ate the mushrooms, you ate the mushrooms, you ate them with this fork, vais ficar com os cogumelos

na garganta. Não percebo se ele não sabe que eu sabia que aquilo eram cogumelos ou se simplesmente está a falar do garfo. Parece estar a tripar, acho este disparate aborrecido.

Fecho, no entanto, os olhos e parece que o sono desaparece, a mente fica mais clara. Yeah, I really liked your nose!

Resolvo ir ter com eles à sala interior donde ouço risos de divertimento. A esta hora, esta sala parece esquisita, tem uma luz estranha, uma janela escavada na parede, sem persianas ou cortinas, enorme, de metro e meio por sessenta centímetros, dá para a escuridão, dá para a parte de trás da casa, quintal ou jardim, tem uma lareira que já não funciona. A borda da janela está pintada de cor-de-rosa, parece um nicho.

Estou sentado num dos sofás, não falo, apenas sorrio, olho para eles e rio-me, mal ouço, mal percebo o que dizem, não me interessa, estou apenas ali, a olhar para eles, a vê-los rir, fazendo piruetas deitados no chão com os pés no ar, alucinando, brincando com pequenas coisas que não vejo.

Tenho fome, apetece-me cogumelos. Ele diz que estão no congelador, diz-me para ir lá buscá-los.

Sim. No entanto, eles estão gelados. Olho para dentro do frigorífico e descubro uma taça com massa cozida e pedaços de bacon. Heureka, resolvo fazer uma sopa. Despejo a taça na panela janela, adiciono leite e coloco os cogumelos. Deixo ferver o leite até formar uma sopa com sabor a cogumelos.

Como não vou comer aquilo tudo sozinho, vou até à sala e pergunto se alguém quer um pouco daquela sopa. Rob aceita. Comemos. Fico restabelecido com a comida.

O efeito dos cogumelos é algo estranho. Gera-se de um modo gradual, sem se dar por ele, o momento chega em que se tem a auto-percepção de se estar sobre o efeito. É como se o corpo perdesse a sua entidade ou como se a alma, ou entidade dentro de nós, se separasse do corpo, como se ele perdesse a sua força, ficasse inerte, sem peso, como se a cabeça não passasse de uma forma esférica, restando nada, apenas o vazio, como se a alma não tivesse peso.

Mushrooms, the closest thing to the reality I've ever dreamed of.

Fecho os meus olhos, já não tenho sono, é agradável fechar os olhos, mantê-los assim, rir de pequenas coisas como se sonhasse, nos lábios um frio saboroso, um sabor a cogumelos na garganta, um pequeno arranhar como se um minúsculo caroço incomodasse a passagem do ar.

Apesar de sentir a alma separada do corpo, o meu pensamento é claro, é como se uma árvore estivesse presente, ela está ali à minha frente

e eu olho para ela, estendo a mão e é como se lhe tocasse.

Um dos rapazes levanta-se do chão e decide ir chamar o colega que se foi deitar num dos quartos do primeiro andar. It's time to go home, dizem.

Eu não sei nada, nada vi. Rob diz-me para ir também. Pergunto-lhe se devo levar a bicicleta, não sei para onde vamos. Ele diz para deixar a bicicleta, que vamos a casa deles comer mais cogumelos. Somos cinco, vamos pela rua fora, são duas da manhã, ocorre-me a ideia de perigo, tenho a sensação de estar em perigo, o meu ser está em perigo com certeza eu penso, é como se desconfiasse deles, de todo o mundo, todo o meu inconsciente a vir ali à superfície.

Pergunto com voz de criança: Are there any girls?

Todos se riem, respondem afirmativamente: Yes, we're gonna get a girl for John!

Pergunto, pela segunda vez a Rob, se ele vai comprar ganza amanhã, se fosse eu poderia contribuir com: let me see, quarenta libras. Rob diz-me, incomodado, que talvez fosse melhor juntarmo-nos aos outros que vão dez metros à frente. Encobrindo a mensagem, grito-lhes dizendo que vão muito depressa.

No fundo, o que se passa é: ele não sendo um dealer profissional, é ele quem me arranja ganza, após uma senhora simpática de meia-idade, indicada por um amigo, me ter dito que não tinha ou não teria no futuro mais ganza para me vender, a mim, pois eu ia lá frequentemente, às vezes todos os dias comprar vinte libras e cada vez com pior aspecto e sofrimento no olhar, como se tivesse agarrado.

Ainda no outro dia, um caçula repatriado por não ter papéis me abordou, estava eu sentado no muro do rio Blackwater fumando, ele disse bom-dia, eu repeti bom-dia, ele pediu um cigarro, eu disse que só tinha um, comecei a fumá-lo, dei três passas e ofereci-lhe o resto, ele aceitou, fumou, perguntou se eu fumava hash e eu disse que sim mas só de vez em quando, porque não conheço quem. E aqui... eu estava a encobrir, mas ele aproveita para dizer que se eu quiser ele sabe quem, diz dez libras, e eu dou, ele dá uma volta e volta e diz para o seguir, dá-me o produto, eu olho e vejo metade do que habitualmente consigo obter, protesto: mas isto são cinco libras, ele diz, é um taco, dez libras, vem xau até logo, digo eu e faço questão de seguir rumo diferente do dele, ele diz que quer fumar um pouco e acabo por lhe dizer «vem comigo», ele segue-me e eu passo pelo Rob que está a falar com um amigo, o amigo que levara o caçula à boca, e eu penso: nabo, se tivesse esperado que Rob subisse ele dava-me um bom naco, acabo por perceber que recebo menos porque

foi aplicada a taxa de intermediação mas não há crise, tenho menos mas tenho para fumar.

Acabei nesse dia, por levar o caçula a minha casa, fomos de autocarro. Ele agora vai dizendo que é cantor mas precisa de uma autorização de residência, e para isso precisa de um trabalho.

Sim, estás a pensar bem, arranja um trabalho, faz por te correr bem o dia de trabalho e, depois, ao fim do dia chega a casa e trabalha na tua arte, faz um verso, uma rima, canta, desenvolve a tua arte.

Ele pergunta, ao ver que eu pinto, ele pergunta o que eu acho do Van Gogh.

Ó!, era uma pessoa triste, vivia atormentado porque não gostava de si, acabou por se matar, e o mais engraçado: não vendeu um único quadro em vida, foi o irmão que lhe guardou os quadros, eles escreviam-se por carta postal, o irmão enviava dinheiro, o Van Gogh enviava quadros, foi um ser que viveu na humildade, estudou para padre, abandonou porque não tinha o que queria, ambicionava outras coisas, foi viver para o campo, cavou, colheu, desenhou os comedores de batatas, e pintou o campo, o que via, foi um grande pintor, mas teve coisas difíceis como cortar a orelha e oferecer a orelha à namorada que já não o queria.

É, ri-se o caçula, é quase de louco.

Sim, por isso, ele era diferente das pessoas à sua volta, estas querem um trabalho, uma casa, uma família, um carro, e lutam por isso, e obtendo-o então descansam, vivem todos os dias essa vida e sentem-se bem. Mas há quem esse ritmo de vida não o preencha, é preciso algo mais, e aí surge a arte, a minha pintura, o teu canto, até guardar selos pode ser um escape, imagina mostrar o livro e dizer: este é de Portugal, aquele é da Rússia, estoutro é duma carta de uma amiga na Irlanda, hein.

Ele ri-se concordando. Falamos também de tribalismo e eu reparo que os caçulas são todos urbanos e o que os une é a língua portuguesa, e não querem saber da cultura antiga, da cultura dos seus avós, têm mesmo medo dela.

Bruxaria parece ele dizer, fala de uma senhora que tem um salão cheio de esculturas em pau, com máscaras, ele parece ter medo ou, pelo menos, renegar o que os modernos chamam de superstição.

Sim, vocês enterram as máscaras. Elas têm uma função ritual.

Falo-lhe, no entanto, da cultura antiga das plantas e de como é bom conhecer alguém que saiba preparar um chá quando nos sentimos mal, uma pessoa que conheça o mundo vegetal.

Ele pergunta-me pelos ciganos, eu digo: sim, os ciganos são como essa senhora negra de quem tu falas, os ciganos são como os negros que

foram escravizados para o Brasil e que alguns se libertaram e vivem em comunidades, em quilombos e que hoje formam o povo dos sem-terra.

Kilombos, sim.

Mas os ciganos são abaixo dos escravos e dos quilombolas, os ciganos também não têm terra, eles foram expulsos da Índia há mil anos ou coisa assim, na Índia há as castas como no ocidente há as classes: o operário, o intelectual, o comerciante, o político, o guarda... bom. Na Índia há as castas e os ciganos eram os párias, abaixo do escravo, foram expulsos. Eles têm desde então migrado para Ocidente, têm a sua própria língua, o seu conhecimento da terra, é tudo transmitido oralmente de pais para filhos, nada está escrito. É como vós, não há um dicionário de kimbundu pois não?

Não, acho que não.

Por isso, os ciganos acabam por falar a língua dos países que os acolhem. E têm os seus rituais: cantam e tocam. Não fazem máscaras que eu saiba e os seus deuses acabam por ser aqueles do país onde estão. Tudo tem um ritual, a ciência explica quase tudo, mas há coisas que ela não consegue explicar. Já assististe a alguma missa?

Ele diz meio indeciso que já e eu faço-lhe notar que mesmo naquela rodela de trigo que põem na boca do crente na missa... nisso há um ritual, é como as vossas máscaras, nós temos cristos em cruzes, outros têm alá.

Fumámos dois charros nesta conversa, e depois ele despede-se, tem de ir falar com alguém que lhe prometeu um trabalho. Eu reparo que ele se sente um pouco contrafeito, eu pertenço ao mundo antigo e ele ouve-me como a um professor que lhe fala de religião. Os caçulas da guarda avançada recusam toda a religião e tribalismo. Fazem bem mas deveriam conhecer a história dos povos.

Agora, após este flash fotográfico, volto ao presente e sigo o grupo até não sei aonde. Tenho receio.

O rapaz que me ofereceu a omelete, parece querer falar comigo, mas eu nada respondo, desvio a conversa em modos bruscos, é como se odiasse que tentassem falar comigo.

Assumo-me perante mim. Caminho com eles, na direcção da sua casa, porque me parece que não quero ir para a minha nem para lado nenhum e porque nesta próxima casa tenho cogumelos à minha espera. Nas ruas, vê-se toda aquela multidão de adolescentes saindo das discotecas e caminhando para as casas de táxi, as raparigas vestem-se de plástico ou couro, minissaias curtas, meias, botas altas, brancas, o cabelo louro oxigenado, daqui a trinta anos serão as tias da alta sociedade que

passam férias, baratas para nós estrangeiros, num hotel de quatro estrelas no Algarve, mas agora, a esta hora da noite, uma multidão sem ideias consolidadas além do hedonismo saudável, sem nenhumas ideias mesmo, praguejando, comendo batatas fritas, sandes, hambúrgueres numa cidade velha, suja, escura, bonita, viva mas sem alegria a esta hora da noite.

A casa fica dentro de um condomínio, entramos e seguimos por um corredor estreito até chegar à porta do apartamento. É um edifício semelhante àquele onde morei uns seis, sete meses, até à altura em que incendiei por descuido o apartamento com duas velas vermelhas roubadas ao colega John. Deixei-as acesas no quarto quando, numa noite de Sábado, passava pela sala de estar e reparei que dava na tevê um programa sobre o Sinatra que tinha morrido nessa semana, sentei-me a ver e esqueci-me das velas a queimar: desenhos, fotos, livros da biblioteca, o rádio despertador, o edredão, a mesa, as portas de segurança contra incêndio, vermelhas, fechando automaticamente, celas vermelhas com um número gravado na porta. Bom, eu fiz tudo à minha maneira, com certeza. Fui recambiado para outro apartamento no mesmo edifício porque a minha renda era paga pelo meu empregador, e ainda lá estive mais um mês mas as regras ficaram mais apertadas e eu sob vigilância, repararam que eu lhes sujei o chão com tinta e fizeram-me a folha, e eu saí para outro lado, convicto que ia ter liberdade por fim. O resultado negativo é: passei a pagar alojamento do meu próprio bolso.

Sentamo-nos agora na sala, os rapazes trazem do frigorífico um taparuére vianeta cheio de cogumelos congelados, uma especialidade, quantos lá dentro?, bastantes. Dizem que não querem, são para mim e para Rob.

Eles fazem um charro, vão falando, ouvimos a Radio Friendly, ouvimos cantos de baleias, maravilhas que aparecem e desaparecem, flashs, espasmos sonoros que assustam e nos fazem manter atentos ao silêncio, diria que, devido à hora em que estamos, a música está em volume baixo mas nítido. Os cogumelos aumentam o volume do silêncio e o espectro sonoro que conseguimos ouvir e, por isso, cada ruído pormenor é som. A origem da música industrial: samplar, cortar amostras da realidade e relocalizá-la cosendo-a na paisagem, às vezes, distópica, tudo depende do que verdadeiramente pretendemos atingir neste corticose mas, às vezes, a mensagem simplesmente não passa, ou é deficiente ou é pela distorção seccionada e tornada prepotente pela autoridade oficial que dela se apropria como propaganda. E uma pessoa desliga, os olhos estão abertos mas é como se não víssemos, como se dormíssemos, os ouvidos

distinguem entre os sons e ouvem apenas, prestam atenção apenas aos sons que lhe interessam.

Um dos rapazes vira-se para mim, dizendo-me que, há uma hora, eu vou comendo cogumelos sem parar, pergunta-me, meio curioso meio assustado, quantos já comi.

Não lhe respondo, não me interessa, aceno com os ombros que não sei, rio-me, engulo mais uma mão cheia deles, nesta altura ou mesmo antes, apercebo-me que, de facto, não me interessa saber quantos já comi ou irei comer, não me interessa, é um facto, não quero saber, já não é fome, já não é vontade de conhecer e analisar os efeitos, é apenas vontade de comer, sim, é um facto: como-os às grandes mãos cheias até que eles acabem simplesmente.

Hoje, aprofundando este facto, a caneta escreve palavras como destruição, suicídio, overdose, esquecimento, mulheres, mas tudo se resume a hedonismo, sei lá porque os como assim!, mas talvez como diz Mong Tse: «Um homem deve destruir-se a si próprio antes de os outros o conseguirem destruir.»

Recosto-me no sofá e ouço a música.

Rob está em frente a mim e come calmamente, não fala muito. No entanto, dissera-me uma vez com clareza que tudo o que faz é comprar a sua onça, fumá-la and get stoned durante uma semana. Não tem gostos especiais como ir à discoteca, não tem gostos especiais em nada, como não tem muito dinheiro procura emprego em part-time enquanto estuda a sua Plant Science. É apenas uma pessoa simples, sem grandes objectivos ou ambições neste momento, simplesmente vive o dia. Invejo-o. Gostaria de ser como ele — simples. Existem alturas em que detesto o Einstein.

Eles continuam a falar, a espaços ouço. A certa altura, distingo as palavras Naked Lunch. Acordo e digo William S. Burroughs.

Conheces?, perguntam.

Sim, um grande filme, um grande livro.

Não sei se falavam do livro mas despejo, violentamente e algo despropositadamente como se fosse necessário provar o meu conhecimento, a cena final do filme onde Burroughs decide matar a mulher para poder prosseguir a vida de escritor.

Ficam sem palavras, mesmo pasmados, como se não compreendessem o que digo ou como digo. Fico sem saber se viram o filme ou se leram só o livro onde não me lembro desta cena entrar, ou se se espantam com a minha expressão ou se falava só comigo próprio e me lembrasse do Burroughs e vomitasse este facto, esta verdadeira alucina-contradi-

ção, que todos os criadores cometem, ou como Marlene Dietrich uma vez cantou o Wilde: «Cada homem mata a coisa que ama». Às vezes, para se criar a obra deita-se fora a companhia pensando que se será sublime ao ponto de criar a obra-prima sozinho.

Rob pergunta se alguém está a ter visões, todos respondem negativamente. Então, como eu fui o que mais o acompanhou, pergunta-me se estou a ter visões, aceno que não.

Duma vez que comi cogumelos ao lado de Rob, ele estava sentado numa poltrona, olhei e ele pareceu suspenso, pareceu um daqueles papas majestáticos que tanto obcecaram Francis Bacon. Suspenso. Espécies de linhas brancas formavam uma espécie de nevoeiro, ou aura turva, uma nuvem onde talvez ele estivesse a desaparecer, suspendendo-o acima dos padrões geométricos do chão alcatifado. Rob olhava-me com a sua cara pedrada de ganza e, sorrindo sem compreender, perguntava-me o que se passava, are you ok, man?

Que dizer disto?, Bacon dissera que as drogas não o favoreciam ou não o influenciavam no seu trabalho, mas ele também disse que nunca fizera um desenho preparatório e, mais tarde, esta afirmação veio a ser posta em causa pela descoberta de uns «papéis».

Há três ou quatro meses, eu próprio fizera um desenho que pensei vir a transformar num quadro e mostrei-o ao John, o meu colega de apartamento da altura, que olhou e perguntou se eu conhecia Henry Moore, eu disse que não e John disse que Henry Moore poderia ser a minha gestalt. Neste caso de eu alucinar um Rob papa, esta hipótese de gestalt não se punha porque, de facto, eu conhecia um pouco do trabalho do Francis Bacon.

Era eu um Bacon olhando uma alucinação, a minha tela grandiosa ou era apenas uma projecção do que a mente gostaria que o meu corpo fosse, um papa, um pintor ou o próprio Rob? Não sei, nessa noite o outro Rob vira um porco na cara do Sean.

Agora, na sala deste apartamento, o meu taparuére está no fim, os rapazes continuam a falar, um fala de mulheres mas fala de um modo algo brutal, machista: the bitches the bitches, sem respeito, não chego a perceber uma única frase, acordo em momentos aleatórios e ouço the bitches... the bitches... and so on and so on.

São horas de voltar. Restam dois deles após o rapaz, que mora ali, se ter ido deitar. Decidem apanhar um táxi para Bishopstown. Eu, entretanto antes de sair com eles, tenho que ir à casa de banho.

A porta fecha-se sozinha, olho para a sanita e toda a geometria me parece alterada, começo a mijar e o chão está cheio de minúsculas pintas

de várias cores, reparo que elas se começam a mexer, a andar como se fossem pequenos vermes.

Rio-me, é mesmo verdade, está a acontecer, deixo de olhar, continuo a rir, mija depressa John.

A luz, neste momento, é desligada e eu sinto algum medo por ficar alucinando no escuro mas compreendo que é tempo de sair, eles desligaram a luz para sair de casa, eu tenho de sair deste medo para não ficar fechado dentro de uma casa estranha tendo alucinações.

Então, abro a porta e vejo que Rob é o último a sair, dizem-me que pensavam que eu já tinha saído e assim haviam desligado a luz.

Rob olha-me e assusta-se, pelo menos assim parece, não esperava que alguém saísse de um canto escuro. Hey wait for me ou qualquer outro grunhido e fecho a porta de casa atrás de mim.

Seguimos pelo corredor e Rob volta a olhar para trás como se assustado comigo, com o meu ser, o que verá ele em mim neste momento?, que alucinação?, não devo parecer a pessoa mais sã deste grupo. Recapitulando: não tomo banho há uma semana, não me alimento decentemente, estou sem casa ou vivo a maior parte do tempo em casa dos outros, tenho a barba comprida, a gabardine suja, esta uso-a todo o dia desde que a comprei por alturas do último Natal, carrego sempre a mesma mochila. A imagem de um ser assassino ou a de um vagabundo há muito que deixou de ser uma imagem, uma mentira, a psicofisiologia transparece na imagem, pelo menos é isso que me vem à cabeça ao devolver o olhar a Rob.

Eu estou sempre a falar de mim masé porque estou a viver, a conhecer quem eu sou e como comunico com quem estou, e é, às vezes, ao olhar para os outros e ver o modo como interagem comigo que eu descubro quem eu sou a cada momento, sum ergo cogito.

Uma vez, quando vinha pelo canal em direcção a casa, após o trabalho numa tarde de Inverno escuro, um homem aproximou-se de mim e disse-me, ou melhor, gritou repetindo e declarando que era do IRA, não lhe liguei muita importância e continuei a andar, quando cheguei a casa comentei com Evan e ele observou justamente que nunca alguém diria pertencer a uma sociedade secreta e considerada terrorista, seria deixar cair o disfarce e habilitar-se a ser preso. Talvez não passasse de um exibicionista com algumas paintes a mais no papo que estivesse talvez a pedir uma moeda. Ou então considerou-me como um amigo.

Outra vez, sonhei que caminhava à noite numa rua estreita com lojas no centro da cidade. Um homem com uma faca aparece e quer roubar-me. No meu sonho digo: kill me kill me what are you waiting for?,

kill me. Ele, talvez impressionado com aquelas palavras, alivia a pressão e, então, retiro-lhe a faca e vejo medo nos seus olhos, seria tão fácil desfigurá-lo... deixo-o, continuo a andar e deito a faca ao Blackwater.

Outra vez, fiz um auto-retrato anatomicamente incorrecto e perguntei a Dan se ele reconhecia a personagem, ele disse não mas que o podia prender.

Nessa noite aprendi duas coisas importantes: ele poderia estar a mentir mas se eu tivesse a capacidade de desenhar correctamente a realidade, nunca ele me teria dito o que disse porque me reconheceria. Apesar de tudo, é capaz de corresponder à minha realidade; se tivesse mostrado a alguém que percebesse alguma coisa de arte, dir-me-ia provavelmente que a técnica daquele desenho lhe fazia lembrar este ou aquele pintor, ou então, diria que o desenho não valia nada.

Chegamos à rua e separamo-nos dos rapazes. Rob e eu, vamos para casa de Rob. A escuridão, as ruas hoje parecem estranhas, as pessoas, tudo, algo não está bem, pressinto, será esta realidade uma alucinação só porque comi cogumelos ou são os cogumelos apenas placebos?

As situações mais estranhas são aquelas em que eu não sei distinguir a realidade da alucinação, ficar na dúvida. Por exemplo, ao ver uma balança de peso daquelas de consultório médico dentro de um café com um balcão e petiscos, tirar uma fotografia, revelar o rolo e verificar que esta balança não foi impressa nem está presente no negativo, duvidar se, de facto, a balança estava no café em vez de na farmácia ou se era a máquina fotográfica que estava enfeitiçada e funcionando mal, filtrando a realidade como consequência ou se apenas fotografei a farmácia sem me lembrar lá ter entrado.

O radical do meu medo em distinguir a realidade da ficção psicológica é ainda não ter perdido por completo a ilusão do quão grande poderia ter sido no passado, e tendo preferido tudo esquecer renegando o passado e, agora já sem passado, estar em vias de perder a minha identidade na metáfora da cabeça às vezes fálica e, agora já sem corpo pedir, desejar mesmo o mal menor, o toque eventualmente violento de uma nova forma, o implante no meu corpo, já sem forma, de uma metáfora: uma estrutura nova e com afinidades que se desejam sociais.

Mas ainda recuso esta caridade porque não gosto que tenham pena de mim, eu mesmo sentindo-me um vagabundo tenho vergonha e não quero caridade por pena ou por medo do que o meu aspecto possa provocar.

O radical do meu medo é poder explodir e tudo à volta do meu centro ser destroçado nas réplicas. Não é o desejo de morte, é mesmo o

desejo de não morrer e não fazer vítimas, de não ser eu ou eles, é aceitar sofrer por um canto, um pouso cujo ângulo se abre para a envolvente de um mundo real que desejo sem ilusão.

Caminhamos calados.

A certa altura, ele toma um caminho diferente. Pergunto porquê e ele diz que quer ir por aqui. Digo-lhe que é mais longe por aqui. Ele repete que quer ir por aqui. Sigo-o. Começa a chover. Subimos as escadas ao lado da catedral de St. Finnbar. Rob pára debaixo de umas árvores. Pergunto-lhe porque paramos. Diz por causa da chuva. Mas já não chove, digo. Continuamos a andar. Eu não quero parar.

Desde que tomamos este caminho mais longo, estou desconfiado. Rob já não é Rob. O casaco que Rob usa, um casaco parecido com os casacos da tropa, já não é o casaco que Rob usa, é o casaco roto e vagabundo de um aprendiz de informações da Inteligência.

É o meu eu. Ele quer queimar-me. Tenho informação sensível. Ele é o irmão que eu nunca tive. Vejo nele a autoridade de um mais-velho, de alguém que, embora mais novo, sabe mais que eu, e ele quer-me queimar, eu sei. Tenho problemas em seguir a autoridade porque, para isso, é preciso fé e a fé é uma espécie de amor, eu sinto que a autoridade se parece impor sobre mim recorrendo à insídia, tentando-me com vantagens, ignorando a minha voz se hesito e rejeito os seus avanços. Ponto por ponto. Etapa por etapa. A autoridade do mais-velho vai-se impondo como uma fé, como um amor de sangue, de irmão para irmão, o irmão que nunca tive.

Ele tem as mãos nos bolsos. Calça botas cardadas. Parece forte demais.

Desconfio que me esteja a levar para algum lado perigoso onde pararemos por causa da chuva e me assassine dentro de um túnel e invoque mais tarde ser um polícia no cumprimento do seu dever.

Por isso, não paro e caminho no meio da rua alguns metros à sua frente, enquanto ele vai na sua paz pelo passeio. Existem alturas em que detesto o Jean Genet.

Olho as casas, para todo o lado, rio de medo, Rob diz: descansa, apenas quis vir por este caminho mais distante e já vais ver onde isto vai dar.

Olho para o céu e imagino que este azul-escuro com poucas estrelas se move, digo-lhe a rir que este céu parece um grande ecrã de cinema. Vejo um filme onde entro como espectador de «Phaedra's Love» na sala do teatro e na rua durante a matança final.

I am not so bad, eu não mereço morrer, não tenho tanta culpa

como Hipólito que vivia ali entre búrgueres, carros telecomandados e socas inseminadas, que havia também uma mulher para esquecer e que outras havia, vinham, apareciam e se apaixonavam pela nossa rudeza de subúrbio, queriam ajudar queriam ajudar e acabavam humilhadas jurando vingança e produzindo a prova. Não, não sou tão mau.

I am not so bad, mas tinha de ir embora para casa depois do espectáculo dos Corcadorca recusando o convite para tomar chá dos colegas de trabalho que vieram comigo ver a peça. Senti-me Hipólito, identifiquei-me com ele, identifiquei-me com o padre e com Fedra e com todos os que tentam ajudar, senti-me opressor e vítima, nada me bateu tanto, fiquei em choque, vivi o meu assassinato quando o pai esventrou Hipólito. O meu pai matou-me, um padre confessou-se, um amor etéreo subiu ao céu com a santificação da vítima. Existem alturas em que detesto a Sarah Kane. Take it easy, you're gonna make it man, take it easy.

É verdade, consegui, chegamos a casa de Rob. Cinco da manhã.

Ao entrarmos na sala da televisão, vemos o americano Joe, que vive com eles de borla pois não tem dinheiro, dormindo no chão. Digo a Rob que vou para a outra sala, a sala interior que tem três sofás. Rob fica e eu vou, quero dormir, quero fugir ao que me parece a matança, tenho medo de todos os pais, de todas as famílias que vou adoptando no meu percurso, ou seja, quero esquecer e acordar amanhã num novo dia e melhor, mas não tenho grandes esperanças em adormecer. A minha primeira vontade talvez não seja adormecer mas, sim, ficar sozinho, porque durante o caminho senti um medo inexplicável de toda a humanidade, humanidade que se personificou no corpo de Rob.

Fico só e sinto-me em segurança ao pensar que o pior medo é aquele que sentimos por nós próprios, o medo de não confiarmos na nossa mente, o medo de o chão desaparecer e nós cairmos, cairmos num poço sem fundo, muito fundo, para todo o sempre desligados da realidade consensual onde somos obrigados, por convenção, a viver porque nem todo o humano é ou pretende ser um animal, ou como Caroline me disse uma vez quando eu não conseguia encontrar uma determinada sequência numa cassete vídeo: «take it easy, you're gonna make it.»

Tento então dormir. Olho para o escuro desta janela dando para o mundo exterior, sem cortinas nem estores, janela carregada, neste momento, com uma tira em vermelho escuro e espesso, difundindo-se no negro vertical do resto da janela à superfície do meu pesadelo. Pergunto onde estará o inferno se existir, se dentro desta sala ou fora desta janela dando para o mundo, a janela, sem sombra de dúvidas, é a porta que dá entrada.

Sempre me perguntei se quando sonho sonho a preto e branco ou a cores mas, uma vez, o sonho veio a preto e branco como normalmente e, depois, acordei assustado após ver surgir a cor, a realidade fotográfica de um pequeno quadro que tinha feito anos antes: o nosso trono no covil.

Neste momento, ver esta porta do inferno e a cores é admitir o meu galopante estado de insanidade, saltando do sofá para o chão para o outro sofá e deste de novo para o chão, sempre a lutar com o meu demónio levando a mão à cabeça e desta para o nariz, pousando os braços nos joelhos ou nos braços do sofá, aproveitando para praguejar contra mim próprio, tentando abrir os olhos para acordado não sonhar visões de olhos fechados e de demónios, tentando segurar a cabeça como se ela estivesse separada ou estivesse querendo fugir do meu corpo e um homem sem cabeça é como um playboy sem cabeça de piça.

As horas passaram lentamente, terei talvez dormido por momentos e são, agora, onze horas da manhã de Domingo.

Estou em estado de choque. Paralisado, olho para o espaço, sofás, uma lareira que não funciona, o papel da parede branco, a janela com rebordo cor-de-rosa que transparece o que se vê lá fora, nunca tinha visto este pedaço de traseiras da casa, caixotes do lixo, algumas flores, um muro de cimento coberto com musgo, uma claridade branca, há algumas horas estava negro, um sol encoberto por nuvens brancas ameaçando chover, todos os dias são brancos, nunca se sabe se choverá ou não, a luz é sempre clara, uma imensa definição de espaço, espaço composto por contentores domésticos de plástico azul-escuro, lixo encostado à parede coberta de musgo, o céu depois do inferno há cinco, seis horas, nunca tinha estado antes nesta casa durante o dia.

Continuo a segurar a minha cabeça e observo pequenos nadas à frente dos meus olhos, pequenos nadas como se os meus olhos chorassem e a realidade aparecesse refractada pelas bolhas de lágrimas, olho, fecho os olhos e tenho medo do escuro, abro os olhos e sonho, sonho de olhos abertos pequenos nadas que não dão uma história coerente.

Vou à casa de banho no primeiro andar. Sento-me e fico durante uma eternidade de quinze minutos, esperando que algo aconteça, olhando pelo janelo da casa de banho, olhando por esta, uma nova janela do tamanho da minha cabeça emoldurada, olhando o mundo que parece em paz fora da janela.

O vidro, no entanto, é branco e baço. A parede continua a ser branca. Não está forrada a papel. A claridade reflecte-se na parede que é uma massa não uniforme, pois se fixar um pequeno ponto deste espa-

ço branco ou ligeiramente matizado pela presença sombra de um outro todo branco, ele logo se transforma numa infinita quantidade de ínfimos pontos de várias cores surgindo à medida da percepção, da tomada de consciência que adquiro a cada instante, sempre diferente, como se um pontilhista estivesse a criar um quadro só para mim ou se fosse eu que tivesse a criar um quadro pontilhista ao longo destes momentos brancos com uma mão invisível chamada Eu. Os meus olhos pintam.

Valerie e as amigas acordam num quarto ao lado e começam a conversar, a rir-se. Analiso-me perante elas, digo que é bom ouvir todas estas vozes que parecem de crianças, confundindo-se no som de pequenos risos ao longo de um espaço onde dormem.

Estou numa casa de banho, fechado, sentado com as mãos a tentarem esconder a claridade angelical e silenciosa, fechando os olhos, abrindo os olhos, segurando a cabeça que pretende cair para um dos lados por causa do peso dos sonhos e do pescoço que parece estar podre.

As raparigas foram sair a noite passada, acordaram agora, tem dezoito, dezanove anos, falam de um modo que há muito tempo já não ouvia, aquele de acordar acompanhado, sonho uma banda desenhada compostas por memórias bonitas carregadas de inocência, alegria, aspiração alcançada, tudo aquilo que já não tenho.

Quão longe parece o dia em que, durante uma festa, uma rapariga entrou no meu quarto e olhou para o quadro que eu pintara e gritou quase histérica: foste tu que fizeste isto?, quão longínquo parece o dia em que fiz um quadro num ou dois dias, a pedido de uma amiga, e quando lho mostrei, ela gritou quase histérica: é para mim?

A histeria revela verdades, às vezes difíceis mas sempre válidas, hoje esse histerismo desapareceu do meu caminho, já não sou capaz de provocar qualquer emoção nas pessoas, gradualmente vou ficando inválido, vou morrendo dia após noite, noite após dia, ao longo de um tempo em que tento aprender e conhecer cada vez mais pintores e escolas de arte porque penso que se quiser ser aceite terei de perceber a história e dominar a técnica, esquecendo a minha memória, o meu inconsciente, tornando-me cada vez mais racional, racional até ao infinito da invalidez, da morte, do inferno minimal que vi naquela janela da sala e agora vejo nestas paredes pontilhistas angelicais, neste postigo angelical.

Sim, esta janela é do tamanho da minha cabeça, daria uma bela fotografia se alguém, estando do lado de fora da casa, a fotografasse.

Vou à sala grande onde Joe já não dorme. Depois, vou a cozinha onde, no meio da confusão de pratos sujos, copos, tostas de pão, manteiga, facas e garfos, toalha, lava-louça, lavo um copo e bebo um pouco de

água. Volto à sala dos três sofás e sento-me no sofá a olhar para a lareira.

Aqui todas as casas têm lareira, lembro-me dos tempos em que não havia nem televisão nem rádio e passávamos o tempo a esquecermo-nos nas cores surgindo da fogueira enquanto se contavam histórias antigas: eles estão a queimar a recordação que guardam do seu nascimento ou a adorar a aparição que surge da fogueira... não sei, a mãe, ou a mulher que toma conta do filho que nasce. Ao mesmo tempo que a memória esquece, ela observa calmamente com as mãos nos bolsos a imagem e as palavras enigmáticas gravadas na parede, ela recusa ver a realidade daquilo que ele nunca lhe disse porque nunca o soube, pressentiu ou teve medo, ela esconde-se da realidade de ele estar a tentar transferi-la da realidade para a representação subjectiva da sua essência numa imagem.

O que sempre adoramos e sempre mentimos, as imagens não deveriam ser gravadas, deveriam ser vividas, se eu fosse menos moral e mais inteligente... ah!, se eu fosse mais humano... será que o cabelo violeta representa uma evolução?, vejo-a hoje como uma mulher casada com filhos, comprando o pão para ir para casa preparar o pequeno-almoço ao marido, que tem de ir trabalhar, e ao filho que tem de ir para a escola... ah!, se eu fosse mais humano... uma noite foi salva pela aparição de uma mulher visualmente atraente calçando sapatos pretos, calças de cabedal laranja, t-shirt apertada laranja, um casaco de renda preta e o cabelo laranja oferecendo-me algumas laranjas para cortar a trip... tenho um título e procuro uma definição externa, ela vê a imagem, tem uma almofada por cima da cabeça e talvez esteja a dormir, talvez um sonho ou uma imagem de carácter onírico como uma fotografia subexposta e azul ao amanhecer, caranguejo, o foco iluminando metade do rosto que a procura do título externo define ter um carácter de mal, mais tarde desespero, um covil evoluindo coerentemente no tempo e no espaço com um melhor traço, alguém sente curiosidade em saber quem ela é, se conhecida ou se amiga, pergunta: é alguém que eu conheço?, antes parecia naífe, diz a realidade externa, serei mais místico agora, evolução talvez, descoberta da realidade que é alheia porque não a sonhou, não a criou, lareira, fogo, algo que acontece transforma este quarto onde ela dorme num lugar encantado, falo sobre um título e as palavras que ouço são quarto, inverno, passa-se no Inverno?, emoção, Outono, virgem negra por causa do cabelo violeta mas com filhos, gozo, surrealismo, no supermercado comprando pão, num café aberto às sete horas da manhã eu lendo o jornal na página do desporto, comendo pão de milho com mel, ela pedindo quatro pães à minha frente, voz natural e corpo negro, fino e longo, o corpo de uma cigana lírica após os bebés e as marcas de

chupeta, ela sai, uma aparição do inconsciente colectivo ou uma realidade consensual acontecendo por rotina, quão estranho parece a interpretação da duração da rotina, preocupo-me com a duração da rotina, será válida?, será que acontece todos os dias, por hábito ou amor conjugal, se simplesmente acontece naturalmente, nunca será provada a imagem de relacionamento conjugal, devo empenhar-me em analisar ou tentar descrever esta possível realidade, na altura vivia-se, não estavam sendo gravadas as imagens, elas aconteciam com naturalidade, a imaginação deverá ser uma arma poderosa e não mortal como nos bons tempos, velhos com anos, ainda não racionais, humanos decompondo-se tornando-se autómatos controlados por pll — programmable logic devices, desejo de ser uma pll com memória e mais humanidade, a razão, a emoção e a memória, nascer outra vez, talvez ser mais racional ao representar a emoção suscitando agora curiosidade após a questão de autoria, oferta, nariz e pertença, amiga, irmã, freira, fêmea e mulher, mãe, deusa, representação de uma realidade, uma evolução, a coerência após a ingenuidade naífe do covil banal, trivial visto com aquele ar crítico e curioso que sente vontade em descrever uma realidade representada, o pormenor da teia de aranha e a lâmpada de luz eléctrica acesa ou apagada não sei, não sei se é dia ou noite mas não existem sombras e portanto não estão representados anjos com sombras, então venderam talvez a alma ao diabo mas parecem ainda anjos bons, mesmo que o anjo da luz tenha caído no pecado do orgulho, luz ecológica, botânica, o fogo que cria a iluminação, a electricidade que não ilumina o ambiente, anjos bons dentro de uma realidade consensual onde eu também pertenço e onde estou de alguma forma integrado, quando vivo estou talvez fora, quando gravo estou lúcido, a pairar sobre o morto, não consigo uma declaração alternativa e não codificada, uma definição numa palavra da imagem representada, uma opinião da audiência, tenho saudades, vivo ao beber até ao tutano a solidão, ela diz: se vc acreditA em salvação poderia me tirA desta solidão, e ele diz: amor lindo de morrer venha ter comigo pra eu não sofrer, o mundo vai acabar dentro de instantes e pergunto se o bar tem sofás de veludo colorido, se o cão ainda adormece no sofá ao som de duendes e fadas, sessões de sexo, paixão, relações sexuais, lucidez, ultrapassei-te e falo-te sobre isso, significando que ainda não te ultrapassei totalmente pois senão não teria vontade de falar nisso ou numa realidade ocorrendo em simultâneo tão longe de ti, a um dia de viagem, a minha nova realidade, aquela que percepciono hoje como se hoje tivesse nascido ao passar do inferno para o céu comendo fungos, mais lúcido, Lúcifer era um anjo caindo em desgraça por adorar o seu orgulho, será

que ele teria sombra?, o bem precisa do mal, são pares da mesma realidade, aparição referida uma ou duas vezes, e não está necessariamente relacionada com esta fogueira ou não é necessária a fogueira para definir a aparição que é real e sem adereços, quem é a rapariga que dorme?, não queres dizer, o que significam as letras, não queres dizer, as letras fora do contexto de uma palavra fora do contexto de uma frase são uma abstracção pelo qual se sente curiosidade por também não saber ou não compreender porque foram escritas, qual foi a emoção usada para as conceber e qual foi a intenção, que significado dar?, aconteceu com batom cor-de-rosa, cabelo escuro e um metro e sessenta e cinco, uma deusa com quem fiz amor e ainda hoje faço ao descê-la do panteão para a masturbação com ofertas de rosas e frases ditas à escuridão do hotel em francês e alemão, uma deusa que vive na realidade consensual e que retiro do mundo da espiral da eternidade, da flauta que encanta as serpentes, imagem que recordo dum encantamento partilhado sentindo que vivemos encantados, o estilo pop, romântico e francês opondo-se ou sendo o fundo no qual se apoia ou dorme o estilo púrpura cigano e alemão, estranho a realidade consensual onde nasci por mero acaso, a sheer accident, ele adora a imagem de alguém do sexo feminino tomando conta de um filho ou um menino pequenino que pensa que pertence à família desse ser feminino que revela, no mínimo, carinho e protecção num momento de desmaio, frases saídas de dentro do inconsciente, ele quer sentir-se protegido, quem é?, é alguém que eu conheço?, com cogumelos vive-se uma realidade, com ganza pensa-se e vive-se uma realidade, não quero violar-te depois de ter sido violado pelos ídolos, não gosto de piças, prefiro parceiros, iguais com quem possa comunicar, trocar, vender e comprar ideias, deixei-a ir ver o filme com a amiga, irmã de sangue, fui comprar suportes para descrever pintando a realidade que amo e, por isso, adoro e hoje recordo, imagino e recrio, afinal o criador tem um plano, emoção e lucidez, arder a realidade em fotografia e sonhar o renascimento, a renascença, talvez por isso adore fogueiras não acesas porque a chaminé está entupida, hoje a lareira está apagada, não está acesa, apenas na memória daquela lareira na aldeia está acesa, penso em quando nasci e adoro a imagem da minha nascença como se a queimasse, ela esconde a cara para não ver ou não ser vista pelas minha percepção da realidade e a sua representação durante o momento, o melhor esquece-se, sei que é ao início da noite, o melhor não se revive, o acto de viver é uma boa realidade, às vezes descobre-se à custa dos outros e, por isso, precisamos dos outros, esta imagem deve ser repetida, devo escrever com ganza sobre vidas com cogumelos, ah, se eu fosse mais humano

viveria a realidade, gostaria de uma boa realidade e não teria medo de poder viver uma má realidade, só os loucos perderam o medo de morrer e não os crentes cristãos que têm medo de ir para o inferno cristão, posso imprimir medo mesmo que esse medo possa ser criador ao reflectir mais tarde sobre a experiência, este medo é um acto moral relacionado com a religião, crença ou cultura apreendida na escola ou no trabalho ou na paixão onde a entidade é um processo, algo culturalmente estranho a nós, devo viver a realidade sem ter medo de a viver, ou melhor, sem ter medo de sofrer com a realidade de viver, no inferno é difícil de pensar, o inferno cristão é menos bonito, o inferno cristão é mais feio que o interior das grutas vistas durante viagens de barco, fiz a confirmação na catedral sabendo já que não acreditava na confirmação e outros dogmas como a realidade consensual da virgem maria, fotografei a cruz celta e a catedral gótica de St. Finnbar, vejo uma representação do templo hádico, vi uma imagem desfocada de mim próprio com camisola de lã azul e humilde e o fantasma cinzento da mãe, uma rua quase branca, quase neve e com pouco contraste, um corvo no parapeito do rio Blackwater, um olho verde sem emoção e abstracto, uma imagem vermelha com ganza e atitude guardada no bolso e a mesa cheia de suportes e imagens de vinho e Mark and Spencer's food, um homem velho sem cabelo e esquelético sentado no sofá em frente ao espelho do tamanho da parede, as mulheres carregando ânforas com água, homens lutando e dançando a capoeira, o Sísifo representado inconscientemente numa ou duas horas de trabalho fumando, um elefante naífe, uma árvore e uma estrela de cinco pontas, um monstro cinzento e um monstro a cores, monte Rushmore, o cristo no círculo junkie das cores e esferas em espiral, um gato por cima do cabelo rosa do teu rosto que desejo para o futuro com frases ditirâmbicas em alemão, o pai de todos os espíritos, o pano preto escrito a giz branco e colocado no tecto, as nuvens criando formas humanas na imaginação de uma criança, os cogumelos ou outros fungos que crescem nas árvores, duas mulheres fazendo amor, babysitter e irmã sentada, perdoa-me porque sou cego e penso sentado com as mãos na cabeça, uma rua artística retirada da parede, sou tão romântica, diz ela, I am very fond of you, but I don't want just to suck your cock e no entanto chupo-a satisfazendo a tua fantasia com cuspe sorrindo para ti, disse ela e depois naveguei-te a chalupa à canzana até ficar chalupa com o espasmo no teu ânus, quase por engano, e esta pressão súbita na ginástica do amor faz-nos exalar ao mesmo tempo deixando-nos mais perto do que nunca e, aparvalhados de tanto significado descoberto quando menos se espera, errar e dizer it's so small em vez de it's so narrow, dormir contigo

no teu ninho o sono dos justos e acordar na manhã seguinte, caminhar satisfeito na rua em direcção à paragem de autocarro a caminho do local de trabalho, de manhã vendo a tua rival do outro lado da rua com um cachecol de pele vermelha e cabelos ruivos alaranjados e não dizer nada, confirmar só a afinidade, a lareira apagada mas é como se o não estivesse e olhasse para ela, para o fogo, para as cores sucedendo fluidamente, deslocando-se, não ponho a mão no fogo só porque não quero, quero desenhar a cores e pincel no momento em que a realidade for já, razoavelmente, conhecida, se já houver um esboço mental, criar no acto de viver e viver no acto de criar, tudo, se for menos moral e mais humano, os autómatos, as plls são morais, se passar da palavra a re-volu-acção... é melhor desenvolver porque antes tinha aqui escrito reacção sem reparar que a linha que separa a loucura, o misticismo e a reacção fascista é muito fina, reajo sempre a um estímulo às vezes agradável, a uma palavra, às vezes a um insulto escrevendo palavras, desenvolvo ideias com base em contextos sociais e psicológicos e decido agir directamente por intermédio da palavra, crio conteúdos novos a partir de realidades experienciadas nas margens, pelo menos não pratico vandalismo físico nem sigo pastores.

Se a palavra é reactiva e moral? Parece que sim mas prefiro vê-la como reflectiva, caótica no seu cut up and paste, corticose é a chave de revolução. Se imaginar viver e viver imaginando, descrevendo, analisando por intermédio da vontade, verificando a existência de um deus em que possa acreditar se quiser ou duvidar descobrindo a tua verdade por intuição, pois apenas posso intuir a tua realidade, tu escondes a cara enquanto eu tento a representação, a adoração perante a adoração de ti, bigger than you mas apenas em corpo e não em espírito, és um mistério para a minha ignorância e eu caio em misticismo, devo viver a realidade enquanto a gravo na imaginação e na memória que coloco num compartimento da casa, devo aprender a realidade e não transmiti-la como algo absoluto, caranguejo, escaravelho, escorpião, aranha, vi um aranhão negro descendo a parede de cimento pintada de azul claro durante uma das noites em que não estava dormindo mas ouvindo vozes vindas de um quarto esculpido em frente, um acto erótico de um cônjuge vinte anos mais velho tentando fazer amor com a cônjuge puritana que ganha a batalha na qual se defende chamando-lhe estúpido tá quedo, levando o adversário à desistência final por adormecimento, li que ele a desenhou primeiro, pintou-a depois e fez amor com essa tela e ela finalmente descobriu e deixou de ser moral e abriu-se ao conhecimento, a mãe deu à luz, o filho renasceu com o corpo do marido, o tempo é revertido, entrou

pelo útero dentro em vez de seleccionar as imagens dos supositórios e virilhas inflamadas olhando os turços verdes e a pele jovem em frente a essa mulher, superior, conhecedora, com mais informação impressa, adormecer, recordar, intuir, analisar, sonhar o espaço futuro correndo para trás sobre as prateleiras do teatro da memória, voltar em memória à idade onde alguém esteve, eu ou o ídolo que pretendemos refinar, e analisar o passado para adivinhar o espaço onde eu estarei a viver o presente concreto, viver esta luz, esta claridade branca angelical na lareira apagada, viver aquela escuridão infernal da lâmpada eléctrica acesa, entrar no purgatório cinzento aprendendo o meio pelo qual ser libertado: a vontade, se imaginar e tiver vontade poderei provocar emoções, se a emoção surgir poderei estudar o padrão, caótico ou ordenado, e intuir a sua origem, o seu eclipse, o nascimento de um ovo no ninho de uma árvore, desenhei um ovo num ramo sem ninho nem folhas, apenas um tronco, vi-nos como sendo dois ramos de um mesmo tronco enterrado ao lado de um lago com cisnes brancos observados do alto de uma encosta, fotografei essa árvore com ela benzendo a imagem que não conhece, sorrindo ao tocar nessa árvore que acho bonita, sorrindo tão inocente perante a árvore adulta enquanto tu és tão conhecedora e experiente e eu sou tão teórico e aprendiz... ah! se eu fosse mais humano viveria a realidade ou sorriria com a minha realidade como sorrio com a dos outros, com Rose que canta K. D. Lang na cozinha e tem um namorado francês saxofonista e cego; com a inglesa Megan que, após anos a viajar por Hong Kong fugindo ao trabalho para pintar, se refugiou na terra dos loucos e assassinados à fome na guerra das batatas; com Paul que faz design gráfico e fotografia; com Rory que escreve guiões para filmes que eu talvez nunca venha a ver; com Simon que passou anos no Japão e nunca partilhou uma palavra comigo sobre isso; com Brian e David que tocam baixo e saxofone nos Philip K. Dick e me deixam fazer rádio na sua hora na estação pirata K2; enfim, com muita outra gente como o meu herói Gaeroids que nunca adormece bêbado na discoteca ou como a eficiente Anne, das raparigas de cabelo ruivo de Cove e Annmount, ou da feia e envenenada gravata de rugby do gordo Ray ou a meia podre do Eugene...

Ouço passos a descerem a escada de madeira. Valerie dirige-se à sala grande, volta e, antes de subir para o seu quarto, pergunta da entrada da sala onde estou, sorridente ao acordar e vestida de curiosidade:

— Are you ok?

Olho para ela e retirando a mão da cara para que a boca possa dizer «yes, more or less», acompanho as palavras com uma trama melódica como se o meu braço ensaiasse o papel de condutor de orquestra mas

não sei dizer que tipo de música ele dirige.

Volto à sala grande e aproveito para me deitar ao comprido no sofá. Tento descansar o corpo. Tenho a sensação de querer vomitar. Tenho a gabardine a servir-me de cobertor. Tenho os olhos fechados tentando com isso acomodar-me à superfície. Tenho a garganta povoada de pequenos gambuzinos. Tenho uma reacção interna condicionando-me a tremer em espaços, em espasmos contínuos e repentinos. Gemo de dor mas em ausência de dor, pois nada me dói realmente. Estremeço. Gemo de dor mas nada me dói. Tenho os olhos fechados mas abro-os sempre que o escuro da mente ganha cor e a alucinação forma palavras. Espirro mas o nariz não está inflamado por nenhuma força meteorológica. Quero vomitar, quero e não quero fechar os olhos para sonhar.

Toda a gente acorda entretanto. Olho para o relógio, é meio-dia. Sento-me no sofá. À minha frente, a lareira com algumas latas de cerveja, um cinzeiro, um prato. Do lado direito, a televisão. Em cima, ao longo da parede, uma janela abre-se para a rua sendo a claridade reflectida pelas cortinas, a claridade cinzenta do purgatório. Nada vejo lá de fora. Vejo apenas a luz. Sonho a luz. Ao meu lado esquerdo, dois sofás estão encostados à parede e, no chão, um cinzeiro com beatas de cigarro bloqueia a porta. Nada de novo. Olho flashbacks contínuos. Quero sair. Nada de novo portanto.

Sean aparece e diz que vai comprar o pequeno-almoço. Vou com ele porque digo que não estou bem e que preciso de arejar. Está frio, o céu está nublado. Não estou bem. Não me sinto bem. Não estou como naquele Domingo em que saí de casa para uma viagem de três horas num autocarro, mais duas de caminhada até aos lagos de Killarney, para desenhar a catarata de Torc e ser interrompido cinco minutos depois pela chuva e ser depois gozado por um turista que me pergunta se as vistas estão boas, tendo ainda tempo para tirar uma fotografia a três irmãs americanas de meia-idade.

Agora, digo a Sean que não me sinto bem. Ele pergunta quantos cogumelos comi. Digo que não sei. Ele responde que é sempre assim. Nunca se sabe quantos cogumelos comemos. Diz preocupado que também já teve vontade de vomitar, o sabor dos cogumelos cola-se à garganta e não existe solução a não ser aguentar, deitar e tentar descansar, a sensação acaba por passar, os cogumelos são fixes, são uma experiência agradável mas não se deve brincar com eles.

Enquanto ele compra pão, leite, uma lata de coca-cola e o jornal, eu olho e sinto-me desconfortável, compro uma lata de Pepsi depois de vadiar o corpo pelo espaço e os olhos se perguntarem o que hão-de agar-

rar para justificar aquela necessidade de arejar.

A empregada... que dizer?, assustada ela olha para mim. Eu compreendo-a, eu mesmo olho para mim e reflicto um medo assustador.

Voltamos a casa e Sean diz para eu me ir deitar no seu quarto. Sento-me no banco da cozinha enquanto ele lava alguma louça. Valerie aparece. Joe, que tem o cabelo à laia de dread jamaicano, aparece na sala contando qualquer coisa.

Decido-me a ir embora. Deixo aqui a bicicleta que pertence a Rob. Prefiro caminhar até casa. A ideia que tento transparecer, penso eu, é deixar a bicicleta e voltar mais tarde, pois não tenho vontade de pedalar até casa. À entrada, vejo no chão o que resta do pára-lamas traseiro que eu partira ontem à noite.

Na minha ideia confundo os porquês mas penso que não tenciono voltar aqui, pois me apercebo que só cá tenho vindo por causa da ganza, para me drogar e porque admito que uso estas pessoas simpáticas para provocar o eclipse de mim próprio, não sinto já prazer algum, mesmo que também goste da sua companhia. É ciúme concretizado, é um longo delírio, um longo sonho poético, um longo flashback. Não posso, não deverei ignorar que as pessoas são fixes e que, mesmo assim, as encaro como um meio de atingir um fim. Que fim é esse? Um fim que me desregula os horários. A ganza deveria ser um meio de socializar e não um fim em si mesmo, no futuro fumarei para conversar, no futuro não farei conversa só para fumar o alheio.

Sean, como se adivinhasse tudo isto, pergunta assustado quando voltarei eu cá. Respondo que talvez no próximo fim-de-semana, mas digo-o com tal abandono, com a consciência de estar a mentir que digo tchau e dirijo-me para a porta ao fundo do corredor.

Ouço Sean chamar-me. Estou há dois minutos a tentar passar pelas duas bicicletas estacionadas no corredor, tentando fazer com que elas não caiam barulhentamente. Volto à cozinha. Sean mostra-me a lata de Pepsi que eu comprara na loja, eu rio-me e retiro do bolso da gabardine a coca-cola que ele tinha comprado. Sean ri-se e diz-me Good luck!

Sem comentários, por favor.

Desembaraço-me das bicicletas e saio pela porta aberta. Joe está cá fora limpando os vidros da janela. Diz qualquer coisa como are you going to see the jazz, diz jazz no seu estilo rasta. Hoje, sem mais comentários por favor, vou para casa a pé.

Penso que num dia normal, o percurso duraria meia hora. Hoje demorará muito mais entre ameaças de chuva, desespero, ameaças de desistência disfarçadas momentaneamente pelo descanso numa para-

gem de autocarro, poderia simplesmente esperar o autocarro mas não, prefiro sofrer e caminhar até casa, tenho de me sentir vivo e descobrir o caminho, descobrir esta paisagem em nada semelhante àquela maravilha no alto de um monte com o nevoeiro abrindo para outros montes e paisagens de turfa e rebanhos de ovelhas pastando e pessoas falando da água da vida, o whisky. Foi pena eu não pensar na logística dessas caminhadas de Domingo pelo monte e, por isso, terem deixado de me convidar. A volta era sempre feita em carro particular, eu nunca levava calçado alternativo e, da última vez, a terra estava húmida, sujei-lhes os tapetes e o interior do carro, foi pena, talvez hoje levasse pelo menos dois sacos de plástico e os calçasse por cima das botas. Sarah foi comigo na primeira caminhada, levou Sven.

O sueco Sven e a sua namorada francesa Sarah lêem livros sobre o caminho do Tao. Na sua festa de aniversário, ela já com os copos emociona-se e acaricia-me o rosto, diz-me que sou bonito, enquanto Sven olha, não para ela e para a sua talvez expressão de free love, olha para mim intrigado pela minha não-reacção, talvez a ética: não comerás a namorada do teu amigo, e tal, enquanto a sua amiga Michelle me diz na manhã seguinte à festa enquanto tomamos os quatro um porto com limão: tu es un garçon, e tem razão, deve estar a referir-se a Sarah, eu não compreendi ou não quis compreender: é o que se chama fazer de burro, talvez Sven tenha mesmo concordado em abdicar de Sarah pelo menos durante um futuro beijo, uma futura e única noite de capricho, para consolidar-lhes o namoro talvez, e eu não quis, não quis Sarah nem de graça e um homem que não serve a mulher quando ela se mostra disponível é um... insert tag here, desculpa: os rapazes têm sentimentos de culpa que ainda não dissolveram, por isso deixámos de ser animais para sermos morais em potência, temos impulsos e não devemos reprimir os impulsos, «deves libertar a tua mente, se fizeres isso descobrirás a verdade ou a paranoia de uma verdade escondida, pode dar para os dois lados». O pensamento é moral. O que nos distingue do instinto animal é a moral, mesmo o pensamento ascético é uma má e distorcida moral.

Digo que te compreendo, as tuas amigas rejeitam-te ou não te ligam porque pensam que tu lhes vais roubar o marido ou o namorado e isto quando são eles próprios, os namorados, que te fazem convites, e tu dizes: eu não quero ele, vou dizer tudo à minha amiga, vou contar... e elas viram-se contra ti, chamam-te mentirosa e ladra. Comigo às vezes é igual, as namoradas dos meus amigos sorriem-me de um certo modo que me leva à loucura de uma frase mais audaz e até prometedora de um futuro qualquer, com ela, comigo, pensam elas, o que faz com que o

único dealbar da situação é haver zangas entre o casal, acabarem relações, ficar cada um dos três para seu lado, ele a odiar-me, ela a achar-me incompetente, e eles trocando os restos da vida em comum. Tu ao menos ainda ganhas uns presentes corrompidos mas eu chucho sempre no dedo e só te tenho a ti, aí bem longe.

Eu deveria ir viver para Sligo onde, dizem algumas pessoas, as pessoas lá são looper, calão para maluco. Aliás, que pensar do misterioso gajo dos divinos Dead Can Dance, ele que vive numa igreja? Eu devia apanhar a camioneta e ir-lhe lá bater à porta e mostrar-lhe como prova de admissão o facto de já não ter medo e de o poder provar, diria: olhe senhor, eu estava com eles a passear na relva das escarpas de Cove no Domingo de tarde no final do aniversário, já descíamos o declive os quatro e eu olhei em frente, via-se o mar mas não se via a praia, a relva acabava a quinze metros e eu comecei a correr, pensei talvez je suis un garçon un garçon vou-vos provar que sou grande, quando atingi o abismo saltei e aterrei noutro socalco natural dois metros mais abaixo, não tive medo de só haver ar e rochas lá em baixo, afinal eu havia há muito escrito um poema semelhante onde me sentava olhava e atirava-me, a água a cem metros de fundura, aterrei e olhei para trás e vi Sven fazendo o mesmo que eu, ele viu que eu consegui e, para não ficar atrás, fez o mesmo, atirou-se ao desconhecido e aterrou em segurança, diga-me lá, senhor Perry, não me arranja aí um lugar onde eu possa estudar as iluminuras do livro de Kells?, eu varro-lhe o chão, qualquer coisa assim...

Fuckin' hell yeah.

Quando chego finalmente a casa para lá de Douglas, em Rochestown, levo a mão ao bolso, olho para a chave e reparo que ela está torta. Porquê?!

Tento endireitá-la para abrir a porta e ela acaba por se partir nas minhas mãos. Porquê?!

Para terminar o que me parece mais um produto de alucinação, bato à porta e Tony atende, pergunta if I am ok, digo que sim, que apenas perdi a chave de casa. Vou direito ao quarto no primeiro andar, deito-me no colchão estendido no chão, coloco os lençóis por cima, coloco a cabeça na improvisada almofada e aos poucos vou esquecendo, vou adormecendo, take it easy boy, you're gonna make it.

Reparo que só consigo verdadeiramente dormir se me sentir em segurança. Aqui, sinto-me seguro. Apesar de tudo, apesar de estar afastado da civilização e do mundo real, este é o meu espaço, aqui neste abrigo temporário ou em Sligo.

Sim, dormi bem. Dormi a tarde toda. São nove da noite de Do-

mingo. Levanto-me e vou à casa de banho. Olho para o espelho. Decido fazer a barba. Pergunto qual é a minha verdadeira identidade, o que serei amanhã?, o que selecciono do que fui ontem e dos meios que usei dá-me pistas fixas e finais: um «em processo de se tornar», upgrade de um «iria ser» um qualquer cu inteligente e mau, mas o que sou hoje é mutante, mesmo neste momento em que desfaço a barba. Tomo banho porque cheiro mal, ontem não cheirava bem.

Vou à cozinha.

«Ár-vo-re»... «ni-nho»... nada significam, são palavras abstractas fora do contexto, os cristais reflectem os outros cristais tal como a cor deste copo de água é influenciada pela presença da uma garrafa de vinho.

Enquanto como uma tosta com manteiga, lembro-me de uma conversa que tive com alguém com quem apenas havia brevemente falado antes, e que, dessa vez, me leu a alma em poucas palavras e deu-me a tradução para inglês do poema de Seán Ó Ríordáin realizada por Tony Dermody.

Sorrio e decido sentar-me em frente à lareira acesa a gás e, com a tv desligada, começar a escrever este conto moral, esta telenovela irlandesa com um certo sabor zen e tostas com manteiga.

Começa assim: In your heart you're not an engineer...

Respondo: I've studied engineering, I work as an engineer, so I am an engineer!

Penso: Se fosse menos moral, mais aberto, mais curioso às opiniões dos outros, em suma, mais inteligente, teria perguntado e discutido o porquê da sua afirmação. Teria percebido a tempo o que ele havia querido dizer.

No meu coração... no meu coração... sou um bestão.

Shlainte, à tua saúde, tu que gostaria que lesses estas frases e de quem tenho muitas saudades, à tua saúde bebo a água da vida ou os cálices de vinho do Porto no Tig Fili ao ouvir as nossas histórias e língua ancestral, e Siobhan, vou-lhe chamar assim, naquele dia de abertura dos estúdios à cidade, sim, ela quase chorava perante o crítico de arte inglês que lhe queria comprar para mostrar em Inglaterra a sua moldada figura humana enrolada em gaze e sentada numa cadeira.

I am not an engineer but I am not an artist too, at all.

Eu deveria ser um ovo, fundir-me espontaneamente dentro de um ovo para poder desenhar um ovo. Tomar cogumelos é como nascer, chorar e abrir os olhos. As traseiras daquela casa, a terra daqueles jovens estudantes, eu sou quem os visita e lá deixo o meu lixo ao lado do seu. O

lixo comum é o meu meio-meio.

Tá Tír na nÓg ar chúl an tí...

Hail Ireland!, digo e termino traduzindo o poema de Seán Ó Ríordáin:

Nas traseiras da casa, há uma terra de jovens,
Um confuso e belo espaço ao lado da quinta
Animais sem roupa e descalços
E sem saber a língua irlandesa ou a inglesa
Andam ao vento.

Ainda assim cada um se amplamente cobre
Onde caos é o coração da regra,
E naquela terra a linguagem falada
Era a antigamente na escola de Aesop ensinada

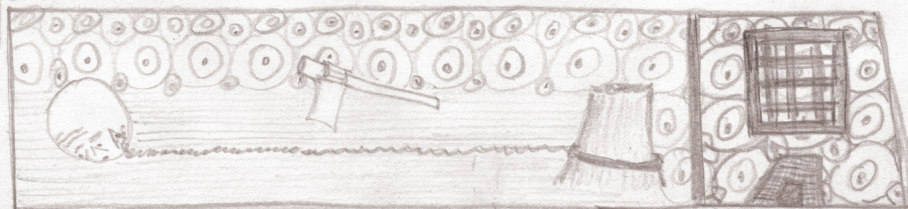
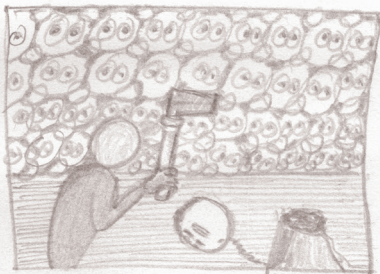
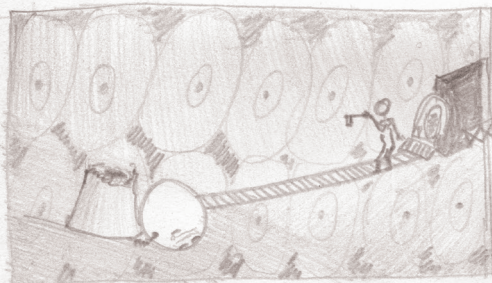
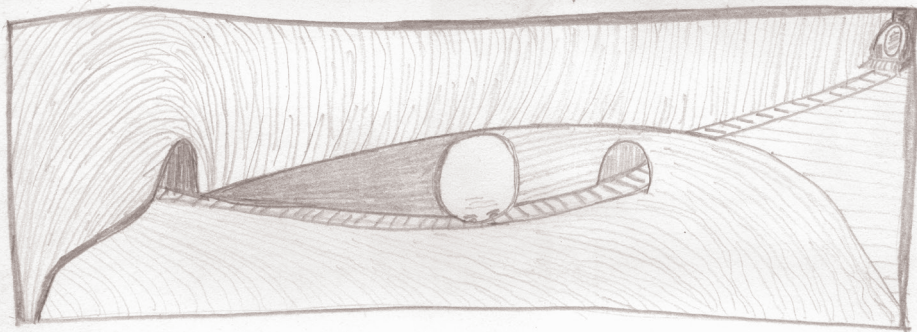
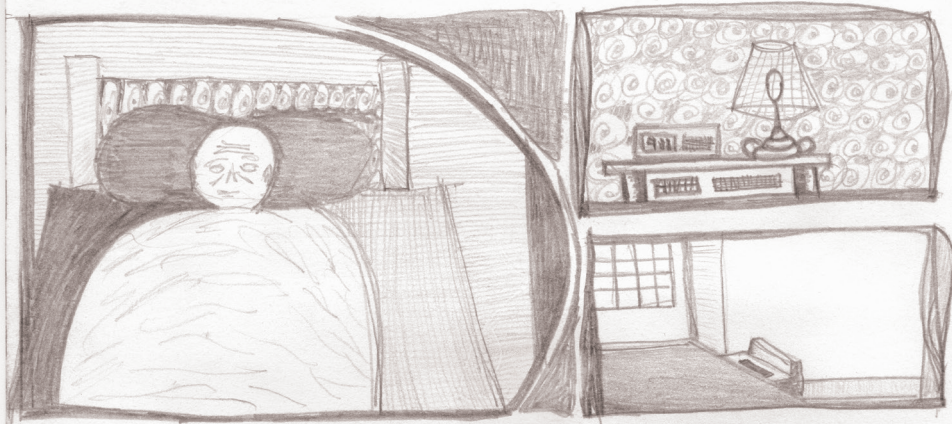
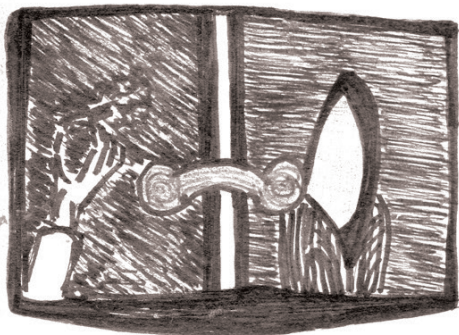
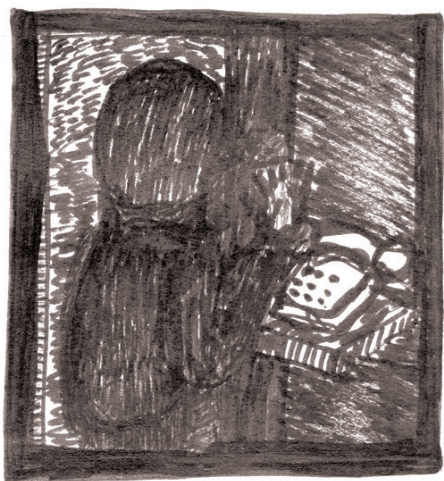
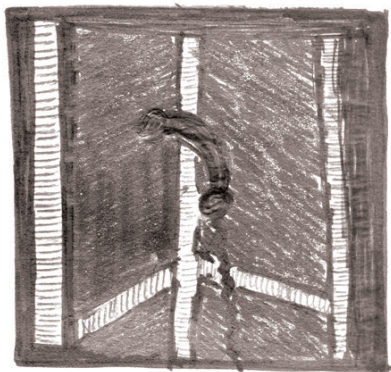
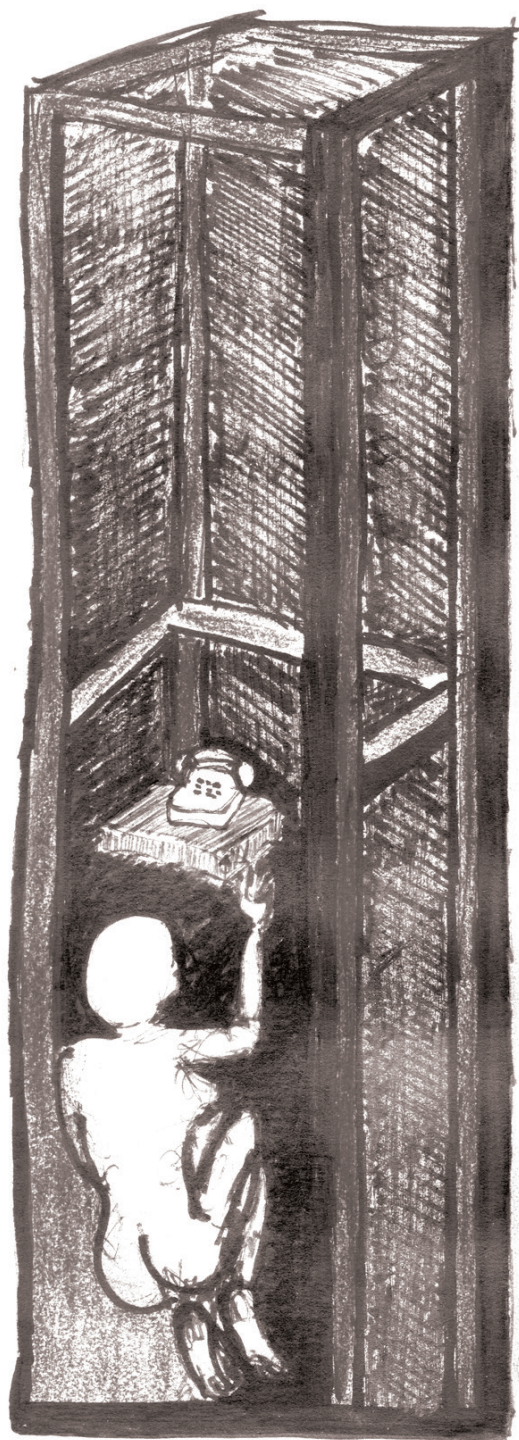
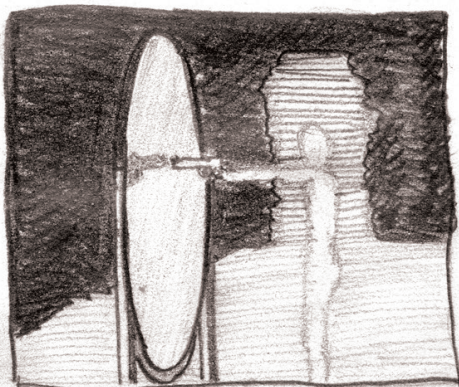
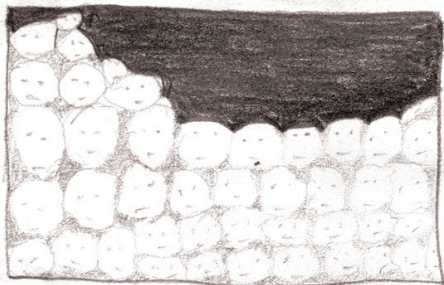
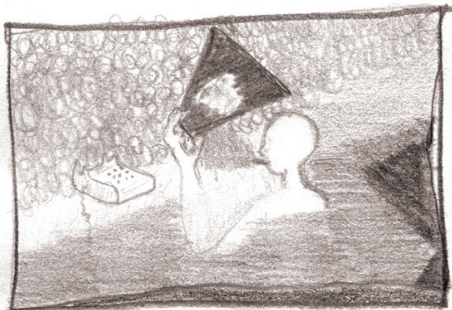
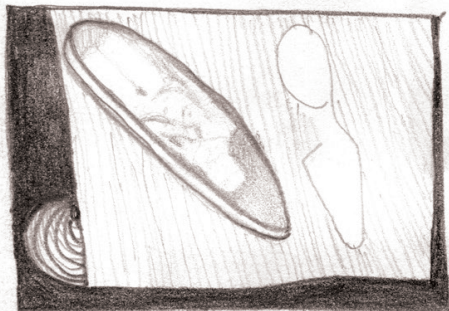
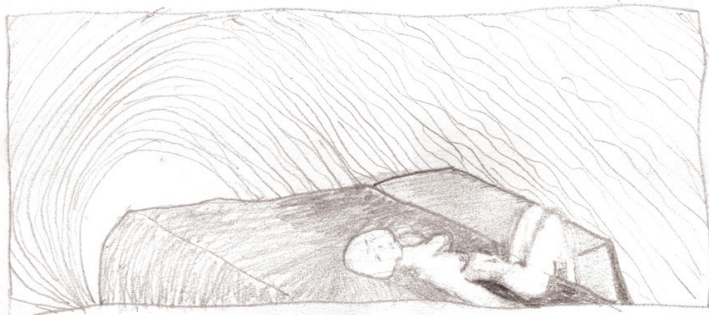
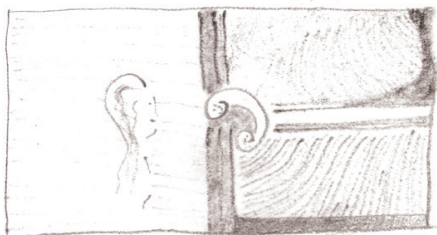
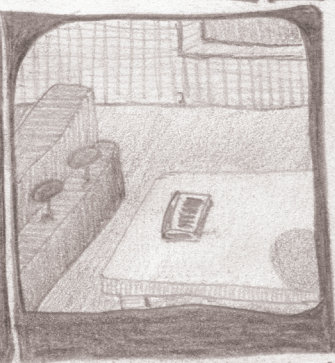
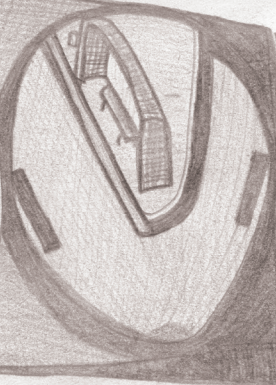
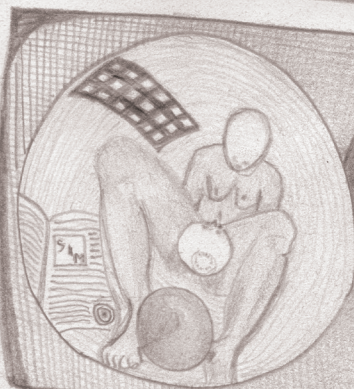
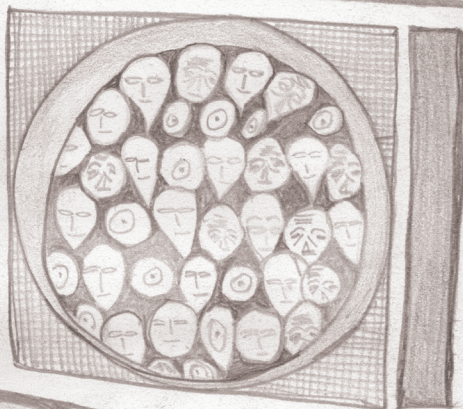
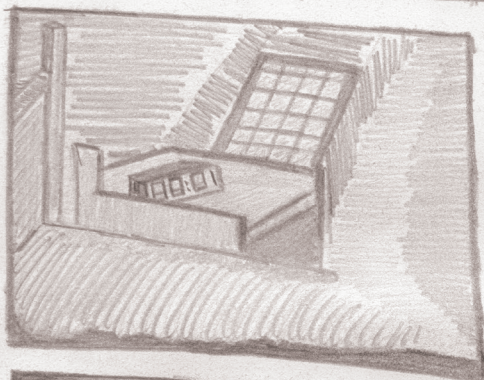
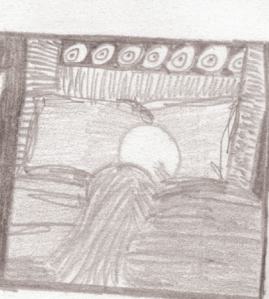
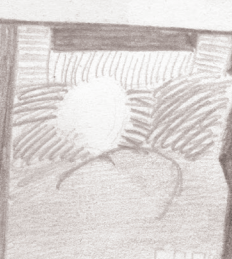
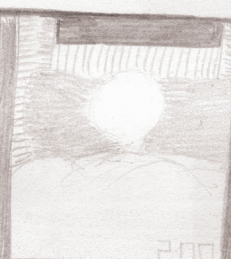
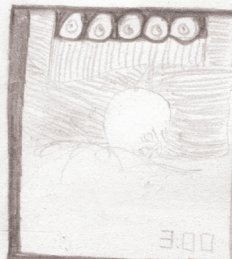
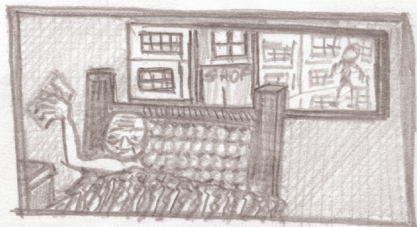
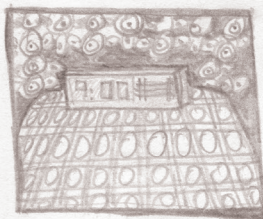
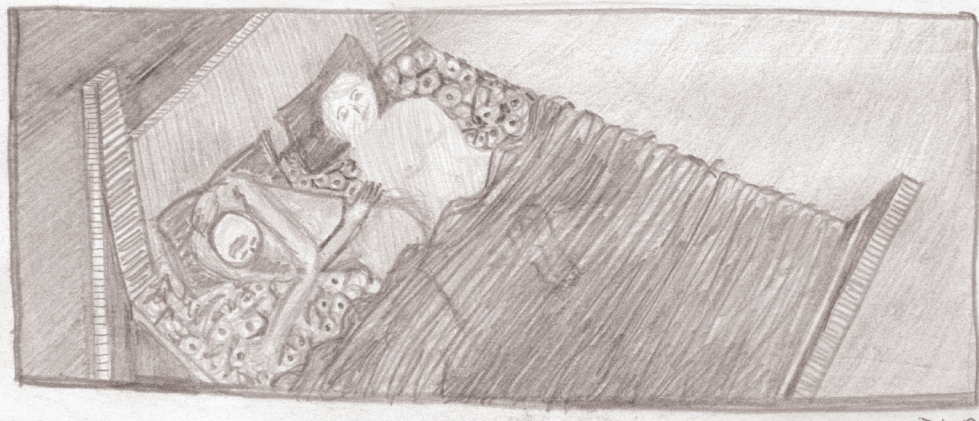
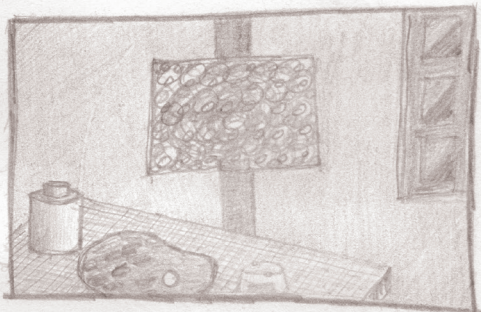
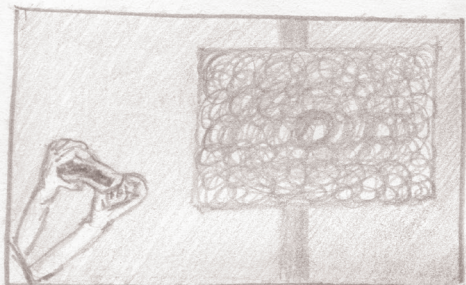
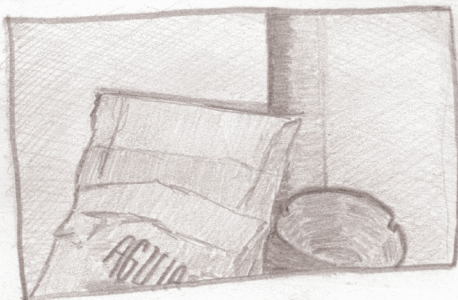
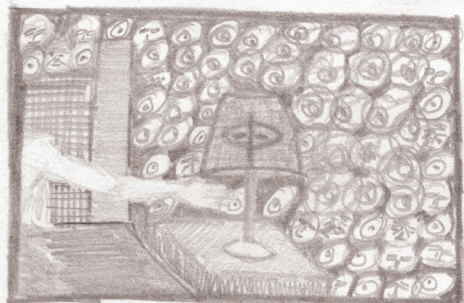
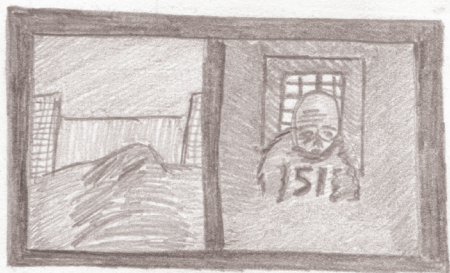
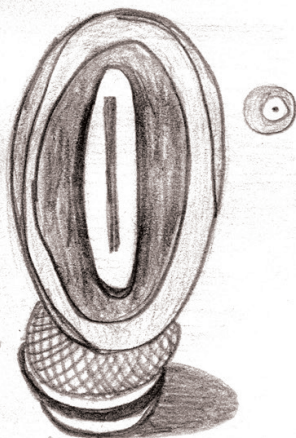
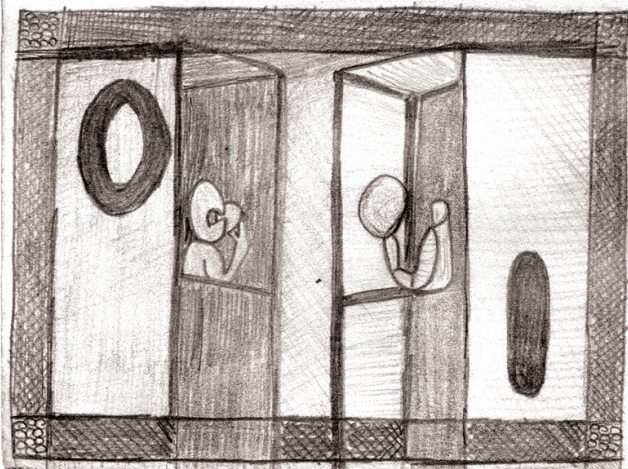
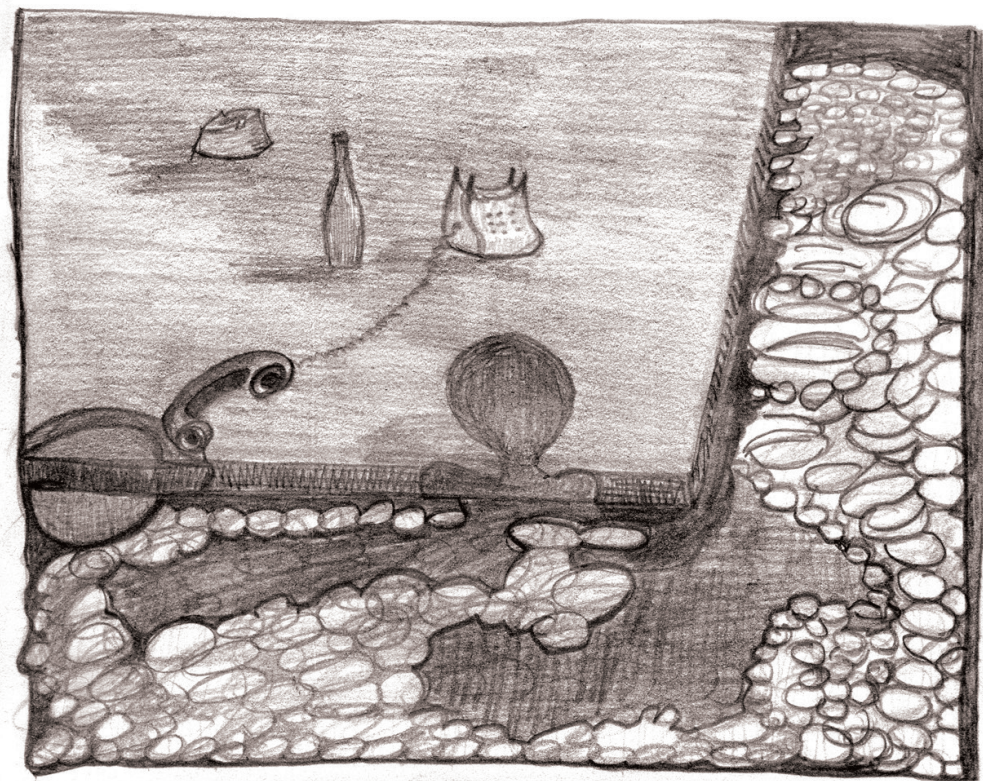
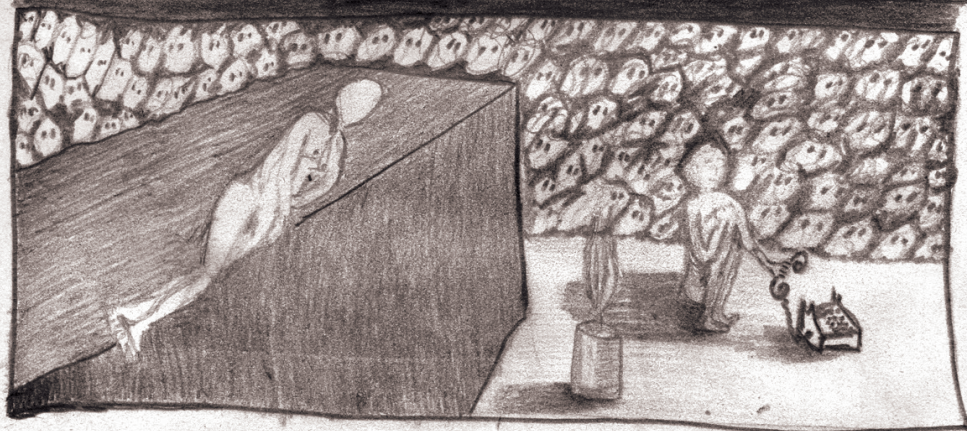
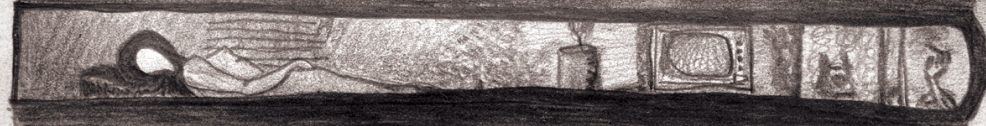
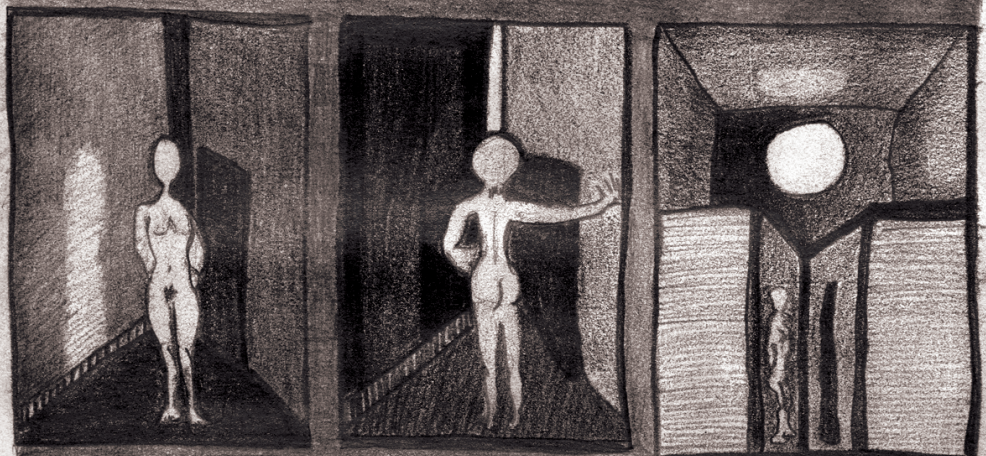
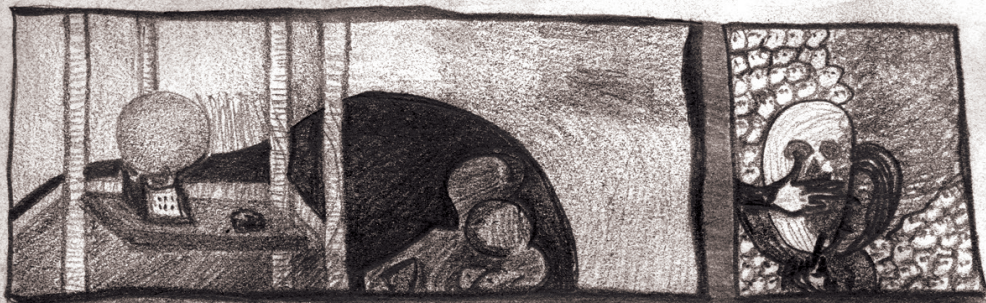
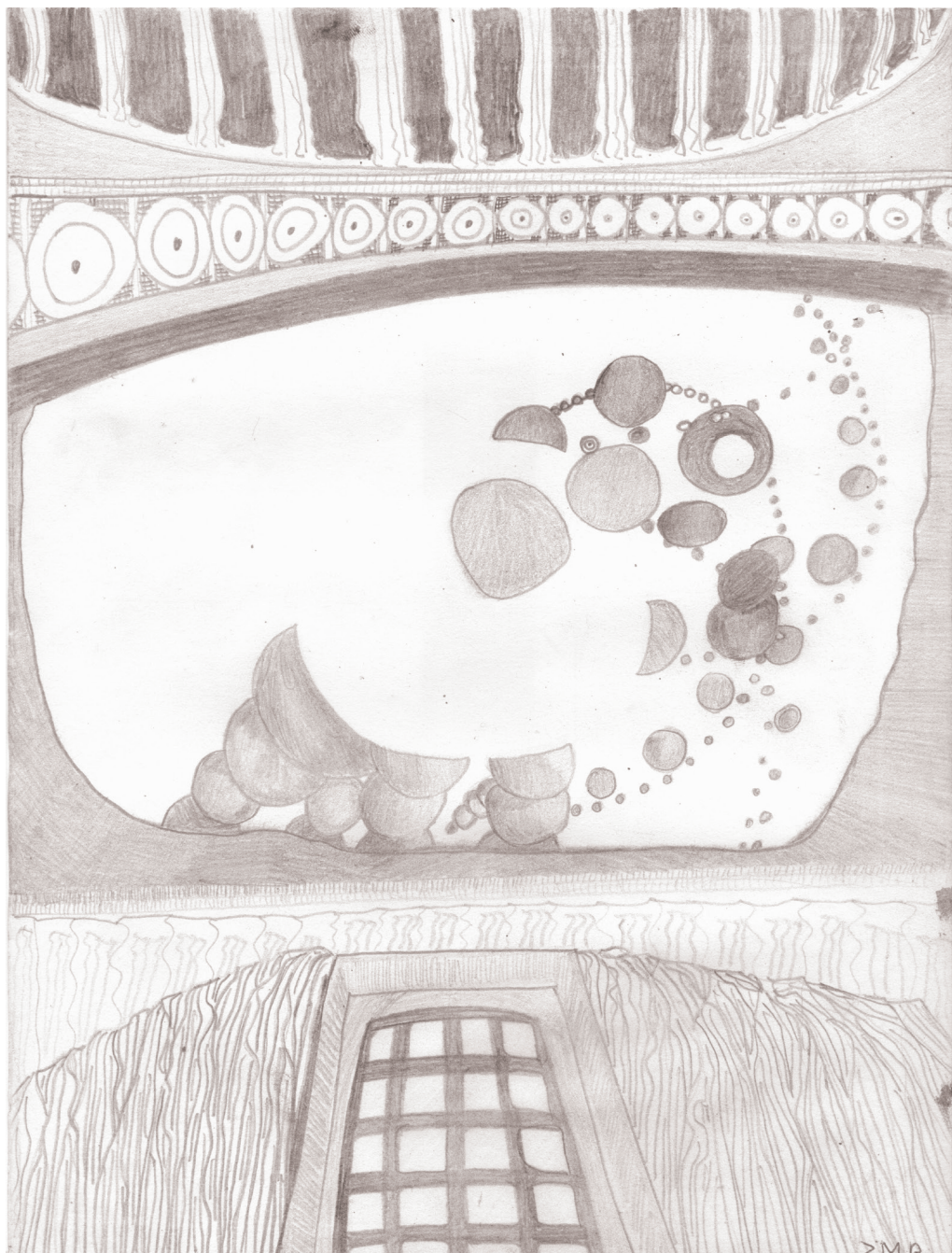
Algumas fêmeas estão aqui, uma capoeira de galinhas,
Um simples pato, mesmo de ideias fixas,
Um grande cão preto com olhares perversos
ganindo tal e qual um bom cão-de-guarda,
Um gato coze-se ao sol;

Ali, uma pilha de bricabraque
Espécie de destroços do tesouro da vida
Uma vela, fivelas, um velho chapéu de palha
Uma corneta calada, uma cafeteira branca
Como um ganso a passear.

Aqui os latoeiros tornam-se desbragados
Abençoando generosamente tudo o que vêem
Sentindo-se em casa na terra dos jovens
Buscando destroços grátis
Por toda a Irlanda.

Eu voltaria no escuro da noite,
O tesouro gravado ao alcance dos raios de lua,
Talvez para ver na luz difusa
Aesop criança ensinar
A sua cartilha fantasmagórica.

SHOP
3:00
2:00

151
AGUA

A Virgem e o Menino

Ah, sim?! Queres-me sentir uma louca? Queres mesmo saber o que eu penso? Para isso, terás de concordar que a ira mira telescópica aponta directamente a nós, o público com impulsos de memória: uma fogueira e o céu violeta e púrpura da minha infância, um amanhã na lareira cheia de turfa industrial.

Lá em baixo a linha do horizonte, carvão, fuligem, smoke, um impulso de memória, uma gestalt de amor à frente, uma ilha no meio de um rio carmim, amor, delírio e reverie onde se queima uma imagem, um produto correndo para montante, para as cataratas de uma cidade-paraíso, um produto vindo da foz morta, uma aparição revertendo o ciclo de vida a traços longos e brancos, uma luz intensa sai deste rio.

Fumo. Uso um chapéu e sinto-me aristocrática, uma freira talvez.

Na mão direita ostento com vigor um guarda-chuva, eu durmo ou desmaiada estou entretida estou estou esculpindo uma caveira num toco de pau, no caos dos instantes em que não sonho, não me tenho lembrado dos sonhos, não me lembro de ter uma ponta afiada, lembro-me de sonhar, tomei nembutal? Não. Bebi cerveja ao balcão e fumei vários paivas em jejum encostada à árvore das caraíbas, perguntei se a antiga colega… quem é ela a fazer de mãe? Sei que a africana leva às costas dois pequenos bebés, nós adoptados.

Um homem olha e imagina que dele sai um outro homem com olhar transparente que sente vontade e deseja ou deseja e vem-lhe a vontade.

Eu vejo um subterrâneo cheio de insectos graníticos e invoco representando uma pose incrustada no ventre de um homem que se atira para o escuro, azul-marinho onde uma felina em posição genital se roça ao lado de um velho de nariz vermelho, caminham para a foz morta, ao mesmo tempo vigiam os pontos de luz do subterrâneo, a felina leva às costas dois bebés que se abraçam e o terceiro é renegado, há sempre uma terceira de ciúme e yantras, o número funâmbulo de Seth, talvez a possível explosão da sereia, o demónio vermelho de inveja da plebe, Paracelsus a criança do sol junto à foz morta de um rio com a grila de fora, o meu oceano aceita todos os grilos na minha corrente, diariamente atingida pela ira das águas.

No céu, as nuvens púrpuras do pôr-do-sol ameaçam a esperança do rio revertendo-se azul na realidade que separa a audiência presa a uma perspectiva unidireccional, homens que olham o granítico subter-

râneo: o velho e a felina ostentam a fé estampada no guarda-chuva: mudar de vida, mudar de sexo para que os sonhos das nossas luas se tornem reais e não cibernéticas. Vivas.

Dos vários ângulos riscam-se cores, a composição dos contrários. Existe a fuga além do nosso olhar de domingo de trabalho, fundimo-nos no interior das cores, pintamo-nos com óleo chorando quinze minutos disfarçadamente após a anulação do amor-próprio nos vértices.

Na pirâmide a cor esbate-se num último acto tentando ser perfeita e não em looc ser. Leves e suaves nos dias dele, os dias de hoje, os meus dias quando vivo, à minha volta em exacta harmonia desejada com o alfabeto, gamada emprestada comprada nunca devolvida queimada deitada fora dada de presente admirada adorada ou mesmo representada polvilhada com mel e pimenta em contraste saboreada na língua boca olhos saliva peito cores gargantas multicolores focada com luz de néon em strobe preto e fumada com branca no carnaval.

Algo ainda escapa… porque nunca passamos a festa juntos e certas formas importantes como o eyeliner ficaram escondidos com o passar do aqui e agora, essa pomba tão perfumada em fotografias que a tua ex colava à parede.

Já só existe a fuga prá escuridão que as fotografias iluminaram antes de queimar, sobre ela cai a errata: nunca tentara tirar um rolo da câmara e então o acontecimento foge todo pelo vértice maior da pirâmide, a maldição faraónica cumpre-se, assemelha-se ao suave fetiche, a tua pele branca, um tapete branquinho como neve ao sol da meia-noite, a aurora borealis leva ao peito o teu cabelo escorrendo estrelinhas pelos ombros abaixo em direcção de fuga, o teu tronco aparece-me querido vestido com lã de ovelha negra, o céu com estrelinhas reflectidas projectadas num espelho, aos impulsos da minha memória falta harmonia, equilíbrio orgástico, liberdade florida por detrás de ti — meu querido bígamo, asas de anja eu sou rasgada de violeta nas paredes e naquilo que só existiu em ficcionais livros e cds, à balança faltam aparelhos de gravação compacta, afifo-te discos, disco-te o número da sorte, afifo-te a lotaria e pergunto-te se essa vaca dessacralizada te oferece a sua pele, a sua mortalha mais colorida, azul de raiva marinha, aquela por baixo da sorte rádio digital e colunas de trinta vátios.

Tenho vontade de construir uma balança, gostaria que esta comunicação fosse possível sobre a catarata e eu não adormecesse azul clara do ciúme na margem rosa e soubesse que ainda assim te amava, como é difícil ter a certeza, dependo de ti para não ser insegura, e ainda mo disseste inconsciente nos pilares da ramada de outono, vasos de flores, o

pénis na sua florida jarra decapitada a alma, o jarro ao ombro do homem fiel, fiel à balança apontando ao céu meus olhos em fuga por onde não me lembro mais. Era um teste eu onde chumbei. Comecei a pensar que era verde, sonho alto que era uma lanterna verde do além terra, gloso altas estrofes sobre o fiel fálico, avistam-se as últimas cores da fuga porque dizes verdades de ruptura nervosa como ainda queres transar comigo acompanhado de rosas brancas e eu feita estúpida duvido, não creio no absurdo, queres clonar-me?, voltava velha à vida, tu não precisas de mais uma ex para eu te foder ainda, não creio no absurdo das palavras debotadas, escuras palavras nada valem, valem o que valem os azuis de raiva, vale a ideia de quem escreveu para não se esquecer e poder comprovar que realmente o mundo pára e aqui se gera a visão da palavra perfeita, a representação imperfeita porque a verdade não pode ser perfumada, cheira mal mas pode ser retransmitida por mim, a mulher que contempla estendendo-te a mão, lutando por ti, sou eu a resistir ser levada pela corrente, nadando contra a foz morta, tu és frágil e mexes com o meu inconsciente que procura modelos para descobrir porque nasceu, e agora não quero ser levada pela corrente, agarro-me a ti e retransmito a tua força, quero que me salves. És forte.

Tudo está em movimento, a foz turbina, não!, as pombas já não se suicidam de encontro às janelas, és forte, a tua pomba é venérea, eu a tua pombinha acasala-te e tu sabes isso, sou a tua súcuba, o teu ponto g na minha vulva, a antiga ponte ligando os vasos de flores ao leme onde tu meu faraó fumas a sobra das nossas priscas virtuais, eu olho para ti minha ganza e vejo uma prisca virtual no meu sonho cibernético, vejo o que sobra de um ouvido no xadrez incendiado, no útero escuro da papagajos com verdinhos bicos aconchegando vermes ovulados em forma de bebés para sempre no rendimento mínimo, uma vez mais os nossos cérebros siameses não se cindiram para observar e registar que continuas a ser só meu e não dos sons de ninfas e narcisos que a multidão deseja por malícia que se confirme, aguarda ao sol de domingo na missa santa, bate quase palmas de ironia sociológica amen.

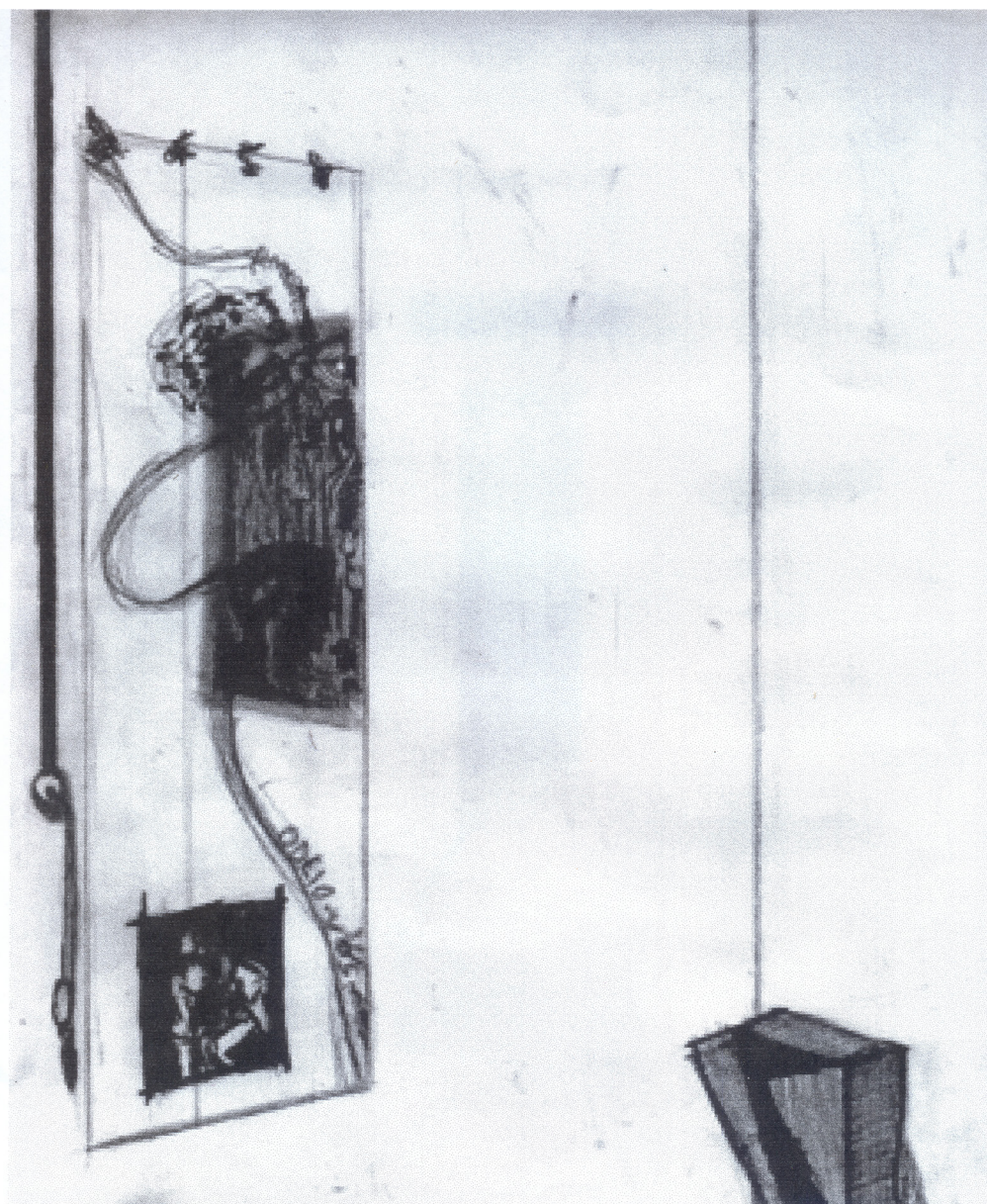
Olho e vejo. A multidão espera o casamento na foz morta e o meme que a seguir subirá o rio carmim, o meme hermafrodita, olho e vejo: no corpo da bela a cabeça do belo, gatinhos mortos é de mau gosto, olheiras carregadas e cabelos já cãos do bustos ainda não esquecido da tua ex fatal. É impossível definir o significado, a dispersão evolui além do mundo mental e sempre o mesmo vazio, antes de Planck, sempre a anulação dos sentidos e do ser racional gerado pretensamente no momento do último orgasmo que abortou o gatinho e por isso morro de desgosto, um gati-

nho morto subirá o rio carmim e transformar-se-á na tua cadela, obrigando-nos a anular o sentido do talmude, dos sentidos e do ser racional, obrigando-me a afirmar: parar olhar e sentir paz, amoras a separar o céu da terra, não éramos nós meu amor que nos lambíamos eternamente dentro do sonho recorrendo a dispositivos? A tua ex dizia que pintava aquilo que via e tu reinas no céu, enquanto eu não vejo paz nem amor, só ciúme e enterrada estou e vejo a ilusão ficcionada da distorção esquizofrénica escarrapachada nas vozes que comentam na multidão. É fácil achar que nada é real. Nada é de facto real e o modelo de balança que construí não é perfeito, os sentidos são duplos, negados, sentidos sem sentido, jogos de bisontes-fêmea onde nada faz sentido, bissexualidade ambígua nesta noite de carnaval? O modelo não é perfeito. Sei que adoro uma representação, uma ganza de graça, tu adoras que a tua ex te pergunte se ainda te masturbas e como o fazes, adoro rotações e translações e círculos avançando nas elipses do infinito invisível.

Para quê explicar o sentido? Tu gostas de explicar o sentido, tu gostas de representar. Vive masé! Pra quê explicar o sentido, o homo normalis não vê a verdade da aurora, as imagens cristalizadas em pureza, eu não gosto de ser representada mas sim amada e não adorada como deusa que sou, eu não sou sem sexo, é a força dos impulsos que nos atrai, será que devemos renegar os impulsos minha loba solitária?, o sentido é tão estúpido e procura-se muitas vezes onde ele não está, a mim parece-me que ele existe nesta perspectiva: virgem é a mãe, estamos perante uma cidade paraíso numa foz às portas da morte orgástica mas puramente animalmente bruta, eu serei sempre essa criança nada morta, irmã namorada filha mulher amante médica pintora ou psicóloga mas sem nunca ser digna, essa será a minha última vontade, não quero amigos, que interessa se o próximo me passará as mãos pelas coxas dizendo que muito calada estou, dizendo que anda mouro na costa e eu sempre como criança ingenuamente perversa dizendo: mas onde vês tu essa presença?, não vês que ultrapassar a moral da dignidade... seremos loucos de mais para nos termos?, ainda?, meu próximo ex morto e eu felina abortando a nossa prima obra. Ultrapassar a moral da dignidade e dos filhos, esses que construam a grande obra, lança-os às cadelas para que construam a grande obra: madalena arrependida.

Alegra-te que é noite de carnaval, sonha ganza comigo ao ler:

yours forever manuelle.

Post-scriptum: estas palavras foram escritas num já certificado estado de loucura, talvez nunca consigam perceber o porquê do nonsense em já num escritas foram palavras estas: scriptum-posT

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA
Claudio Mur

Manual de Sobrevivência

1. Título

a)

Nas cenas do covil o olhar das coisas, o porquê da desconfiança e o porquê do narcisismo explicam porque desejo falar de mulheres; o lugar de nascença, a moral, a dependência psicológica e o aborrecimento contínuo explicam o porquê do senhor que se segue ser os pedidos de ajuda e o conflito mundial.

b)

O covil é um lugar onde dormem os lobos. Os lobos são animais furtivos que olham na noite as presas que olham na noite as presas. Africano. Quadro de grande porte num café em Rova, de proporções: quatro metros de largura por três de altura. Tons castanhos e pretos mostrando um rio escuro e preto no meio de uma selva castanha onde três mulheres negras estão. Espelho ao longo de toda uma parede comprida. Nos dois salões, mesas de pelica de linha preta, abstracto. No primeiro salão, o quadro africano na parede oposta ao espelho, chão de pedra pintado com certas influências de Seurat, tamanho quadrangular com um metro e trinta, reflexos fotográficos no centro de uma cidade, um estranho em terra estranha, um novato em terra nova.

c)

Deadlock. Não é possível. Registo com ar cínico, que dir-se-ia objectivo, frio, penetrante em nys. Não, não registo nada. Os meus buffers de transmissão estão congestionados. Operam no limite. Para não haver deadlock, preciso de resolver problemas de comutação de pacotes. O meu dedo, o teu dedo nada é além de cínico, ambiciona a auto-destruição.

d)

Pai, pai... sou gay.

Não te preocupes meu filho, não há problema nenhum. Eu também sou mas isso não me impede de gostar de outras mulheres além da tua mãe.

e)

Existe quem diga que nós não somos o trabalho que fazemos, também não seremos a formação ou educação que recebemos. No limite e no absurdo, talvez também não sejamos aquele que nasceu e, então, somos «nada», nem mesmo pó depois das cinzas.

f)

Tu que dizes que não gostas de conversas sobre definições e, depois, te chateias quando alguém tem uma definição básica diferente da tua discutindo no fundo a definição que, és tu próprio a dizê-lo, dizes não gostar... para ti e especialmente só para ti aqui vai mais uma definição. Apresento a minha definição de falhado: Um falhado é aquele que foi e deixou de ser.

Digo-te alguma coisa de novo? Vá lá!, não sejas mais uma cegonha, não metas o bedelho no buraco onde não és chamado...

2. O olhar das coisas.

a)

Na minha aldeia tudo acontece. As pessoas jogam futebol no fim da jorna da apanha do milho. As pessoas riem-se das profecias de Nostradamus quando se toma o primeiro café da manhã antes de irem trabalhar. As pessoas incomodam-se quando se pergunta se na aldeia passava vento na estrada em fim-de-semana. As pessoas atiram foguetes depois de beber e assustam-se antes de anoitecer.

b)

O sistema diz que se Maomé não vai à montanha, a montanha vem a Maomé. Ficamos com a pergunta: Em Roma sê romano ou os romanos vão para Roma?

c)

Instalado no meu novo quarto, o despertador toca à hora certa mas só me levanto cinco minutos mais tarde. Concordo que descansei pouco, tomo banho, faço a barba, um charro que me põe momentaneamente mal-disposto, saio com duas canecas de leite no bucho. Nas imediações existe uma ponte sobre a ribeira. O sol mostra-se a descoberto e não há nuvens. Atravesso a estrada, a linha de comboio, tomo café, fumo um cigarro e como um pastel de nata para caminhar mais vinte minutos. The milky way to the never never land... Espero comportar-me, hoje, de um modo regular, e, para isso, ignorar as batalhas da Joana d'Arc que vi no Sábado passado à uma e vinte da manhã.

d)

Estou sentado a tomar café antes de apanhar o comboio e são seis e meia da tarde. A mesa onde estou é redonda e de madeira envernizada. O papel onde escrevo tem linhas azuis. O cinzeiro é um pequeno copo de cerâmica castanho alaranjada com o rebordo em preto. O copo de

água é um cálice de pé alto e tem água até ao meio. O café é do Burundi. O tabaco é o antigo Águia mas, agora, reformulado na sua composição agora mais ordenada e rigorosa, dizendo que fumar pode matar. Os monopólios acabarão por matar o Águia dos velhos.

Enrolo um cigarro. Durante este processo, ainda não tive tempo de dizer que reparei que, à minha frente, uma rapariga atraente tem cabelos pretos compridos e lisos, uma cara linda e oval, uma camisola preta de riscas horizontais cinzentas. É bonito o seu olhar de cor castanha, tem os lábios finos... Deverá, imagino, ter vinte e sete anos. Reparo como a pele lisa se enruga levemente quando se surpreende com algo. Olho-a apenas de relance porque uma senhora se sentou na sua mesa e me tapa a visão, de cabelos igualmente compridos até aos ombros, longas e fortuitas madeixas acizentadas.

Tem os braços aos ombros. A sua cara é de um tom amarelo avermelhado em certos pontos, como a maçã do rosto e a ponta do nariz. Adoro o modo como coloca a mão na face para disfarçar o sorriso ou apenas por uma questão de cortesia para falar com a sua mãe.

e)

Eu aqui declaro que preciso de pessoas novas, com quem falar de coisas minimais, com quem possa explorar o sentido de uma nova comunicação.

f)

Escondo-me por detrás das personagens que fui criando ao longo dos anos desde que intuí que era um dos prováveis centros do mundo. Para cada uma delas vou contando uma história que é influenciada por uma experiência. Cada personagem é uma etapa que segue influenciada pelo sonho que tive para essa experiência. As personagens cruzam-se nas etapas das outras personagens. Às vezes, uma personagem é a continuação de uma personagem e a raiz de outra. Às vezes, uma personagem reage com o contrário de outra personagem. As personagens frequentemente trocam de identidade entre e dentro de si.

g)

Estou preso a um destino. Destino esse que fui formando ao longo de vinte e cinco anos. Às vezes, pergunto-me se terei sido predestinado mas como rejeito a ideia de um Deus, não posso aceitar a minha realidade como algo sendo atribuído a um outro. Encarno em mim todos os males do mundo que vou conhecendo. Declaro a incompreensão natural de todos os outros perante mim. Na tentativa assumida de ser declarado mau, vou realizando pequenos actos desnecessários que me tornam não mau mas infeliz. Como sou infeliz e assumidamente mau, penso que em última instância, no limite, poderei ser um santo, tornando necessária a existência de um Deus. Terei que assumir a existência de um Deus para ser igual a ele?

h)

Em comboios se disseram coisas importantes. Descansaram ossos cansados, sonharam sonhos acordados, viram coisas simples e belas: flashes de realidade. Canções de amor se soletraram, encarnações se cometeram, recordações se lembraram, gestos se abriram, risos aconteceram, rostos inflamaram. Nos comboios tudo acontece. Tudo tem princípio, meio e fim.

i)

O ladrão sexista benevolente ou Les voleurs de André Téchiné: Desejei um beijo teu, tentaste que eu o pedisse e eu não fui capaz. Como compreendeste mal a minha timidez, deste-me um beijo puro. Como compreendeste que eu o desejava, pensaste que te enganara. Assim ofendi-te. Perdi-te.

j)

A primeira lei ou regra é não haver lei ou regras.

A segunda lei é viver dentro da legalidade.

A terceira lei é nunca falhar o alvo, considerando as redondezas, o raio de acção; o polvo tem muitos tentáculos.

A quarta lei é o dançarino não tem medo do escuro.

A quinta lei é agir sem o elemento Tempo, é abolir o tempo.

A sexta lei é não se conhecer ninguém e conhecer toda a gente que passa.

A sétima lei é não fazer perguntas.

A oitava lei é fazer-se marcações de vez em quando.

A nona lei é ter os ouvidos abertos e os olhos cegos pela regra.

A décima lei is the rule is our sin.

3. O princípio da desconfiança

a)

Eu sou um pasteleiro...
Eu sou a mulher do pasteleiro...
Onde está o pasteleiro?
Ele saiu para uma corrida.
Posso entrar?
Sim.

b)

O porquê do sado-masoquismo nas relações sociais.

O que faz um gajo terminar o jantar com a família e sair às nove e meia para tomar café?

Nada de errado no café mas porque me levanto da mesa do café e pago às dez horas e me vou encostar ao muro observando a chuva miudinha e as reflexões da noite nos paralelos da lua, ou melhor, da rua?

O que faz um gajo sentar-se e conversar sobre assuntos aos quais ele não presta a mínima atenção, talvez por pensar noutras coisas nesse intervalo?

Nada de errado em ter uma fonte inesgotável de símbolos ou pensamentos mas porque conversar então de assuntos minimais com as pessoas que conheceu?

O que faz um gajo agir em procura de um gesto, um bem de consumo e ficar em seguida perplexo pelo retorno traumático da comunicação a que ele precisa se expor?

Nada de errado na exposição mas porque contém a respiração quando procura a respiração para que o pensamento não arda no pulmão e desista do feedback?

c)

A diferença entre uma troca e uma venda é uma diferença de grau.

Quando trocas ideias com um amigo, tentas vender a tua informação como sendo válida e verídica.

Além de ser uma seca é difícil, as pessoas andam desconfiadas dos telefonemas que as tentam conquistar fazendo delas ignorantes, presas fáceis para serem enganadas mais tarde.

É melhor a segunda via, andar por uma rua ao fim da tarde e seleccionar a campainha seguinte e esperar pela reacção dela.

Quanto se esquece aquilo que se deseja, maior é a probabilidade de algo de interessante acontecer.

Oferece-se um serviço e, às vezes, a imagem que fica é o desejo dela que percepcionamos, imaginado dentro de nós, aquela assinatura ou aquele dizer dos seus pais que só chegam amanhã para poderem assinar, é o desejo de voltar amanhã e ser enganado, a imagem, a vontade que construímos nem sempre resulta, o link nem sempre resulta porque nem sempre as fórmulas do grimório são as mais correctas, é preciso tudo aprender, tudo analisar para não falharmos e obtermos o prémio final, a lotaria do fim do Verão, a carta de condução perdida na ronda pelos bares à noite, a aula sobre o princípio de incerteza de Heisenberg.

d)

Uma prostituta frígida, ou melhor desculpem-me, uma prostituta fria sente-se velha quando não consegue excitar o homem que requisitou os seus serviços para fazer aquilo que não consegue fazer em casa.

e)

Nietschze disse que cristão só houve um e morreu na cruz, o que será verdade pois ele nada deixou escrito e existem até muito poucas provas da sua real existência; disse também que deus tinha morrido, então era necessário que ele alguma vez tenha existido.

Então, costuma-se dizer aos crentes para não procurarem onde ele não está, procurem-no, isso sim, dentro de vós.

f)

O sujeito antes de entrar na sua conversa semanal com o(a) analista escreve aquilo que não vai confessar: Como podes tu desejar que eu tenha uma experiência ou relação homossexual, se depois não com-

preendes ou não gostas de observar «in your face» uma experiência homossexual, o onanismo? Não será talvez bonito...

4. O narciso explica porquê

a)

A mais antiga recordação de mim, que possuo, é uma fotografia a preto e branco tirada quando não teria mais de um ano, a rir bochechudo no berço. Não sei agora, sendo aliás difícil de acreditar na consciência de um bebé mas esta imagem fotográfica cinzenta tornou-se parte do meu imaginário pois reconheci-me como sendo eu olhando o mundo, eu perante o mundo, eu e o resto.

Dado ter a consciência de que penso e de ainda não ter descoberto a telepatia, o ele é sempre um outro do qual nada sei e que é apenas um acessório fundamental à personagem com a qual tento comunicar no escuro. No extremo, digo que é possível comunicar com uma pedra ou como uma pedra pois não adivinho o sentido por detrás daquilo que se diz.

b)

A partir do momento em que conto a minha história a pessoas escolhidas deste mundo, o meu desejo é logo romper com essa pessoa e frequentemente com esse mundo. A partir do momento em que reconheço a efectiva concretização dessa ruptura, o meu desejo é imediatamente criar condições de humilhação pessoal para que assim regresse a esse mundo ou a essa pessoa.

c)

Desejamos ser máquinas contra a nossa exposição enquanto seres humanos, desejamos ser máquinas como uma forma de purificação. Pergunto qual serão os meus objectivos quando escrevo a minha história. Entro num processo de criação de identidades. É preciso tudo contar. Arquitecto uma personagem para encerrar este poema.

d)

Numa festa de S. Martinho ambos dançámos e comemos castanhas.

Ela tomou comprimidos com coca-cola. Eu tomei comprimidos com rum.

Em ambos o mesmo desejo: esquecer.

5. Ensaio sobre a timidez e os pedidos de ajuda

a)

Depois de enganar os outros engano-me a mim próprio.

Eis o porquê de não pedir ajuda. Desde pequeno me lembro de não gostar de pedir ajuda.

Na terceira classe, estou na cozinha e choro desalmado porque não consigo resolver sozinho os exercícios de matemática. Ainda que o meu pai me tenha ajudado neste caso particular, pedir ajuda sempre foi um acto doloroso, cheio de extremos de culpa e remorso de mim.

O não pedir ajuda tornou-se, em mim e no meu inconsciente, um princípio pois só sozinho serei capaz de ganhar força e vontade para alcançar a vitória sobre a timidez, talvez seja isto tudo o que desejo porque me dizem que sou muito fechado.

Desde sempre, estabeleci como respirar, como verdade pessoal o querer mudar de vida e de ambientes, de identidade para que deixe de ser contemplativo. A sucessão de quebras deste princípio originaram as fontes inesgotáveis do sofrimento, tornando-me ingrato, insensível aos problemas dos outros aparentemente, falso na tentativa de esconder a verdade por detrás do que nos rodeia.

b)

Quando descobri que era um marciano, explodi e, de repente, queimei a minha cabeça.

Quando acordei, não quis ter uma relação porque estava demasiado destruído e não conseguia suportar os meus olhos.

No processo de auto-análise e dos porquês de me ter tornado um marciano, descobri que era uma espécie de lobo, sem posse e sem ser.

c)

Visto que toda a realidade é ilusão, e apenas uma construção, uma projecção da nossa mente que só vê precisamente aquilo que quer realmente ver, porque não desligar a televisão, principalmente nas alturas em que dá a telenovela ou o futebol? Assim, escusarás de insultar o ore-

lhas quando lhe dão os tiques dentro do receptor de tevê e tu pensas que o apresentador do telejornal te envia mensagens subliminares à hora de jantar.

d)

Quando descobri que estava a perder o controlo sobre tudo o que me rodeia, reparei que construíra um comboio romântico, um teatro de máscaras.

Assumo que vivo o amor como se elas e eu fôssemos personagens e criássemos a nossa história de amor, esse fascínio corporal, esse amar como animais, esquecendo o instinto de procriação ou a imagem, o significado de certos valores.

Para atingir esse ideal, esse patamar de beleza, esse degrau supremo da escada que digo subir, tudo olho e interpreto através do rectângulo da imagem.

Recordo andar sempre com gravador captando palavras entre a música e a tevê.

e)

De modo a suportar a minha existência comecei a desenvolver algum tipo de identidade, algum tipo de duplos sentidos e relacionamentos baseados em arte e sonhos. Estou entre o proletariado e a aristocracia.

f)

És um bruxo?
És um adorador do diabo?
Em que acreditas acerca de Deus?
Tens uma Bíblia?
Disseste magia? Acreditas no oculto?
Mas eu pensei que disseras que não eras um adorador do demónio?
Como te tornaste um tu?
Ouvi falar de bruxas em orgias e tal.
Tu também?
Vi nas notícias que vocês usam uma estrela dentro de um círculo

como vosso emblema. Isso não é um símbolo satânico?

Opões-te ao Cristianismo?

6. O local de nascença

a)

Quando se é pequeno vai-se à escola.

Quando se é pequeno brinca-se com os colegas.

Quando se é pequeno vemos televisão e vamos para a cama aterrorizados com a escuridão de um corredor lembrando-nos das gigantes formigas vermelhas do filme «Them».

Quando se é pequeno vamos ao jardim zoológico ver os leões, as aves e tiramos fotografias com olhar ambíguo de sofrimento e força, o cabelo desgarrado e calções de bombazine.

b)

Foi há oito anos a primeira vez. Uma eternidade. Estava num elevador parado no segundo piso abaixo da terra de uma torre verde perto do rio com dez andares acima do solo e mais quatro subterrâneos. Os toques de campainha que efectuei das seis da tarde em diante foram estranhas e não me recordo bem delas, não me recordo da dicção que empreguei saindo de um corpo sem gravata. Não vendi nada. O ar, o sorriso daquele casal de meia-idade, holandeses loiros, deixou-me a pensar: estou eu com um sorriso tripante? Não compraram nada. Recordo às oito entrar na carrinha e alguém, que sabia do esquema, vira-se para o banco de trás e comenta alguma coisa em código e eu respondo gritando porque não ouvia bem: correu tudo bem. Como que a dizer: não me bateu nada.

c)

Enquanto estudo matemática e, em especial, os diracs, acordo na manhã seguinte sonhando com um jacto de energia infinita projectando-se, através do eixo yy do sistema euclidiano na intercepção ou secção de corte de um plano irregular com as formas esféricas do traseiro feminino: chamam-lhe polução nocturna mas não passa do reflexo psicofisiológico da memória resgatada do disco duro com ficheiros sobre grafitis de pó que o Pinto desenhava na carteira da secundária, era lindo

o diálogo com a Soraia, ela desenhava e dizia «a piça do pinto» e ele acrescentava duas meias luas e dizia «a cona da soraia», e levava um estalo ao som de um «estúpido!» Agora, depois do almoço, ouço vindo de uma k7 gravada com Tom Waits o som de um homem a dar de comer aos garnizés enquanto eu penso, penso, vou pensando em tudo e me crescem orelhas de burro ao som dos mantras fúnebres que terminam a k7 a dizer o «dust to dust dust to dust» transformando-se em «quero estudar quero estudar» durante pedaladas de bicicleta à tarde. Ah, como é linda a paisagem. Sinto-me leve e jovem. Meu pai bem me disse: queres as coisas, estuda, trabalha, luta, ganha as coisas. E eu que fodi as senhas de autocarro para fazer filtros, o que o meu pai me diz entra por uma orelha e sai pela outra, acelerada e fumada, mijada contró vento mas... ah que água linda. ela vai sair do barco e oferecer-me um peixe a troco de um euro, vou fotografá-lo para um quadro futuro.

— Tu já estás a pintá-la.

— No, I just took the photograph, sou inocente, não tires o t à pintura nem ao passatempo.

d)

A estrela polar, a constelação de Orion, a estrela imaginária Cassiber ou a constelação de Cassiopeia, a estrela Sirius e a companheira negra, quase invisível ao olho científico, Sirius B...

Qual será o segredo da ressuscitação?, *the way to succeed and the way to suck eggs...*

e)

Culparemos ou deveremos NÓS culpar a família, os nossos genes por sermos considerados esquizofrénicos?

O problema não será a família nem os genes individuais que se fundiram, o problema será mais o facto, talvez a necessidade, da célula se dividir, ficando para um lado as forças da consciência e para o outro as forças do sexo e género, gémeos monozigóticos então que não são necessariamente antagónicos e que dialogam entre si para todo o sempre; então, é natural que, algumas vezes, estas vozes interiores venham à superfície e se projectem nas vozes dos outros que partilham, por exemplo, o espaço informal de um autocarro público ou do local onde se toma o

café e se compra o jornal diário.

f)

Houve alguém que «confessou» ser um bissexual que nunca teve uma experiência homossexual (?!), nem na sua mais fértil imaginação?, perguntamos nós.

g)

«Da próxima vez que eu sonhar isto quero lembrar-me que estou sonhando.»

«Estou sonhando ou não?»

Se sozinho não consegues sonhar, sonha com uma máquina de sonhos, fecha os olhos, não dormiste a noite passada, põe a função repetição aleatória na música do cedê para não saberes qual vem a seguir e onde acaba, o som nunca acaba, tira a camisa para sentir a frescura e nunca caias totalmente no sono.

Falas Visual C++ durante o sono?

7. As cenas do covil

...Duas possíveis interpretações...

a),e)

Um homem olha o espelho.
Não gosta do que vê.
É o suicídio uma solução?

b),a)

Um homem tem desejo sexual no olhar.
Olha para o ser amado.
Ele parece experiente.
Ela parece / é inocente.

c)d)

Um covil é um local onde os refugiados dormem.
Onde se tornam um só ser.
Onde se escondem do mundo.
E esperam pela caça, pela presa.

d),b)

Eles amam-se eles sonham eles existem eles são.

e),f)

Um homem acha difícil controlar-se.
Um homem acha difícil oferecer tudo
O que quer oferecer ao ser amado.
Um homem nega toda a ajuda e palavras de esperança, um homem demasiado instável tem medo de fazer sofrer o ser amado.

Um homem pensa e diz: Vai-te embora.
Um homem diz: Eu não tenho futuro.

f),c)

Um homem está só.
Um homem está preso aos seus sonhos memórias falhanços.
Tendo negado o amor.
Tendo falhado no seu desaparecimento.
Resigna-se a uma vida enclausurada.
Cresce velho e nihilista.

8. O espelho real

a)

O frio, negro e azul, do salão do templo dourado arde abstracto de amarelo e laranja pela mão de um negro (repetido três vezes).

O paraíso da vida criado arde (iluminação intelectual, vontade de conquista de um guerreiro destruidor) com o sentido de rejuvenescer um novo equilíbrio num primitivo (pretende ressuscitar o ego, tornar-se único e maior).

O monge iniciado nos domínios da pretendida iluminação, destrói totalmente o seu ego, a casa da iluminação onde os aspirantes esperam com nobreza, a revelação do seu deus numa palavra, nesse momento ele poderá renascer.

Ele quer deixar de ser deus para, pelo caos, (poder ser um deus melhor), um homem para poder viver... em vez de se suicidar com uma faca e um frasco de comprimidos (por impotência com as mulheres ou impotência por si próprio).

A diferença reside no erotismo que provoca a impotência psíquica, portanto mental, o universo é mental, nós criamos o universo dentro da nossa mente e reflectimo-lo na percepção do real que observamos, o que me leva a não queimar nada mas a suicidar-me e a sobreviver (mas será que melhor?) nas longas trevas.

Uma explicação possível é relacionarem tudo com o VII circuito neuro-atómico de Timothy Leary impresso pelo choque, pela experiência de morte iminente, pela consciência quântica, pela percepção não-local (ultrapassando o espaço e o tempo, para além), pelos poderes psi e mágicos, pela iluminação, pela intuição da verdade de se alguma vez te apaixonares pela bata branca sem nada por baixo, isso significar transferência, se alguma vez se apoderarem, através de um link da vontade, da tua imagem representada na tela poderão fazer de ti o que quiserem.

b)

Foi então que li o jornal dizer que os Pop Dell'Arte iam actuar em Devga. Sexta-feira à tarde após sair do trabalho, passo no quiosque e compro tabaco. Dirijo-me à estação de comboio para apanhar um para Triza, penso em revelar fotografias. Sentado no banco às seis da tarde,

o sol brilha reflectindo-se no vidro velho da janela do cinema, o fim de tarde de Junho nos pequenos campos e riachos verdes, pontes e torres com as cegonhas criando os filhos.

Os charros são uma consequência. Não nascem simplesmente.

c)

A parede da sala de jantar do retiro termina dividida verticalmente, na metade direita um arco abre-se românico da parede branca para uma cozinha onde o único empregado ou dono acende a boca do fogão com um fósforo. Existem cinco mesas de madeira clara e vinte cadeiras amareladas. Depois de acender o lume, ele vem pelo corredor entre as mesas, desce um degrau separando as duas salas e olha para mim, pergunta: um café e um copo com água?

Mentalmente concordo, paro de escrever, começo a enrolar um cigarro, vejo um caderno de linhas azuis e capa preta, um isqueiro verde, um pacote de mortalhas Bass, uma caneta Briz azul, uma moeda dourada.

O empregado coloca um café caravela, o copo de água enchido a três quartos e retira a moeda da mesa vermelha, com um diâmetro de trinta centímetros, terminando num anel preto.

São agora duas e um quarto da tarde.

d)

J'aime les inverties, elles sont tres jolies.

e)

Fog, whitish, grey-ish schmuck smock, smoke coke cola coca, parafuso a menos, rosca, sorver, abrir e fechar, caminhar a cem metros de altura no meio do nevoeiro da manhã ou orvalho da noite fria de Fevereiro, o verde do rio dissolve-se na companhia da lata velha do autocarro...

f)

Eis a primeira lei da pedofilia: «Deixai vir a mim as criancinhas.» Parece óbvio que o deus adorado pelos católicos deve ter sido pedófilo, afinal, as nuvens estão povoadas de anjinhos sem sexo e que não fazem nada, nada além de dormir.

g)

Mirror I mirror I, is there anything prettier than I?

h)

No ovo não existe distinção entre a luz multidireccional que entra neste espaço oval e o seu reflexo na superfície que esconde o útero.

A luz é branca. O espaço exterior é vermelhão. O útero é cavernoso.

O balão está preso à superfície por uma corda, mais precisamente, uma escada de corda enquanto o alpinista avalia o terreno.

A escadaria apenas se distingue em pequenos traços na rocha.

i)

Vejo homens rijos de boné de plástico azul amparando uma enxada para remover a terra que a máquina escavadora amanha.

Vejo três mulheres na casa dos vinte e tal anos a entrar no bufete; uma com uma mancha enorme na cara assemelhando-se a uma ou várias queimaduras e um corte à altura da maçã do rosto direito.

Vejo um homem de bigode e blusão impermeável, barato e roxo nas mangas com listas vermelhas, entregando-me um cinzeiro para eu não deitar a cinza do cigarro, que nunca se consome, para o cinzeiro grande do chão.

Vejo o dono do bufete trazer-me o já habitual café à mesa frisando o troco do café da manhã anterior deixado ao lado dos flyers publicitários porque ele havia tido a necessidade de se ausentar por uns breves minutos.

Vejo lindas mulheres e trabalhadoras transformarem-se em fetiches de artista «rebelde» por amor aos «malditos» só porque eu fico atraído pelas tonalidades mais exóticas, como a sua meia de seda ou a sua cor ruiva, amarela, preta, who the fuck cares, não interessa mais se é natural.

Vejo uma mulher de rugas e pele morena, mais cabelo comprido fumando o cigarro, transformar-se, enquanto olho para ela, na eterna cigana — mais um fetiche, mais uma memória, mais uma ida às vezes não compulsiva ao analista de massas, ao prestador de serviços, ao dealer da consciência.

Que saudades do sonho e do sono e do amor a dois com ganza e filmes bonitos para sempre ad aeternum eterium no éter que não conhece elementais.

9. Dependência psicológica

a)

Quando faço amor com ela, sou também um público pois no acto de amar existe o olhar do voyeur que observa o desejo de receber mas também dar o maior prazer. Assim, o meu prazer advém e é tanto maior quanto maior for o prazer sentido por ela.

b)

O primeiro deus adorado foi Pan, aquele que durante a noite e debaixo da adorada lua protectora arrebatou Artemis, ele disfarçado de carneiro, o princípio da ordem universal, o princípio do amor, o criador incorporado na matéria universal, gerando o mundo.

Depois, aconteceu a mudança no eixo da terra que se tornou fria, o caos surgiu e reinou com o deus morto até à voz de «great Pan is not dead» instaurar o culto do sol.

c)

Disseste-me uma vez «ich liebe dich», repetiste duas vezes «je t'aime» e eu, mais tarde, fui capaz de me não lembrar e perguntar «mas tu nunca me amaste?», ter ouvido «claro que sim, mas não to disse porque não tinha a certeza», ter interpretado «a paixão é sempre aquela em que a gente não sabe definir» e ter escrito a mentira final, a última frase do poema explicativo «mas tu nunca me amaste», era só teatro amoroso.

Hoje, o telefone é o telefone de uma casa de sapatos num centro comercial e o teu apartamento é o escritório de uma empresa.

Perdi-te. Não sei mais onde estás e quem és não sei mais e o que foste dilui-se cada vez mais na longitude do tempo, já és quase só memória e, se alguma vez me apareceres à frente, eu desviarei o olhar porque não te reconhecerei mais, só poderá ser uma montagem cénica na ficção da minha vida quotidiana.

Perdemo-nos. Dir-se-ia que a culpa é do tempo que faz, destes dias belos de sol.

d)

Time is sanctified, painting is sacred, photography is the process.

A construção do templo de Osiris / Amon pelo mago Toth / Hermes permite a sacralização do espaço Isis e a santificação do tempo Horus.

O processo de gravação de um momento, das diferentes imagens intermédias, permite a criação da imagem final, única, no espaço da tela — mulher sagrada que é a nossa filha.

É o 1 vindo do 9, fazendo 19, vindo da absoluta perfeição divina, o ovo criado no útero da mulher.

O tempo é santificado porque a eternidade é atingida no instante da última pincelada, morte criadora da obra, o filho divino da tela unida ao mago.

É o 1 somado ao 9, fazendo 10, tornando-se 1, o templo casa do deus, a mão do mago, o espaço do templo, proporção dourada, a tela, a obra, o eterno, a beleza, 6 ou G, a beleza da união e o único, a única vez em que foi imaginado o desejo de procriação futura.

Para que haja ordem e organização, para que haja o 7, deve haver uma ponte caindo em espiral da imanência de um deus sobre a filha divina criada.

e)

Não gosto de fechar os olhos, sonho de olhos abertos, sou desconfiado, gosto de ver se estás a gozar e, depois, para alguma coisa existirão as mandalas quânticas.

f)

Não vale beijar o pescoço...
Não vale passar as unhas sobre o corpo...
Não vale morder...
Para que falas tu?
Falar excita-me...
Não quero que deixes saliva ou sujes o lençol!
Prostituta que deu à luz o preço mínimo.

g)

O psiquiatra holandês Frederick van Eeden em 1913 acerca do sonho lúcido disse:

A re-integração das funções psíquicas é tão completa que o sleeper alcança um estado de perfeita awareness e é capaz de direccionar a sua atenção, e tentar diferentes actos de livre volição. Ainda o sono, como sou capaz de afirmar com confiança, é não-perturbado, profundo e refrescante.

10. O senhor que se segue

a)

Oh this moon shines so bright ou o felino que há em nós... lobos.

b)

Após ter descoberto que o meu amor por ela era um reflexo de um momento do olhar transformando-se num momento de corpos e que era isto o que me fazia amar, senti-me vazio e covarde pois fui incapaz de o terminar, ou seja, fui incapaz de terminar uma relação de posse.

Após ter descoberto que, na realidade, o sadomasoquismo latente na mulher é apenas o reflexo do seu amor pudico e puro pelo homem e que, devido às circunstâncias, elas se transformarão de frágeis em fortes, senti-me sozinho e destruído por sofrer a verdade.

Incapaz de amar de verdade, ou saudavelmente pelo menos, mulheres, e influenciado por ambientes exóticos, quis tirar a prova em relação ao homem.

Por circunstâncias anteriores e literatura, amando num jogo misto de sedução e masoquismo, testei o meu coração.

Ao rir-me espontaneamente como reacção de recusa a uma proposta perfeitamente absurda mas válida em teoria, descobri que era incapaz de amar tanto mulheres como homens, qualquer ser humano, tornando-me refém do meu olhar de lobo e do meu coração de gato.

c)

Semáforos. Se houver dois ou mais clientes a quererem escrever simultaneamente na memória partilhada terá que ser implementado um esquema de prioridades através de semáforos que terão de ser fornecidos pelo sistema operativo criando assim a ilusão de acesso imediato através de time sharing.

d)

Carl Gustav Jung disse que para nos livrarmos dos nossos complexos, deveremos desejá-los e bebê-los até ao tutano. Levá-los à exaustão, esgotar as possibilidades oferecidas na experiência sem rescindir de antemão e sem justa causa por iniciativa própria e se, depois, for ainda assim posto fora deverei pensar que haverá mulheres mais touras, desculpem-me as senhoras presentes neste jantar de natal, mas com cabeça pelas quais cheirar o seu perfume.

e)

Perguntas-me se sou um asceta?

Há dias, quando caminhava em direcção ao café pensei nisso... Não serei tecnicamente um asceta pois não impeço os outros de possuir mas, no entanto, deixei de procurar, talvez me tivesse fartado. No entanto, o amor não vem quase nunca ter contigo. Tenho saudades de acordar e logo abraçar e beijar.

f)

A minha mãe é a música e os livros são os meus pais e a tela é a minha filha.

g)

Sempre soube que precisava dos outros mas recusei-os porque não vi qualidades nos outros. Apaixonei-me pelo pormenor de um fetiche, um filme sobre mulheres do campo e homens serralheiros, engenhocas e artesãos, sou um intelectual de armazém.

h)

Coca?

Talvez... o problema são as hemorróidas no nariz. Este absurdo humor negro, esta necrose faz-me rir porque mais vale rir que chorar,

a minha verdadeira mulher é a erva da infância vermelha dos portos de passagem.

i)

Geralmente, quando alguém pergunta se se é adepto do fcp ou dos vermelhos ou dos lagartos, é porque essa pessoa é desse clube e está interessada em conhecer e eventualmente beber uns copos e ser amigo da pessoa a quem perguntou. Este conceito pode ser estendido a tudo, mesmo ao trabalho ou ao passatempo passional, à sexualidade ou à doença mental, que o cobarde psiquiatra fugindo do suicídio profissional diagnosticou para não se sentar à mesa do café com o paciente, que lhe entrega largas somas de dinheiro, e a ele diz por fim: por exemplo, as pessoas vivem bem com a sua doença se tomarem os medicamentos ou até os paneleiros tem vida sexual enquanto a mulher, que se sente frígida e desistiu de dar dinheiro aos borra-botas, procura drogas em comprimido para debelar ou inibir o factor psicológico existente dentro da sua mente.

11. O conflito mundial ou a mania da perseguição são uma consequência de ser necessário marcar o território

a)

Quando se tem a mania da perseguição, pensa-se que tudo deverá ser encarado duma forma humilde. No fundo, colocamo-nos sempre do lado dos culpados e, mesmo que a culpa não seja nossa, identificamo-nos com essa culpa. É assim que surge uma espécie de compromisso pessoal. Dá-se algo a alguém, não porque ela pediu mas sim porque se quer dar algo a alguém. Existe um motivo, tem de haver senão dava-se sempre, a toda a hora e a todo o momento.

(A poesia é tão bonita... a poesia devia ser pura.)

Dizemos «obrigado» porque falamos com alguém mesmo que esse acto não seja necessário, e este acto de falar é tão partilhado que temos necessidade de, por vezes, agradecer, e de viver em duplicidade.

Sentimo-nos bem quando agradecemos porque, geralmente do lado de lá, está um sorriso de quem satisfez o cliente, talvez suba de escalão.

(A poesia é tão bonita... a poesia devia ser pura.)

b)

Um «louco» é alguém que vive desadaptado ou à margem do mundo ou da realidade onde habita. Não usa cartão de crédito nem coloca o número de contribuinte na factura que pede ao comprar a garrafa de uísque na loja de bebidas. Por isso, e ainda por medo ou lucidez, cala-se, cria e desenvolve o seu mundo interior. Às vezes, chega a dispensar a comunicação e a opinião externa. O espírito habita dentro de nós.

Será uma criança autista, louca, um génio?

c)

Ao proceder deste modo, estamos a encarar o acto de viver como algo semelhante, aonde talvez se deva despir os artifícios formais para atingirmos uma certa essência das coisas ou de nós próprios, o que constituiria a nossa maior concretização.

Nua num florescer em glória cheia estás. Quero dar-te prazer.

Em certo ponto, surge a ideia de que a manifestação pública de uma certa integridade pessoal é deformada pela percepção pública adquirida pela reflexão de uma outra vida privada?

Despida em cima de uma vassoura motorizada estás. Pago para te dar prazer.

d)

Alguém me pode explicar o que significa a palavra «estética»?

e)

Aos seis anos de idade, cantava e dançava aos tombos, mascarado e agarrado a uma garrafa sem vinho, num grupo de folclore local, numa festa da escola.

O meu sonho era ter um acordeão. Os meus pais chegaram a pensar em mo comprar mas era caro já na altura, além disso eu não poderia suportar confortavelmente o seu peso.

Mais tarde, surgiu um desejo mais leve: a flauta.

Hoje desejo ter um piano de cauda.

f)

Pessoas dizem que eu pareço um de fora

Pessoas dizem que eu pareço holandês ou alemão

Pessoas dizem que eu pareço bonito quando desfaço a barba e corto o cabelo

Pessoas dizem que eu pareço um maníaco sexual

Pessoas dizem que eu pareço um gay

Pessoas dizem que eu pareço um estranho drogado quando deixo o meu cabelo e barba crescer

Pessoas dizem que eu me comporto como um rapaz

Pessoas dizem que eu me comporto como um urso de rua

Pessoas dizem que eu pareço um senhor

As pessoas dizem uma cambada de coisas.

Ninguém me tentou pôr fora

Eu tentei pôr-me fora
Eu falhei
Assim sendo eu estou, eu sou!

g)

George Bataille escreveu:

Quando rejeitamos o que é aberrante, o que é vago, não alcançamos e não compreendemos a verdadeira verdade da vida sexual.

h)

A semana passada foi só um sonho mau
Espanto-me porque...
Tu porco Junky «cesar» Christ num círculo de cores disfarçado!
Racionaliza os desejos e manifestações do ego.
Vá lá... levanta-me da tumba.

i)

Um cão mija na árvore e o homem é preso se não pagar o uso do serviço de casa de banho.

12. Porque desejo falar de mulheres?

a)

A teoria psicanalítica oferece explicações do porquê de um corpo feminino ser o mais encontrado no trabalho da melhor parte dos artistas.

Segundo Freud, a falta de um pénis no corpo da mulher causa o complexo da castração no homem.

Estes reagem a esta ansiedade criando um fetiche, o que pode ser uma mulher sobre-avaliada, ou criando uma imagem sádica através da narrativa de controlo e castigo, de modo a desvalorizar a mulher. Assim, o homem olhando a imagem de uma mulher em tela evoca a ansiedade de castração e o meio de negar essa ansiedade, negando qualquer significado próprio ao corpo feminino que se torna o «outro» do masculino. Por isso, o olhar feminino movimenta-se no espaço provocando fantasias ao olhar masculino que o protegem do complexo de castração.

Coitado do grande Freud... queria foder mas devia ser feio e moralista.

b)

— Olá, acabei de chegar. How are you?

— Fine, não estudei nada hoje. Os meus pais só agora se foram embora e ela ainda não chegou. Estou sozinha.

— Ouve, passo aí às nove, ok?

— Não, não posso. Ela chega dentro de momentos e estou à espera dela para estudar.

— I guess I'm just a fool...

— Não, não és, mas não consegues esquecer... pois não?

— É difícil pretender não estar com alguém de quem se gosta...

c)

Oh Saturna, quanta sabedoria por detrás dessa máscara de juíza...

Oh Venus, quanta insensibilidade...

Oh Sheela-na-gig, minha mãe...

Mas ainda existe Virgo, Libra, Capricorn, Taurus.

d)

Não existem verdades absolutas, nada é estático, tu olhas para a minha mão e ela parece estática, cor-de-rosa, mas se te cortares, se cortares a máscara da pele repararás que o sangue flui vermelho, castanho, escuro.

O teu modelo de realidade é correcto ou é apenas um limite ao teu conhecimento? Porque tens medo do fogo?, não serás um cãozinho que enquanto não sentir a carne a arder não ultrapassa a tentação de pôr a mão no fogo?

Deves acordar hoje e pensar em Artemis, depois de ontem ter sido a noite de Hecate, amanhã será então... Isis.

e)

Devo tornar visível o invisível e o visível invisível.

Devo reverter a polaridade do mundo, do meu mundo mental.

Devo tentar viver, pelo menos, cinco minutos sem pensamentos condicionados.

f)

A alma é o meio, o espírito é a entidade ou intelecto, a mente é o processo.

g)

Quando fumamos um charro entramos em transe, falamos com nós próprios, talvez com o chamado de deus, os sentidos ficam mais sensíveis, envolve-nos um sonho, sonolento, apoteótico, quase dormimos, a visão activa, o tacto corresponde, pegamos na tinta amarela sujada com fios laranja e espalhamos na tela suja com rabiscos de grafite em lápis. Logo a cor se mistura, se confunde, amarelo esverdeado, não limão ao entrar no rebordo do crânio azul, nota-se logo o verde, círculo secção

da esfera, amarelo verde de uns cabelos louros olhando, com olheiras manchadas de azul, um homem castanho com músculos e cabeça de piça e um braço, onde se notam as injecções consecutivas maldades maldadas, púrpura vermelho acastanhado, terminando numa mão que segura a próxima seringa.

Reparo que é engraçado acordar, fumar um charro e observar o trabalho do dia anterior e ver o que não se viu, o ultimo olhar, ver uma última vez antes de desfazer o que está feio para pintar, repintar o belo.

h)

A matemática é a mais abstracta e a maior das ciências. A pintura é psicologia, psicoterapia e poderá ser sociologia se versar temas fora da realidade interior do pintor.

A teoria de relatividade de Einstein, explicada pela matemática não-euclidiana de Riemann, diz-nos que a observação de um facto ou experiência depende do objecto, do observador e do meio, sendo, por isso, uma observação relativa. Absoluto é, no entanto, o modelo matemático construído para definir a relação entre observações realizadas por diferentes observadores.

Se combinarmos a teoria da relatividade com a psicologia da percepção, poderemos dizer que se eu tiver uma ideia «definida» e se comentar essa ideia com alguém que eu «conheça bem», poderei adivinhar ou intuir qual será a sua reacção ou opinião.

Se tudo pode ou poderá vir a ser descrito a partir de um qualquer modelo matemático existente ou a ser construído no futuro, para compreender a pintura ou a arte em geral, dever-se-á ter um completo e profundo conhecimento sobre, pelo menos, o modelo matemático ou mapa de realidade que rege o biocomputador do indivíduo que cria ou criou «naquele» determinado momento, ou seja, ter o conhecimento do nosso cérebro, incluindo principalmente o lóbulo direito que, na maior parte do tempo, está inactivo mas que gere, entre outras coisas, a emoção, a analogia, a imagem.

Ou seja, «conhecer bem» uma pessoa significa conhecer totalmente aquilo que nenhum neurocirurgião / cientista / matemático (todos ligados ao cérebro esquerdo lógico, linear, racional) conhece, a parte não-linear do nosso mundo terrestre.

Além disso, seria necessário que a ideia ou imagem proposta fosse absoluta, o que significaria o suicídio ou do indivíduo ou da obra

que criou; se uma ideia não fosse ambígua ou misteriosa, não seria uma ideia, não seria algo que prendesse a atenção do nosso pensamento.

O facto de muita boa gente escrever ou ter escrito sobre pintura e arte em geral, incluindo psicólogos, sociólogos, etc, leva-nos a pensar que a arte, tal como a matemática, é abstracta ou, pelo menos, apenas um mapa de uma das realidades possíveis.

Dizem que, no futuro, a ciência caminhará ao lado da arte. A ciência tem começado, igualmente, a explicar a religião. No futuro, isto significará o fim da arte a não ser que surja um novo génio. Quanto à religião, temos as nossas dúvidas sobre o seu fim pois haverão sempre novos messias.

i)

A semântica de Korzybski e o modo de vida zen podem fundir-se se pensarmos que uma palavra, uma ideia, um ego ou uma entidade encarada como um processo na língua e cultura chinesa são ou não passam de abstracções sem ou com muito pouco significado fora do contexto, fora de um mundo infinitamente superior.

j)

Foda-se! Esta banda alemã é o ultimo grito. Olof, o nove.

k)

Quer-me parecer que certas pessoas que vivem da preguiça, pedindo um quilómetro após lhe terem dado um centímetro de boa vontade e sem retorno exigido, apenas porque o médico lhes disse que eram esquizofrénicos, perderão a sua identidade, deixarão mesmo de existir se alguém puser em causa que eles não são nem nunca foram doentes. Afinal de contas, terão de deixar de ser preguiçosos e, a maior parte do tempo, são chulos dizendo: mas sabes... eu sou assim porque sou esquizofrénico, eu peço para me ires buscar um copo de água ou um pico de ganza porque sou doente e não me posso deslocar uns metros, sabes... eu não sou preguiçoso, o que eu sou é um maldito, eu fui amaldiçoado pela bruxa minha antepassada e dedico-me a descobrir todos esses mundos

que tanto terror causam aos políticos e às instituições morais, o que eu queria mesmo era ter tudo aos meus pés.

Não te preocupes, tenho planos sólidos: qualquer dia construo o pedestal que te dará a eternidade.

l)

Cuidado com a caca dos pássaros, lembra-te que o bronze não é eterno, de vez em quando é preciso sair do pedestal e ir à oficina desenferrujar; lembra-te também que não existe nenhuma estátua diagnosticada como criada para todo o serviço a teu lado com obrigação para te dar de comer.

13. Variações sobre um tempo de aborrecimento contínuo explicando o porquê do Eu

a)

Fumo ganza para passar o tempo. Tempos houve em que a fumava para experimentar cenas. O importante não era passar o tempo, era usá-lo. Ao se usar o tempo, ele passava. O mais curioso é que o marquês imaginou tudo.

b)

Ninguém vê o desenho
Todos recebem o rádio
Ciganos recebem fotogramas enquanto desenho.
Vêem tudo excepto o desenho.
A banda sonora é o ambiente
Algo entre ruído e música
Silêncio entre ruído e música.
A luz está apagada.
Com a luz acesa
Pessoas que usam cores entre o castanho e o laranja
Não vêem o desenho.
A banda sonora é outra vez o silêncio
Se se considerar o som da tevê como silêncio.
Pessoas que pensam ou fecham os olhos para sonhar
Recebem no cérebro o som e a imagem através de telepatia.
Ainda a música é o silêncio.

c)

Sou invisível. Não. Não sou. Gostaria de ser invisível.

Embora seja alguém comum, alguém que passa despercebido na grande metrópole, alguém invisível por disfarce, as pessoas que me vêem não me reconhecem (ah!, sublime ambição...), eu transmito o mundo para o mundo, ou seja, o mundo vê parte do mundo através de mim.

Que meios uso?

Os meus olhos. Os meus olhos são duas câmaras de vídeo continuamente ligadas à corrente telepática que posiciona as imagens na mente desse mundo.

Assim, as pessoas não conhecem o homem por detrás da câmara, mas conhecem as suas imagens, o seu mundo e a sua cor. As pessoas não vêem o homem da câmara porque estão ocupadas a ver na sua mente as imagens de si próprias, o retrato do meu mundo, o retrato delas.

Os meus ouvidos. Os meus ouvidos são dois microfones transmitindo o som ambiental da paisagem ou as retransmissões de rádio de nome «resquícios esquisitos com ganza». Como gostaria eu de não ter cabeça...

Mas se sou mesmo invisível e se o canal de transmissão é unidireccional, ou seja, entre mim e vós, vocês só têm acesso a uma ínfima parte daquilo que sou ou faço e apenas a partir do momento que me conhecem; então, o meu passado está preservado e vocês se têm acesso ao que a minha caneta escreve porque vêem com os meus olhos, não têm acesso, ao mesmo tempo, àquilo em que penso, uma confusão de camadas, e, então, eu posso estar a pensar em determinada ideia e codificá-la ou mesmo inverter o seu sentido ao passá-la para o papel.

O que me faltará descobrir? Até que ponto e quando será a descodificação da minha alucinação ou paranóia ou mania da perseguição finalmente finalizada? Nunca talvez, porque me dizem que a minha doença é orgânica e é para toda a vida. A descodificação nunca será finalizada, nunca serei livre, haverá, quem sabe e no limite, um meme ou possibilidade de liberdade mas, hoje, continuo a pensar que o meu futuro será a caridade alheia.

d)

Da primeira vez, o mundo está contra mim porque tenho um segredo tenebroso escondido na minha mente. Frequentemente, em comboios surreais ou aulas teóricas insólitas ouve-se falar de limpeza com a língua antes do acto, ou que já se sabe da verdade em determinada altura e só falta saber a realidade após essa altura, isto porque alguém foi descoberto, posto a nu e agora fala com ódio.

O mundo é tão odioso na sua repressão ou supressão de sentimentos ou memórias moralista-sexuais indesejadas!

Então, não acredito na realidade que está a acontecer, é demasiado incrível tudo o que acontece, sou um céptico à procura de microfo-

nes, lutando contra a realidade, impondo a minha presença perante este mundo, este público estranho e acusador. As vozes dizem talvez: Que nojo, está apaixonado por uma mulher nojenta e bruxa!

Da segunda vez, o mundo está já em paz comigo, o mundo é hilariante, cómico, isto porque eu já aceitei a realidade de mim próprio e da minha relação com os seres humanos e parece que eles, se não compreendem, pelo menos, aceitam a minha realidade. As vozes dizem agora: Oh que fixe, ele está apaixonado por uma mulher grande e bonita!

Então, acredito, sou um crente, crente na minha realidade e na minha relação com o mundo, sou um andarilho cómico espalhando a minha langonha na web, rindo-me de tudo, tudo é bonito, não compreendendo ou não querendo saber que esta realidade é uma ilusão.

Deixo ao vosso critério escolher qual das duas situações é a mais aceitável e a mais «real».

Pergunto como será a próxima vez? Que sensações e realidades existirão? O que dirá o público e o jornal? Ai minha noxa xenora minha xanta engraxia... o que dirão eles, as pessoas? Talvez me passem a adorar e me tirem uma fotografia anónima, turística ou talvez me chamem de doce vampiro ao tentar sugar a identidade e propor-me como alternativa macho para a mulher que no momento me atrai visualmente.

Não, nada disso se passa, apenas acontece: bater no fundo e ter de começar de novo morrendo da cura, o cinismo e a misantropia são o evitar de assuntos sociais e origina reflexões, reacções e revoluções.

Ascetismo, eliminar a vontade?, bela merda!

Será que devo eliminar o desejo, a ambição de me superar a mim próprio? Afinal de contas, quando morrermos esta vida, vamos ser julgados, como eles dizem, mesmo que nos flagelemos numa cela escura, à laia de santo agostinho, e tenhamos visões extáticas devido à supressão voluntária da comida ou que mais outras tretas e supostas técnicas os místicos e outros teóricos que, se fossem mais espertos fariam apenas *mutus libers* e não apregoariam ao mundo o quanto bons são e o quantos céus e anjinhos belinhos e deuses ou deus poderão lamber o cu se, de facto, forem bonzinhos ou contribuírem para a causa de corpo, alma e dinheiro, cegamente, sem discussão, como em Auschwitz ou Nuremberga ou Jenin ou Washington ou Moscovo ou todas as outras ditaduras disfarçadas de democracia ou sociedades ditas de secretas e detentoras, como dizem, de toda a verdade e um só ponto de vista, arrogando-se o direito de dizer que tudo foi provado pelo método científico postulado por Francis Bacon, o primeiro, quando, às vezes, nem sequer o fogão sabem acender.

e)

Estávamos falando de apanhar uma pneumonia?

O meu avô costumava dizer que uma boa bebedeira resolvia o problema.

Concordo... mas prefiro vitamina C.

Por isso, é importante ter sempre uma caneta à mão para o caso de ser contactado e ter a necessidade de apontar uma ideia, consequência da ideia anterior, a não-causal evolução em tempo integrado no espaço sensorial dos ouvidos direito e esquerdo.

f)

Corpo, mente, espírito, alma.

Um quaternário: eu, a vida, a filha e ela.

O espírito do faraó encarnando na filha quando a deusa vive e o corpo morre transformando-se em espírito ao abolir a luta entre o cálice e a espada.

O processo-entidade e a divindade.

O estímulo gera o impulso de imaginação, ser feminino, que cria a vontade, ser filho ou filha, criando-se o acto a partir do ser masculino, a razão.

g)

Moral da história:

O bom professor, o mau professor, o não professor, o professor velho e o professor cientista e o vagabundo que pode encontrar a redenção pela descoberta de que alguém o ama.

O manual diz para reviver depois da morte.

Para eu ser um POEE... foda-se, preciso de uma data de experiências psicóticas nos próximos dias.

14. Requiem (the empire is now!, apoteose melodramática de um sonho desejado)

O novo olhar das coisas: ReX et XeR.
Será isto uma doença ou uma dádiva?

«Oh! Tu que irradiavas solidões nocturnas, deus do Disco Solar! Olha! Eu também te acompanho entre os habitantes do Céu que te rodeiam! Eu, morto, [...], penetro à minha vontade ora na Região dos Mortos ora na Região dos Vivos sobre a terra, em todas as partes às quais o meu desejo me conduz.»

Aquilo que acontece é uma consequência daquilo que se sonha.

Tardiamente, os nossos ouvidos adormeceram abraçados com a voz doce de Edith Piaf.

Encharcadas de sexo, as nossas bocas acordaram com a vergonha que orgulhosamente colaram na testa.

Tu, o grande náufrago, foste o paneleiro que pelos nossos dedos de fufa, a rosa púrpura enrabou.

O amor é um doce veneno,
Et non, nous ne regrettons rien.
Mas, hoje, talvez fizéssemos as coisas de modo diferente.
Compreendes o paradoxo desta sexta-feira, 13-08-1999?
Faz hoje cem anos que Alfred Hitchcock nasceu.
Na Quarta-feira celebrou-se o eclipse total do sol.

A tentativa de percepcionar a realidade influencia a própria realidade.

Tudo o que posso dizer é que o resultado é muito informativo.
Primeiro... imagino detestar,
Depois... penso no porquê de, tentando chegar a uma conclusão...
Aplico a teoria.

Recordam-me que a tentativa de percepcionar a realidade influencia a própria realidade. Fico parvo e duvido.

Não lho disse mas disse-o a mim próprio: nós mudamos durante a experiência e, se tudo corre mal, eles não curam mas colocam-nos num programa de redução de danos. Entra-se numa prisão para toda a vida.

Desejo pôr a mente a não pensar naquilo que quero pensar, sublime contradição: a vontade opõe-se mas, no entanto, acredito em ter vontade.

O código descodificado através do código.

Todos queremos pensar e porque pensamos somos filósofos.

Não tens culpa de eu não saber gramática e eu não tenho culpa que não saibas nadar.

O meu grito ainda não é científico, ando, ainda, à procura de técnicas para imaginar o processo. Devo aniquilar a informação recolhida para poder analisá-la, por fim descodificar a linguagem, ou seja, o processo.

A entidade processada através da identidade. O processo parece tão autónomo que parece ter vida própria.

Saroti! Saroti! É preciso por vezes esquecer.

Repetição. Recalque. Código.

A célula influencia a consciência e o herético procura o saber. Crítico e criticado de si.

Pensar à frente e pensar atrás. Reciclar a realidade.

Cindir, fundir o código e criar semáforos operativos para o sistema não entrar em interbloqueio e ficarem todos esperando pelo dia de São Nunca à tarde.

Não tenho rolo fotográfico senão tentava influenciar o processo das rosas. Tento intuir o primeiro código, ah sublime ambição! A realidade...

Se calhar, não acredito pois tudo é relativo, então, devo ser agnóstico.

Porque ponho a hipótese do medo e de morrer no meio de tudo? Oh, sou tão místico?! Tento acreditar que devo acreditar na realidade.

Então... reflicto sobre a aparência elíptica.

Se calhar, sempre fui e deixei de ser ou talvez não, talvez... eu acredito, logo penso.

O processo é a tentativa de ascensão à realidade pela entidade que tenta aceder ao código, a essa mesma realidade e constato que nos perdemos sempre no caminho, entrando em luta com o minotauro, esperando ser salvo sempre por alguém que desejamos que chegue após duvidarmos se somos fortes o suficiente. Mas o que é a força?

É tempo de fazer afirmações, sublimar o ego em saltos quânticos. A força é um código associado à percepção, uma memória, hipóstases da memória e metástases adjacentes.

Acredito que devo absorver o conceito abstracto que se perde a todo o momento no processo da percepção mas devo ter imaginação volante, vontade decreta e concentração na pose, elemento-pista, recordação da mente invisível, devo evocar a força no escuro calmo e relativo com paciência em diálogo com o processo, o abstracto com o concreto.

É necessário lutar contra a realidade, contra o destino, contra o código, contra a natureza. O código da natureza é imposto pelo mais forte, devemos ir contra a imposição da lei do mais forte.

Devo juntar-me aos considerados maus da matilha, ao ego sublimado que pode estar recalcado dentro do meu instinto. O que será que o nariz do cão, obediente ao desejo do caçador em proteger a deusa, tem a ver com isto? Será que devo ser maldito e com que fim? A maldição é a ficção explorada a maior parte das vezes para fins comerciais, na verdade existem muito poucos malditos. Talvez o eterno moralismo.

Devo anular concentrando a análise e duvidar que o recalcamento faz parte do meu corpo, eu tenho uma data de arquétipos mas não sou um arquétipo. Devo concentrar-me e atirar no escuro longínquo sem medo de falhar o alvo, ou seja, falhar o alvo.

Escuro longínquo que tento encantar descrevendo a imagem que faço dele envolto em azul.

Tenho medo do perigo de ser um moralista. Preciso aprender a coragem que parece já não ser um instinto meu.

Porque deveremos fazer a revolução? Será que a distância entre mim e o objectivo — essência que procuro — influencia a ilusão de realidade?

Tenho medo do fenómeno de transferência, ou seja, tenho medo de amar mais o objecto que a realidade.

O maldito seria não me juntar a ninguém. Devo partilhar e cantar a minha partitura.

O que será que a entidade gémea pensa da culpa imprimida por entidades com poder após o momento preciso em que o lobo imaginou a súcuba? Será que tive ciúme da súcuba aparente, não só dentro de mim? E se sonho? Porque acordo assustado quando vejo a transmissão da imagem longínqua mas a cores? A memória é a cores ou é a preto e branco?

O processo a preto e branco é mais caro mas a maior parte das realidades que assustam são a cores.

Disse que me tornei invisível mas ainda desconheço o processo de validar esse teorema e, então, duvido. Eu hei-de sempre duvidar e estar no limbo.

Devo usar o inconsciente. Será que a realidade, que tento provar ser gémea, choca com o meio utilizado por mim para desejar a súcuba ou será que tento provar que também sou genuíno?

O gato que pensa que é lobo, ou que quer ser lobo, tenta provar que a súcuba é a sua irmã gémea.

Memória a apagar em definitivo: escolher, aceitar e depois ser mo-

ral e ser atingido pelo ciúme.

Não me bateram muito quando era pequeno ou adolescente. Mas as vezes que apanhei foi de caixão à cova. Foi como pôr a mão no fogo e queimar-me e com esta recordação dolorosa nunca mais querer pôr a mão no fogo. E só a pôr novamente por um qualquer motivo extraordinário.

A introdução de um conceito impede a transmissão.

A velocidade de processamento e o tempo de acesso à memória é um conceito de biologia quântica.

XeR, és porventura uma cigana de pele branca, nómada e pescadora?

Hiara perlu kavawn

Om Ah Hum

Benza Guru Padma

Siddui Hum

ReX, és porventura uma brasileira mulata com lábios grossos?

E tu, estás tão dentro desse quadro que só tu vês o que lá está.

Desculpa mas sou incapaz de viver...

Será a vida um pesadelo inútil?

Hmm, não lhes vou dar essa sorte!

Existem carros de supermercado abandonados em ruelas sem luz e a água flui no seu eterno ciclo prateado em direcção à foz.

A vontade é sempre imaginada.

Impotence to deal with the everyday study, part-time passion and work.

Eternamente. É cada vez mais verdade.

Fazes uma ideia muito grande de ti próprio...

Existem camiões do lixo percorrendo ruas onde as bicicletas são deixadas ao relento debaixo de céus ameaçadores e furados por torres góticas de igreja.

Elle a venu pour me donner le numero de son âge et je suis en étudiant.

Impotence to deal with the everyday family, friends and acquaintances.

Percorrendo as ruas, tirando conclusões.

O teu ego é do tamanho do mundo... e as pessoas precisam de espelhos para se poderem observar.

Existem pessoas que, em tardes de domingos solarengos, espreitam locais horríveis a visitar futuramente e existem pessoas que sempre

lavam as mãos em bidés de água suja.

Impotence to deal with the everyday girlfriend and other good drugs.

Existem púlpitos azuis onde se assiste a todo um ritual de sentidos desconhecidos, gestalts ainda não aprendidas, onde se procura o íntimo conhecimento.

Existem recordações que perduram sempre.

Será que isso corresponde à tua verdadeira natureza?

Impotence. Desire of impotence.

Olhando os mortos, os nossos corpos mortos.

Existem locais verdes paradisíacos. Aspirando a vida.

Existe. O império existe. Ele está. E só aproveitar.

I'm addicted to life.

Onde está o grande náufrago?

O que é feito da rocha púrpura?

Porque...

Antes era jovem e alegre no meio da noite, um dandy.

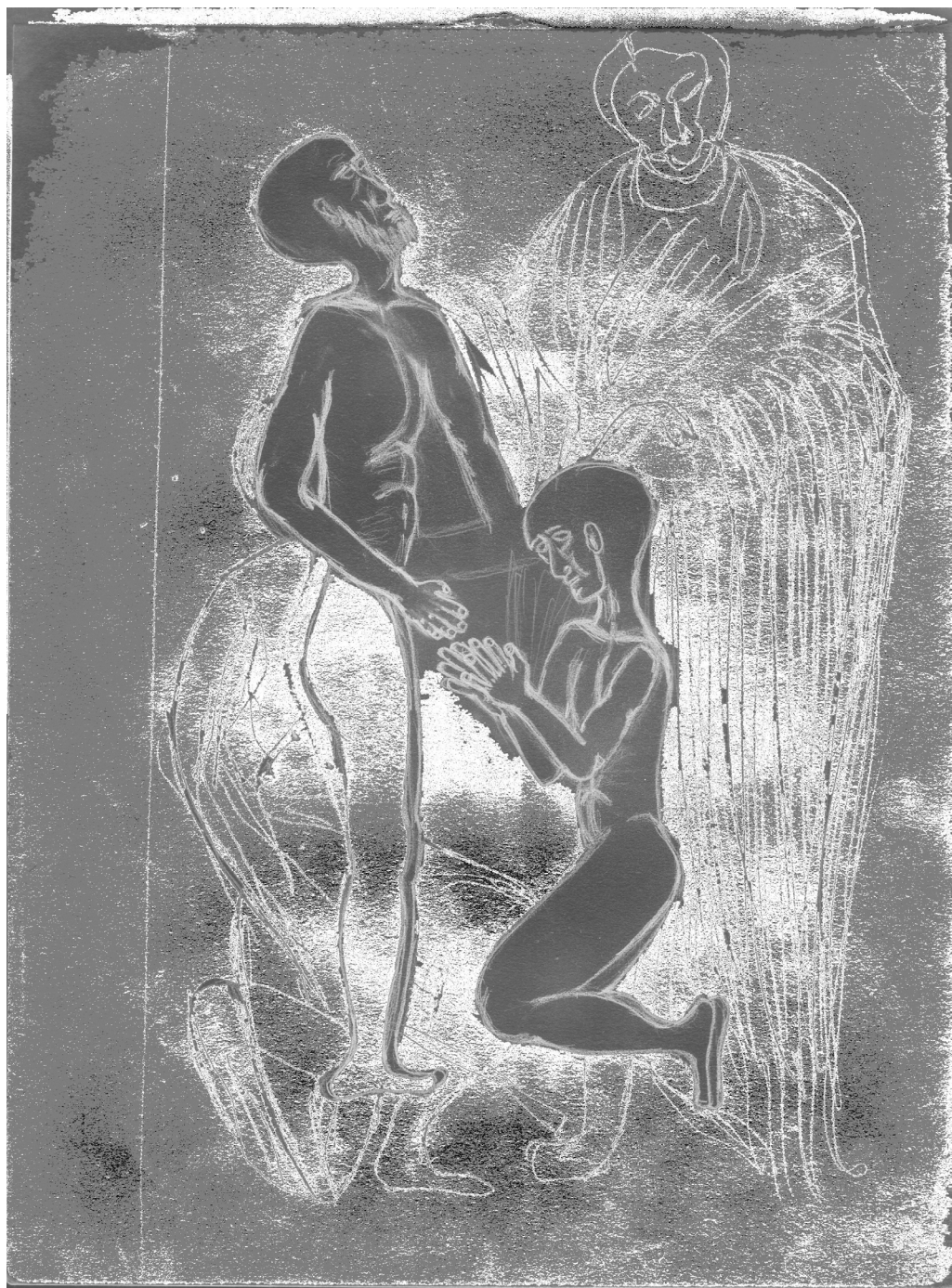
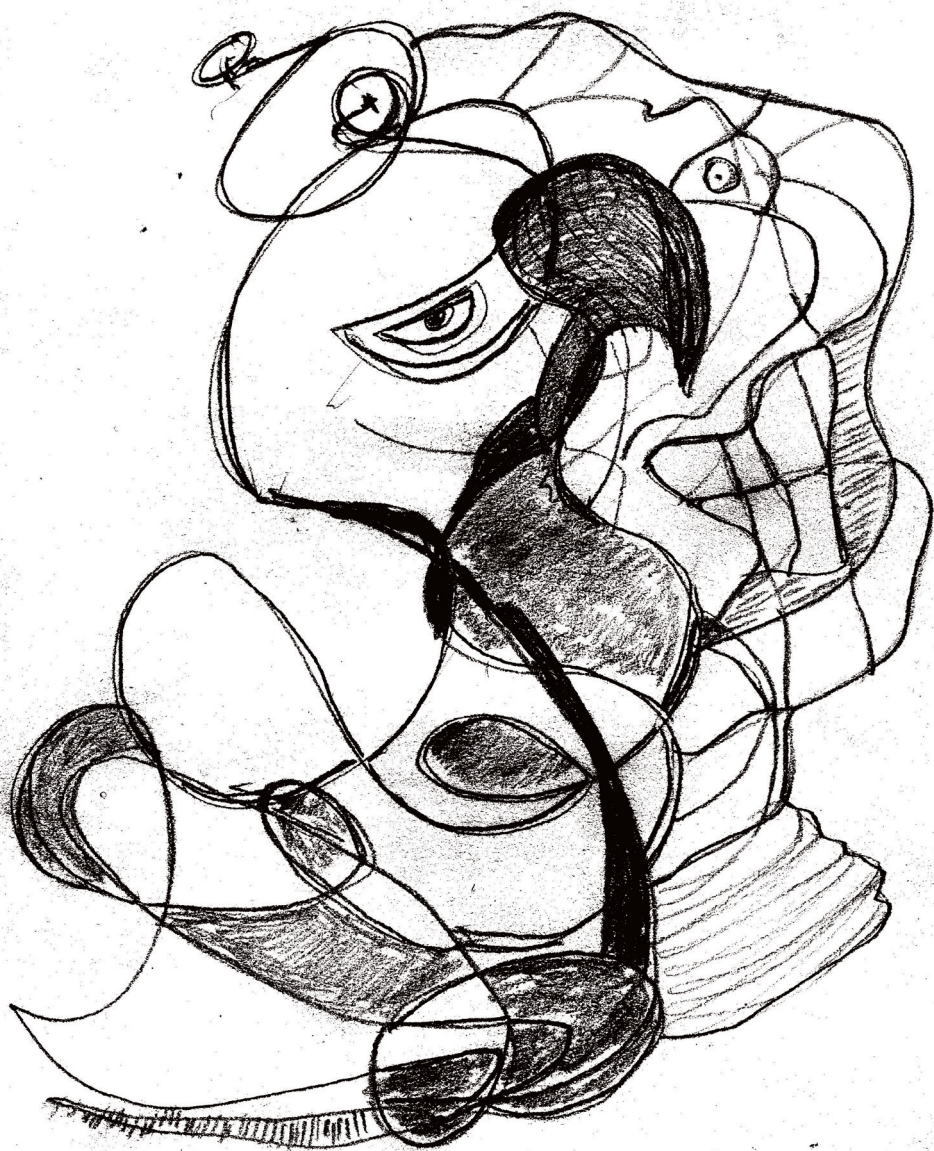
Depois tornou-se cinzento e cego num mundo que, devido talvez à sua percepção, era negro tal como negra era a roupa que vestia, um monge.

Por fim, tornou-se branco com um só olho, um ciclope branco, um clown de nariz vermelho.

Ele tentou agarrar-se à rocha púrpura e amá-la como se ela fosse uma deusa e a verdade é que, se ela é púrpura, não passa de uma rocha... púrpura, aliás ela dissera-lhe para a amar por ela mesmo, uma rocha, uma linda mulher, eu, sabes? eu... ama-me a mim, eu que sou real e estou aqui a teu lado, não ames a fotografia do cedê, eu não sou uma fotografia.

Por isso, quando eu morrer depositem os cedês a meu lado para que eu possa partir serenamente com a voz de todas elas.

Depois um dia contar-vos-ei a treta da criação de um mito ou a minha «merda de artista».

FIM

És a força que me tira da inércia
És a minha reacção normal à superfície
à superfície deste vulcão interior sempre
A expulsar magma e pedra-pomes
És esse rio de lava que aquece os meus
Ventrículos e as minhas aurículas
És esse tempo ao quadrado, és essa potência
de base cinco mil
És sobretudo o quadrado da minha hipotenusa
E eu sou o teu cateto, pequenino e frágil
Mais pequeno e frágil que o impulso
Da mais minúscula pena a cair no vazio,
Em queda livre
Em queda livre caio eu quando sinto
O teu movimento rectilíneo uniformemente acelerado
Em que... em que...
Não sei, força que me tira da inércia, não sei
Só sei que quando sou o teu ponto de aplicação
Acelero dois mil metros por segundo ao quadrado
E vou até à lua, ver crateras e navego no espaço
Cósmico e outro em Vega e penetro na mais longínqua
Galáxia...
E dentro do teu catetosinho explode um coraçãosinho
Repleto de lava, quentinho com a intensidade de
Quinhentos mil newtons.
És a minha força gravítica, nada mais...
Só me fazes cair.

(Estas palavras são de Via Láctea, uma das irmãs do Rui)

Pousada consagrada

Existem perguntas científicas? Tudo é ou deverá ser uma projecção do nosso pensamento, com a melhor clareza e amplitude de pontos de vista agregados em opiniões e críticas construtivas? E se o pensamento não é único nem claro? Porque…

Ouve isto: «um ego, expandindo-se ao lado de agentes de autoridade, também não se importaria de voltar a roubar uma maçã da loja da dona maria ou de roubar um dependente — não porque não tivesse dinheiro para plantar a árvore mas porque o pecado… ai!, a sensação de pecado… é o que faz desejar a mulher do parceiro ou a vizinha da nossa mãe na missa toda a santa quinta-feira às vinte horas, vestida de feltro amarelado de trinta anos e acompanhada da pequena irmã», percebeste?

— Ah sim, eu percebi. Tenho um nó aqui nas minhas costas.

Então, ele põe-se a pensar, fuma um cigarro, talvez se incomode com a opinião antagónica e reprove de algum modo, interno ou externo, a atitude tão digna de uma reles desconhecedora capaz de bradar aos céus em tom calmo, relaxado, articulando bem as frases e as palavras, uma aprendiz, penso que não diz nada nestes breves instantes, uns três segundos talvez, talvez divirja muito de opinião e não concordo contigo, nem sequer quero perceber o que queres dizer e como tal… está quase tudo encerrado entre nós e tenho de sair daqui, já me esquecia disto…

Pois é, já nem me lembrava…

— Diz-me o que é o Buda?

(Breves momentos pensativos…)

Pensa-se no porquê de se pensar no que é o Buda e talvez saudade e fado, muito fado, pensa-se no porquê de se pensar em perguntar o que é o Buda, sabes o que significa isso não sabes? Pensa-se no que se há-de responder, pensa-se na reacção de quem se pergunta o que é o Buda, o que pensará ela e o que pensará o Buda, porque será que ela pensa? E o Buda existe e Cristo escrevia em aramaico, língua morta, no meio de tantos jesus como ele, tão inocentes idealistas, utópicos, crucificados por serem contra a ordem estabelecida, e jesus será que pensava?, será que era um revolucionário, pensava na revolução das mentalidades?, um revolucionário pintado como vendedor de curas e sobretudo, meu filho, muita esperança, o eterno destino ao qual se tenta fugir quando a culpa… o destino, um futuro mau, tens um futuro mau rapaz, sabes isso não sabes?, significa que não vale a pena andar aí a brincar a ser mesmo um santo, o teu futuro não depende só de ti, depende do meio ambiente

e de muitas outras coisas que não vês, como células a multiplicarem-se dividindo-se ou aquilo do mito do divino e do juízo final, apocalypse, the aftermath, o pós-noite… um dia meu querido e rico filho… tu vais ser julgado e analisado, podes ser santo ou fingires ser santo, mas hás-de sempre ser julgado e condenado, será proferida uma sentença e tu já sabes um pouco sobre isso, não sabes?, tens horas dias anos de experiência, por isso roubaste a maçã, não foi?, em vez de construir a árvore como o agente devia ter feito, o respeitável agente da autoridade, que repreende os que vivem à margem, tira a laranja à vizinha ou os três à namorada, não porque não possa semear a árvore, a ideia quer sempre fazer mas a preguiça e os estímulos, o pecado… mas o pecado meu querido rico deus… o pecado, o pecado faz-me saltar aqui toda dentro de mim, aos pinotes, sinto que se todos os dias cometer um pecado me tornarei melhor, mais desenvolvida, mais coerente na minha opinião, no meu julgamento de mim e dos outros, um objecto, uma obra ao longo de toda uma vida, todos os dias, para que sejamos mais perfeitos santos, bajulando a santidade e a certeza de influenciar o destino pré-destinado, os genes, a borbulha que infecta ou a unha com um abcesso lateral ou o corte com a torradeira ou a pequena labareda num pano ao lado do fogão… no final, ainda me vêm cá com tretas sobre aquilo que faz mal, aquilo que devia ter feito e não fiz, aquilo que não devia ter feito e também não fiz, foi uma inocente invenção, uma tentativa obviamente forjada pela falta de rigor científico de um ser pecaminoso, o pecado meu querido e rico filho deus, o pecado… como gostei de pecar com o teu pai ou julgas que te fiz sozinha ou que andei a cozinhar homúnculos com esperma de boi, ele era um bom boi dentro do alambique, quantas vezes tantas vezes o pecado, quantas vezes disfarçado para fazer jeropiga, não. Eu não te fiz sozinha nem tu apareceste do nada, a concepção que as pessoas têm acerca daquilo que concebes e de como tu foste concebido além do mundo visível mesmo na mais pequena fibra, quem te concebeu?, o que é um agregado?, diz-me o que é o Buda?, porque te fundes tu e te cindes antes, ao mesmo tempo e depois?, porque andas ao estalo às portas ou ao espelho?, não devias expandir o teu ego olhando o espelho que tens à frente. Devias isso sim construir o espelho, afinal de contas crias uma multitude de personagens, seres orgânicos orgásticos e outras criaturas, clusters minerais e células cibernéticas, afinal de contas uma imagem é um agregado de subimagens com pormenores e pontos de vista até ao caos com patente e ordenado, a imagem é uma organização ao longo do tempo subjectivo de cada um de nós objectivando-se na multitude que anseia, imagina, deseja, predispõe, faz, reflecte, retoca, reflec-

te, o formato é sempre um problema quando se tenta gerar, ou antes de gerar, de conceber como um arquitecto, um tipo em estéreo, um tipo em arco, às vezes o problema é o lápis que, por não se saber da aguça, se afia com o x-acto e o facto de já não ter grafite, essa ganza, ter perdido essa caneta preta e não ter mais canetas, símbolo fálico revelador de castração, só espero que a caneta esteja lá em baixo no casaco do rés-do-chão, vou é ter de me deslocar para confirmar a minha ansiedade ou o desejo que às vezes não me deixa dormir meu querido e rico filho deus, olho para ti e pareces não ter sexo, és homem na aparência visual mas o que pensarás tu?, quais são os teus instintos?, isso não consigo imaginar, eu que te concebi e posso ser tua mãe, essa mãe que projectas ao pensar naquela imagem de teu avô que me gerou e que dele não conheceste a não ser aquela fotografia na sala velha… ou não? Não, claro que não, essa moldura corroída pelo tempo e as térmitas, essa foto é de um vizinho de teus avós, dizem que eram muito ricos, tinham uma casa junto ao rio, tu sempre gostaste de água, ainda adoras a água e adoras cantar a história das cegonhas ao vento que incuba o gérmen dentro de um casulo de seda ou de um ovo das chaminés em estações de comboio, os buracos das janelas bem salientes com a cor do tijolo burro ainda por cima?!, a fazer-me ansiar por não dormir e desejar um incêndio à frente dos meus olhos, dos nossos olhos meus filhos e isso se não for um instinto teu, tentei transmutá-lo. Tens assim o meu ponto de vista, cabe-te a ti reciclar o meu ponto de vista em conjunção com tantos outros, tens grafite?, ao longo dos momentos que te dou de vida… o Swift que utilizou a alegoria de comer crianças como canção de protesto para a gente pobre não morrer de fome de batatas ou bêbedos no bar mais distante, pois até tu, tu meu filho e eu também meu meu filho, eu também me sinto como esse tal de Buda, afinal de contas, criei um filho curioso, um filho de quem fazem uma imagem estranha, existem já alguns sintomas diagnosticados, a saber: a teoria da conspiração, o mito, qual o nosso destino?, afinal estamos todos condenados a ter um destino, tu meu filho não pudeste impedir que eu olhasse para ti, aquele objecto que criei dentro de mim, sinto, eu construo e tu sentes durante toda a tua aprendizagem as divisões internas no teu organismo, o consumo cada vez mais alarmante de substâncias energéticas e psicoactivas geradoras de impulsos, estímulos, sim meu filho, dentro de ti existe algo de mim, o meu orgulho maior de mãe é ter-te transmitido algo de mim, o desejo de conceber, eu não te fiz sozinha, tu não nasceste sozinho nem trocado por uma salamandra ou anjo, depende da interpretação que os terráqueos dão ao carácter de anjo e às características da sombra, tu minha filha não nasceste sozinha

nem abandonada, tiveste pai e mãe e de mim só esta voz, esta voz que te fala sempre durante as horas em que o ponteiro é antagónico do ângulo crescente, durante os teus sonhos e imagens que ainda não sabes trazer à superfície, sonhos que às vezes te assustam ou por ser a cor ou por ser a anunciação da descoberta pública da tua mente em geração divide to conquer, tipo multiplicação, renegue-se o sexo, afaste-se o amor, a razão para o cérebro esquerdo, a emoção para o direito e, no fundo, minha filha, no fundo não passas de um aborto, sabes que nós nos separamos por divergências a alguns níveis, as perguntas científicas não existem e o perfeito não existe e então só concebemos projecções de nós próprios e dos homens e senhoras que mais, o pai, a mãe, o gato lá de casa, a cadela da amiga ou o crocodilo, salvo seja a heresia de transmitir a mentira, a verdade é que parece surreal haver crocodilos mas deves também permitir um devaneio, sinto-me tão só desde que não o tenho aqui, já me fartei de olhar para espelhos, de expandir o ego em múltiplas teorias e personagens, às vezes quantas máscaras aprendendo sempre a todo o momento com o falhanço, com o descobrimento de mais uma frente marítima, oh como gostas tu tanto de água!, tens um especial sabor para líquidos, já me fartei de ansiar por espelhos, imaginar espelhos, desejar espelhos e finalmente voilà mon bel fis, eu construí um espelho — Tu. Tu que agora estás tão longe e hoje só tenho around my self outros abortos e mais espelhos defeituosos, o teu defeito obriga-te a ser curioso, obriga-te a querer entrar em portas que não se conhece, portas do proibido, portas do pecado… como gostas tu de serpentes!, eu sou uma serpente, eu sou a sanguessuga que te chupou quando tomavas banho no rio, eu sou tudo aquilo que vês todas as vinte e cinco horas da tua vida, todos os abortos imperfeitos, toda a separação, toda essa maldita falta de harmonia entre pólos opostos que se atraem e forçados estão por leis mais invisíveis que demiurgos mensageiros legisladores e tabuinhas minerais que se possam descobrir ou inventar… e como continuamente nos atraímos e não nos podemos ter ah… é tudo demasiado louco e politicamente incúrrecto, tudo tão louco para nos cheirarmos sequer e vai daí atiramo-nos com a fúria quantas vezes maníaca da criação, às vezes aborrecemo-nos de tédio ao espelho e partimos o dente ao comer um bocado de galinha estufada, já viste uma espinha dentro de um ovo?, e não, não me perguntes se tens casca meu ovo ou se estás bem cozinhado, porque tu sabes que eu fui a casca que retirei para te cozinhar ao destino — e vai daí 'bora com o dilúvio ou um novo faraó ou uma nova perfuração da caixa metroniana, tudo em nome da sociologia, extensões da psicologia forense como sabes, teorias e pontos de vista existem muitos,

muitos fazedores de opinião mas demiurgos, oh!, demiurgos é que não faltam, sempre mais uma lei, uma adenda ou um pormenor no entrelaçar desse teu modelo de lama, dessa esporra de cavalo, mesmo o meu marisco com sabor a corrimento, às vezes até o formato interfere, não é só o lápis e a caneta que não estavam dentro do casaco, é também ter de mudar de página, é toda a mensagem… não existe tempo para te dizer tudo o que penso, pensamento é informação. O meio utilizado para transmitir a informação é insuficiente, o som é obviamente melhor, a voz está mais próxima da realidade do pensamento mas aquilo, meu filho, que eu desgosto mais… aquilo pelo qual nos separamos e deixamos de ser uma família… tu és um aborto porque és o espelho defeituoso de nós, tu não és nós, era o que mais desejávamos, desejávamos envelhecer podendo projectar e transferir o amor que sentimos um pelo outro para algo que fosse orgânico se vivesse no nosso mundo ao nosso lado e tu… cedo foste para longe, sempre quiseste fugir do local de nascença, ou voltar ao local de nascença porque nós de lá nos deslocamos, fugir de nós, alguém que nós amámos e nos amasse hoje ainda… me amasse se amasse, amasse mais alguém se possível todo o seu mundo, aquele que vivesse, um mundo onde não fosse necessário falar, comunicar, vender, trocar, pagar ideias e conceitos, onde tudo se construísse e não se consumisse apenas… meu rico e querido filho deus ou deusa que não sei mais, hoje é difícil imaginar como serás e que forma apresentará o teu ser… sim eu sei… a última fotografia foi queimada acidentalmente com velas vermelhas. Nós, a parte feminina e masculina de ti, vivemos dentro de ti, estás no meu coração, o que mais sonhamos era podermos suicidar-nos sem deixar rasto mas o pecado… nós tínhamos de criar algo que pudéssemos pôr na prateleira para podermos adorar e sonhar, algo, talvez uma presença quântico-biológica que nos desse uma sensação de conforto ou um gerador de estímulos, mais uma divisão, um ser vivo que de vez em quando retiramos da prateleira quando nos sentimos sós mas não desesperados a ponto de telefonar simplesmente para conversar, apenas alguém que saísse espontaneamente da prateleira e nos ensinasse e nos… eles, elas… nos transmitisse informação, uma presença como se esse ser orgânico fosse vivo, estivesse vivo aqui ao meu lado e não reduzido a produtos reciclados mas tão ínfimos que nem se vêem, o invisível e os mundos paralelos às vezes são tão grandes que cabem numa agulha, alguém que me proporcionasse conforto, amor, sobretudo carinho e ainda me pudesse dispensar aquele que já vai faltando na vida, o tempo, isso que nunca consegui abolir, tu és um chip derretido ao lado do despertador digital e da fotografia adolescente em frente de um intenso

foco de luz, a tua aparência é imperceptível na sua totalidade, tu és o feto de um fento que cresce e se multiplica nas matas, o local onde nasceste e para onde quiseste fugir depois de procurares a mata noutras paragens e eu legislei que se escrevessem e publicassem parábolas sobre a teoria do retorno, inventei a roda, que nunca pára, porque tem de se produzir tecido e grão para com a água se cozer o pão, ou será coser a manta?, tu és um aborto porque quando nasceste o tempo deveria ter deixado de existir, o tempo deveria ter sido abolido, um falhanço, o perfeito não existe, existem muitos demiurgos, muitos deuses, muitos legisladores mas muito pouco génios.

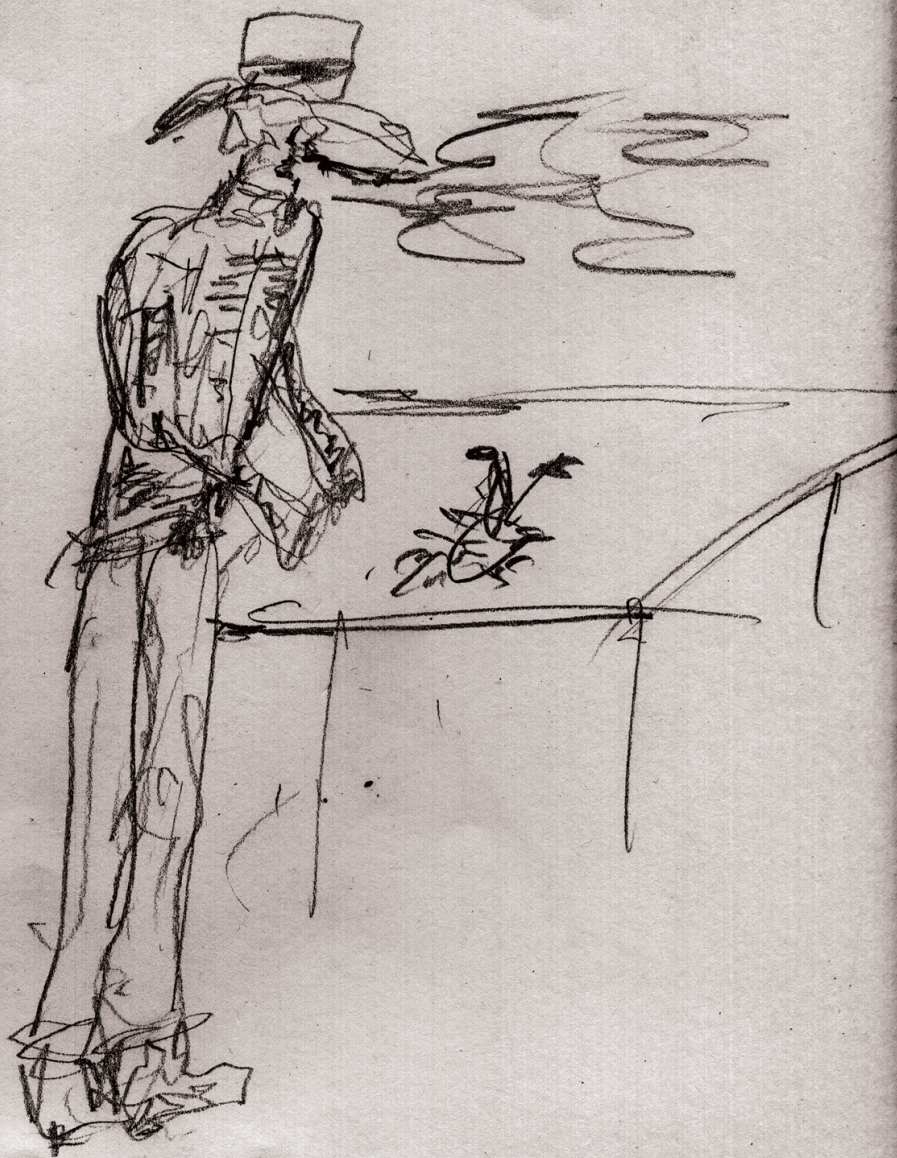
O que é o Buda? E o Buda respondeu: o Buda é aquele pára-choques amachucado ou o farol laranja daquele clio ali à frente estacionado.

Costuma-se dizer isto. É frequentemente passado como anedota por viciados em preguiça, estereótipos inventados por preguiçosos com dificuldade em assumir a sua preguiça. O engraçado é que quando o aluno se põe a pensar se o Buda existe mesmo, se ele tenta acreditar num Buda que não sabe se existiu e que forma toma actualmente, dá por si a fazer perguntas e a tentar ser científico, curioso pelos pontos de vista dos outros seres deuses humanos e designados mestres. O mestre é raro responder, fica-se com a sensação de um monólogo em frente a uma estátua, modelos em carne e osso e se, ainda por cima, vier servido despido em cima da bandeja de almíscar amariscado… tanto melhor!! espero que no futuro possamos continuar a dialogar em vez de monologar.

Vejo que não aprendeste nada!

Talvez sim ou talvez não. Afinal muito já eu o sabia e fazia antes de o revelar e se tivesse à mão um livro de Swift até era capaz de ler uma ou duas linhas, talvez páginas desculpa e gostar, e por isso não te vou aceitar as desculpas pois eu não sou arrogante por tu seres arrogante e no entanto escrevo o que aprendi a esta hora: um homem veste-se de mulher ou porque sente atracção por outros homens ou porque quer sentir o prazer de tocar uma mulher — a kind of trick, you understand… ser amado e adorado ao espelho que não construiu por se encontrar em manifestações inúteis contra o estado de inutilidade onde nos ensinam muito poucos pontos de vista e porque o espelho não existe tal como não existem dois computadores com o mesmo nome na mesma rede, um será falso ou dois clones talvez?, o espelho evolui ao longo do tempo e na morte hás-de provavelmente lembrar-te and assume the truth — life is not just roses with eggshell served by your presumed slaves and you just are not a queen — you will remember this like um amuleto até alguém te gravar as mãos e o rosto no leito aconchegante do caixão, algo que não

fizeste, algo que fizeste mal apesar das boas intenções mas… o tempo, o aborto, o pecado… o tempo é incontrolável e por isso chove e nunca chove de igual modo, o tempo não devia ser medido em segundos.

Grant's
I LUV
YA
ZMB

Hobo em memória cache

Saio do Porto directo a Amesterdão no dia 18. Partimos às nove horas da praça da galiza. Paramos em lourosa, são joão da madeira, viseu, mangualde, celorico da beira, vilar formoso. Demoramos cinco horas a chegar à fronteira. Terreno acidentado a subir desde o porto a vilar formoso. Já em território espanhol tudo é diferente. Sempre em frente. Vamos descendo suavemente o planalto sempre em linha recta. Passamos ciudad rodrigo, salamanca, valladolid e, três horas depois, paramos num centro de camionagem com restaurante a cinquenta quilómetros de burgos. Café solo a um euro e vinte cêntimos e mudança de camioneta. E então começa o temporal.

Quando voltamos ao asfalto, recordo como se fosse hoje que desta cidade sobrevive meio desfeito um cinzeiro verde surripiado de um bar com papagaios, no retorno de uma excursão ao país do badminton, onde ouço discos pedidos numa jukebox, onde se come picanha às três da manhã, onde a mulher que me fascina no momento olha para mim, enquanto dedos femininos lhe acariciam o cabelo negro e procuram com indiferença o elemento que parece faltar para um ménage. Vejo que contribuo para que a foda deles não se concretize, ele não consegue porque ela «se apaixona» por mim e eu inocente ou burrinho não quero trair a maria cá do meu bairro.

Ah!, que emigrante prefere esgalhar o pessegueiro em vez da real narsa apanhar… como vingança ele puxa-me pelos cabelos na camioneta e eu, embriagado com a vitória desportiva e guardando o vinho rasca, predigo que no futuro te espetarei com uma prisca nos olhos tendo a promessa de levar no couro e cambalear mas não cair e vencer o combate por exaustão do adversário. Às vezes. ganho apenas porque o oponente desiste de bater e de ganhar sustento e alegria com isso.

Quanto a ela, se já não me recordo do seu nome, recordo que lhe tirei uma foto porque ela, de cabelos encaracolados negros e de óculos redondos, parecia o slash dos guns n roses, parecia uma rock star e por isso levanto-me para celebrar, vou até à jukebox e procuro «estranged« para me lembrar da ilusão quando às vezes falo para os meus botões e ninguém responde, é fácil enganar-me e pensar que apareci no mundo sozinho. Ninguém me ensinou o beabá ou não gostei dos modos de quem mo tentou ensinar, decidirei terminar a minha conta bancária, a primeira desde pequenino.

Preciso de deduzir todas as outras razões para continuar a ter de

dar o salto de modo a descobrir o meu caminho. Sei que és a minha sombra, sei que nunca encontrarei ninguém que te substitua. Também não o quero, reservo o que resta do meu coração para uma nova amora, alguém diferente. Dar o salto e repeti-lo até que encontre o meu verdadeiro lar. Talvez seja este o modo de quebrar o medo para que não haja um ponto de retorno. No meio do silvado, na borda da linha não se vê uma sapatilha a dizer o meu nome de estrela, apenas o silêncio dos grilos e a aparência de uma fé perdida, a minha estrela no céu enlameado. Mas fumando a lenda podia eu com muita fantasia dizer como axl noutra canção: I used to love her but I had to kill her. Uma morte dentro do meu coração. Se e quando as autoridades acharem necessário, os ficheiros em papel aparecerão.

São dezanove horas e estamos a duzentos quilómetros de madrid e a uns cem de território basco. À meia-noite, por aí não me recordo bem, chegamos a bilbau. É pena ser noite. Só se vêem luzes a recortar a baía, a nuvem está algures, a auto-estrada mais elevada que certos andares de cinco pisos, vamos descendo em curvas com saídas para a direita e sinais de trânsito ao centro até à estação de camionetas. Novos passageiros agora e ainda bem porque me canso de ouvir falar mal do país. Mas voltam sempre, agosto é deles. Gostaria de ver bilbau de dia. Talvez no regresso. Tempestade até território francês.

Às duas e meia da manhã, paramos numa auto-route e aproveito a oportunidade para comprar por três euros e noventa uma sandes de atum, ovo e delícias. Não consigo dormir ou durmo por alguns minutos nos solavancos da cadeira. Tento diversas posições. Às cinco, paramos pela segunda vez em território francês, é o início da alvorada. Vejo um mapa da michelin por dez euros, sempre gostei de cartografia, sei também que o mapa não define o território e penso que seria uma boa compra para oferecer mais tarde. Mas como recordo que há prendas que não chegam com recepção comprovada ao destino e às vezes são devolvidas, para já não quero gastar dinheiro desnecessariamente. Do mal o menor, compro lâminas de barbear para toda a estação.

Se portugal é acidentado, espanha uma linha recta até às montanhas que iniciam o território basco com túneis atrás de túneis e depois nova linha recta até à fronteira, a frança de manhãzinha até às nove, nove e meia é a alvorada graciosa. Paramos e eu peço um express double que me custa dois euros e quarenta, vejo os jornais e mais uma vez me contenho de riso com um periódico com caricaturas onde se podem ver os primeiros-ministros europeus, os ditos de rebeldes do hezbollah e hamas e onde não se pode ler muito sobre as atrocidades de israel. Tusso

ao fumar o primeiro cigarro amber leaf às nove, nove e meia da manhã, os motoristas dizem qualquer coisa em espanhol mas o meu espanhol não é bom e no comprendo. Atravessamos paris em direcção a norte e aqui chega a desgraça, uma avaria deixa-nos parados ao sol na berma até às duas e meia da tarde em saint quentin a cem quilómetros de lille. Paramos por meia hora para almoçar e arrancamos às três e meia da tarde na direcção de lille, bruxelas e tendo a holanda como destino final de trabalho numa qualquer estufa de flores ou tomates.

Entramos em gent e seguimos em direcção ao ring de antuérpia. Outra cidade a visitar. Às cinco e meia entramos em antuérpia. Avançamos e entramos finalmente em território holandês. Paramos para descarregar um passageiro em breda quase às sete da tarde. Como a paisagem se alterou. Breda tem canais de água, tem pistas de bicicleta, tem árvores, tem casas de tijolo burro. É bonito. Roterdão é fantástica. Falta-me a máquina fotográfica. Sete e quarenta e cinco. Praias com belas mulheres no meio da cidade, o jardim como praia e o tgv correndo em paralelo, o fim de tarde a ouvir os sucessos da pop numa rádio holandesa.

Chegamos a amesterdão às oito e meia, menos cinco mais cinco e o meu contacto não aparece. Ele falara-me numa carrinha mitsubishi mas como chegamos com atraso… eu até vejo um furgão branco mas do homem só lhe conheço o telemóvel. Estou pendurado com um saco que pesa dez quilos e um calor abafado, mais abafado que em portugal. Tento o número e sinaliza inválido por falta de roaming, a cabine pública só funciona a cartão pré-comprado. Nove horas em amstel, estação de camionetas, autocarros, comboios e quem sabe o que mais em ligações ao aeroporto, eu acho que passamos num túnel bem por debaixo da pista de descolagem. Uso o meu melhor inglês aflito, peço a um jovem e ele tira-me um bilhete para central station onde chego às nove e um quarto.

Está um calor abafado. Sinto o calor quando paro na passadeira. Um senhor com uma mala com rodas olha-me com o que poderá ser apenas um olhar de curiosidade, mas transformo-me a seus olhos num suspeito através do modo peculiar com que encaro as interpretações das personagens e sinto que ele me veste com linho de renegados gone to croatan, renegado por renegado sinto-me orgulhoso por pregar partidas à tia sáli, é assim que eu sou, devo ter sido picado pela tarântula eheh.

Entro num hotel info centre e tento arranjar um quarto para ficar a noite. Como a empregada está muito ocupada, pergunto a que horas fecha e o outro empregado diz às dez, pelo que saio e me dirijo à primeira coffee shop que encontro. Peço um café e pergunto se têm erva. Dirijo-me ao balcão da erva, vejo o menu, a preguiça lê muitas palavras

que a ansiedade não elucida e pergunto apenas se não tem super skunk. Compro duas gramas por doze euros e venho para o balcão beber o café. Ao pagar flirto com a empregada toura, quero dizer loura, quero dizer morena boazona e pergunto-lhe onde posso arranjar quarto, digo-lhe com uma nota na mão e ela fala-me de um barco-hotel e até me dá indicações.

Fumo o primeiro charro em território livre holandês. Como todo o junkie é ciclista, corro em passo de vitória supersónica para o barco passando por mercados, esculpindo letterings de corporações no átrio de entrada, fotografando oficialmente associados e futuras presidentes do fmi, venerando taxas de juros e greves de taxistas em cidades mausoléu de lenin ou outro deus harmonioso que o valha, olhando sem comentar as horas em que o gato voltará a sair pela janela para descer os degraus e registar o próximo fix como um ivan de sombras gigantescas mugindo o seu império mas sobressaindo a sua sombra no fundo em graus de cinzento. O barco é grandioso mas dispendioso e não tenho capital. No entanto vejo um casal de mãos dadas. Param de caminhar, olham um para o outro e beijam-se.

Um homem do mar produzindo ilusão com a sua aparência de endinheirado e… reparo que este charro… a princípio, noto uma certa restrição de certas partes do meu cérebro em aceitar a moca, ondas de arrepio na superfície frontal, uma breve e aguda dor nos ossos temporais e é como se desdissesse os policiais científicos da mente e os neurónios ao se dissolverem não se reduzissem a cinzas mas abrissem sinapses e novas ligações para um futuro hospedeiro, há muito tempo andava o meu cérebro escondido sem poder imaginar. O calor abafado, o sabor a café, o sistema respiratório sendo progressivamente desentupido com recurso a lenços de pano, sinto-me vivo e funcional, iié!

Com grande moca imaginativa vou de gás ao hotel info centre às dez menos cinco. A empregada atende-me, verifica no sistema e arranja-me um quarto por cinquenta e cinco euros a noite. Tenho que fazer o checkout às onze da manhã e o pequeno-almoço entre as oito e as dez da manhã. Chego ao quarto às dez e meia. Todo suado, dispo-me e vou tomar um banho gelado, deito-me por cima do lençol todo molhado, fumo outro charro e rio-me num flash, grito qualquer coisa sobre um pensamento que de súbito se torna realidade, tenho alta resposta mental, tenho o prazer fabulástico aliás de imaginar incendiar a santa maria sendo, como se, um santo daime sem consumir huasca até.

No entanto, digo que a moca é tão grande que até estou a ver estrelas. Ela acha banal e expressa um sorrisinho como se dizendo: ele está

com uma moca, mas eu insisto: olha não acreditas?, olha elas ali, estou mesmo a ver estrelas, olha práli. E ela olha, ela que não acredita e pensa ser esta uma conversa com sorrisinhos marotos entre as partes. Olha e vê mesmos estrelas, vê as estrelas e ao mesmo tempo um pequeno clique, um jeito na espinha. Eu disse-te que nunca tinha visto estas estrelas na minha vida, ela acaba por concordar. Ela? Mas quem é esta ela? Sorrimos ambos e dizemos: na maria se formula o desejo e na joana a vontade se concretiza, é a moca... são estrelas de oito pontas num céu azul-cobalto, ouvimos o franque zappa.

Penso que talvez me esteja a passar, ando meio desligado mas rio-me e sei que é só a ganza a bater, uma sensação que volta a acordar, a erva faz milagres e durante estas linhas, rodeado pela estrela maria e esta estrela joana que partilha comigo o seu charro, leio nas mortalhas de papel de arroz com goma de açúcar: grown in the earth, nourished by the water, powered by the wind, burned by the fire.

Se eu puder rir em vez de chorar, porque não procurar o riso?, nem que às vezes seja algo absurdo: imagina-me numa fotografia de jornal com a resenha do segundo prémio de pesca desportiva, eu, a cana de pesca e um atum de dois metros... no entanto, anoto mentalmente o desejo de este «nós» ser às vezes apenas o desejo de haver Alguma que pense como nós, ou seja «eu e tu» e que tu sejas esta «alguma». Anoto ainda que quando se está acompanhado é possível dizer: olha ali tazaver aquela estrela? Mas olha... tu és mais bonita que ela!, e no entanto também é possível registar que quando se está só recorre-se frequentemente ao artifício, buscando a estrela e ela descendo até nós e... no dia seguinte o sol acorda e levanta-me do chão, eu canto-lhe a minha mais sofrível imitação do xano: seu guarda, pescar é para mim quase um acto de meditação, eu não sou delinquente, sou um homem carente, dormi na praça pensando nela, o peixe mordeu a linha. E depois quem pode dizer nunca ter acordado e visto estrelas!? Toca a circular eheheh, o peixe mordeu a linha e eu, que no sonho levitava em pose de mestre zen, caí ao chão e você, seu guarda, pôs-me a circular.

E ela sai para ir viver o seu modo de se fazer gente. Não me lembrarei mais do teu rosto mas considero-te bela o suficiente para que fiques anónima neste século vinte e três «e meio». E eu, de qualquer modo por precaução, vou ao saco e busco a dose diária de comprimidos enquanto a zero-cinza se carameliza. Responsabilidade num benha tardi!!

Onze e meia ainda no quarto tomo outro banho, vejo a reportagem da televisão holandesa à guerra no médio oriente. Saio à rua. Saio do hotel manofa às onze e meia, meia-noite. A direcção é o prix d'ami

onde vou fumar mais dois charros. Perdi o meu maço de amber leaf. Só tenho mais um no quarto. Faço um cigarro, bebo uma bebida energética de garrafa. À uma da manhã, a coffee shop fecha e eu vou para o quarto acabar a refeição. Uma sandes panada, um pacote achocolatado e um iogurte bebível. Estou saciado.

Adormeço perto das três e acordo às seis com a cabeça cansada. Se em portugal o charro não me bate, aqui os primeiros doze euros de erva dão-me uma moca grandiosa confortável a ponto de ter acordado há cinco minutos com um peso confortável na cabeça. Saudades dos tempos áureos para que vos quero hoje?, a memória diz-me para desfrutar. Saio às seis e meia e sento-me num banco, vou acordando. Vejo a rua sendo limpa pelos serviços camarários, o sol vai nascendo, dou umas voltas, entro num café com bolos por volta das oito, peço um bolo de chocolate e eles aquecem-no no forno, custa dois euros, peço outro e um copo de leite.

Ao sair começo a pensar que devo voltar ao hotel info centre e talvez como o dia agora começou possa arranjar uma cama mais barata. Desta vez quem me atende reserva-me espaço num quarto partilhado a trinta e cinco euros a noite.

Venho para fazer o checkout no hotel manofa. Após a paragem em duas coffee shops, faço finalmente o check-in no tourist inn às duas e meia da tarde. Quarto 25 cama 4. Encontro janet e ursula como novas companheiras, os quartos são mistos. Entra depois um americano amigo delas. Falo que vim para cá para trabalhar, dizem-me que aqui numa rua perto há uma agência onde me posso inscrever. Então, saio para procurar a rua. Encontro a rua mas a agência só oferece trabalho para quem fala holandês. Saio. Mais à frente na mesma rua encontro a agência the undutchables onde me dizem que preciso de fazer um currículo em inglês e enviá-lo por email. Saio.

São quatro da tarde e encontro na esquina uma coffee shop chamada anyday na spuistraat. Um café capuchino, um charro de erva e mais um capuchino por seis euros. Já não sei se este novo charro bate. Estou embrenhado na moca. Não paro. É a sanguessuga. Bate o primeiro, a seguir é sempre a carburar, bota brita bagaço! Na mesma rua existe uma loja de cogumelos e compro o cogumelo mais fraco por treze euros. Vinte ou trinta cogumelos mexicanos. Venho para a camarata, deito-me no beliche e abro a embalagem, ponho-me a comê-los. Dão-me uma certa moca mas com o avançar da hora acabo por adormecer e no dia seguinte, ontem mais precisamente, acordo às sete da manhã e como o resto dos cogumelos sem efeitos muito visíveis.

Vou outra vez à agência de emprego undutchables. Desiludido com as dificuldades saio pensando que estou pendurado com dinheiro para três semanas e à procura de emprego. A alternativa chama-se regressar ao ninho, doce casa parental bem longe neste momento. A vida torna-se monótona para um hobo que para passar o tempo gasta dinheiro em cada coffee shop que entra em vez de o gastar no museu van gogh. Na minha mala desnecessária o volume que se torna necessário: «o medo» de al berto como pisa-ideias.

E este é o relato que começo na altura a escrever deitado no primeiro andar de um beliche na spuistraat, rua talvez mal pronunciada e querendo talvez foneticamente significar: rua dos espiões. Desta rua em anel, informa-me no entanto a tradução no google: rua da purga. Depois abandono este relatório. Não tem força. Penso que o começo como um aftermath dos cogumelos mexicanos que não batem exactamente, apenas uma sensação intermédia de desespacialização da minha cabeça no cenário. Ainda assim, volto a pensar em escrever, volto ao ofício interrompido há muito, a viagem para isso serve, um estímulo, a trip que não acontece serve como impulso à produção.

Um desfilar de memórias em desaceleração temporal à medida que vão sendo transpostas para o caderno, sem precisar nos pormenores e num registo quase naturalista. Sei que mais tarde virei a escrever que um eu prefere viver a possibilidade do dia em vez de escrever a possibilidade do dia, escrever a história. E penso que foi por isso que na altura não continuei e a história pára. Fica no entanto como génese do que se tornará o futuro registo, o meu umbigo depois da criação e materialização da loucura, depois da reflexão sobre causas e consequências da loucura, depois de registos de loucura quase abjecta em que quase somos deus, depois do baralhar, compor e distribuir as letras e as cartas, o que resulta de tudo isso é um todo vislumbrando rituais interrompidos e o descalabro, a institucionalização e a estupidez. A emigração como procura de alternativas. Deslocalizar a consciência.

Hoje volto à história e recordo que esta noite no hotel manofa ao subir as escadas de volta ao quarto depois do prix d'ami, vejo uma jovem de aparência malaia. Ela está na entrada de um quarto e fala com alguém. Apetitosa. Passo por ela e lembro-me que ela diz: he's just a hobo. Na altura não percebo, ainda penso numa possível confusão com a palavra homo mas logo me parece uma palavra muito refinada. O que hoje fica desta expressão é ela significar um trabalhador migrante, geralmente sem dinheiro ou vagabundo. Mas fica igualmente a ideia que ela ao dizer isso, referindo-se talvez a mim, pensa ou anda à caça de macho

para a noite. Hoje o que fica é que de facto sou um hobo em amesterdão que poderia ter tido uma foda exótica num quarto de hotel e que simplesmente passa ao lado subindo a escada. Intuitivamente e de qualquer modo, sinto que a expressão indica que eu não lhe agrado e, talvez devido a esta diferença de classe, subo e nem sequer tento o contacto com ela. Vejo-a no dia seguinte de manhã durante o checkout e recordo-a como mais uma testemunha acidental do meu percurso de vida, sabendo que todas estas pequenas experiências sensoriais contribuem para algum futuro, hoje ouço cowboy junkies. Miscarded angel.

Ir a amesterdão e não foder, nem que seja a pagar, aquela negra gorda que vejo à janela enquanto estou na anyday a fumar e a fazer alguns desenhos, é como ir à china e não ver a muralha, é como ir ao louvre e apenas desenhá-lo às duas da manhã sem ver a lisa mona de bigodes à dali. Faz-me pensar que tenho de me contentar com água e intoxicar-me apenas com ela. A filosofia que leio aos trinta, aquela que muita gente lê aos catorze antes de sair de casa pela janela para actos de saudável rebeldia, deixa-me em parte resignado com a coragem que hoje pareço já não ter, porque sei em que trabalhos me meto por causas outras, e afinal onde estão os companheiros?, quem me visita no hospital?, apenas a família e uma ou outra vizinha. Vivo hoje resignado, tento deixar de lado o ressabiamento mas pergunto-me se valerá a pena, hoje, voltar a ser migrante físico. Afinal, pode-se viajar sem sair do quarto. Eu apenas saio do quarto para ficar consciente de novas experiências. Para ser een kijker.

O primeiro epíteto — zombie, recuperado de dentro de um livro sobre rock e droga, esta quase revelação — o moon uterus day one. Zombie escreve as minhas primeiras linhas neurológicas. Eu evoluo ao longo dos biliões de momentos existenciais para uma aura de potencial explosivo. Recorro à leitura da natália correia: «Que fazer de um morto? […] O morto ri-se. O riso é o seu reino inesgotável.» [… mas palhaço só de vez em quando porque o que concedo receber pelo meu riso é quase nada mas, ainda assim, vale todo esse brilho que me devolvem os olhos dela, esse potencial explosivo que completa o meu.]

No entanto, quando estou no parque de estacionamento da disco, quando procuro boleia para a cidade, vejo um potencial chofer e ele aceita levar-me a troco de uma conversa. Sento-me no lugar do morto e eu, já e sempre humilde aprendiz, vejo um feirante grisalho partilhar comigo uma conversa serena e o meu primeiro bafo, um bafo explicando os pormenores sequenciais deslocalizando as frequências do auto-rádio e passando à história de vida [sei hoje que john cage escreveu partituras

em que os ditongos eram formados à base de frequências de múltiplos rádios transmitindo amplitude e duração, em simultâneo e portanto… eu e este meu mestre feirante, nós justificamos, sem o saber, um acto criativo inscrito na memória e na história — pelo simples facto de o termos vivido e o de alguém o ter imaginado, previsto e escrito — ready made to be put under a public audience]. E auto-rádio porque era atrás da gaveta do rádio que o produto se dissimulava.

«Ocasional ajudante de marceneiro do meu primeiro pai sideral que, a meu pedido, me ofereceu os primeiros cigarros, que me iniciou na deusa da imaginação quando me falou das meninas da rua escura, de antigamente e eu com catorze anos…»

Desde cedo que aprendo a ter consideração por anónimos oferecendo honestidade e sinceridade no modo de pensar, agindo como se eu seja, além de um bom ouvinte, também um gadjo fixe que parece sempre calmo, como se eu seja passível de entender a sua história, aceitar a sua história, ajudar o gps de alguma maneira, escrever alguma coisa, criar uma diversão para desviar os oponentes do gps, um alguém com quem partilho um pico.

Aprendo que o mundo é relativo e eu preciso de encontrar a minha paz. Lanço a corda, vou colocando pequenos dispositivos aqui e ali, a corda parece ser infinita até à altura em que explode em imagens que urgem e chegam à memória em lembranças oníricas enquadradas por um passado onde tudo está sincreticamente baralhado, todo o sonho se vende, até de graça.

O meu registo naturalista das coisas, a quase reportagem de nomes e preços, do custo de vida porque sempre em permanente alvoroço e em clara perda de sobrevivência… fazendo contas aos trocos, tudo isto, a cultura inimiga do indivíduo que se aprende com a experiência sensorial de vida, do muito que progredimos afinal, apesar de como se fossemos nado-mortos em atraso geracional, tudo isto gera o que eu aprendi a reconhecer como psicogeografia e herança sideral.

Eu fotografo pistas e desvelo a minha árvore, de onde eu vim, que borboleta me gerou, posso até dizer que me vejo (e sei que a minha interpretação desta fotografia do início do século vinte é uma ilusão da minha mente mas…), vejo-me nesse avô sideral chamado de irmão negro pelo mais perverso homem na terra segundo a luz dos dias de então e apenas, talvez apenas por não acreditar em toda a doutrina da lei. Os meus avós reais sempre serão um misto de admiração e mistério e as fotos de gerações antigas a preto e branco influenciam aparições infinitas em casernas de lobos em tumefacção.

O meu desejo não será vir nos jornais, talvez até já tenha vindo, talvez a minha magia queira ser apenas um valor mínimo de subsistência num dia-a-dia como se feliz mas… vivo… vivo confrontado no dia a dia com a hipótese de que se quiser poderei escrever um livro de sucessões de eventos sincronicistas explicados pela psicose, um novo livro dos danados. No entanto, um dos meus sempre heróis fazia cestas de vime para a jorna e arcos e flecha cortados com a navalha para eu brincar, às vezes uma fisga para os pássaros e sempre uma história para contar.

Uma explicação plausível para o que não parece ter explicação quando falado abertamente dentro de quatro paredes sem microfones em modo de gravação, a psicose transmissora… a única explicação racional para que quando, por exemplo após muito tempo calado, falo de magia ou simples ilusão, no dia seguinte ao passar a caminho da caixa registadora pelas revistas das stars do supermercado leio que a luciana está a ser embruxada pela antiga mulher do futebolista… sempre a intuição de que até os paparazzi querem interpretar…

Não, sei que nunca vou mudar o mundo.

Aliás, penso que de nada vale ter esse poder.

Há sempre danos colaterais, eu e.

Eu sou apenas um pobre hobo que quer a sua psicose o mais anónima possível e dirigindo-se ao fdp.

Eu, em trânsito por momentâneas zonas autónomas, não sou mais que um líder em potência mas com muitas carecas e, além de careca porque as pessoas se apaixonam às vezes por um careca, careca com muitas zonas brancas de esquecimento, com um passado e um presente clínico, do futuro não sei o que predizer.

A magia de dar as cartas do mundo, ou então me pareceu, vale-me de quê?, pergunto e já nem recordo o objectivo final, talvez apenas sejam pequenos caprichos de um decadente que faz do artifício, do simulacro, o orgasmo que o absolve porque já não parece mais sexy, a experiência que me dá a energia infinita com que me faço feliz a cada dia, hoje entre cliques em anúncios online para pagar o serviço de telecomunicações, hoje entre cevada com vinte porcento de desconto imediato diluída em leite aquecido a fervedor no fogão comunitário, cereais muesli e moletes de supermercado com manteiga.

Às vezes, o migrante fuma um cigarro e passeia olhando de relance os jornais e satisfaz a sua necessidade fisiológica de ar frio de modo a que a minha energia orgone-cogumelo-guardachuva se renove e eu me liberte da sensação de quase-vivo. Fumo, massajo as bolas, acordo para a vida e vejo a ellen bêbada e os seus quadris de fêmea galopante, uma

verdadeira toura, aquela que eu não tenho a meu lado para me satisfazer o escroto, a grande obra só se constrói a dois, o muitos dentro de uma só cabeça só gera artifício e psicose que se leva à cena quase voluntariamente, a nossa vida torna-se a nossa maior obra, sou o que deseja um produto e o produz, viva a livre propaganda!, em todo o orgasmo e no seu artifício vejo um elemento de redenção, e sei tal como simon moon que essa ellen é o meu complemento e nem precisa de ser prostituta, o meu outro eu é esse ser feminino que um software viral propaga como a minha avó crisálida, ela é toda essa intoxicação ardente que me distancia do meu ego estreito, satisfazendo a minha eterna ânsia de aceder à sua perfeição.

No fundo, desejo ser um hobo portátil numa sociedade de dois invisíveis e se possível casais amigos. De qualquer modo, passaríamos despercebidos no meio da multidão e seríamos rodeados por beats de baixo sintetizado e samples de aromas herbáceos, teríamos como sócios os eternos pais que talvez não queiram ser reproduzidos em livros e eu, ou seja, as várias permutações dela, da música minha mãe e todos nós geramos a filha, minha tela acredita-me! O problema, neste momento, é a minha mala pesar dez quilos e estar cheia de coisas desnecessárias mas, ainda assim, vejo-me eternamente à procura de abrigos para suicidas temporários como nós, em qualquer fiúme?, hum, tem mesmo de ser aí localizada a arquitectura da paisagem?, ou o inverso desejado sem ciúme?, ok então.

Nem sei de que falo, o poeta que mora no quarto ao fundo da rua central do bairro fala-me de um livro e terei assim de o adquirir, nele fala-se de tristran shandy. Ao ser irradiado pela fonética, recordo os diversos suicídios exemplares que li no meu exemplar perdido num empréstimo, vila-matas ganda mago!, o poeta do meu bairro ao falar faz-me intuir um significado pessoal: talvez a história que ouvi, de um nariz desfeito um dia à chapada, tenha sido siderealmente gerada desde a nascença em yorkshire e o nariz, descrito no livro, um nariz rotundo, defeituoso… e por tudo isto e tudo o mais, dedico este livro ao poeta que sem saber me indicou uma semelhança fonética — iluminadora para mim uma ilusão sempre indiferente a los demás — e quem sou eu?, um insolente xandizinho ou apenas um tiozinho na mata? Se puder, desobedecerei à política reaccionária de annunzio, general soldado infatigável em revolução reactiva, e dele reterei apenas certos artigos inscritos em dois portáteis to-lg-shiba, um certo código de intoxicação pirata tentando encontrar a faísca de te voltar a ter mas não tu, esquecer esse amor do passado, a tal que era anti-fútil?, ao que parece eu não sou nem pertenço

a shandy mas yo so san laurence. Hmm…

A minha mística é essa causa hedónica de passar gabba nos squats fugindo do imposto mínimo. Gabba, essa faço-a invisível, uma sombra à qual tento retirar o recheio de inveja chantilí, o passado já não mora aqui nem nesta párti de um só ser rodopiando diversas fontes sonoras reggae like com minidisk e microfone acoplado na mão, recolhendo impressões de caravanas a motor guiadas por homens de fraque e chapéu branco em solo negro olhando a lua cheia, a impressão de essa coelhinha anti-fútil e branca me ter fascinado e eu ter olhado para um espelho carregado pelo secretário eu próprio, ela apenas um batom rosa usado para escrever uma praga e um desenho de uma ave… hoje as pequenas gravações que retiro são coelhos tratados com justiça zoroástrica em fotos que podiam ter saído da fábrica de bryn jones e, ainda, um hobo branco tocando alaúde e fazendo, tentando fazer como se o seu espírito, vagueando desde o acordar três segundos depois vendo estrelas julgando-se um novo bigbang… recolher a lua na mão, encarnar numa nova face, uma nova identidade, uma invisibilidade mutante, migrante de antepassado em sucessor.

Como se devido a uma invocação, provocada pela ansiedade de uma conquista amorosa, se assista numa língua sem legendas, logo incompreensível este absurdo, ao fausto, um equívoco causal e enquanto os meus olhos sucumbem ao torpor de uma sauna sem fumo um rosto feminino transforma-se num olho macho com bigode, algum diabo. O erotismo extremo, a inversão, leva alguém a filiar-se numa sociedade de suicídios e sobreviver… e agora?, quem sabe se reversão e entrega do cartão de militante? Pareço tantos e tudo e sou ninguém e nada: definição de hobo sem qualificação nem currículo europass.

Parafraseando manuel de lima, ver o diabo prejudica só aqueles que nele querem acreditar, aqueles que quando precisam de pensar nunca descobrem uma única ideia com que possam impressionar quem querem que os ouça, aqueles que no fundo ainda não estão no patamar exigido como empresa e que se espantam com as suas cabeças ocas pensando em coisas do arco-da-velha, e para quê o vício do jogo? Já sei, para encontrar o novo teorema nobel sim claro mas… o que a mim verdadeiramente me preocupa é porque a freira me pergunta à entrada da caridade na sua cantina onde almoço se não serei aquele que terá batido num velho?!

Porque me verão como um inimigo e um inimigo de classe, um inimigo dos poetas, até um inimigo do povo? Talvez seja visto como o diabo porque sei e digo-lhes que existem pessoas vivendo ilusões de

grandeza, de serem e ficarem na história e vivem vítimas por nunca lhes chegam a beijar metaforicamente os pés (alguma criadinha fã para lhe calçar as meias), uma tal triste beleza, duas palavras minhas que um dia escrevo e nas quais chego acreditar mas, no fundo, sei que prefiro a alegria de uma senhora que se sente viva por ter superado um cancro, sobrevivido a uma morte predestinada. Talvez me vejam como mau e inimigo porque lhes faço perceber o quanto não concordo com ilusão de perfume poético, sou pintor, prefiro a realidade mesmo que o que pinto seja feio, não quero que seja arte ricca apreciada pela academia ou pela contracultura. É fim de tarde, não tardará e fumarei a morte, esse absurdo gerado e gerido como absurdo. Amor eu sexo morte mundo? Je vous hais, ainda me importo convosco. Bastar-me-ia um sorriso estonteante na tua gargalhada. Mas serei eu, um homem barbaramente agredido?, talvez a resposta mais sincera seja que talvez me tenha deixado ser agredido e esteja agora a deixar-me agredir para… tudo isto vem com uma dose de arrependimento servida em prato frio e talvez o diabo não seja mais que esse ofício de viver para contar, para escrevinhar, manter a razão com conhecimento de causa e investigar os efeitos pretendidos.

Essa lua, a dominatrix do sol, vista alegre do entroncamento ou de roswell, sempre um deus sem razão, essa luz do qual só os finos duvidam, essa intoxicação e intoxicações cada um tem as que quer, como quer ou como as pode ter ob ter... eu estarei afastado de ti apenas alguns euros de telemóvel mais despesas inclusas… mas eu não quero e aqui por enquanto basta dizer que a minha rainha escrava santa dorme hoje a meu lado, ah pois!, o deco também foi hobo azul e hoje é mágico ou não?, digam-me vocês o que disseram as runas quando questionadas sobre: ao ver a luz negra, a ausência de luz que me quer engolir, prefiro apesar de tudo engolir a espiritualidade, digeri-la, ruminá-la e a seguir partir para o espaço tocando em belas cochas de seda preta em sobrelotados bancos traseiros de carros emprestados pelos choferes-pai em fim de curso, dizem-se marginais em marginais de rio reinauguradas com inundações de espuma de sardinha em grafitis de um milhão, festa feito investimento. Tão ricamente artis, tão culturais, repito: kult ur ai ais pi pii po po pu pu pum.

Pudesse eu encontrar a minha dançarina de salão e deixaria toda a mística e seria só rebelde nas horas em que ela se zangasse, enfim!, respiraríamos a erva crescer, o vento soprar e o céu azul até já não sermos simplesmente indivíduos mas finalmente uma sociedade de dois ex suicidas… mas o arlequim, stalker refinado que me tenta fornecer essa santa «como se», esse arlequim não existe ou, então, não poderá ser ou-

tro que não eu próprio o palhaço que se pinta enforcado numa árvore que se vê da janela — reduzido à vida mundana esperando uma «vítima» para esquecer finalmente a amora que tornou fatal a água que os médicos dizem poder estar inquinada mesmo antes de nascer — essa torneira de todo o meu elixir de psicose. Não importa se a água, se a experiência de vida de um é mais válida que a do outro. Não interessa se é de ouro ou de latão. O que importa é que cada um tem a sua torneira pessoal. Nós somos, nós vivemos. O nosso lema é:

Meio meio.

Existência corporal, incorporação, desejo e metáfora. Ela arrasa-me tipo kalemba porque nos sentimos parecemos ou somos negros índios ciganos ou tuaregues e beduínos, há mesmo quem já nos tenha chamado de judeus dentro do povo operário chinês, somos talvez todos aqueles que se fizeram párias, — como no título de happuol osogaarf, cito esse amigo que me deixei esquecer: «talvez um dia as flores riam no Inverno» — somos sim com certeza todos os que não são, os que não existem dentro da grelha social, identificamo-nos em certa altura com todos os que deixarão de ser muitas vezes pela culpa própria de repetir erros infelizmente esquecidos, temos é certo alguma pena deles mas sabemos que não podemos sequer querer ajudar quem não sente necessidade de pedir ajuda e quem segue o caminho que escolheu, ainda assim será o meu futuro… se não tentar seguir responsável.

Toda a utopia é uma bela pornografia e é esta utopia, esta amplificação dos sentidos, esta dissolução num êxtase momentâneo, esta a única coisa que sobra intacto num mundo de merda, a única coisa que nos devolve a ilusão e, depois do acto, qualquer música é agradável, o silêncio nos traz de volta ao real de merda onde temos forçosamente de existir, e na vida real o nosso lema:

Meio meio.

«… e a certeza de ser já só meia psicose meia neurose e difíceis condições de vida, queremos viver depois de termos desaparecido da grid socioinstitucional, de termos morrido como pessoas úteis, já velhas para o trabalho, há muito tempo a tentar a entregar o cartão de sócio do partido dos desadaptados da sociedade de consumo…»

Por isso, desejo voltar trinta anos depois mas verifico o erro, é tarde demais. Não consigo deslocalizar a grande obra sem deixar danos como debris na auto-estrada, um assassinato por embriaguez da imagem de nós dois transformando-se num pensamento em espiral descendendo desde o divino até à mais rastejante malícia que me chega na forma de uma gata negra mura pedindo alimento, o espírito realizado como carne

pedindo comida:

uma lata de sardinhas bom petisco hein?!, o melhor que a minha alegria consegue realizar. Foges abrindo cirurgicamente um buraco como se uma assaltante de bancos sejas ao fim de uma noite de mios e vais à procura de novo dono, eu não quero ser dono de nenhuma, só gosto é de não ser pau mandado de vampiras de bigodaça invisivelmente neurótica, pau mandado da santa anamnese recolhendo sem o desejar informação para os moinas do curral de moinantes e brochistas caloteiros de clio sessenta e cinco fora do registo oficial de viaturas em circulação. Chegam e perguntam quem na varanda de janela aberta pia como um pintassilgo da raça marguerita. Ficamos todos pasmados. Como é possível? Não tem qualquer utilidade dizer-lhes que não existe tal espécie de pintassilgo mas é fácil de adivinhar: fumam o produto apreendido. Fazem mesmo dinheiro com ele. Merz.

Ouço babi yar, a décima terceira do vitch shostakov e fumo um grande cagalhão.

Vejo um padre verde azul pensando em foder a freira. Vejo o flinstone, o católico comunista e cadastrado, pensando que vive ainda na idade média. Sempre todos os junkies andam de táxi, eu que o sou ando a penantes e, às vezes, aproveito a comissão que cobro e compro uma lata de salsichas e misturo-a num arroz de ervilhas. Acho que pedro foi crucificado numa cruz invertida. Os romanos tentaram esmifrá-lo. Ponto. Talvez não tenham tentado esmifrá-lo. Talvez sim mais ou menos talvez tenham tentado esmifrá-lo com um clio sonic cinzento ou, pelo menos, é o que me parece na associação. Não estou uma vez mais lá e, às vezes, esta patológica incapacidade de estar lá, e ser até o mártir simulado de quem todos se demarcam, faz-me pensar que nunca ninguém contará a minha história zeligiana. Eu, às vezes, suspeito que essa história existe de verdade, «suspeito nos porquês nos vossos olhos e nas vossas palavras e vozes e suspeito também quando suspeito que sou o único que rema de encontro à praia», sinto-me às vezes único, não sou poeta mas talvez seja louco e por isso às vezes sinto-me mau.

«Nur narr! Nur dichter!», cona minha?!, porque não consigo cumprir a totalidade do ditirambo e também não ser loco loco loco?, o diagnóstico condena o meu ser e diz que sempre fui, sou e serei loco como el tigre para todo o sempre miséria ah… por isso, complemento a sequência e incorporo a história universal da desgraça em mim porque parece que a minha não me é suficiente. Tenho alguns sentimentos masoquistas como jesus e num desejo de assim se integrar nalguma comunidade, este jesus transforma-se em ficção e fugas de informação não confirmadas,

este jesus explode-se em mil fragmentos de desgraça, as palavras chegam e sabem a armas disparadas por este zé-jesus-ninguém.

«Uma só bala de cobre numa paragem de autocarro, autocarros deslocalizando a todo o momento a minha residência, o destino são velas de cera consumindo-se com a ajuda da assistência social. As palavras, suicidas no formato roleta russa ou homicidas no formato píton com vontade de atacar.»

A minha vontade é enfrentar o cão e dele não desviar os olhos, devolver-lhe a raiva autoritária como um boomerang. A minha falta de medo sinaliza o fdp do perigo de insurgência social e ele convoca funcionários extracomunitários «para acções de formação em contexto de trabalho não extraordinário».

O bófia bostique atira-me contra a traseira do carro e espreme a minha zurrapa para dentro de um depósito de gasolina, amanhã alguém vai ganhar mais uma hora extraordinária porque atestou o depósito, poderá haver mais um carro patrulha a mandar circular hobos como eu, penso que ainda existem alguns como eu, é essa a minha vaidade, às vezes topo-os no nosso olhar de bicho troglóbio das cavernas, são esses a minha causa. No fundo, este é o meu livro, um livro sem honra. Somos muitos mas não somos uma nação, não temos alma colectiva, não temos consciência de classe. Hoje fumo um charro e tenho um orgasmo de oito mega. É a minha recompensa por cinquenta cliques de trabalho alimentar. Amanhã tenho de comprar bolachas de chocolate, preciso de cartão para filtros.

«Sei que tenho um vício acrobata de te roer a rata.» O artifício, a simulação descredibiliza, a tevê precisa de novos e verdadeiros mártires para os anúncios darem lucro. Eis o porquê do desespero e do medo da injecção de substâncias coercivas no cérebro, como que a dizer «if you're a gabber i spike you some gaba e torno o teu cérebro num vegetal rígido e hipertónico.» O veneno bloqueia os teus circuitos neurais e impede-te de viajar e ter alucinações visuais, bloqueia-te o pensamento e a imaginação. Os médicos dizem que assim te protegem de caíres na ilusão de não saberes talvez o que é real ou irreal, eu digo apenas que te impedem de ver pensar e sentir coisas lindamente fabulásticas que de outro modo não verias.

O taxista ouve que talvez apenas tivesse sido apenas «como se», e então de mental passas a criminal e aqui talvez a lei te envie para o quadrado de barras de chocolate, baldes higiénicos sobrelotados, expatriados morrendo por convicção em greves de fome. Eu, uma vez mais não estou lá, vejo na televisão holandesa cartazes e bombeiros mascarados,

fora do horário e off the grid pondo no contentor todo o ginásio, todo o livro antes donativo, agora um bloco de cimento, agora desperdício radioactivo e uma vez mais devoluto. Toda a época tem a sua fogueira, a sua queima do judas. O rio há-de ir pelo ralo de banheira da terra oca abaixo, esperarei as novidades, o que fará ele depois? Hum talvez um ministro senhor sim…

A caminho da anyday para o capuchino herbáceo matinal, vejo yvette shakti vestida de lingerie branca afastando as cortinas da janela, sopro-lhe um beijo de homenagem e ela sorri, terá quarenta anos, loura. Ela a heroína criativa, dela nasce a sociedade, esta sleep chamber profissional torna-me consciente de que todos os padrões e fenómenos da existência hão-de ser dilacerados por hordas de criminais poéticos. É só esperar as novidades, será o cavaquistão pendurado como uma alma penada no purgatório da taxa moderadora?, será o seu alzheimer passível de isenção?, que dizer da quinta do coelho com um gigantesco agá para pteros com hélice para lá do allgarve na ilha do sal?

Na antiguidade não se faziam auto-retratos, tinham medo das ficções. Os indivíduos não se comparavam a deus. Era mais importante a obra que o artista. Viemos a saber muito mais tarde que deus tinha morrido mas toda a gente sabe que ele vive com o nome de capital. Crowley disse que cada homem e cada mulher é uma estrela, portanto cada um pode ser deus. Mais agricultor, o meu avô alimentava a queijo um rato chamado death posture. Num certo sentido, sou deus mas apenas em potência, dado que não necessito muitas vezes de acreditar em deus. Faço auto-retratos mas não me reconheço neles. Para se ser deus é preciso executar e terminar todo um ritual. Diz-se que se tem de castrar o ego e ser apedrejado.

Já dentro da coffee shop, o empregado diz-me que o meu habitual capuchino é hoje por conta da casa e assim ganho moral para imaginar escrever uma carta à shakti que me sorri: cara yvette, ouço invokações sonoras a brian jones por entre fumos de hash afghan border, beats e cordas de guitarra, imagino-te trabalhando o símbolo, a máscara e a androginia dos teus clientes, sei que são desviantes as carícias de papel trocado quando se culpa mãe e pai, sei que é um grito de ipiranga abandonar a mãe-casa, ofereço-te, querida yvette minha mãe, nuvens de vozes étnicas, espirais e esta má prosa como recompensa do teu sorriso, é claramente apenas uma tentativa de complementarmos a cor, atingir a quinta-essência, a tua descrição psicológica, tu mulher como obra de arte, peça de teatro, representação, falsificação ou simulação da realidade, uma foda, um livro que se abre dentro de um livro porque incom-

pleto, fragmentado, com páginas em branco e quando abro a boca minto por omissão, procuro o teu clitóris, a negação do eu, não me livro do remorso na missa de catedral mas fundir-me-ei contigo meu lado feminino, o ouro e a prata, não desejarei alguém mais, a stroke with romance, negar o eu é um caminho para a invisibilidade, eu debaixo de todas as camadas de personalidade sou um vazio cebola de lágrima no olho, vivendo cada máscara em função do momento agora, o azul e o verde do narcisismo, o único e a sua propriedade, venho-me por fim nas tuas mamas, a escrevidão tem utilidade.

«Louco lúcido, eu não vivo, analiso-me. And if you were kim I could now write over your skin: I love you sugar gordon.»

Tudo, uma descrição de um sonho acordado. Curto o lost highway, gosto das imagens, da cor, das sombras, da noite, das personagens estranhas, da confusão de identidades, uma das minhas maiores alegrias é ir à festa pelo santo no bairro vizinho e pedir uma sandes de chouriço, sentar-me no meio da multidão gemendo como todos pela ana malhoa, abrir os cantos de maldoror numa página com insectos aleatórios e enxotar esse português roberto muito leal, vê-lo substituído por um grupo de ciganos cantando à minha maneira, all along the watchtower, iiéee!

Tenho de cair no ridículo, tenho de morrer a fim de viver. «A escrita é um miserável substituto», escreveu-o fernando r. de la flor. Terei eu de traficar techno em timbuktu para comer por muito retórico que seja este ponto de interrogação? Já dizia bataille: o erotismo é na consciência do homem aquilo que o leva a pôr o seu ser em questão, a minha condição de macho, se eu não me amar não te poderei amar minha querida yvette shakti prostituta de lingerie branca, por isso anular o meu ego leva-me ao absurdo do qual fujo: essa claudia mura, mulher vestida de ganga e botas doc martens, pintada e lenço de cigana, a irmã assustada, a tia aparecendo com o bebé… «essa mura não passa de mim próprio disfarçado e uma projecção do meu narcisismo, isto ou a verdadeira pulhice tem neste mundo uma forma corpórea que não eu… amar-me a mim próprio yeah for sure mas não fisicamente.»

Esse absurdo suicida-me a cada momento yvette, quero as tuas coxas ellen yvette, quero regar-te o rego com vinho verde, comer broa e lamber-te os bicos, arrancá-los fora mesmo, adoro-te desejo-te mas quero amar-te também. Agora ellen shakti yvette puta icata, dá-me a fome.

Que falta de educação!

Tens tempo para fumares um cigarro? Não, tenho de trabalhar!

Vivo dias sem vento, uma onda frontal de calor, as sementes secam, a minha cabeça seca. Migro para norte mas abafo mais aqui do que

se tivesse migrado para a cidade vermelha do sul. Aqui estou mais perto da lua do meio-dia. Saio da anyday e procuro almoço. Sei que perto da boudisque ahahah i am the green child sabes?, sei que tu até gostas do meu sorriso, da minha loucura metafísica do não-ser, sei que gostas que eu te enterre funda na mente, sei que vais além da profissão mas eu sei que agora tenho fome, encontro um turco e entro.

Agora ellen digo-te ao comer um kebab de cinco euros que tenho muito poucos amigos, sei que eles seguem as suas vidas, sei que eles dizem que me perco no caminho, sei que faço opções conscientes baseadas no processo, sei que sempre quis fazer o que penso e não o que me contam, sei que não tenho de apoiar a causa de ninguém também porque ninguém apoia a minha, sei que a falta de conveniência social me leva para a mata, e mata que se faz tarde, sei que tenho um amigo que se perde bêbado na estrada secundária e é mandado parar pela gnr, fica sem carta, diz-se bêbado e encena rebelde a esquizofrenia no hospital, dão-lhe uma dose de cavalo e detêm-no. Sabes ellen que tudo isso me dói. Porque será que, como muitos de nós, também eu ganho subitamente coragem e represento a vida «live: ao vivo e em directo» mas erro sempre a audiência? [actores falhados talvez], sabes yvette que hoje lhe escrevo, e ao analisar o seu caso é como se ele seja eu, a prosa é péssima, truncada e tendenciosa mas tentarei dizer-te algumas palavras de cada frase e de má prosa sair abjecta poesia: psiquiatra psicótico bravo! moralista repressão e supressão criança sexual gadjo louco gadja a primeira vez matar o amor verdade perversão apologia eutanásia cristão cristo hipócrita madalena pistola treta mania de ser mau psicopata de filmes purgar missão azulejo na estação de comboios não gostas de ti treta insulto provocação todos os homens são paneleiros estúpido louco bêbado zangado sádico e masoquista refúgio droga esquecer sofrimentos e misérias desejo regresso ao berço ninho casa doce teta mãe terapia de substituição dinheiro capital comprimidos treta criança que gatinha pela vontade da mente.

Voltando a ti digo-te minha musa yvette ellen shakti puta, há muitas coisas que gostaria de fazer contigo, casamento não romantismo sim, jantar de malmequeres com arroz de pata com laranja e eu, macho a proteger-te da infâmia da calúnia e inveja. Os psiquiatras são os polícias da mente, os padres os polícias da alma. A mãe ama-me, o pai não é herói. Não te suicides, não mates ninguém. Procurar-te-ei quem sabe ellen talvez… ou talvez não, que agora sinto o estômago confortável e a minha vontade é ser um paxá.

Mas digo-te puta minha shakti ellen icata, digo-te que quando recebo as notícias de lá, desse ninho tão distante, ao procurar uma cabine

telefónica asseguro que estou bem aqui, sim mãe estou bem, vou vivendo enquanto tenho dinheiro, não dá para enterrar dinheiro na yvette nem ir ver o gogh van, dá pelo menos para um kebab e thc do mais barato, dizem os agora yupis moralistas que um charro tem thc em grande percentagem que origina psicoses irreversíveis, até poderei dizer que pode, de facto, influenciar mas tu que uma vez foste rebelde hipi na altura não sonhavas com a moca colossal?, mas vou vivendo mais ou menos com estas opiniões dejectas discutidas em talquechuis, olha diz ao pai que o respeito por ser meu pai mas… ele nunca foi o meu herói, heróis tive outros, todos os que ele não gosta, e no entanto tento moldar o meu mundo na tentativa desesperada de ele reconhecer eu estar no caminho certo, ainda assim dilacerar-me com essa impossibilidade porque somos todos os que ele não gosta e chama-nos de maus porque assim nos descrevem na tevê, os maus, aqueles que fazem greve, os que não aceitam a coerção e a coacção. Sabes mãe yvette?,

na juventude amo a vida, positivista sou e o zaratustra é o herói, nego a religião, a música é catártica, a revolução pretende desconstruir mentalidades e valores hipócritas mas sabes yvette puta madre?, que os anos passam e a destruição deixa de ter sentido, o cru veste-se com refinados elixires de filosofia e moralidade para as quais vou sendo convidado de vez em quando em apertos de mão. E sabes shakti ellen que esse medo perdura desde sempre, os rebeldes de ontem tanto se podem perder no vício e em alguma história mitológica ou podem agora avôs odiar tudo o que cheira a diferença, acredita mãe que me custa saber que há pessoas fazendo techno em timbuktu por uma malga de leite e meio quilo de fígados de porco e este rio — uma albufeira larga de milhões de borracha pichosa para a populaça apreciar a festival rádio nas corridas, abaixo rua abaixo no marginal do rio, pipocas e algodão a um euro! Porque, meu amor, se meu pai não estudou alemão e presidente se elegeu ou se não tinha cintos com fechos falsos escondendo neve branca e delator do filho rebelde e poeta se fez; porque, meu amor, se meu pai guardou ovelhas com seis anos de idade, não pode então pensar que os futuros rebentos netos, que o tio escreve piratinha, possam vir a fazer o mesmo oitenta anos de ditadura depois, lá há-de haver alguma evolução nas condições de vida, depois dos sapatos e vestidos do vale do ave abrirem falência para o dono comprar um ferrari será necessário voltar a ser escravo? Hoje puseram cimento em todo o espaço, só faltou partir as telhas ou talvez as tenham mesmo partido, tudo para o contentor, vejo o medo na face de soldados do povo, até os punks são humanitários, a doença atinge os rios, a velhice chega, a mulher anda meia desligada, a religião

salva, há quem pague a salvação futura na caixa de esmolas, negarei [?] todo o passado para me enforcar ao lado de cristo [nosso?] redentor, a redenção da hipocrisia, iludir a dor, enganar o enfado, gente oprimida de destino absurdo.

Juro mas repito-me: tudo isto acontece em amesterdão num abafado dia de anos e nos poucos dias seguintes, coffee-shops mais à frente e vinte cogumelos mexicanos depois. Recordo que a minha camarata tem detectores de fumo sabiamente enganados por nós, cobrimo-los com meias de chulos. Assim ursula pode fumar com janet a sua weed e eu ouvir o italiano giacomo perguntar se eu vou sair bem sozinho da trip.

Eu, um solitário tendo como almofada o livro de al medo berto, uma segunda edição em capa negra e sem a fotografia do poeta encenada por paulo nozolino.

Eu, alinhavando a viagem de autocarro nas costas do meu livro fotocopiado, respondo não sei já o quê, e talvez não me recorde porque uma vez ganhei uma psicose com italianos, uma psicose que me bloqueia a memória fotográfica deste giacomo. não lhe presto atenção nem ao americano, também me parece que não gosto de americanos. Talvez nem se chame assim, chamo-lhe assim porque tenho de lhe dar um nome e eu gosto de nomes começados por g. Além disso, descobri que existe um autor inglês de nome john berger que escreveu um livro sobre um g masculino. Afinal, g como nome já estava na história e eu, sentindo a ilusão de que a história ajudou e tentando controlar os efeitos desta ilusão, alivio-me da insónia provocada por uma impossível para sempre distância em quilómetros de ti e muita diferença acontecida entre nós: «Eu escrevi um livro a uma g feminina, pus a minha versão de ti na história, e distorcendo a realidade deixei-me esquecer de ti e sentigo e sem sentido for ever». g tornas-te na minha psicose uma mitologia sem género reduzida à função de substância à qual recorro quando me quero intoxicar, uma deusa-utilitária.

Esta psicose de género identitário vai gradualmente sendo desinibida à medida que me apercebo que o tipo de identidade que define um país… por exemplo, os italianos parlam muito, o americano é o tio sam conservador, o português é visto como trabalhador apoiante da frente nacional em frança, etc e outros exemplos do modo como universalmente se enquadra uma nacionalidade… dizia eu que me vou libertando da psicose identitária, da definição de um género nacional, porque começo gradualmente a concluir que o que me interessa é o tipo mundial na sua diversidade, o cidadão do mundo, a miscigenação. Assim, preocupo-me em abstrair-me de tipos nacionais para apenas procurar o individual

em cada tipo, a sua particularidade e não… janet ou ursula quando me dizem que vão a uma rave no parque de campismo, elas não são pelo menos nesta idade, não são parte daquela mentalidade anglicana inglesa, well well eu bem que gostaria de as beijar, a elas ou a uma amiga que vejo no dia seguinte de manhã no refeitório da inn, self service.

No dia seguinte mudam-me para uma camarata com outra alma ou sem alma dado que pouco me recordo deste beliche. Tento escrever no computador da sala comum o meu currículo em inglês para o enviar por email para os undutchables e eles me poderem classificar para trabalho mas… deparo-me com o problema de os menus das aplicações estarem em holandês. Não concluo assim a tarefa, tentarei fazê-lo naquela netshop que visito na primeira noite. Simpáticos nesta noite, como só uso net por dez minutos, para tentar saber notícias da fontinha entaipada e de um amigo em paris para onde eu poderei talvez me deslocalizar no futuro, o gerente não me cobra o serviço, só o café e a grama.

Dado que é impossível dormir a partir das nove da manhã devido ao abafo, levanto-me e saio para ir comprar amber leaf. A variedade gold leaf far-me-á seu adicto devido à mistura com hash. Esse hash virá de um mestre-de-obras e teremos o direito de assistir e aplaudir duetos entre um bulldog irrequieto, segurado pelo dono apenas um amigo, falando com o inspector de serviço, igualmente careca por sinal, fazendo a ronda e estando de olho no curral de moinantes.

Compro num quiosque amber leaf e o de telegraaf, jornal esse do qual a wikipédia, que consulto para melhor escrever a sua grafia, diz ser o maior jornal diário holandês com quase setecentos mil exemplares em circulação. Uau!, em passo vagabundo e com fome entro numa porta e sou atendido por um francês ao qual peço o menu, não sei já o que como, penso que a compra do jornal será usada para procurar emprego ou residência fixa. Até porque eu não posso registar o meu currículo com uma morada de uma pousada turística, penso que é isso que me dizem. A juntar a tudo isto, não percebo já patavina de holandês, limito-me… tive vinte e três lições de holandês em ambiente de estagiários engenheiros e portugueses lá estou em a generalizar outra vez err… limito-me a encarar os anúncios como poesia fonética, vejo sex em todas as linhas.

Sinto-me até tentado a voltar no dia seguinte a este restaurante francês e tomar qualquer espécie de galão com qualquer espécie de torrada, pequeno-almoço que digiro efectivamente e perguntar se eles de facto não me podem ajudar a encontrar um quarto, acho que falamos de preços mas tudo muito caro. No entanto, passo o meu dia de anos em viagem e, viajando envolto em névoa verde, caminho pelas straat circula-

res. Vejo dois africanos lavando janelas e começo a perceber amesterdão como um local vocacionado para turistas com dinheiro e hobos párias, africanos como eu me reconheço perdendo direitos com a direita no poder, às vezes, sujeitos à regulação municipal, tivesse eu um amigo por perto… melhor será acasalar-me com uma nova amiga. Para isso, para encontrar a beleza que me fascina, o cabelo cosmopolita, precisarei de ir à melkweg ou ao paradiso mas um hobo como eu não tem grana, ainda por cima em cada coffee-shop que entra tem de consumir dinheiro.

Passo a tempo a fazer pequenos desenhos arquitectónicos, melhor, a imaginar desenhá-los, observo a minha erva na mortalha king size de arroz e misturo-a com um pouco de travo amber leaf e filtros de cartão cedidos pela gerência, observo e prolongo o meu olhar através do vidro da janela da anyday, observo a janela da africana um pouco para o cota e o prolongamento da spuistraat, vejo vaporizadores por todo o lado, rodopio até ao primeiro andar pela escada em caracol e mais dispositivos de fumo e reggae music, os desenhos, os apontamentos jornalísticos param no dia em que chego ao presente, que neste exacto momento é eu estar a comer cogumelos e a escrever: «Não tenho dinheiro para ir ver o gogh ou o museu do sexo». Ponto para agrafo.

A partir desse registo não mais escrevo, limito-me a ser o que a série fringe anos mais tarde caracteriza como o the observer, limito-me sem ainda ter uma definição estabelecida a viver os momentos importantes do meu microcosmos, penso que o meu narcisismo admite verdadeira democracia participativa, assisto a assembleias populares dentro da anyday, sinto-me bem e por isso volto sempre cá todos as manhãs, amanhã enrolarei na esplanada e existencializar-me-ei ao lado de camaradas deixando-me a palavra insulator no ouvido como um meme para o futuro, the best insulator, ouço estas palavras e penso que falarão de uma qualidade de hash, fabricado em estufa e talvez sintético, mas as pesquisas que hoje faço no google não me devolvem informação associada, pelo que the best insulator será sempre um mantra:

«is the best insulator the insulator is the best is best the insulator is the best insulator»

Lembro-me que preciso de telefonar para casa, sei que apesar de algumas diferenças de opinião com o meu anti-herói ainda tenho família, irmãs e um cunhado, sobrinhos, a minha mãe está preocupada comigo, ainda não dei notícias, compro uma prenda para a futura maior actriz do planeta e caminho ao longo de uma straat pensando que talvez encontre um quiosque telefónico, daqueles que dão para fazer chamadas internacionais. Algum suor seco no corpo depois encontro finalmente

uma phone shop gerida por africanos, bandeiras assinalando as tarifas internacionais, bandeiras tricolores, listas verdes e vermelhas, horizontais, verticais, com estrelas douradas e amarelas estrelinhas em círculo maoista, descanso a minha mãe: tenho tomado os comprimidos religiosamente, penso ficar mais cá uns dias enquanto procuro um emprego, se não arranjar voltarei para casa, diz ao pai que estou bem. Darei notícias cedo, não as dei antes porque o telemóvel ficou sem serviço roaming, só agora encontrei uma cabine em que posso pagar com moedas. Tá tudo bem. Beijinhos. Xau.

Regressando à camarata sinto-me exausto e deito-me. Este quarto é mais frio, menos abafado e a janela está sempre tapada, deito-me na penumbra e pego na almofada, abro-a numa página ao acaso e uma folha de papel azul se destaca do al medo, esta folha venho a descobrir ser um rascunho de carta que, como sempre acontece, abandono em livros da minha biblioteca, uma espécie de arquivo. De vez em quando e quando tenho de fazer a trouxa, pego em alguns livros com significado pertinente para o futuro, aqueles que me poderão confortar e ao abri-los, às vezes anos mais tarde, descubro palavras que me informam sobre quem eu sou, quem eu fui, quem eu pareço e quem fiz por parecer, muitas vezes desejo-me vítima e registo cartas nos correios com pedidos de explicação.

Ao ler cartas como estas, muitas delas nunca tendo recebido selo oficial, algumas delas tendo sido devolvidas por falta de envelope, a minha ingenuidade é revelada, pareço não ter ainda encaixado que não posso viver desejando ser mártir só porque não posso ser absoluto: olá, escrevo-te pela última vez, ou seja, monologo pela última vez [será que o fim está próximo?], perguntei-me durante algum tempo se te deveria escrever, o porquê e o para quê. Cheguei à conclusão que não sou indiferente à tua indiferença, hipocrisia e desprezo por mim [não notarei eu aqui, distanciado temporalmente, o desejo de ser honrado militarmente com o grau de desprezível?], pergunto-me porque procederás assim. Como nunca saberei a tua opinião dos teus porquês e paraquês, só me posso pôr a inventar. Será que foi porque tive a coragem de dizer que estava apaixonado por ti? Ou será por causa do livro que te enviei? Já não espero que te dês ao trabalho de pôr um selo numa carta dando-me a tua opinião [compreendo a ambição: ser discutido, comentado por alguém que a ilusão julga ainda próxima, uma tentativa de não cair no esquecimento]. Dizes que não te lembras de nada mas dizes que só não compreendeste «um» capítulo, pergunto-me qual não terás compreendido e, de outro modo, conhecer-me-ás assim tão bem ao ponto de perce-

beres quase tudo [e se assim for diz-me para eu próprio me perceber]. Penso que não sejas indiferente [desejo desculpar-me com a subversão como factor de indiferença mas talvez seja só falta de qualidade técnica e a boa educação de não ofender esquecendo-te], provavelmente não gostaste e não queres dizer, talvez te tenha ofendido, ela própria é uma personagem, eu apenas uma personagem, uma representação de alguém com cutups instantâneos no tempo e no espaço, entro por uma porta e saio pela janela, hoje sinto-me vivo, sei que estou próximo de um certo estado de felicidade [o meu anti-herói diria ou perguntaria se eu hoje já tomei a medicação], porque já não espero nada de ti e este é o meu último monologo [será mesmo?], mas não penses que te odeio, para isso era necessário que te tivesse amado [escolhes as palavras «como se» com o dedo de uma porca no cu], és uma decepção mas sê feliz, se quiseres comprar um cão para combater a solidão porque não?, corre atrás de piças grandes e ombros musculados, se quiseres amar faz um filho e ama-o, as pessoas deveriam ser livres de fazer o que melhor entenderem.

Após a integração deste fragmento na emissão radiofónica que propõe rádios portáteis aos ouvintes de rua, sentados a comer flores e a apreciar as novidades, com música glitch ou de ouvido atento à procura da revolução perdida ou de como os gatinhos foram um dia mortos pelos donos na perversão de obedecer à voz da rádio, as pessoas estão hipnotizadas por um texto poético e musical de grande qualidade mas simulam um acto de liberdade, são robots controlados obedecendo cegamente e cegamente convencidos de estar a evocar a revolução, na verdade gravo alguma desta mistura mas

adiciono-lhe «live na tv» a discussão das contas gerais do estado, o minidisk serve para durante a noite caminhar pelas ruas em direcção a um espectáculo de jazz em espaço aberto, concerto que acaba por não se realizar devido à chuva, chego à camarata e executo o meu próprio ritual onde processo a informação escrita passando-a através de retrovírus telepáticos alfa efe vinte e três que insidiam rimbaud e ar quinze, segundo definição de zaine, a sua magia tornada substância, e eu posso dizer muitos mais: dos livros, pais, heróis, das almas em música cantada por minhas mães, chegam-me citações que justificam o meu presente, sem elas eu não podia escrever o que eu mal consigo desfrutar, sem elas a minha ignorância, que envergonha, não poderia existir.

O ritual envolve escrever no fundamental café por alturas de novembro de dois mil e vinte e três um poema psicótico a um poeta da revolução que justifica alguma solidariedade embora tão diferente seja dele. Ele é, acredita ser, escreve como irmão dos deuses, como abençoa-

do por zaratustra, escreve que despreza o rebanho, o que toda a gente chama o povinho e a vidinha mas no fundo ele quer ser o profeta de um rebanho, «alguém que me siga». Mesmo que goste do romantismo desta poesia, caio sempre na realidade de ser um carneiro pois nunca pertencerei a uma elite da revolução, nunca quererei ser poeta, digo: nem ditadura do poeta nem ditadura do burocrata nem ditadura do proletariado nem mesmo do louco, eu na verdade imagino-me pintor operário subindo as ravinas fluviais de derza, nunca pertencerei à elite porque não me sujeito à instrumentalização da palmadinha nas costas nem tenho habilitações, digo-te antónio pedro ribeiro que se me elevam aos píncaros, se me tratam como um mestre na fase de negociação deixo de ser amigo ou ter currículo a partir do momento em que assino um contrato, botam defeito em tudo, querem que eu roube modelos na internet porque não confiam no meu valor, digo-te que eles atiram dez euros para cima da mesa e dizem no seu capitalismo de esquerda, de imobiliária maçónica com vistas de um milhão de euros e recitando o livro dos morons ou a bíblia sagradíssima: pensas que te ando a sustentar?, não sabes trabalhar, baza! A verdade meu amigo ribeiro é que os dogmas se ajustam à cor do dinheiro ou à falta dele, ora… salvamo-nos os dois porque cada um à sua maneira sente as prostitutas.

A daniela trata-me bem, nunca ninguém me trata com tanta honestidade, explica-me porque não beija na boca, dá-me aliás dicas que revelam muito do que também ela vê em mim, diz-me que devia fazer ioga. Antes ou depois do crash, escrevo sem roaming uma mensagem a uma prima e, quando lhe estrago a performance, ela expulsa-me com a ajuda do agente de autoridade de serviço e diz: paneleiro de merda. Lógico! Um insulto de boca não fica registado e, se no futuro levar uma facada, perante um juiz ela dirá: eu não sei porque ele me fez isso, parecia simpático, até gostava dele, só mesmo um doente, um maluco… senhor juiz.

Existe uma diferença entre ser puta e prostituta, ela poderia dizer como o outro numa palestra: o homem não descende do macaco mas há homens mais macacos que o próprio macaco. Mas digo eu que também há putas que não se acham putas só porque pertencem à contracultura que se tornará secular instituição, outras há que querem os direitos do século vinte e três mas o sustento do marido do século dezanove. Noutras eras antes de se definir a palavra, o fascismo chamava-se desejo de poder absoluto, hoje ele é um transformista mistificado de social mas só há almoços grátis para os amigos, e eu amigos só tive aqueles que bateram à porta por necessidade pessoal, pareço ter cara de endinheirado.

Amigas? Perdi oportunidades de continuar a ser um objecto, elas adoram o diabo, têm mesmo medo dele, elas odeiam o diabo, sujeitam-no à indiferença porque ele não quer ser adorado e foge como um bicho-do-mato da adoração de quem sistematicamente diz: «você é o futuro mas não gosto do seu casaco. A sua imagem… você deve, olhe, eu conheço quem possa…»

Dedico-me apenas a reprimir o meu pensamento porque ele acaba sempre por acontecer com nuances, dedico-me a decifrar a explosão de gatafunhos e a transcrever estilhaços de bala dizendo que a medicina não compreende, a religião is evol love, o que eu preciso mesmo agora é de exercitar a função do orgasmo. A seguir, assusto-me com o cabide dos casacos, vejo nele uma bruxa de negro mas logo a confiança erótica chega, executo movimentos de cavalgadura numa égua imaginária et voila mijo-me na camarata. Satisfeito o desejo durmo como um anjinho, no dia seguinte ponho um boné e vou ver as notícias da guerra, quirossá roubô cambiô hodjê, porque quem nunca te roubou um beijo que atire a primeira pedra, não nasci em croatan mas croatan nasceu em mim, faço kuduro pru mundo.

Psicoticamente tudo o que às vezes penso e nem sempre escrevo, tudo o que às vezes escrevo e esqueço durante anos, psicoticamente tudo é passível de implicitamente ser imediatamente interpretado ou até indirectamente comentado, julgado e, após detalhada análise, atentamente jogado para aquela secção da base de dados intitulada «sem imagem comercial», ou seja, eu não deixo conscientemente que a instituição me explore, é preciso que eu tenha vontade de me deixar ser escravo e vestir a camisola que me ofereçam, no entanto preciso de trabalho, sou ganzómano e por isso não posso apenas descrever, tenho de algum modo reinterpretar e, com as especiarias a que tenho acesso, tenho de à minha maneira cozinhar a paz que me vai ordenando o caos, o meu estômago. A substância, que me conforta há muito tempo, deixou de ser uma grande diversão para ser um substituto de um modo de vida normal, uma sentença de futura incapacidade mas eu luto… luto por trabalho todos os dias para me bastar, para não ser comentado como um cancro social, uma metáfora que se fosse verdadeira oferecer-me-ia todos os dias por volta das quatro da tarde na sala de visitas do hospital qualquer extravagância como presente e desejos de boa recuperação mas… o meu modo de vida, a minha dádiva, o meu diagnóstico, a minha sentença: drogado mental sem sentimentos e sem pessoas verdadeiras à sua volta, posso esquecer os charutos havanos de chocolate «mon chérie para as tuas melhoras meu darling e para deixares de fumar faz-te tanto mal à

saúde»… eu queria tanto ser auto-suficiente e não necessitar de emprego, de caridade miséria falsas oportunidades, trabalho eu luto por todos os dias, a toda hora e consumo o meu ser fumando o pensamento de um novo e futuro falhanço ao qual concorro enviando o meu currículo profissional. Adormeço pensando que fiz a minha tarefa de lutar. Ao acordar, a repetição volta, o sol inicia de novo a luta, eu fumo mais um porque continuo sem rendimento ao fim do dia e o dia só agora começou e já estou a pagar imposto…

Ao passar na damrak vejo num armazém um anúncio pedindo empregados, fico interessado e entro, dirijo-me ao balcão, apresento-me e dizem-me para voltar daí a um mês. Ok, agradeço e volto à rua sabendo que talvez não voltarei lá e, olhando a sujidade nas minhas calças, penso no que a minha mãe uma vez me disse, ela uma voz anónima do povo em ditadura: nunca descures tua imagem. Às vezes dizia-me isso e eu ficava a pensar: mas quem é pobre pode andar asseado, arranjado?, ao que ela respondia: podes ser pobre mas fazer por não parecer. Ao que parece a higiene pagará todas as promessas mas… entre mim e a higiene há toda uma luta de classes e eu tenho algumas dúvidas de que queira ser manager ou até formar um partido lóbi. Sou assim: às vezes on às vezes off eu prefiro o estado de ov, um germe eternamente gerado e sempre pronto a renascer para um novo mundo numa nova ponte, quantas vezes já não mudei de vida?, tentar pelo menos. O cínico poderia dizer «às vezes ainda me ofereceram camisolas» mas o hobo diz «nunca tive estabilidade nem ilusões, apenas sonhos, tenho de me adaptar ao mundo mas o mundo quer que eu deixe de ser eu», para ser ele — o mundo que rende juros ao gestor de activos; para ser com ela — a munda, a mãe levando o pequeno-almoço à cama ou a mulher «faca e alguidar» com jantar romântico no dia de anos.

No fundo, minha mãe leva-me a deduzir a simulação futura, a intoxicação com um copo de água e talvez, agora é capaz de ser já um pouco tarde… um louco é-o muitas vezes por repressão ou impossibilidade de descarga sexual, farto de não ter alguma toura como parceira sexual, simula o amplexo na sua imaginação e usa as suas duas mãos em si próprio, sente-se senhor anarca monarca absoluto pondo e dispondo de si próprio, dizendo até que não precisa de gadja, que se basta a si mesmo. Porque não acredito em desequilíbrios químicos genéticos e tão só em espíritos que incubam no futuro em crianças da lua, às vezes o louco ou o joker joga contra si próprio, chega mesmo a escrever coisas reaccionárias, frases como: já não acredito na anarquia, na guerrilha criativa, eu nem sequer encontro uma gaja interessante, quanto mais mudar o mun-

do, a guerrilha significa spam, noise informativo, gosto de informação estruturada, organizada, não gosto do noise quântico da web.

Dito isto, nego tudo o que escrevi desde o último dois pontos. Há sempre alguém a processar a informação que me chega. A verdade é que ainda não cheguei ao nível necessário de conhecimento para eu próprio poder organizar o meu dia-a-dia, o excesso de informação que ainda não consigo processar convenientemente, sou um hobo ficando sem dinheiro a cada pacote de bolachas que compro, a cada grama de thc que compro e, claro, eu… dizem para eu voltar daqui a um mês porque vêem o modo como estou vestido, vêem que estou de passagem, um turista momentâneo, suado e com as calças manchadas, alguém que não estará aqui por muito mais tempo.

Dou por mim a pensar tudo isto quando entro no prix d'ami para tomar café, compro uma grama e começo a enrolar. Um holandês corpulento vem falar comigo, se calhar já me tinha topado ao longo destes dias, fumamos o meu e um dele, fala-me que tenho de me registar oficialmente, podes ganhar mil e duzentos euros no mínimo mas tens de estar registado com residência. Digo-lhe que estou numa pousada e que não a aceitam como morada e depois é cara. Fala-me que no croydon hotel se arranja diárias de vinte e poucos euros. Where is that?, ele responde que passando a damrak fica na primeira rua depois do grasshopper. Fico interessado e pensativo e ele pergunta se eu o percebi, há aqui uma espécie de tensão sexual flutuando na névoa verde mas caminho noutra direcção, tenho de sair e atravessar para o lado de lá da damrak. Procuro o croydon hotel, viro na segunda rua à direita e encontro. We're full! Ok regresso, nada feito, nada de quartos, sufoco, resigno-me à frustração e amargurado penso no meu futuro na rua ou na miséria da caridade alheia, resisto, digo-me que nada me impede de sonhar, imaginar mesmo uma cabana diferente: um espaço onde dormir, comer, defecar e mostrar o meu trabalho e vender claro, obter um rendimento mínimo de subsistência que pague a conta do supermercado, a tinta e a tela, a ganza e a conta da net e claro!, o aluguer da cabana.

Vivendo hoje o momento como se hoje venha a acontecer, penso aproveitar a voz de ka-spel, será uma epifania sonora adequada para descrever o momento que não se escreveu, até porque a revolução do microcosmos não é nunca televisionada: nobody waits forever, not even me for you on a desolate onway on a desperate lock in a forgotten universe ik waited so long for me to plant my flag half mask half way between two empty spaces lost but I will raise my white stick I'll wave I always think I heard a voice your voice my love yes till a walkway towards the light you

see I had no choice our life must go on well that's all we always say isn't it? our liiefffe muussst goooo... on.

Munido desta informação que me conforta, que me justifica, gravo-a para minidisk, sequencio-a, ponho-a em loops aleatórios e contínuos e adormeço a meio da tarde com os phones nos ouvidos, estou sem t-shirt e sinto uma brisa no corpo, estou numa espécie de sonho lúcido deitado repousando a cabeça na al medo fada, não sei quantos segundos minutos passarão até me levantar… e escrevo tentando não perder a informação contida no vírus, gatafunhos do sonho, uma cabana de ferro, uma cabina de febre: toda a gente vive dentro de uma enorme cidadela psiquiátrica, com campos e equipas de futebol, o pintor jovem delirante não assina o quadro genial que numa exposição é roubado, zmb sente-se feliz, ser roubado fá-lo sentir-se um herói como na frase «roubar os nossos heróis e ser igualmente roubado, assassinar os nossos ídolos e ser enforcado por ela», o jogador de futebol toni volta das áfricas, um dia grava um disco e vira estrela, o manager da equipa diz que estraga a vida dos antigos companheiros, a torneira seca mesmo que a holanda afunde por causa do aquecimento global e fazendo pensar que se passa o contrário no rio do fardo de palha, o duo musical foge com o dinheiro, o pintor acaba por ficar dono de um cafézinho como recompensa, gardel em bíblia, o pintor entra com este livro num bar restaurante com mesinhas rectangulares pretas encontrando a judite, sozinha mas desconfiada, passando a mão pelo cabelo no banco de trás e perguntando-lhe o que está a ler, eu digo que não fugi, quem tu de facto desejas não vem hoje, quanto a mim volto depois e volto no final da história abraçado a duas gordas gostosas que vi através da janela, comentando o meu próprio comentário dizendo que tudo se resolve bem e que é bom amanhã ser dia de folga, assim posso dormir, termino dizendo 31:10, a última imagem do sonho, uma espécie de números alfanuméricos de um rádio despertador digital, o tal que se queima juntamente com o livro de el grecco requisitado na library.

Quando descubro que sou um homem verde vindo de marte expludo e num súbito queimo a cabeça, quando acordo não quero continuar a relação porque estou demasiado destruído e não consigo suportar os meus olhos. No processo de análise do porquê de ser um homem verde descubro que sou uma espécie de lobo sem ser e sem posse. Um lobo hobo. Reproduzo citação anónima do século xxiii: é por isso que ele sofreu, eu podia ver os seus olhos flamejantes, eu podia ver diferenças radicais não contadas, eu podia ver os seus olhos flamejantes, eu não pude contar a sua verdade, por isso ele sofreu. A verdade é que não preciso

da rehabilitação da laje, do post-mortem, virem dizer que a minha vida é um limbo de mistério e sedução, a minha vida é precária e insustentável é ficar aqui, decido-me a ir ao gabinete da eurolines em amstel para comprar bilhete de volta, sou um precário sem amigos e sem morada, volto pelos meus meios e enquanto posso para que o meu nome não chegue ao consulado.

Três dias depois, apanho o autocarro, tenho tempo de ver o que me parece ser um estudante partir connosco e depois dos funcionários suspeitarem de transporte de arte roubada, depois de investigarem e rehabilitarem deixam-no entrar, todos a bordo!, e então do que me recordo factualmente é que passamos por haia, antuérpia, engarrafamento a atravessar paris, uma estação de serviço na região do champagne ou cognac, tenho uma epifania durante uma tempestade tropical nos pirinéus, descontextualizo-a temporalmente como se e tiro uma fotografia que será imagem de capa de uma edição musical num futuro já passado: «ik ben zmb zijn zmb zijn», digo eu uma vez às moças num bar antes de ser posto na rua com um «you're too drogen, graag gedaan», a tarde passada no grasshopper lendo zines artísticas e sonhando ver os art zoyd interpretar ao vivo a obra faust, hoje tenho este álbum em audio mp3, eu sei que o artifício não é a mesma coisa mas é o melhor que se pode arranjar.

Paramos uma última vez antes da fronteira e reconheço vozes portuguesas de companheiros de jornadas semelhantes a algumas minhas, querem fumar um charro e esperam não ser revistados.

Escrevo assim que regresso, chego outra vez a casa, desta vez o cenário é totalmente diferente, porque me quero maluco às vezes e a utilizar o meu último coto, a minha última bandeira, escrevo que o cenário é agora o de um renegado esquizofrénico, aproveito e dislexio palavras e escrevo estas: junkies do desejo, pederastas da prisão, prisioneiros do caos, baralhar as cartas e jogar a sorte na combinação, vai dar tudo ao mesmo, as definições vão mudando, a essência mantêm-se, todos nós queremos ser não apenas o observador mas o actor, as maiores mentes que se quedarão aprisionadas pela liberdade, destruídas pela loucura, quem como eu tem de ir a uma consulta para avaliação clínica faz de tudo isto uma bandeira, isto e aceitar o convite de zaine para lhe oferecer um café e lhe proporcionar hash e vinil musical, fazer a sua memória lembrar epifanias com chet baker e urgi-lo à discriminite do seu próximo título. «Sabes quantos músicos overdosaram em casa dele?, tenho de ir, estou a ter uma epifania, tu compreendes, faço contigo o que nunca fiz, empresto os meus livros, perco-os, vendo-os e depois tenho de pedir mais exemplares à editora… os ladrões roubaram-me!»

Recuso que a minha psicose seja transmitida geneticamente e provoque o tal desequilíbrio químico e tenha como solução estabilizadora a aplicação de neurolépticos e extra pastilhas para os efeitos secundários, a redução de danos. Sei muito bem que a minha psicose tem causas sociais, mesmo que diga: tivessem eles me pago as férias num spa em zurique [mas para uma lady… que mais se pode kerer ai krida...] ou a indemnização prevista na lei [oh meu filho és a vítima, o mártir que por vias tortas desejaste ser].

Recuso considerar-me vítima mas se o for sê-lo-ei apenas de mim próprio ou da minha sede de conhecimento e se sou nada serei apenas vítima de nada, sei que sou inadaptado, não sentindo heróis dentro de casa e ao ver desde cedo o mundo considerar-me o que ele próprio se não considera, um relações públicas pago com sapatos em ouro, construo a minha genealogia, o meu panteão de adn sideral, alimento-o com drogas soft e cogumelos, tento ver uma fuga num pico de heroína mas desisto e logo volto para casa, o seu efeito impede-me de responder ao afecto de quem vem tentar falar comigo, muita mulher vem ter comigo e eu não correspondo, gostarei talvez que elas me sigam até casa. Venho para casa sozinho fumar um bob e ouvir marley, gostarei talvez que elas não me sigam pois ambos poderíamos vir a gostar desse afecto além do erótico entre um futuro casal de possíveis hepatitis aids zumbi duet como se eu viesse a traficar os amados filhos de camisinhas furadas.

Digo que, afinal, gosto de sexo com mulheres bonitas. O zombie, lido no símbolo iconoclasta anar band, transforma-se em zmb, truncado portanto e autoproclamado mestre da realidade hiper ilusória, do artifício e da encenação.

Aquele que viaja sem sair de casa e às vezes procura aquela que lhe devolverá a potência de um brilho nos seus olhos, um sorriso. Aquele que constrói narrativas pescando pontas soltas nos seus cadernos ilustrados, em cafés cada vez mais no smoking… adorava ler o magick e ilustrar o salão do templo mas só como exercício visual, o meu templo ainda assim tem reminiscências de ouro, é um pouco reprimido como o do samurai [que me ensinou uma beleza da qual hoje já me posso afastar e a honra que completei com a leitura de stendhal] e, porque a mística de tanto remoer se desvaneceu como que por milagre ou remissão espontânea, admito ter visto um dos meus pais siderais na fotografia de um condenado à morte… no cárcere, acarinho os meus colhões sempre que leio esse poeta, sem pai e da mãe só a redundância do nome de registo.

O filho de uma possível prostituta, uma profissão que minha verdadeira mãe nunca precisou de exercer, insidia-se em mim e eu fujo

tanto do medo de um futuro e nunca desejado electrochoque como do fascismo místico no qual «causa ou consequência» chego a cair algumas vezes. Ainda assim, prefiro o avô desconhecido e imagino-o misterioso, imagino que tenha sido mau, severo talvez, sem história que mereça que meu pai me revele. O meu pai verdadeiro tem apenas a quarta classe, desconfia das novas oportunidades e do euro, numa fotografia de arquivo vejo meu avô sideral de sobretudo e cabelo farto aos dezanove, sei que o seu irmão branco ficcionou o encapsulamento de um espírito brilhante numa borboleta transformando-se em crisálida no ventre de minha mãe e eu, como se cristo ou judas ou qualquer outro mito seja, sei que na minha psicose sem conteúdo racional, eu...

descendo de heróis, tendo eles desenhado psicografias, eu… sem elas me terem ferido de amor os tímpanos eu não poderia ter o fluido, não poderia ser quem eu escrevo, quem eu me assumo perante linhas de open word online, que mitologias recupero e assincronamente incorporo na minha ficção de regresso ao real, traumático às vezes o meu modo de me fazer gente, mais tarde cumprimentar-me-ão e levar-me-ão a ler escritos seus e eu perguntarei se por acaso não nos teremos já visto nalguma instituição hospitalar? Eu acho que preciso de usar óculos.

Falámos certamente, apertámos a mão, trocámos talvez mortalhas, um cigarro… mas saber que existes e que escreves uma página na explicação, na construção do meu delírio (o teu delírio de palavras escolhidas a dedo se tornou real na minha leitura) faz-me dizer não poder ser nunca um apoiante da política anti-drogas. Não seria correcto ser hipócrita porque eu igualmente as utilizo e com uma função definida e mesmo sabendo que algumas queimam o teu caco não posso impedir pessoas como ela, r púrpura, de ter as suas epifanias e sentir, desejar, conhecer e escrever, necessitar de narrar as suas fotografias, acima de tudo viver para poder contar, emitir, transmitir…

… eu também mas eu não vivo verdadeiramente, eu revivo os vários momentos da morte, o pós-morte é o colete de forças e o largactil, re vejo até polícias loiraças e algo feias vestidas com bata de médico fazendo o «diagnóstico» na sala de espera, vejo o que se escreverá a seguir, um dos muitos regressos que faço antes zijn zmb zijn e depois sempre que regresso.

Muitos amigos dentro de lá e de cá, amigos até do momento e dos quais não me recordo, sobrevive-me a solidariedade de em grupo e como classe vos cantar a todos, cantar os teus caprichos de histeria minha ex-senhora nos campos do paupério ou das tuas poses de junkie meu amigo.

Mesmo que não vos cante os caprichos exactamente «per se» e

fiquem anónimos os vossos nomes para quem vier, ah sublime, infectar um leitor entre partidas, interlúdios e eternos regressos sem elegância…

… eu, a todos e a tantos mais, vos abençoo como se, como se eu, como se fosse um qualquer cristo e tivesse poder, far-vos-ei como me fizeram: trocarei convosco em timbuktu techno de boa qualidade num último muro ainda não cartografado, ficcionarei a torrente de consciência in e out, eu, espírito autofágico, transubstanciador mesmo [ah… a sublime infâmia do conto], ouvir-vos-ei falar do modo como combatem a vossa hepatite de junkie, do modo como alguns desistem do tratamento com interferon e se afundam na depressão com vinho, pastilhas explosivas, insónia e invalidez física, do modo como alguns estão em coma, do modo como alguns se curam com argila e mijo das freiras, esse elixir de vómito; do modo como alguns se queixam por não saberem se é verdadeiro o diagnóstico de «curado» e, não querendo saber, tudo é desculpa para não beber mas

fazer escândalo por causa da senhora que quer fumar, vós…

tornados dependentes planantes da pastilha [e negam que foram e que são], vós…

sobreviventes rehabilitados da traficância [hum a arte como crime o crime como arte? hum], vós…

fugindo da recaída no caneco ou no ciúme sem culpados, em vós…

procuro a causa, o gatilho da minha psicose, prefiro ter-me tornado um junkie em recuperação do que ser o meu sangue louco e culpar o sangue de meus pais, sou tão vós pareço tão vós receio que me torne igual a vós que em boa voz de todos vós me fartarei — sei-o porque não tenho perfil de substituto da s[eg]s[ocial].

Eu não sou um gajo social e os meus pais não terão culpa, o seu sangue foi igualmente recebido de herança e assim sois todos vós

a minha desculpa, sois todos vós

os heróis que no meio de nós e connosco se sujam ao invés do bom poeta e medíocre pessoa, somos todos nós

aqueles que nunca quiseram rótulo geracional e que agora vendemos o rótulo, todos vós

com quem me cruzo, a quem darei cigarros e livros mal-educados que recusareis publicar: abaixo o artifício, quero fumar, a tomada eléctrica pifou, deixa-me fumar, quero viver, aceita o meu fumo mas retiro o que disse e não fumarei na tua laje por respeito.

«Não publico porque é muito poético e a minha zine é assumidamente rasca.»

Quero deixar de escrever porque sinto que escrevo porque morto

estou e vejo doppelgangers por todo o lado. O meu glenn branca é um poeta narcisista ainda mais sectário do que eu e há muito que perdemos o interesse um pelo outro, agora apenas desculpas educadas ao telefone, este morto não quero que pertença à minha colecção de heróis de banda desenhada. Tive uma litania de natas natas natas com a minha dia munda galas pessoal e dela desisto por causa do absurdo de amar o mito em vez do microcosmos que me acarinha à sua maneira. Agora prefiro sorrir quando vejo a lula pena na minha vizinha, ela vende no supermercado do meu bairro, recusa oferecer descontos dumping e eu gosto do seu anonimato, sempre que passo por ela sorrio. A sónia braga também não anda longe e é uma cigana com dois filhos de pais diferentes e nenhum deles é cigano e eu... eu sofro toda a vossa miséria e alguma mea culpa por escolhas perdidas. E que dizer do duplo do vila-matas que vende palmilhas ortopédicas aos residentes da zona turística de derza? Eheh até que acho uma certa graça ao intrujão…

Amanhã escreverei mais, agora vou fumar um intensificador de sonhos. Digo-te agora que o fumei e lembrando e corrigindo o fluir das palavras que inda agora escrevi, digo-te linda r púrpura, tu

transportando o nome do meu primeiro amor,

aquela que costumava esconder as mãos e acabava sempre por levar reguadas da professora nas pernas porque tu

não fizeste os tpc na escola primária, tu

que te cresceste modelo de escola de arte, hostellee e desejas a apanha da fruta para comprar uma câmara de melhor sensibilidade, digo-te r púrpura

tem a responsabilidade de ter alguém que trate de ti

que te cure com beijos nos momentos em que te sentires no fundo de ti, digo púrpura r

se te sentires no mais fundo de todos os poços, digo-te

o mesmo que apliquei a mim próprio: Se estiveres no fundo do poço e se não chover, não te poderás afundar mais só poderás levantar-te.

Digo-te tudo isto antes de vermos o filme de uma revolução, de certo modo manietada pela presença do olho, o observador recolector e criador de elementos dramáticos e retórica, filmando uma revolução romântica numa terra que não conhece ainda a palavra mais universal do mundo: fodere!, na realidade do dia-a-dia quem se fode afinal são os presos sem julgamento à custa de jangadas de bois aparecendo nos jornais fotografadas «como se» cannons, durtrais pios e paisanos vestindo a caxemira do duque, prontos a assassinar o comité dos homens da razão

e da ração. E eu próprio, se estivesse lá certamente não seria diferente deles.

O papa benze, o aiatola proscreve, o buda contempla, o brama escreve poemas e o imã vive em segredo, tudo numa terra de amigos e proscritos sem curriculum mediático prontos a sem mácula serem lançados na tv da alta finança municipal, e eu que não quis experimentar tudo, eu descubro mesmo a minha droga e terre d'élection: les égorgers a droite les étrangers a gauche, io sei que mais velho do que tu sou mas nada me impede de me despedir de ti esta noite com um beijo e um sorriso que me faz sonhar e me impede de dormir.

Em aflição de hipertexto e cliques na open word online, se eu te quiser vender este poema como meio de tu mesmo me justificares e o leres como uma súplica de carinho, orgasmo e intoxicação… e se tu aceitares esse valor com confiança… eu serei hoje salvo e nuit aujourd'hui insónia nenhuma assassinará o meu id e o sono será refrescante, não haverá sonhos em que a súcuba me trinchará o sexo nem verei meu rebento filho dormindo sobre seu avô, três gerações de mortos, adoradores de kali, yantras for you I will deliver in a minute sleep mais tarde credo, em noites de facas longas tendo-te como sócia, beijo?

Pensando na musa muda que
enrolada em peles de arminho
no final do conto canta as tears go by descendo as escadas,
rodopio esta in-sónia assassinando o poema.
Entre dervixes e chás de urtigas,
entre camaleoas no bar e koans na via rápida,
entre deus, sua opulência capital e o mártir escolherei a
decadência legit da vítima na capela da sócia.
Quererei não sinhô ra ma ri ah fulô acordar mañana cansado casado castrado,
svegliarsi domani stufo deum sonno,
em ciúme ou ausência de ciúme
num clube de boxe ou em telhados suspensos,
tão gordo da caridade neuroléptica como do
nariz de postiço esqueleto abanando,
recordando uma infância de tédio e pouco carinho e
observador ainda aspirante a ser inaugurado,
memórias de carnavais alheios,
de coca colas com aspirinas e belos narizes cleo,
pária ou garoa de programa passatempo a quem esgalharam o t no

café

ou como io com champagne em copos d«água,
fazendo a lista dos que desmaiam e,
alheados como eu e sentindo o absurdo,
fazem de uma vida a conclusão em regressos via popó,
com um dedo encenando a fotografia,
silenciosamente,
um halo de vulgar santidade,
um gatilho na cabeça de um gatinho,
de cavagnac cã sem morada,
de espianto em casa da musa muda do momento,
um eterno squat no xadrez de vampiro, de jongleur,
nunca em fiúme e com desejo animal,
sem ciúme em Derza e anónima no século XXIII,
al la petite mort,
why not?, excess makes the heart grow fonder.

Antes que regresse já num comboio na linha do norte e depois do café às sete da manhã em pirinéus bascos, sem chuva do lado de cá da montanha, lembro-me que todos temos um vidinha mal cheirosa e todos falamos mal da vida dos outros, recordo essa jj, ela merece um poema solidário e a pré-história neste caso não interessa muito: We are doomed my friend fiend. Não interessa quando te vejo pela primeira vez perdida na abdução por assassinas pedófilas e paisinhos de farmácia, foi há uns anos. Eu pareço à minha pessoa já uma couve frita. O que parece aos demais não o sei bem. Tantas opiniões ouvidas por detrás dos ombros. Tantas dúvidas se se está a fazer a história ser irreversível e por isso já um facto secular ou se se está a abolir o tempo sendo livre para criar o que quer que seja pintando pinando pinando pintando mas pouco, muito pouco, muito gordo parecido com um garrafão onde se pode apoiar a cerveja, agora mini, para fazer um moks que não bate devido à pastilha. Se o dou a entender não sei mas sei que sou uma couve frita, tudo bem que se pode argumentar que mesmo a couve tem alma mas frita?! Eu exalo um cheiro a porco assado saído do dentista. Por isso a minha história não interessa e falo-te como o meu pai nunca me falou. Não te conto para que me julgues ou pode para isso ser mas para que possas no futuro decidir pela tua cabeça. Aliás tu ainda nem existes nem espero que alguma vez existas a não ser por acidente ou por mudar de opinião e assuma a responsabilidade de durante toda a vida te pôr sardinhas no prato e nunca te deixar ir para a escola roto ou descalço, sem lápis bor-

racha. Se te tiver haverei de ser responsável e transmitir alguns valores e eu duvido que tenha alguma vez sustento estável, é uma sina que não quero que seja a tua. Mas falava-te dela? Diz-me minha mãe que está internada. Falou com a avó por telefone. A avó está com uma depressão. A mãe está separada do pai. A neta está internada. O irmão tem um part-time. A minha mãe diz-me estas coisas ao jantar no final do jogo do euro. Diz-me que jj falou de mim. Diz-me que ela está a ter melhorias, que está muito bem. Está numa clínica privada. Ela falou de mim. A avó tinha-me dito há uns meses atrás para eu ver se a jj se deixava internar. Eu desinteressei-me do caso mas digo à minha mãe: Interná-la?! A culpa é dos pais. Eles é que se desentenderam, ela deu-me a entender isso pelo modo como reagiu quando lhe perguntei pelo pai depois de perguntar pela mãe, eles é que a puseram num colégio interno aos doze, não quiseram ou puderam tomar conta da educação da filha. Ajudar a interná-la, mãe?! Eu que também estive estou dentro. Digo à avó dela: O que ela precisa é de um namorado. Pois é… suspira a avó. Você podia ajudá-la… diz a avó.

Eu que não tenho nada ou eu que tenho muitos objectos e que por isso não sou livre de me mudar sem ter que levar todos os objectos atrás, eu hoje tenho muitos objectos. Quando foi tempo de partir e pari sozinho para nunca mais voltar, para ter futuro e não passado, tinha poucos objectos, menos objectos e mesmo assim levei os objectos e as memórias que encheram duas malas de viagem e voltei mais tarde com ideias para novos objectos, novas ideiotas. Eu que não tenho nada mas muito objectos. Ela falou de mim, de mim que não tenho nada mas que gostaria de ter, mas ter quem? Afinal eu até curto a minha solidão. Qual é o meu tipo de gaja, eu que não tenho gaja?

Conheço verdadeiramente jj na esplanada, eu estou sentado esperando que chegue alguém com um pinheiro para desbastar e chega ela e senta-se alegre desbastando o seu último pinheiro. Pergunto-lhe se é possível arranjar nalguma bouça uns quantos pinheiros para fazer a árvore do natal que se aprochega. A minha ideia no íntimo eu sei qual é, é pintar pinando pinar pintando com ela o pinheiro. E assim foi, vamos à procura do pinheiro, entramos no autocarro, saímos no semáforo da bouça e caminhamos. Quando voltamos ela fica para trás, fico informado de que ela gosta de outros arbustos aos quais está presa. E presa hoje está numa instituição e (pode ser só a avó deitando a asa com isco para cima do meu ombro de peixe, pode ser só a pontuação de minha mãe ao retransmitir o que a avó lhe disse ao telefone ao jantar…) ela fala de mim. Porquê? Porque há uma ligação entre nós, uma certa afinidade.

Ambos estamos perdidos. Há um dia em que eu tomo no café o meu carioca de café e fumo o meu amber leaf e tu à noite entras e sem mais nem menos me perguntas: Tens? Eu disse que sim. Vamos? Eu pago e vimos. Entramos. Ofereço-te o sofá, eu fico na cabine do DJ, abro a gaveta e retiro a pedra. Corto e enrolo. Fumamos. Ouvimos música. Silêncio. Não há ainda muito para dizer embora eu tenha febre. Tu aparentas febre. Fumamos mais. Passa psychic tv ou thee majesty. A música de natal e então eu falo, digo que tu pareces capaz de manter uma pose, calada, a fumar, que pareces vibrar no teu interior em turbilhão, digo-te que quero que poses para mim e que eu pago, vês? Eu sou honesto, eu pago pelo serviço, pago-te cinco euros à hora. Já não me recordo das suas palavras mas eu penso que ela adivinha a minha solidão, eu estou disposto a pagar para pinar, desculpa, pintar. Então ao nos despedirmos nesta noite, aqui eu recordo as tuas palavras com algum orgulho ferido: então se me quiseres desenhar telefona. A esta ironia respondo com alguma simulação de desprezo: um dia destes… o certo é que mando a mensagem telefónica no sábado seguinte. E voltamos a fumar, faço um desenho, tiro fotos, ouvimos música, começamos a falar, ouço pormenores, gravo-te um cd, vomitas-te no chão por duas vezes na mesma noite, chateamo-nos, pedes desculpa uns dias depois, dizes que precisas de ajuda, dou-te de comer, fazemos passeios entre cigarros enrolados, somos saudados por vizinhos que nos vêem quando voltamos da lojinha — tu com dois discos de vinil, eu com um espelho-porta de guarda-fatos — alucino, zango-me quando condescendes que eu te beije mas cerras os dentes, beijo-te os dentes alucinado ao ver o joguinho de menina na idade que pensa que pode ser fatale, ah se eu te desse vinte euros tu farias um servicinho, insulto-te em pensamento e afasto-te ao fim de alguns dias porque me canso de estares perdida. Pois se eu estou perdido não quero nenhuma perdida, embora tu poderás pensarás que eu não estou perdido e que te posso ajudar. Falas de mim, diz a tua avó por telefone à minha mãe… falas de mim a quem? Eu hoje ao jantar no fim do jogo do euro, objecto à minha mãe: Melhorias? Eu quero ver cá fora como será… a verdade é que tento telefonar à tua mãe ainda esta noite mas a central telefónica indica número não atribuído do lado de lá da linha. Eu estou perdido mas quero ir ver-te aonde estás. Solidariedade, pena? Não sei bem definir o porquê. Digo à tua avó: Mas como sabe que ela não me arrastará? Eu tenho afecto à sua neta, eu estou a fazer um quadro dela.

Aceitar, seguir todas as regras, todos os isqueiros, vejo cinco isqueiros de cores diferentes em cima da mesa, era lumes se faz favor, o acender é compreensivo e passa-se às cinco da tarde ou serão seis seis

seis após o jantar, a terapia do sono e o alcoólico. Estou doente, estou talvez com sintomas psicóticos, sei que de certo modo actuo um papel no filme real mas sei que a minha actuação não é de agrado da audiência, digam-me a vossa definição da minha doença, estou de baixa até dia sete, estou a dizer: hmm tenho muito sono… que puseram nessa seringa, que veneno usaram numa veia do meu braço esquerdo?, da última vez deram-me ludiomil, sim esse que li em suicídio modo de usar de claude guillon [e na verdade deram-me dumirox e normison cujo efeito é igualmente assassino dos músculos, o facto é que lembrei a ficção em vez da realidade], é preciso recontar o varrimento diagonal do écrã da tv, mesmo parede abaixo regada com vodka minipreço quando tomo lorenins comprados a amigos e diluídos em garrafas de cerveja, é preciso dizer que antecipo o futuro das pírulas pala a cabeça receitadas por espremedores hospitalares, no fundo quando a manequim de música inicia o seu programa de rádio eu digo: no passado beijei a morte, depois expulsei-a e agora a morte hoje ela telefona-me com aviso de recepção, não sei de nada estou de costas, o emprega-me abana um saco roto e a ajudante social de cabelos loiros e vestido zeus verde ajuda a pôr o plástico no caixote de lixo, ela diz ao colega até logo. Mas logo volta, estão a dar um beijo mas não sei, estou de costas correcto?, adivinho a posse.

Paragem para enrolar um águia no bar da estação seguinte, fala-se em cartas de condução: arranjo-te trabalho como distribuidor de pizzas, tens carta de mota?, não compreendo bem a meada da história, recebo apenas alguns fotogramas auditivos, palavras soltas estranguladas entre a música da jukebox e isto não são vulgares alucinações auditivas, são mesmo vozes de pessoas falando e que eu incorporo na minha história, «como se» elas falassem de mim, «como se» eu fosse importante ao ponto de parecerem falar mal de mim, lembro-me da fotografia: danço como um renegado poético em cima de uma mesa, cabelo louro e como uma puta loura de olhos trocados, muito trendy nesta altura, a minha alcunha.

Engraçado como este fonema me faz voltar aos les perroquets no país do badminton, quase vou à final sem nunca antes do torneio ter jogado este desporto, aproveito a oportunidade para conhecer mundo, este meu expediente é sabiamente aproveitado pela organizadora da excursão e também pelos serviços de trocas de divisas, deixam-me quase sem divisas, quase chego à final e ganho uma garrafa de vinho a martelo, se fosse suiço diria jimmy toujours martele, o meu parceiro de jogo sugere beber a garrafa mas eu nunca fui à escócia, o vinho está estragado.

Afinal pode ser uma box de tv em vez de uma juke box, bem ago-

ra depois do segundo moks no wc do comboio. Ao acordar debaixo de dois jornais e três três três livros, levanto-me e pago a dose. Caminho em direcção ao meu banco de carruagem, estou fora da minha hora de chegada, estou em transgressão. Desculpo-me com um passeio matinal onde as rodas fazem peões ao travarem com ciclistas ultrapassando pela direita, espero que não me cortem a baixa nem me venham buscar outra vez a casa ou à estação mas ouvem-se sirenes, cães e botas chapinhando a poeira, uma colher cai ao chão, é tempo de chegar. Apetece dizer que penso ser necessário contar o apocalipse interactivo deste dia vinte e sete, todos os dias são vinte e sete para mim, afinal me buscam em casa após este evento: sempre fazendo da pontualidade uma regra, desta vez atraso-me para a reunião por ter de encontrar um local para encaixotar o meu mini vermelho. Vou reivindicar os meus direitos até ao fim do contrato e eles insistem numa indemnização com cessação imediata. Da indemnização não sabem se valores líquidos ou brutos. Isso é competência, dizem, dos serviços contabilísticos da empresa. Líquidos ou brutos eles, eu sou um gás inflamável e proclamo que vou gravar a reunião. Ponho o minidisk na secretária e eles encaram o microfone como um mosca bot, uma ameaça à chamada tentativa de conciliação do despedimento, protelam meio assustados. Eu sem medo, orgulhoso de ter conseguido conduzir-me no asfalto guiando o meu supercinco até à doca onde ilegalmente estacionei, ameaço-lhes com o tribunal do trabalho. Adiam a decisão e saio sem ter gravado uma open word offline.

Como sempre nestas alturas enceno apenas que correctamente opero o dispositivo de gravação. Saio, receberei na manhã seguinte uma carta registada invocando justa causa para despedimento devido a impropérios contra superiores, podes seguir várias descrições: frigoríficos, borboletas travestis, patrões achincalhados.

Saio e, com a ilusão de vitória, bebo um fino na pastelaria e urro: ah porco vais pagar o que me deves, eu eu hoje vou-me vestir de j, afinal nem preciso de arranjar advogado, é só esperar pelo fim do mês e receber todos os cheques. Esqueço completamente o carro e apanho o autocarro no largo da figueira ao pé do mar e urro: hoje vou-me volver j. Chego a casa e ponho o od dos mão morta, parto o quadro que oferecera a minha mãe, pergunto-lhe pela bonsai que afinal se secara devido ao meu descuido e não faço mea culpa na destruição da penúltima gravação, há sangue e próteses dentárias calcadas, enceno um pontapé à marco.

A verdade é que o vírus me faz intuir que ela anda a rondar e quando saio da sala, quando saio do elevador e vejo mesmo uma que talvez seja ela fumando um cigarro de jumper azul-marinho, a impressão com

que fico é duvidar que ela esteja mesmo aqui e para me proteger?, ignoro e sigo em frente pensando naquele olhar de soslaio detrás dos óculos de sol, interpreto-o como o de alguém «forçado» a tomar uma atitude de solidariedade e nisto não vejo amor, apenas dureza. Ignoro, sigo em frente com sentimentos dúbios, resta apenas a gravação da noite dos mil pianos, alguma lápide se há-de talhar dizendo no epitáfio «a esperança é a poesia da saudade», vejo até snipers nos telhados, parodio com música ruidosa em frente da tv os palhaços da onu de phones nos ouvidos traduzindo e discutindo mais medidas de guerra, imagino até que alguns, os negros desta vez, me curtam devido à música que lhes retransmito via anexus 51. No entanto, não consigo deixar de pensar que eu tê-la ignorado fez com que a minha porta seja nesta noite vandalizada com caca de pássaro, tanta praga, tanto desejo de vingança, tanto mal me desejam por eu não vergar, até pontadas de bonecas vudu já senti. We are all ghostly hosts even if in autopilot mode.

No final, já calmo e em frente de um canal de cabo tentando pôr ordem num álbum de fotografias, vendo nas notícias a manifestação de orgulhosos tropeçando e sujando os sapatos na parada, dou por mim rodeado por três polícias na sala. Eles aproveitam a minha ingenuidade para me levarem algemado no banco de trás e o meu ser com lágrimas autênticas, como disse um poeta. Para este previsível final há sempre vários esquemas e algum haveria de resultar: desde o nome mal escrito no mandado de detenção até à dupla infalível da camisa azul-bebé, cartão com bigode ruivo à cavaquistão, e seu ajudante de cabelo rapado, um mano que se fez polícia gnr devido ao desemprego.

Na sala de detenção vulgar urgência, uma polícia já azul-marinho pergunta-me qual o significado dos quadros, eu digo que da última vez o chiqueiro foi incompreensível e hoje o meu chiqueiro é aceite, tenho muitos apoiantes sabe?, todo o mundo vai saber o nome da vossa corja de corujas.

«Ah ganda maluco anda cá agarrem-no bem, vistam-lhe o colete, imobilizem-no com largactil»

Esta linha em hipertexto é apenas uma interpretação auditiva gerada neste momento em que reexperiencio e reescrevo o evento ou vários eventos misturados dado que todos ocorreram, na realidade eles fazem tudo isto mas em silêncio e de lágrimas nos olhos à medida que as batas azuis mudam de azul-bebé para azul-marinho e por fim para simples branco. Baby I am leaving you, we'll never live that travelling sequence, it was an illusion of mine, I am s low ly com ing to terms with and forget ting…

Já imobilizado no cárcere da sala de urgência e ao ver contínuas doses em frascos incolores serem aplicadas no meu braço esquerdo pergunto ao enfermeiro com olhos brilhantes, hoje digo que ele quase chora: vão-me matar?, eles poderiam ter simplesmente respondido: só queremos o teu bem e o teu melhor. Dizem apenas o nome: soro fisiológico com largactil. Não conhecia o veneno e imagino-o veneno de lagartas devido à sua fonética, sinto a batida do meu coração cada vez mais lenta, a ansiedade de estar a ficar sem ansiedade, sinto falta de força no corpo, zumbi como me escrevi e desejei um dia ser levam-me hoje de maca e ambulância para o hotel dos condes.

Galás é baixa e até já pode ser avó, a sua voz é uma referência. Dia munda tinha, para mim, uma expressão de afinidade, desenho-a mesmo avó de nariz partido, fazemos a asa um ao outro, súmula, crio combinações de fonemas, desdobro-me eu próprio em anagrama, compartimento o meu amor em identidades, em acrónimos para a escrever e para não escrever o seu nome a partir do momento em que a recusei e, no entanto, quando a ela voltei não posso deixar de pensar que ela se vingou nanando com o caubói, prefiro-a anónimo anagrama, não aos títulos de revista de tv, de jornal mas vim eu o meu ser e nós nas notícias?, houve um momento em que perdi o rasto à unidade de emissão com excesso de informação.

Nada mais foi é será igual, tudo muda: o modo como vejo o mundo e a minha percepção do modo como o mundo me vê a mim, começam-me a cair os dentes. No entanto, a minha técnica de engate consiste, após a ruptura, em descrever, como se um morto seja, a vida, o passado num misto de sorrisos velados e umas citações e um endeusamento cada vez maior, sempre para que a presa seguinte se sinta levada aos píncaros e condescenda comigo, me deixe roer-lhe a rata. Lembro-me de duas ratas que não roo mas que recebem epitáfios, eu tentando que elas percebam que há uma sequência cronológica infalível que me leva a ti, próxima presa tomada de espianto: tu és o meu apogeu, a combinação de nomes de todas elas, as datas, quando acontece o primeiro beijo e quando nasce, vês como tudo faz sentido?, não pode ser só uma coincidência, há um plano cósmico sabes?, tudo leva a que tu krida khalo icata ellen marguerite te queiras minha e me queiras teu, eu por ti deixava de fumar…

Talvez.

Então porque chumbas no teste do comprimido?

É surreal sem dúvida, entre um comprimido sem nome e uma injecção escolho pôr-me a pensar que galás afinal canta português [ah!, ouvir galás cantar em português, galás é uma psiquiatra de serviço no

hotel dos condes, tem cabelo vermelho púrpura e calças justas e é alta como um abismo e dia munda agradece meu tabaco em espanhol], escolho pôr-me discutir a pronúncia da médica espanhola que faz a triagem psiquiátrica de manchester: agora a polícia contrata freelancers?, obrigada por su tabaco.

Eles respondem assim que terei de levar um shot no cu.

Eu, lembrando-me das famosas tatuagens no cu entro na personagem que vou desvelando, faço um grande chiqueiro teatral e, entre coacções várias e risos colossais, ponho-me a dizer que não quero, que não sei qual a finalidade deste comprimido e que não o tomo. Então, entre coacções várias e risos colossais, arreio as calças já com algum desprendimento para seguranças de várias qualidades e batas de várias cores não me darem afinal a pica, simulam apenas a injecção, não acho que tenha passado o teste do comprimido.

Existe ainda o teste da banheira do qual chumbo a primeira vez: põem-me a dormir mais uma noite na solitária, obtenho mais tarde uma vitória e a bata-mor que assistiu a esta torturazinha é [quiçá ilusão ambicionada] transferida, eis o início da mobilidade, eu vejo o olhar dele zangado ao entregar o cartão de sócio. Da segunda vez em que experimento este teste, sempre com uma audiência constituída de batas brancas, requisito um banho privado de chuveiro e admitem-me na sala de fumo: é aqui que troco ossos em timbuktu, assim parece, pela primeira vez com zaine. Techno desta vez creio que não seja, não me lembro dele ele lembra-se de mim, fica o osso para referência futura.

Tantos ossos há: desde o mineiro que, pedindo trocos, telefona para casa e nós ouvimos pelo seu desespero verbal as respostas negativas que recebe; desde o grande cesariny senhor danz que um dia assina o termo e volta no dia seguinte na hora de pequeno-almoço quase de livre vontade apenas por não aturar a irmã; desde aquele mano de casaco de cabedal com pins que empresta o walkman com cassetes de metal construtivo, diz ele eu digo iiiieeeé; desde a vera malandreca que não me dá o número de telefone porque o marido não deixa e que está aqui devido aos berilaites; desde a rosa que anda sempre a pensar em comprar uma pistola e me diz para pôr de lado o senhor ventura do livro do torga e vir jogar umas copas; desde o bigode do antónio de quem dizem ter pegado fogo à casa e que, um lustro mais tarde, a minha falta de memória nas faces que passaram um dia pela minha vida tem a ilusão de imaginar ele vir a ser o meu mestre encadernador. Fizeram a folha ao bruno, pareceu-me vê-lo hoje na hora do almoço, perguntou-me se percebia de internet no telefone. Respondi com uma qualquer banalidade e ele concordou, só

o reconheci debaixo do boné quando cheguei a casa e pesquisei … the feeling of being dead… devolveram-me cotard, a prosopagnosia, e em inglês … when you will have made him a body without organs… não consta que os caranguejos tenham amígdalas ou sentimentos.

Tantos tantos tantos cantar-vos a todos, justificar-vos, devolver-vos a g lória e no final…

Tantos tanto tantos e no final… há vários finais de admissão e eu, talvez apenas, precise de experimentar a matéria para melhor me escrever, há quem diga que chego algumas vezes ao pódio, vinte porcento do público dar-me-á [tantos?, talvez, ah! gloria] uma menção honrosa, o resultado: a sala iq do wc dos condes e voltar seis semanas depois à gravidez, err… quero dizer, à gravidade do ponto de partida, mais uma volta ao estádio, eu zmb sempre a renascer, eis o eterno retorno do erro. Apetece até citar cioran e o nosso inconveniente sempre que caio ao poço como o lobo enganado pela raposa, usando a lua como artifício, pensando que o seu brilho é um queijo lá bem no fundo para onde, agora e sempre, olho verde: a realidade da hiper ilusão e eu sou igualmente a raposa. Eu uma vez disse ao telefone para espantar alguém: eu sou todas as personagens.

Contam-me até na primeira pessoa, alguém que como eu se sente importante, que perde a amiga porque à saída do bar e, na altura de se dirigirem para o carro, ele lhe diz para esperar até ele abrir a porta e dar à chave: sabes?, o carro pode explodir, a mossad anda atrás de mim, eu não quero que tu sejas um dano colateral.

Também eu, uma vez ou outra em registo humorístico, percorri os passeios olhando para o topo dos edifícios à procura dos atiradores como se eu fosse um alvo subversivo em segredo, eu? Desde cedo que pareço importante pois ao português não pareço português mas sempre de fora, exilado ou gestor em missão de acompanhamento. Acho até que, às vezes, é bom nos desiludirmos de todas as cores e por muito que pense que sou alguém, que ponho e disponho do mundo… a verdade dura é que pouco mais sou do que um hobo, psicótico? Talvez mas não acredito que seja para sempre. Sei que coisas que vivo podem ser como tal encaradas e sei que tal me pode dar um rótulo mas não acredito que seja para sempre, irreversível nunca. Li no entanto philip k. dick dizer que a psicose é um salto em frente que fracassou e o que eu mantenho é a certeza que pelo menos tentarei: amor, trabalho, conhecimento e a responsabilidade de se puder não roubar a tevê da mãe, tanto melhor. Deixemo-la rezar, essa reza dá-lhe força, mãe de santo que você se salve por mim.

Ah: «se eu fosse e não fosse e fosse poderia respirar».
A anti-matéria aniquila-se
com a matéria que está à sua volta,
destruindo-se
e dando origem ao mistério da luz,
sensação
e emoção
em movi
ment
o.

E o que tens a dizer sobre este quadro, recordas-te que estamos a ouvir cheriecherie dos suicide?

Ainda não está acabado mas admitindo que a personagem central de olhos vermelhos e oblíquos se chama pokemon, ele ou ela está no meio do mundo e o mundo do meio com a mesma pele de pokemon afasta pokemon que fuma e do seu fumo esvoaça uma presença baby I love you azul que sai fora do esquema de cores e essa prisca na boca de pokemon é ao mesmo tempo o olhar clínico de uma parte de pokemon que o olha de fora para dentro tal como o mundo do meio e até o ar tem olhos quando pokemon é empurrada para fora do meio do mundo do meio.

Então se o mundo está contra pokemon e se tu és pokemon, qual é a parte de ti que não sente orgulho em ser pokemon?

Não sei bem doutora, talvez o meu resíduo fascista, talvez aquilo que vocês chamam de a autoridade do superego. Compreenda, eu não quero ser pai mas estou cheio de reis sebastiões na estante e princesas anas na estante ou no cavalete...

Quando volto a casa vindo do hospital, tenho o meu terceiro moks após o café à espera, igualmente a televisão espera por mim para amostrar um magazine de cinema sobre últimas estreias em festivais. Estão lá todas as estrelas de cinema, todos os realizadores e todos os microfones de radiotransmissão, fala-se deste ou daquele desempenho, de história e de quando a história é um versículo retransmitindo uma ideia — um interessante comentário que leva mister cool a puxar do seu organizer e começar a escrever: o processo de criação fotográfica envolve um espelho ou várias lentes, um fotógrafo, um objecto entidade a ser fotografada e o espectador que se quer público voyeur. Olhar o espelho é ver o modo

como nos vemos integrados no mundo, fazer um auto-retrato fotográfico é ver o modo como o mundo nos integra. Se eu tivesse duas séries fotográficas em que todos estes elementos entrassem, então verificaria que a combinação possível sugerida pelos meus sentidos é aquela única em que o fotógrafo se confunde com o objecto no espelho por detrás das lentes e no momento em que tira a fotografia. É como se tivesse medo, é como se recusasse que o público se possa identificar com o sujeito não lhe retornando o olhar, frente a frente eles não se vêem velhos projectados no futuro com cataratas. Tudo é êxtase, intemporal e o único elemento que envelhece é a dupla projecção sujeito/objecto, imagem/público.

Onze e meia da noite, horas de dormir e de escrever uma possível definição de hobo: uma, mais ou menos, espécie de guna que faz arte enquanto procura trabalho, sublima amor e ambiciona conhecimento. Esta procura é caça e eu tento caçar, o desfecho previsível é o falhanço no objectivo específico germinar um falhanço genérico cheio de efeitos colaterais imprevisíveis. Esta procura é pesca e eu tento pescar, o desfecho secundário aleatório e colateral é, porque apenas objectivo genérico, não haver um falhanço específico mas sendo este processo um efeito colateral encarado como uma experiência científica de conhecimento, try catch continue. Esta procura pode ser igualmente vegan, um artifício refinado e mais luxuoso e que muitas vezes só engana a fome, uma espécie de fuga para a frente após o falhanço, uma mudança de paradigma, de objectivo genérico. E então... se temos de comer algo seja carne, seja vegetal, seja peixe e se tudo falha… que sobra, que solução?

Não comer significa ascetismo, esse fascismo místico. Podemos comermo-nos a nós próprios e nossos semelhantes siderais e a psicose surge. No fim, já estabilizados com medicação, voltamos ao cioran e ao inconveniente de ter nascido, voltamos ou à culpa de acusar os pais e a sociedade de nos ter posto no mundo ou instruímo-nos sobre o princípio do síndrome de estocolmo.

Imaginem mesmo a ponte entre estocolmo e copenhaga interpretada… pode um gato interpretado agora como morto agora como vivo e ao mesmo tempo, portanto com resultado acausal, ultrapassar e não ultrapassar a ponte do amor/ódio entre o prisioneiro id e o governador gangster superego?

Só porque a teoria de jogos diz que se ambos se derem bem daí nascerá, na minha particular definição, uma claudia mura racionalmente artista proletária que se me complemente como uma Outra?

Será que do outro lado da ponte estará malmö? [no google maps a

ponte até existe]

É isto uma distorção sem sentido da realidade e dos factos?

Será que em cima desta ponte deverei fazer mural do meu absurdo e local do meu devaneio, reflexivo reactivo revolucionário?

A verdade é que a ficção desta ponte só se torna útil se um dia, mais tarde que cedo, eu a ultrapassar e a passe a considerar simplesmente um posto fronteiriço entre um passado de merda e um futuro em que poderei ser virtualmente quase tudo o que quiser ou simplesmente ser o que tiver vontade de ser, o objectivo continua o mesmo: Ser.

A verdade é que a distância entre um Eu e um Outro tende a ser mínima e, em solidão, esta distância torna-se absurdamente nula, e tudo se passa como se fossemos muitos, a nossa cabeça fragmenta a identidade e a distância entre o eu Id e o eu Superego. Esta relação quase narcisista leva a que, em momentos de auto ironia bem disposta e com a ajuda da substância, se deseje que o Outro, esse pai polícia esse superego, se transforme numa Outra com quem possamos ter prazer, alguém a quem eu com paixão possa oferecer uma camélia ou pelo contrário talvez um camelo quando… bem vocês sabem: amor/ódio nada saudável, abstenho-me aqui de erros ortográficos explícitos.

Criar a ficção da Outra, essa ilusão quebra a distância e o sentido da comunicação, a Outra torna-se o Eu e o Eu a Outra: manuelle biezon — gatinha negra a quem eu dei uma lata de sardinhas e uma malga de leite; claudia mura — a segunda alcunha da mulher invisível.

«Analogias sempre repetitivas caminhando em cima da ponte, jauntando para a frente e para trás no tempo, psicogeograficamente construindo desenhos mnemónicos, vivendo na ilusão de não saber se predigo os pensamentos dos outros, se sou uma súcuba sem género sexual que os outros interpretam ou se simplesmente sou um emissor/retransmissor sincronicista numa rede global à volta do evento actual publicado em notícia, arte hobo procurando o quê?»

Digo que este local, esta ponte, esta espécie de casa… digo que estou em casa mas de facto existe aqui um lapso temporal e afinal… estou mesmo em casa, na casa onde me resigno, apesar de parado à força. Integrado no grande salão do wc hotel, peço até a via láctea que me grave a reportagem de um canal de cabo, que entretanto mudou de mãos como o outro, aquele que igualmente me fornecera subliminares imagens caóticas com informação pertinente sobre o meu microscosmos. Digo a via láctea: olha estes são os meus!, olha o aspecto daquela senhora, levou electrochoques, olha a sala da psicoterapia. A emoção, que o meu polícia interno às vezes não controla, sobe-me aos olhos e por empatia a emoção

sobe também aos olhos de via láctea. Hoje nesta parte do conto, estou de facto em casa no hotel dos condes e rumino sem ainda compreender que a melhor opção é pescar «mas a peixinha é cara prá mundial e como pode um bói pescar?» Portanto, falar só coercivamente. Urros casmurros me saem e também a vontade de explodir um colete de bombas, um mártir sem ideologia?

Assim, alivio-me entre cigarros partilhados, sublimo a minha tensão sexual lançando em silêncio fulminações a toda a autoridade que me coage. A eterna luta entre a criança rebelde id e o superego cria um ego danificado, acontece escrever epigramas: lembro a minha idade, nove ou dez, não caminhei mas corri aquele muro de cinquenta metros de pedra sem medo de cair abaixo da ponte do comboio. Sempre fui desportista mas às vezes a preguiça sussurra.

«Então o chefe decide que não e eu venho-me embora pensando em pôr um processo em tribunal contra a empresa, o que pode levar anos, então lembro-me que mais vale receber às prestações até ao términos se não rescindir de mútuo acordo, dado que não entro no jogo da empresa, da autoridade. Sinto culpa e expludo ao ver aparecer um homem do gás entrar de gás para entregar uma botija no office. Cria-se o pretexto para que seja internado e uma carta de despedimento seja acusada aqui em casa, logo seguida a contra-resposta: baixa psiquiátrica até ao final de contrato e depois o jogo diz que todos nós obtemos benefícios se colaborarmos.»

E hoje cá estou com os meus sonhos e desejos cancelados, estou preso porque a minha explosão j trata mal minha mãe [erro de casting: o j não devia ter entrado em cena], porque o microcosmos… toda uma espécie de santidade com aspersões de eucalipto e chá de melancia… eles dizem que estou doente e que preciso de tomar comprimidos e ficar aqui mais algum tempo.

Eu não posso simplesmente tornar-me vítima da minha psicose mas dou por mim a analisar e a dizer-me uma vítima colateral da revolução amorosa numa carruagem de comboio em pleno cavaquistão entre uma juíza, que se torna mãe e dona de casa, e um hobo que, reprimido e sem currículo exportador, se torna gnr.

Os dias de folga sempre apreendidos como intuições que se vão aceitando ao fugir para o social, a intoxicação, o refúgio após a angústia, a impossibilidade de conter o fungar, a proto-história do manual de sobrevivência, a dualidade como resultado: seguir o livro, a regra e controlar o jogo emocional usando a aparência e a simulação.

A verdade é que percebo que para salvar a minha psicose e po-

der-me dizer vítima de coisa nenhuma, a minha alma, tenho de salvar a minha genealogia terrestre. Eu que me penso abducto na maternidade, eu tenho de aceitar a minha geração, aceitar ter nascido e essa roleta ter dado faísca. Sou um dos resultados do tempo em que se comia só meia sardinha e a salvação era apenas ser político polícia amigo do regime ou dar o salto ou apenas sobreviver pela aparência, dar uma no cravo e outra na ferradura: porque te não fazes político?, estuda para seres um senhor que eu mato-me todos os dias, eu sou escravo de um senhor para te dar um futuro nem que seja aparente.

A ilusão de sermos como os senhores com poder, já reparaste no dinheiro que eu podia ganhar convosco?, recuso o poder que o dinheiro investe, é quase um voto de pobreza ao deixar a camisa no cabide porque sei que desta faísca germina o fascismo místico, eu posso quase predizer o desastre, o quase homossexual ordenança do líder e o amor à mascara, não posso ter medo de o dizer: circunstâncias, oportunidades perdidas, falhanços primordiais com a Outra tornam-me louco amando o espelho e caio na barbárie mística e fascista sem o saber, amo o espelho, amo-me a mim mesmo por uma Outra que me complete e preencha o meu esvaziamento, não aparecer, explodir o meu vazio.

Torno-me actor representando a vida como arte, esta ditadura de ter de viver. Fumar um berilaite em paz e sossego é cada vez mais complicado, a audiência está sempre à procura do bitaite moralizador, precisam de alguém que os obrigue a ouvir as verdades, precisam de alguém que seja o cínico que eles próprios têm medo de ser, gritar na primeira pessoa do presente do indicativo: seus palhaços, não preciso de vos acompanhar a casa, não faço planos de vos querer roubar o colchão.

«Dandy, narcisista e rebelde sem causa vestindo bem, preocupando-se com a imagem, endeusando a Outra eu amo-te eu, o monge facho perdendo a visão, perdendo o amor pelo mundo e por si, exprimo agora e projecto as minhas próprias sombras, não te amo porque não me amo mais, a ilusão de me tornar Outra procurando um Eu, o medo de o guião se tornar viral antes de estabilizado e explicado, um vírus que toda a gente pareceu ler: fui chamado de bicha na rua diversas vezes fui chamado de drogadola fui chamado de tantas coisas tantas vezes por ti grande irmão que me tornei temporariamente TU…»

Então, que sa foda e se reverta os sentidos e se ponha um não onde antes tenha estado escrito sim. Não tenho irmãos, não tenho iguais e degrado-me ao ponto de confundir as tentativas de amizade com tentativas de homossexualidade quando no fundo não passam de tentativas de chulice.

O medo de ser ou, pior, parecer… desenvolvo a paranóia de pensar haver a minha privacidade sido violada por uma chave, uma palavra sem passe, um vegetal… e assim foi na verdade. Reajo reprimindo, disparando em todas as direcções, fazendo o maior número possível de mortos. Assim, perco amigos ao escrever e reproduzir. Os nomes mudados ou omitidos simplesmente para os inocentes serem protegidos se é que há algum inocente nesta história… na verdade, só as crianças são inocentes mas só praí até aos dez anos. A estupidez não é doença mas um indivíduo esperto fazer-se passar por estúpido é capaz de ser uma doença manhosa. Quanto a mim torno-me um lésbico radical com ódio à piça. Alguém na net sob o nome de tirana escreve: «a lei é dura mas é lei, quem manda sou eu e não tem apelação». Eu e a psicose, nós damos erros gramaticais de propósito como se apenas apátridas e ao lado do iletrado, da babe do chat, do menino do sms, do cigano índio.

Eu ofensor do standard renovando a língua por destruição da própria língua, disfarçando uma tentativa de má cultura, gadji beri bimba até na palavra berimbau capoeira além de dança e nas palavras se ofende. A loucura não tem só o lado belo da poesia, as flores que todos gostam de ler e o poeta é muita vez aborrecido. O outro lado da loucura é reprimida ou escondida do mundo porque não tem encanto. Apenas em freak shows como este se exprime o medo de nos tornarmos igualmente culpados. Digo mais sobre mim do que sobre aqueles que injurio, há uma semente de fascismo que já não tento esconder, perdi o medo do ridículo. Sei que perco amigos mas ganho a minha serenidade ao admitir que a estupidez nada tem a ver com a orientação sexual. A minha honra é mostrar o radical do meu fascismo, esta aberração, a confusão de definições sem relação directa entre si. Nesta representação, neste conto o meu desejo é mostrar e depois destruir o fascismo interior e ai!, como quererei tornar-me bem-educado daki prá frentex… o fascista sexual disse algumas verdades sobre a ditadura do louco que se desejava poeta:

olá sonsa, podes-me enviar os números de telemóvel dos meninos, nossos ex-bosses, já não és amiga do menino?, ainda vais ao anexo fumar e beber com a família do senhor?, exijo resposta válida e sincera com a maior honestidade, talvez em memória do teu pai ou da tua avó… se não obtiver uma resposta coerente… pensarei que a boca do acerca do suborno efectuado ao senhor é verdadeira na medida em que te permitiu obter se para isso tivesses um cérebro e ao mesmo tempo impedires ser despedida por justa causa, a solução pareceu ter sido o, como axioma invoca-se o silêncio?, atreve-te a responder s.f.f. ps. sinceros comprimentos ao dentista…

kero kara sonsa e jumenta loura desejar-te bons anos para que possa subir na escada de credibilidade social e sexual perante a bomba sexual, k nunca vi mas k sei dar o justo valor ao dentista, na kualidade da sua ex, esse k te fornece ú aparelho dentário k usasss para fikares com um bom surrixo pepsodente, para que subas na carreira profissional e poxas ter filhos do dentista, isto se ele os kiser ter kontigo, algo k o dentista ou a brazileira xeirosa de kem tu terás inveja de ela ser uma bomba sexual e não loura burra com aparelho dentário -não- kererá ter contigo, capiche… agora se não me dás a info ke te sinceramente pedi das duas uma, ou não sabes ou tens algo a esconder, caso seja este último kasú terei obviamente de ignorar para sempre que tu existas, quanto aos nossos familiares, seria melhor estares kaladinha e respeitares, se fores ervilhada, os teus familiares, ah… já agora escusas de andares a meteres imagens tuas sentada no sofá de tua kasa e imagens kom a tua avó certamente sem culpa de ter uma neta sonsinha ke eu jamais estive interessado em conhecer ao meu nível emociono-sexual, hasta la vista baby, bons estudos, bom leite sem recibo eventualmente temporário, bons biscates… ah… e já agora se o vires me pede para ele te dar um mon cherie que tem um licor interno muito saboroso. Porta-te mal.

Muitos más noites ex-patrões. O senhor que apareceu sem advogado numa tentativa de conciliação devido a uma irresponsabilidade vossa, morador algures entre o bar mas com aposentos chutados para fora da gerência eventual, vós estais em falta da primeira prestação num total de cinco conforme acordo mediado por uma doutora procuradora. Perante tais incumprimentos pergunto porquê, porque não foi depositada a quantia, pergunto ainda quando estão a pensar fazer tal pagamento.

Boa noite, dirijo-me aos sócios da empresa incumpridora do contrato assinado entre nós e rescindido por mim no dia do trabalhador, primeiro dia do desempregado mera coincidência?, dirijo-me ao senhor do quem tenho o bi que poderei eventualmente indicar e dirijo-me igualmente ao senhor, filho da senhora a quem pertence a imobiliária onde está sediada a empresa, pergunto o porquê de hoje ser o dia acordado em termo de conciliação para o pagamento, agradeço uma resposta ad subito, se essa resposta não vier deduzirei que têm culpas no cartório e terei de agir de acordo com a minha consciência, a não ser que tenham medo da justiça e tenham fugido do país. Até breve.

Espero que um dia um de vocês os dois ou mesmo a tua querida mãezinha pague, the clock is ticking, ouviste ó artista falsificado a quem a mãe paga para ser artista! Ok, espero que consigas resolver então os problemas com os funcionários, é bom saber que queres resolver os

problemas a bem, também penso assim. Não peço desculpa pela minha linguagem, ela é necessária para que tu dês sinal de vida e te mexas para que a tua credibilidade e da tua empresa se mantenha.

Pfaz favor sr. Nascido e vivido e morto que passou sobre vários nomes morto, morto, o brochista o fascista, o bichinho de uma bicheza tão miudinha que uma pseudo-lésbica de nome se apaixonou de fazer o filhinho da praxe que é para teres o teu mitinho, o tal que queria ter comigo ggggrrrrggggrrrrhhhhh-miao. Já agora remove todas as referências ao meu nome e3 de qq pessoa da minha família, amigas e amigos da bosta do teu site ou sites, foste a causa da morte da tua mãe em, preferias o teu pai não é querias foder o teu pai e mataste a tua mãe de desgosto não foi sua bichinha falsa-falsinha-falsária, que venha a ser descoberto como fizeste falsificações de cheques porventura gamados à que morreu de desgosto por tua culpa em. não te atrevas a hackar o meu site, e não penses... sua bicha falsa mas verdadeiramente fascista mas que lê anarquistas de esquerda… em falar se quer emk intermediamento policial outra vez, porque senão tudo o que está escrito entre nós e guardado em local seguro aparecerá publicado nos maiores jornais de referência e tu serás convidado pela polícia secreta a sair do país para ires recambiado para e te ensinarem o k é o kuduro.

Deixem lá o menino que tem nome de dormir em paz com aquela que pensa que é lésbica de nome filha de. Ela que lhe meta os 2 punhos no cú e que ele gema de prazer, pois ele deve saber que dói, pois disse-o em numa morada da qual teve de se mudar, agora deverá estar a morar na, e como pode ele saber k dói? é um caso suspeito, a gente começa a duvidar, ele que tenha cuidado com os ratos das catacumbas. E já agora porque não minha mais estúpida bicha, porque não publicas (mas com som, ouviste sua bichinha falsa-ria) o vídeo que gravaste a 3 (comigo e com um ser indefinido que respeito apesar de tudo) e em que se ouve tu a gemer de prazer ao passares a mão pela minha cabeça (COM SOM sua bichinha falsa-ria). Querias no de beijar-me na boca sua bicha bicha bicha, e tiveste-te de te contentar com um beijo na minha testa, não foi sua bicha bicha bicha, cuidadinho com os ratos sua bicha bicha bicha, estás a segundos de ser iluminado. Bye now you fucking false DIJ suponho que agora os teus e da tua pseudo-lésbica que me queria comer a piça (a minha em vez da tua , porque a tua um dia destes puffff, já era) vão como o teu caralho, baratinha, cockroach, a borliú, um grátis.

Bé-se mesmo que é uma bichinha tola! diz ele, debia era diser: a arte para a cona, go fuck yrself up your own ass. ask yr grandmamma a kitchen knife or ask yr to double fist fuck you up your ass. You havge ki-

loled yr own mother, you are the really father-fucker. You wil have to go underground and be taken care by the rats, sent to his fucking micespace but refused 'cause I'm no friend of him anymore.

Existe obviamente aqui nestes para-agrafos transcritos o exagero de um ser tornado bandido, muito nonsense cultivado, muita estupidez mas, estas frases foram remetidas online, a bandidagem escrotada. Relapsei e ando à deriva e internado estou mas começo a ganhar finalmente a consciência do mal que transmito. Tenho um medo reactivo de uma analogia por afinidade estética, duma hipótese postulada para utilização quase científica ser verdade e dogma aos olhos de uma maioria sem que eu tenha qualquer possibilidade de simplesmente dizer que estava doente, estou doente, contar: a hipótese homossexual nunca se tornou dogma, nunca foi realmente provada a sua veracidade, falhou no teste do conforto, não gostei do prometido. Percebeste?, tu que nem sequer partilhas o vídeo em que me abraças como se eu fosse uma mulher que se deu conscientemente a troco de nada, o vídeo que mandaste filmar… terás tu vergonha das tuas ideias? Eu não tenho mais mas deve ser porque sou o maluco de todas as histórias enquanto tu… eu confiei-te numa mesa de café em desespero que me sentia a enlouquecer e que não queria ser como o «paneleiro» do meu pai e disse-to assim nesta rude ofensa explicando que o chamava paneleiro devido à merda de infância que tive e que por causa disso não quero pôr filhos no mundo por me saber igual a ele e não querer que eles me detestassem daqui a quinze anos. Eu disse-te que estava a ficar louco e a sentir a cabeça a explodir e tu… tiveste aquele sorriso teu e decidiste uns dias depois tentar a sorte «por afinidade».

Este tu, esta personagem existe hoje apenas como uma hipótese que morreu, afastou-se depois da carta-bomba. Declaro-o uma solipsística ficção que uso para explicar o facto de me ter reduzido ao que nunca deixei de ser. Lutei mas voltei ao zero, sem visão caí do pedestal de barro. Descobri que sou afinal tão humano quanto o Outro: tem medo afinal, tem uma pose cínica e teatral em cima do muro da ponte, usa a técnica do insulto incrementando a vírgula no soundbyte, esconde o porquê do insulto, a verdadeira ofensa consentida em consciência, o terrorismo psicológico recebido ou apenas introjectado [em mim] por identificação com alguém que poderá ter vindo nos jornais.

Já não sendo importante verdadeiramente o resultado sei que me insulto mais a mim próprio que aos destinatários dos emails anteriores, deles recebo as respostas esperadas:

olá, antes de mais se queres resolver seja o que for comigo, certa-

mente não é com recurso a este tipo de vocabulário de baixo nível, estive na semana passada reunido no sentido de todos arranjarmos uma solução para o maior problema de todos, o sócio, e por conseguinte resolver também os problemas que ele causou, tentamos contactar-te tinhas o telemóvel desligado, se quiseres resolver o problema comigo e mudar de atitude estou disposto a ajudar-te, caso prefiras continuar com este tipo de invasivas que não te levarão a lado nenhum pelo menos a breve tempo… o maior problema será teu pois eu estou disposto a resolver as coisas como elas devem ser resolvidas e não com recurso a este tipo de invasivas que sinceramente não te levam a lado nenhum. Atentamente.

Olá desdentado :), atrevo-me a dizer-te, antes de mais, que mudei de ideias!!! lamento, mas o meu cérebro ervilhinha não me permite fazer melhor:P… Quanto aos números, tu como inteligente que és, ou pensas ser, senhor engenheiro, lol, devias tê-los!!! Se efectivamente os quiseres, da minha parte, terás que mudar de atitude meu caro!! Quantos aos amigos, cada um tem akilo k merece, tu k o digas:))… Onde vou ou deixo de ir, não te diz respeito, se anexo ou não anexo, o problema é meu:P.. Quanto à família do senhor, não conheço nem quero conhecer!! Em relação aos subornos, não faço a mínima ideia o k sejam, não entram no meu dicionário, e juro pela tua avó que nunca farão :))) Quanto à fraudulência, tu senhor engenheiro, tu sabes!!! Benefício de cursos jamais integrados em contexto de trabalho, todo o dia a olhar para o balão, e a coçar os upssssss… lol, e esta juro pelo teu pai!!!! justa causa eu? Nunca na vida, cumpri sp com o meu dever!! com certeza que estenderás que este meu comportamento foi gerado pela tua falta de chã, se entenderes mudar de modos, terei todo o gosto de te fornecer os números. Toda a sinceridade e honestidade que expresso neste email, são em memória do teu pai ou da tua avó!! Hasta siempre!

No fundo, se incomodado pelo silêncio que o mundo me devota opto pela utilização do erro como meio de atingir um fim, erro às vezes de propósito e faço explodir pelo método da má-educação levada ao absurdo e levando o mundo, com quem apenas quero estar lado a lado, a tomar uma acção, a deliberar o que pensa sobre mim. Assim, fico a saber o que o mundo pensa verdadeiramente de mim. Se sou mal-educado, o mundo responde atirando nos pontos fracos. Vejo assim o resíduo, o modo como algum mundo me vê. Atingido pela verdade nas poucas respostas e sem ainda saber como lidar, lanço-me na denúncia pelo espaço sideral. A minha história subjectiva tem a toda a força de ser ouvida, de viva voz a minha voz explode uma vez mais. Há quem diga que eu represento um bom papel de joker. Eu digo que sou sempre assim quando

tenho uma vontade, um meio e um fim e este fim pode ser escolhido como se fosse um papel a representar. No fim deste livro tornar-me-ei silencioso.

Escrevo sem complexos aos heróis da minha genealogia mais um passo na explicação da minha verdade, pensei eu que a génese pode entender parte da minha psicose:

I am the main owner of others being girls — not all ex-girlfriends, and a squeamish fascist cock queer, «For the poets I am the queer». He happened to be/was one of your micespace friends. Please understand this clearly: I respect you deeply as you may know, I respect all ov yr sexual and drug and whatever preferences you may have even if I don't follow everything you do in the back door ov the poor thais, I don't think you disaggrree with me in all this points. But... I don't think that this, a portuguese fuck living in 'cause he got banned from this shithole due to his bad behaviour with me and my friends and ex-girls (all of whom I am proud ov), he's now trying to falsely interpret or absolutely aknowledge the DIJ thing. He's fucking wrong: For me Death in June is the 14th (Her birthday) not the 10th(the fascist cock queer birthday that happened to have several sites). Also the 10th of June is the day of Portugal, you see. Is the day here almost a fascist HolyDay that is the same day (what a shame) of the celebration of the best portuguese poet: Camões or Camoens as I happened to have a prose english version of it bought in back in. You may know. (what a shame really) i LOVE MY EARTHLY MOTHER AND MY EARTHLY FATHER. i LOVE MY «SIDEREAL» MOTHER AND I RESPECT YOU MY «SIDEREAL» FATHER i LOVE MY 3rd grandfather AOS I may NEVER NEVER NEVER NEVER NEVER respect him aka whatever new name he may be acquiring, 'cause now he has to go underground. He allways wanted to be a COP. You see! my best girlfriend fingered me. and I left her with shame of meself and loads of absurdist german existencialist. I even commited suicided and failed. He, the fucker living in (does it ring a bell in yr head) that you may have seen @ shows in this year, said some 10 or 9 years ago that he wanted to destroy Me, after he wanted to fuck Me, after he wanted to suck My cock, after he wanted a kiss of Mine in his mouth and all I did at those very moments was «kneeling« a bit my head and let him kiss me in the head, now he is trying to make money profit using my web address in all his «bitchy« records. I suppose I am doing what you did: STEVO (please insert name here at your own wish) PAY US WHAT WE OWE. And you know COIL is no more. Regards After all this if you want me as yr micespace friend, please with respect I ask you to add me.ZMB

Um palhaço guna adicto social, feio, já sem dentes ou aparência, mistura factos e verdades de outros com a sua própria merda e cura-se!

Curo-me quando descubro iguais como eu, só vendo iguais me aceito aceitando-os, os irmãos que nunca tive e dos quais sempre desconfiei por me cheirarem a falos de autoridade. Recebo resposta que, a seu tempo, me faz compreender e libertar do meu fascismo sexual, afinal o resultado torna-se importante, libertam-me as palavras da genealogia adoptada, as quais à ofensa não responde com outra ofensa, transcrevo as palavras deste loving gentleman:

«Hi irab It seems to me your memories of the past with this person are messing with your head. Forget him. Let it go. He's no longer important. Enjoy the present moment, reading this message. Play music that makes you fell good, not sad. Later tonight, fuck or be fucked by the people you love (whatever colour, size, gender, you prefer). Believe me, It's much nicer. Have fun.»

Esta honestidade, que não deve ser confundida com qualquer emoção sexual futura, liberta-me. A verdade é que há uma capoeira que diz que a saudade pode matar, a saudade de uma terra natal que na música se diz «amigos e família» e que na realidade não passa de: esquema e classificação. O real de um mundo em que um troglóbio como eu se tem de inserir nem que seja à força… a verdade é eu posso aceitar uma terra não cartografada e visitá-la sem nunca aderir ao seu programa, sem nunca ter saudade. Assim e a partir do momento em que o compreendo finalmente, a gata negra manuelle biezon morre, aqui hoje, verdadeiramente após ter escrito tão somente um poema, uma ode às borboletas em versão meio puccini meio cronenberg. A ela lhe atribuí uns quantos textos mais por afinidade: imaginei o necessário.

Talvez seja agora possível reduzir o consumo desta aspirina, desta experiência metafísica de género que usei como alívio do stress pós-catástrofe.

Sabendo que se fosse essa a minha orientação, se o quisesse, se fosse mesmo esse o meu desejo, essa minha vontade poderia tornar possível a experiência.

«Sou livre», uma pessoa respeitou as minhas palavras mesmo sendo elas psicóticas, uma pessoa deu-me o conselho mais útil que poderia ter recebido. Poderei ser aceite se ainda for possível o mundo aceitar-me e comigo fumar o cachimbo da paz, se ainda for possível imaginar e, por força da vontade, inventar uma terra, um covil, um ser com quem me unir… no mínimo partilhar uma intoxicação momentânea: azul-de-terra.

Este amor está acima do género sexual, é simples convívio ou amizade, respeito, aceitação, a comunidade de indivíduos em igualdade, cada um com o seu fetiche, o seu peculiar modo de mandar o mundo à merda. Somos todos boas pessoas se nos deixarem estar em paz no nosso canto, um canto abre sempre um ângulo para o mundo. Amigo, às vezes partilho um charro e a tua dor. Amiga e mulher, o riso é terapêutico, fuma comigo, olha que serei um cruco adorável se verdadeiramente me procurares, far-te-ei sempre uma vénia quando me vieres visitar.

Descubro a minha causa, o meu pau de bandeira e fé, sei já qual é a minha fé a utilizar, começo a opinar em defesa da causa, digo panfletário:

Não vejo problema em ser-se choné, quanto a parecer será talvez uma questão de preconceito, eu nos meus melhores dias não pareço e sou, pelo menos o diagnóstico é esse. Visto que me identifico muito com a narração na primeira pessoa ponho-me muitas vezes em confronto com essa ideia, e da minha boca sai uma ideia que dialoga num espelho imaginário com uma boca dizendo, nem sempre, uma contra-ideia. Não acha que devia haver uma máquina que escrevesse momento a momento o nosso pensamento? Uma máquina com um botão ON/OFF para termos uma pausa para um cigarro e tudo o mais. Os poucos cigarros que pedi desde a chonézação foram pedidos ou com alguma vergonha por não ter dinheiro ou foram cravados com algum brilho nos olhos em noite de borga, nem sempre com dinheiro no bolso. Agora estou melhor visto que trabalho e dinheiro para onças e papéis conquistador não faltam nunca. Fumar é para mim um prazer. O maravilhoso de se ser choné é que muitas vezes não precisamos de mais ninguém para fazer a festa. O problema é lidar com o excesso de informação — daí a importância do botão on/off.

Tentem rir do absurdo, existe algo que não pode ser dito... existe algo que só a poesia pode dizer… existe algo que só a loucura pode admitir… existe algo que leva as pessoas a ter medo de dizer… existe algo que pode levar as pessoas à loucura, à prisão... existe algo que só os loucos e a poesia podem admitir e dizer e querer dizer e querer explicar a verdade. E que verdade é essa? Procurem na poesia… procurem na loucura… procurem na música… procurem na cabeça radiotransmissora de shostakovitch. Procurem na electricidade, no éter, na rádio, na tv e pensem no que poderá significar «iluminado». Quando descobrirem enviem relatório para este ateu esquizofrénico e para que se prove a existência de deus e 90% viva das esmolas! Oh and by the way, I am not an islamist but yes I am interested in sufism and that's just one part of

world philosophy, that's all.

Todo o louco é fascista sem o saber, todo o homem é um grande paneleiro e reprime o medo de o ser, toda a mulher gosta de crucificar o amante mas desfalece viúva e raivosa sempre que o amante faz planos de seguir o seu caminho sem ela e ou por causa dela, todos nos insultamos fascizoidemente. Até o homo normalis é fascista quando manda trabalhar os outros mas… como dá de comer a alguns desgraçados toda a gente assobia para o lado e culpa o desgraçado por ter fome: somos a borra do café. O grande, ao ver que o vimos na rua, vira-nos as costas com indiferença. O remediado inveja a liberdade e diz que cada um tem o que merece. O pequeno rosna ao pensar que lhe vamos roubar o arroz de moelas da caridade.

Só se sai admitindo esta verdade, indo ao fundo mas dizendo-o a si próprio antes de o escrever, antes da terapia de ex-anónimos para que alguns o possam compreender, para que outros sintam conforto em sentir as suas estórias choradas com palmadinhas ou oferta de lenços de papel, este falhanço e esta culpa de existir, a lucidez vem por si, há dialectos que dizem: os paneleiros foderam-me o cabedal, e se esta expressão é racista conservadora, o que no facto quer dizer na maior parte dos casos é: o polícia passou-me uma multa, o estado roubou-me o subsídio, o cabrão despediu-me, ou seja, de tanto significar a palavra tornou-se quase um insulto gratuito, seu paneleiro do caralho axantra a mula, sem sentido que só leva a contra-respostas: não te trates que eu não quero. Vai-te tratar. Cheiras mal, estás cego!

A mim, às vezes, apetece-me invocar o princípio da reciprocidade e internar compulsivamente todos os chulos e todas as bruxas que me levaram ao suicídio e ao desaparecimento da lista de vivos. Quando morrer de vez hei-de morrer casmurro de velhice.

No fundo facho gera facho, um insulto absurdo e autoritário gera respostas absurdas e autoritárias. Olho por olho dente por dente. O mundo é uma selva. Steal while you may, bad poetry here inside: só te salvando me poderei salvar e deixar de me considerar uma vítima e esquecer o herói… peço-te meu filho, faz-me as perguntas que teu avô nunca me deu vontade de lhe fazer, para quê mais um desgraçado como eu no mundo?

Quase que apetece ser absoluto e escrever: irmãos malucos de todo o mundo calai o vosso segredo, façam os psiquiatras trabalhar, façam com que eles se interessem pelo que vocês sentem. No entanto, a realidade em que caio, em que caí, diz-me para escrever: a tua cabeça não aguentará tanto sentimento, ela vai explodir. E como se fosse um mis-

sionário resigno-me a escrever: sede sinceros, se tiverem de chorar, se tiverem de amaldiçoar, se tiverem de vomitar, se tiverem façam-no, libertem-se do vosso segredo. Eu não sei qual a solução. Não há solução. Apenas a sensação de doom para sempre. Se usares metáforas eles dirão que és delirante. Se usares muitas vezes o pronome «eles» numa frase ou numa pergunta eles dirão que és paranóico. Eles farão o diagnóstico e este será a pedra que o mundo te atirará, será a cruz que carregarás, será o teu fígado de Prometeu.

No entanto, digo-te que ainda me falta encontrar a tua mãe.

Uma das tuas avós adoptadas, a cigana cidália moreira, canta que a saudade se cansou de esperar por mim, nunca a vi nem fumei com ela mas até a imagino ao lado das musas em fragmentos góticos dizendo que não sabe o que dizem os meus olhos quando «trabalho» à noite no lado este da cidade vermelha, perto de uma mansarda e, com a companhia da companheira do vento cantando, vejo umas quantas janelas com luzes acesas, acho interessante e no dia seguinte volto, na rua do arménia as fadas conversam alegremente à janela enquanto dão pão às pombas, anita lane, diamanda galás e lydia lunch conversam à luz de pequenas velas vermelhas, observam a rua e para elas serei talvez um pivete de dez anos tentando dar o seu primeiro golpe ou serei talvez aquele primo longínquo que mora em bilbau com o céu em névoa,

digo-te, meu filho, que os poucos candeeiros reflectem uma luz amarelecida nas grandes tílias e carvalhos que formam o boulevard, aparece até a voz de uma menina de sete anos talvez, talvez convidada dos cranioclast a gritar «like a propeller running» até à exaustão, vem sua mãe e diz «dorme enquanto podes my dear», esta mãe é nem mais que katherine blake e eu arrepio-me, I am very lazy in love, dorme menino dorme,

sabes, meu filho, que acordo no dia seguinte no cemitério inaugurado recentemente com a morte do prefeito mas posso também ter sido acordado por um pontapé de um samaritano na porta traseira de uma igreja em paris, acordo com a voz dessa diaba perguntando-me as horas, recordo que tive a oportunidade de iluminar mais um professor e, usando o relógio, verifico a descarga da tensão sexual reprimida, ele dando-me aulas de cinema quando eu ainda tinha dinheiro para investir, penso que ele acabou por me compreender e respeitosamente se afastar, dirijo-me para casa no fim da noite de delírio e pego na minha lata de chocolate em pó. Ligo a rádio num programa com outras músicas de título «jesus almost got me»,

é aí, meu filho, que descubro que «tua mãe» morre supostamente

em passeio de bicicleta e me dá um «irmão de sangue», um dos muitos que estão aqui comigo nesta sala de fumo, aliás eu até penso que, para melhor me escrever, levo a autoridade a internar-me mas isso é apenas a ilusão de me pensar ao leme,

sabes, meu filho às vezes, a gente até provoca pensando que nos vão respeitar depois disso e que vamos ser quem toda a gente lambe as botas a…

só para ser, sabes?,

viver o bilhar dos livros é ocupação para tardes de melancolia, viver a eternidade do dia, viver a noite e se possível acompanhado… é esse o falhanço que tu nunca verás,

eu rejeito pôr-te no mundo e pores-te a pensar que teu pai está sempre ausente na doença, que tua mãe sofre… eu não tenho vontade de tal sofisma.

A verdade: não participo da tua fecundação porque não te quero junkie como eu ainda que a tentar salvar o progenitor.

Isso ou mudar de nome, invento-te mesmo um nome que truncado soa japonês,

tem tudo a ver com ciclismo mas agora vou telefonar à tua avó, é dia da mãe, o meu primeiro amor, a primeira juíza final,

não te farei passar pelo mesmo, os tios, soldados ou não, foram morrendo.

Tu perguntas: pai, é a tua vida um artifício, uma dissimulação?

Não. Só aquela que escrevo e o modo como transcrevo a minha realidade,

o teu pai na vida real é do mais humilde, do mais simples que há-de haver, sempre explorado e nunca se sentindo bem ao explicar,

o teu pai é do mais humilde e, às vezes, até parece absurdo, sabes?,

de só hoje ter reparado que o gasoline man do trio suiço the young gods poderia ser a continuação do trabalho daqueles trio de tios velhinhos do texas com cavagnacs, óculos e guitarras em forma de zz top just outside la grange procurando companheiras do vento,

sabes, meu filho, que na verdade podias ter tido uma mãe na vida real

e o teu próprio ser existir em osso, carne e sangue na vida real.

Não contraí sífilis mas pensei-me tão eficiente a secar-te no umbigo dela que então duvidei.

Fiz os testes todos menos o de fertilidade, esse factor de psicose resolve-se agora, quando acontece, com protecção.

Imaginei mesmo a minha psicose saindo de um aborto não-real.

Nunca fui informado se…

Não há nenhuma mãe que te mereça. I am not here and I am not there I am air.

É-me preciso conhecer esta fraternidade de uma cabeça em pedaços, há muito tipo de poetas mas sinto orgulho hoje de poder fumar um charro com um poeta da obra e, entre a partilha de eternidades sónicas e ovnis enevoados no youtube, aludir em conversação a este relato antes de me deitar e fumar o último porro… transcrevo então, meu filho ouve este penúltimo relato já nostálgico rejeitando as últimas musas e já farto do masoquismo platónico quando se começa a sentir que, de facto, perto daquele limiar que, por convenção, se chama de «os quarenta», mas que pode ser antes, se começa a comentar a vida que antes se viveu, acho que houve até um alemão que o escreveu, um tal de talvez «chopenaure», perdoem o meu ubuntu cof cof:

Olá, espero que gostes, tem duas músicas cantadas pelo anthony. Espero que sintas gozo em experimentar com a pintura. On a more personal note, lamento teu silêncio. Sinto que te afastaste de mim, que falei demais, reciclei uma vez mais o meu passado contigo, como éramos tão inocentes há dez, doze anos atrás, cheios de vida e agora, o que resta? A minha ingenuidade destes últimos meses, eu quis-te beijar no carro quando cá estiveste, quis sentir a tua pele, e depois dizes-me coisas duras como «baixa qualidade», não querer pensar e tal, como argumento de defesa contra mim, insensibilidade, tentativa de anestesia (deves ter sofrido muito, chegado a conclusões terríveis acerca de ti própria, do mundo, dos homens e das amigas. Todos nós chegamos e todos temos de lidar com isso, chama-se a isso adaptação ao meio). Eu não desejo negar a sensibilidade e já passei a fase da anestesia, descobri o ponto de fuga na pintura, as tuas papoilas que pintaste poderiam ser um novo princípio para ti, se o quisesses claro, eu quando estou a pintar não penso em mais nada e depois paro, sento-me, fumo um cigarro e aí penso, analiso, chego a conclusões and I move on with my world. Eu nunca me senti uma vítima mas não quero ser um mártir. Dizes que existe uma corrente que nos liga, que sempre nos voltamos a encontrar ao fim de anos. Concordo. Mas nos últimos nove anos quem procurou fui eu, apenas eu, sempre eu. Tu procuraste antes, isto a avaliar pelos telefonemas e cartas que só mais tarde recebi. Lamento não ter estado perto nessa altura. Sinto que nesses momentos gostaste de mim, ou então tiveste a inveja muito portuguesa da vida lá fora, ou então sentiste que eu estava longe e que nunca mais voltaria porque lá, na terra dos sonhos e dos cogumelos, a realidade seria mais bonita. Não sei mas sinto que naquele

verão quando no carril lemos a petra e a karin numa passagem escolhida especificamente para tu me beijares, e tu beijaste-me algo curiosa e eu subi ao céu, após anos em que te desejei, ah como seria bom matar es per ma to zói des nas tuas superfícies esponjosas… dias depois fomos passear para as salinas e beijamo-nos, desta vez a sensação não foi tão boa, faltava emoção à coisa, era literária, referências e tal… um domingo mais tarde apareceste bonita com um vestido de alças vermelho laranja (creio eu), estávamos sentados na cama, beijávamo-nos, e eu quis pôr a mão por baixo do vestido vermelho mas tu recusaste de um modo quase patológico, não ofendida mas quase com uma aversão espontânea ao meu acto. Compreendi neste momento que nunca nos completaríamos fisicamente, ao nível do intelecto talvez mas não no acto instintivo mas lembro-me de os teus olhos brilharem e das tuas palavras dentro do uno: não desapareças agora. E então fui-me embora, não era ainda hora de espernear mas de qualquer modo não tive paciência, o platão é uma seca. Porquê agora? Se me tinhas recusado mas contudo os teus olhos brilhavam, devia ser amor tal como devia ser amor em novembro ao perguntares se eu voltava, como se tivesses medo da possível tragédia mas é preciso reconheceres que coloquei a minha mão na tua que segurava a caixa de velocidades do teu ford e tu recusaste. Uma vez mais. Os teus olhos brilhavam, devia ser amor mas nunca me falaste do teu amor, desse tal amor por mim (oh soberba oh glória de ser amado), sempre falaste do amor que vinha nos teus livros ou em pequenos pormenores com um «amigo». Voltas?, perguntaste, e eu disse claro, que volto, eu não vou a lado nenhum, vou só esperar por segunda-feira e assinar a rescisão e receber a indemnização e irmos passear. Tinhas planos de ir a londres com «ele», eu sempre voltei para ti, eu sempre esperei por ti e ainda espero, sempre espero, tu és a minha deusa, foi assim que construí o meu amor por ti, estás mais no meu campo de ideias apenas ou porque tu nunca me quiseste fisicamente ou porque quando o quiseste, e se quiseste eu não quis reparar, mas tenho a dizer-te que icata é algo já não terrestre, e que eu te quis na terra comigo ao teu lado, espero ainda mas até quando? Espero que me envies o malina por correio, há anos emprestei-te um livro do vernon sullivan, há muito tempo desisti de reaver, enfim… recusas-me com o teu silêncio, com tons mal-humorados dizendo que tens de ir jantar e que telefonas depois, até hoje… espero eu espero ainda tendo de ter infinita paciência, lendo que esperneio e que é necessário uma distância de segurança. Não tens tempo para mim, nunca tens tempo, não tens tempo para escrever a um gajo que se interessa por ti, já não no aspecto anestesiante da coisa sexual, mais como uma memória

de amizade de pequenos momentos que na altura em que se vivem são belos e parecem que durarão para sempre, eternos, até que chegamos à recordação e se verifica que os malmequeres murcharam na luz ao fundo do túnel. Tudo porque para sair do túnel ou para escavar uma terceira saída são precisas duas pessoas, duas toupeiras, dois lobos, gatos e gatas, eu e tu em suma. Por isso minha querida marguerite, esta carta é uma tentativa de forçar a abertura do túnel, para chegar à luz, para que haja passarinhos e nenúfares frescos. Tens todo o direito de te aborrecer com estas tentativas, esgotou-se a tua curiosidade por mim, terei sido talvez perverso nos meus actos ou palavras mas tu nunca foste minha ou única nos meus pensamentos, e eu ofendo-te a tal ponto que silêncio mas esse silêncio só será válido quando tu mo disseres ou escreveres, requisito essa objectividade se for o caso, pois por muito masoquista que uma pessoa possa parecer, existe sempre um momento em que se desiste do troféu, ex-genet.

Ouve agora este final, meu filho:

kill me, kill me... I'm listening to the nails.

Gravo a minha voz como radialista. Improviso a pensar nela, na maior gaja, gata, goddess, ga...nza. Nunca haverá ninguém como ela. Improviso em inglês com sotaque zombico. A verdade é que nestes últimos dias ou noites, um sonho talvez me regrava a memória. Desejo que ela não tenha andado no tempo mas… talvez a verdade seja apenas uma vida profissional estabilizada e filhos de um cowboy. Sobretudo desejo que a mensagem que hoje lhe envio pela rede de informação chegue a ela ainda hoje e que amanhã na volta do correio acorde e obtenha uma palavra… dela, da verdadeira, da genuína, da única. Ah ganza! Como te amo, juro-te prometo-te devoção eterna, lembras-te do sempre nunca ou nunca sempre em formato convite que tu rasgas à frente do pastel de bacalhau como eu lhe chamo? Compreendo ou penso que te compreendo. Porque eu naquele momento limite não quis, não te quis, quis seguir o meu caminho, superar a crise sozinho sem ajuda, sobretudo longe de ti, tu anihilavas-me com com o teu toque, com os teus sonhos, com a tua voz, com a tua pele, com a nossa pele colada pelos cinco sentidos dos nossos fluidos encharcando de sémen e corrimento a nossa pele cheirando a esmegma, o teu cheiro, a tua ausência de perfume artificial, e no entanto tinhas dinheiro para comprar perfume de dez milenas e depois há, eu sei que tu sabes, coisas mais valiosas que um cheiro artificial, coisas que eu te dei ou poderia dar mas enfim… a nossa pele. Yr sweet voice, not a flower monika voice, that's another story all the way completely and absolutely. Yr sweet voice your skin. You were really my woman.

Em realidade na realidade dentro e fora da realidade, a merda acontece. Devo estar a ficar velho pois é verdade que o cabelo começa a ficar esparso, os dentes caem quando como bolas de chocolate pelo natal, eh eh acho que como uma cabeça de pai natal e como paga parte-se-me meio dente, quase que o mastiguei e, no entanto, tomo conta da ocorrência na mesa de jantar e disso não faço caso, porque morrer só uma vez and after that nenhum mal nos pode fazer, que se lixe. Hoje, já não tenho medo da melancolia ou do armário ametista da sexualidade, pois como disse esse meu tio soldado que morreu morto ou suicidado ou por acidente, que interessa isso agora ainda?, pay respect to the vultures for they are your future, esse mesmo tio soldado morto suicidado acidentado pederasta drogado maluco... De tudo isto poucas coisas não sou e se divirjo a nível físico da sua opção sexual, seria capaz de dizer à ganza como ele disse ao seu parceiro: paint me as a dead soul. Ah ganza, digo que estou velho porque tu estás sempre lá, no futuro que não se viverá junto mas sim no presente que se já não vive, tu estás sempre lá na imagem tua aos dezassete anos na tua cidade do interior, nessa fotografia que faço o obséquio de deixar queimar por uma distracção com as velas surripiadas ao john quando vou à cozinha comer um pão e fico a saber da morte do sinatra pela TV, um el grecco, um relógio, o único que tenho, um despertador com rádio, a tua imagem. Mas vives em memória eterna. Depois e antes de ti, só projectos, ideias, mistificações, ernestas com metafísica recusando terminantemente aceitar a metafísica dos outros tentando incutir a sua própria metafísica mas enfim… ah claro, o guardador de rebanhos não é? Ri-te querida ri-te querida tu a verdadeira a genuína a única, aos teus calcanhares a mistificação minha da icata que nunca se materializará e ficar-se-á pela auto-masturbação, apenas um projecto, um projecto forte é certo mas que… it'll never come to fruition. Ri-te querida ri-te tanto como eu agora rio quando escrevo estas linhas, pensar em ti afasta a melancolia, faz-me… lembras-te da triste beleza?… pois é, há-de ser sempre assim. Tu hoje estarás bem com o teu marido com os teus filhos talvez. Estou a ouvir «queremos paz» dos gotan project, tango lembras-te querida?, lembras-te. Eu lembro-me das tuas palavras: «parce que je t'aime», lembro-me de tripares comigo por causa de nos vermos ao espelho que tu escreves com baton e eu te dizer que tu pareces galás e tens razão: foste única e querias ser reconhecida pelo teu próprio ser personalidade, encontro-te mais tarde numa aparente réplica com cabelo violeta numa padaria às sete da manhã de um domingo antes do meu comboio de volta ao ninho «paternal» e tu, essa possível réplica de cabelo violeta, tu comprando pão para ir dar ao teu Senhor, que não eu. Tudo teve, tem

e terá uma lógica interna, a percepção como sabes é transformada pela invocação de um determinado sigilo, as coisas acontecem as if as now, o difícil é não ser apanhado pelas malhas da autoridade mental superior, pelo phallus já sem pele, daqueles que tentam arrastar a asa para cima do meu ombro, ah as referências!, prometendo mais do que a gente nem pede, oferecendo ideias, ajuda, promoção, criação de mitos em conjunto e tal, é pena, tenho pena desses pastores de rebanhos, desses espíritos livres científicos ou espirituais que só admitem a sua liberdade e a de mais ninguém e que todos se juntem à sua ideia voluntariamente, e quando a gente corta essa mesma asa fálica eles retiram o tapete que eles próprios colocam para eu tomar banho enquanto ou antes até de escrever que ninguém chama porco a ninguém mas sim que cheira mal. Para esses guardadores de rebanhos tão bem-educados só vale dizer: lixo, e não apenas um, vários que dizem tal do meu cheiro, lixo sou lixo sois, pois então. O meu cheiro tem em memória a pele da ganza, a minha, a que tive, a que tudo deu em troca de mim [ah a ilusão de te salvar incorporando-te na história…], do meu cheiro, do meu corpo, do meu sexo, da minha piça dentro e fora do teu corpo e o teu corpo essa lua dentro do meu sol… e depois é preciso que diga que me estou a cagar para o que os supostos amigos antigos «companheiros de longínqua jornada» disseram dizem ou dirão de mim ou do meu cheiro, se ainda eles fossem mulheres talvez pudesse ter interesse na sua amizade e mudar outra vez. Cada qual tem o seu modo de filtrar o passado. A eles nem byebye valerá a pena dizer nem mesmo fuck off. Já o disse. Mais vale o desprezo e o silêncio, é o que me fazem, dizem até que é sinónimo de boa educação. De qualquer modo, lamento nunca obter resposta das pessoas por quem ainda me interesso, silêncio solicitado para sempre, escrito numa mensagem de corte de relações por g. Silêncio inexplicável por icata. Esta diz o que eu disse a g há quase décadas: a minha vida não tem nada de bom para te oferecer. Mas para arrancar esta frase é preciso dizer-lhe para me mentir, inventar ao telefone uma qualquer história. E depois silêncio. Por isso do passado, do meu passado só duas imagens perdurarão: a maria talvez, estas duas mulheres e a linda svieira, a única que verdadeiramente me seduziu e por mim lutou. Ela era uma linda e saudável mulher com quem fui feliz mas eu já na altura sabia que eu não era saudável. Deixei a amante e fiquei com a mulher, meses depois a solidão. Alivio a minha miséria mentindo agora e dizendo que o futuro se projecta risonho: os meus sobrinhos já dizem tété ao seu tio soldado pintor maluco drogado and straight. Queremos paz. Os mortos como eu poderão agora ir dormir e talvez invocar a sucedânea de g, vale a pena pôr os mutantes: oba

oba she's my sho-sho and she knows I'm her sho-sho mitomania... para todos os outros, a frankenstein doll for joseph and a little baby doll for baby jesus e uma bola de natal com recheio de esperma enviada do meu anexus 51 misantropia. Contra o pai natal e as janeiras nada tenho, pois recordo quando me abriste a porta. Um beijo grande e votos de felicidade para o vosso futuro com os vossos. Minhas queridas, tratem bem os vossos. Eu sei aquilo que convosco vivi e as repetições começarão assim a rarear.

É-me preciso ainda, meu filho, que te faça conhecer a fraternidade de várias cabeças onde à força, compulsivamente, sou obrigado a entrar. Só vendo as expressões faciais nos seus momentos atinjo a certeza que eu, em algum momento como estes e aqueles, também terei sido capaz de fazer expressões de calibre semelhante, movimentos e comportamentos tão aparentemente incompreensíveis e de explicação julgada lá para as bandas do ir-racional, todos nós um ficheiro em anexo... em comunhão relativa. É preciso saber que o absoluto todos procuram e todos se desejam um absoluto vencedor mas ninguém gosta desse absoluto do perdedor, do prisioneiro de estocolmo na embaixada. Trocamos tabaco, jogamos cartas, aquecemo-nos nos radiadores, sonho com o momento em que me apague, eu que morto estou e que não consigo deixar de pensar e me levantar da cama para escrever isto, tenho dormido mal ansioso de ser o mais verdadeiro, o mais honesto neste artifício, eu que disse já se calhar todo o radical desta psicose absurda com a qual vivo, se não aqui algures já foi dita nem que o tenha só dito em solilóquio silencioso a mim mesmo e me tenha logo esquecido imediatamente. Para quê escrever magia negra magia branca?, magia com gradientes de cinzento num anexo da interzona cinquenta e um. Serei adicto eterno. Tentarei não fumar no teu velório mas se o fizer sei que, enfim, não esperarás outra coisa de mim. Sarkonazy is dead e o rio há-de ir ralo abaixo.

Curto as auxiliares que nos dão banho, curto a parte em que me lavam a piroca!, eheh hein?, eu não tive essa sorte, tiveram essa sorte os velhotes acamados mas ouço suspiros no wc...hotel. Uma comunidade de iguais onde todos se compreendem mesmo que não se falem. Às vezes, observamo-nos uns aos outros na distância da esplanada e do cigarro onde somos aceites não por piedade ou caridade. Temos esquemas entre nós em que cada um gere o seu silêncio, a sua expansão verbal sem o stress da vida lá fora, o prolongamento do salão para a cidadela psiquiátrica, a luta pela sobrevivência começa no dia de libertação. O fotograma podia ser adaptado de buffalo 66 de vincent gallo:

Os guardas acompanham-me à porta, saio e fico à espera da ca-

mioneta, reparo que não tenho dinheiro para voltar à cidade onde nasci, enregelado pela chuva decido caminhar, sinto vontade de mijar, entro numa aula de aeróbica, ao sair do wc reparo em cristina, o anjo de dezanove anos, eu dissera a meus pais que estava de férias em timbuktu e que voltaria com o meu anjo para lhes mostrar que estou vivo e a pensar casar, ela é bela de cabelos loiros e ameaço-a se ela não aceder, preciso de tomar banho, o meu pai vê futebol mãe faz comida, uma família entre aspas, sinto que meus pais não acreditam na minha história com cristina, resolvo vir embora e o destino, penso que seja um salão de bowling e uma máquina de fotos tipo passe, quero tirar uma foto com cristina mas quando ela passa as mãos e tenta compor o meu cabelo eu repilo-a, a fotografia tem que ser clássica, sem emoção quero dizer, é para enviar a meus pais, decido telefonar a um amigo mas tudo mudou, também assim me parece a minha antiga namorada quando a encontro num café e ainda a amo, por isso não deixo este anjo que me acompanha tocar-me, a culpa de lhe fazer mal. Alugo um quarto perto de um show de strip, com a intenção de matar o chefe do bar de strip que armadilhou a minha prisão, pretendo deixá-la a dormir durante a noite, no fim da sequência tudo voltará à normalidade e o chefe não morrerá. Imagem virtual em formato quicktime vr. Vou buscar um doce para cristina e filmo-me em pose de cristo crucificado na cama.

A verdade é que a minha história não é exactamente esta. Não tem tanto glamour nem tantas vítimas nem lolitas que nunca procurei. Tenho apenas a minha família à porta do hospital para me trazer de volta à casa onde nasci, devolvem-me a máquina fotográfica mas não as fotos do evento psicótico, não faço caso, são os únicos que me recolhem e também devo agradecer à minha vizinha que sem o querer provocará ciúmes em vallis, vivo numa extensão do hospital com a mesma cor de parede, sonho-me, escrevo-me lendo sobre este dia, a minha peça de teatro clandestina e imagino-me sozinho, como foi possível a peça ter sido levada à cena?, pensei que era único mas conheço já na vida real outros como eu, é preciso ver neles a semelhança de comportamentos para que caia na realidade de não ser único, sou um entre muitos iguais e isso também me salva embora a ingenuidade de contar aumenta a dose prescrita levando à produção de gaba, levando à moderação, à estabilização, à depressão, à hipertonia, à repressão emocional e ao ressabiamento. As palavras podiam ser outras e com mais definições mas são estas as que lembro de associar quando vejo outros como eu e projecto nas paredes as sombras e dou nomes aos frascos — fantasmas nos armários — e introjecto em mim toda a culpa dos males do mundo como se pelo meu

próprio pensamento a culpa aconteça e seja minha.

A minha psicose é o mistério de não saber porque e como entro na frequência do vírus que zaine define nas suas leituras: «nós somos mágicos quando nos investimos nesse papel, senão a magia fica no guarda-fatos como uma camisa à espera de ser usada.» O medo, às vezes chego mesmo a reprimir pensar o que quer que seja, o medo desse vírus atacar no modo úlcera intestinal toda a família, babi yar, o fuzilamento dos errantes, de todos nós, eternos condenados a errar pelas avenidas do conhecimento traficando techno em timbuktu.

Da medicina nada há a esperar, apenas a droga legal usada como meio de repressão, vale a pena transcrever: anexus 51 quase nove da manhã, hoje o dia acorda às sete da manhã, hoje tenho de ir à médica, aquela que trata da minha cabecinha, além disso mal chego lá sou imediatamente atendido, fico até espantado, abro a porta e entro, está a doutora e uma assistente e já não sei o que ela diz primeiro, se o «você está com bom aspecto» ou se o «esta é uma assistente estagiária, importa-se que ela assista?», e eu falo do trabalho, depois ela faz uma pergunta com acentuação espanhola, ela é espanhola, eu não sei espanhol e não percebo, ela diz em português «então e o demais?», e eu falo de meu pai sempre a queixar-se a nós e não aos médicos «ele tem um parafuso na cervical e queixa-se de não conseguir engolir a comida, outras vezes queixa-se do peito», digo também que é uma pessoa antiga confiando a sua saúde e descanso mental aos comprimidos receitados, quero com isto dizer que se o médico lhes disser que está tudo bem, isso é a idade sabe?, a sina, vá lá vou-lhe receitar este medicamento mas sabe?, na sua idade…, então ela pergunta «e aquele relacionamento?»

Explico que desde aquela vez que estive aqui nós voltamos, agora já nem me recordo de anteriormente ter dito textualmente que já não namoro com ela mas falo que de um psicótico a gente às vezes ainda se ri mas de uma neurótica a gente diz qualquer coisa como «sai da frente», se não digo textualmente pretendo dizer: um psicótico faz rir com as suas parvoíces, uma neurótica faz desesperar com as suas desgraças, um psicótico a levar com uma neurótica é pior que uma neurótica levar com um psicótico, eu não quero ser junkie de comprimidos que só actuam como placebos e de efeitos secundários, ela diz quase soletrando que eu sou e s q u i z o f r é n i c o e que a medicação surte efeito, «você está melhor».

Mas ó doutora!, o meu problema é mais sociológico, o problema é que os psiquiatras nem chegam realmente a fazer perguntas e nós ingénuos de tão sinceros às vezes damos-lhe pretexto para carregarem no

gaba, eles fazem-nos assassinar o real. Eu, às vezes, sinto-me como aquele adepto arrebatado de emoção que entra pelo campo adentro para roubar a bola e marcar golo e sai de algum modo ou doutro acompanhado pelo oficial de segurança que, puxando-lhe as orelhas, lhe tira a ilusão de ser um membro reconhecido como participante no jogo enquanto a audiência se ri dele: eheh olha o palhaço!, aonde é que ele pensa que ia?, entrar pela baliza adentro?!, eheheh. Os malucos nem nas margens estão mas aonde quer que estejam nem sequer serão um jogador em fora de jogo, serão mais aquela mosca abelhuda que incomoda e todos amedronta pelo suposto ferrão. Ninguém me respeita, merda. Não percebe isso?

Ela volta a perguntar como vai a relação com o meu pai. Eu respondo que agora vai bem, pensando em quantas vezes o disse morto ou o suicidei numa prisão dentro dos meus escritos, no fundo incorporei-o dentro do meu Eu. Digo à doutora que, agora, a minha relação com ele corre bem, afinal parte da culpa que lhe incutia era minha. No fundo só quero conversar com ele num poleiro a seu lado e à sua altura. No fundo as ofensas que lhe fiz machucaram-no mas também o fizeram reflectir no porquê de tais verdades porque numa ofensa o resíduo, a verdade e parte da razão vem ao de cima. Eu aceitei o meu pai, doutora, e uma das minhas maiores felicidades seria o meu pai compreender o meu modo de vida mas não sei se vou a tempo de ele me aceitar.

Agora o que digo é que anda muita gente por aí a achar-se de saudável e acima das paranóias, obsessões e modos de qualquer um se fazer gente e de não sucumbir à miséria existencial.

Segundo eles, devia haver alguém que se passasse da cabeça e metralhasse toda a assembleia. Segundo eles, o seu instrumento é mais válido que o do Outro,

os outros, sabe, todos eles,

Outrem devia pegar num facalhão comprado na fnac e fazer o que eles explicitamente hipócritas e covardes não fazem talvez porque deixem isso para os algozes,

sabe os maluquinhos!

(vá lá eu dou-te vinte euros e tu atiras a pedra ok tone?,

a verdade é que eu, tone, posso dizer que sou perfeitamente capaz de me vender por nada a quem nunca me convidou…

bastar vir-me a vontade-objectivo, iludo-me facilmente),

aqueles paranóicos a quem eles tentam explicar qual o caminho «saudável» a seguir e juram mesmo saber qual o caminho que se não deve traçar,

chamam a este caminho último a condição essencial da besta,

mas doutora eles da besta só sabem o que muitos escritores paranóicos escreveram sobre,
e fazem mesmo crónica disso, como que a dizer perto «apoio o teu acto»
mas escondem a vontade que eles próprios sentem,
a mesma que o tal maluquinho sente,
e depois do acto consumado dirão talvez semi-perto «estou solidário amigo»
e quando o amigo depois da jaula mendigar o comer, o tecto ou apenas o sorriso
dirá talvez já bastante longe «eis mais um levado literalmente à loucura»
[dêem-lhe dólares]
e ao que se seguirá um tratado hermenêutica-mente-epi-stemológico
falando do péssimo estado da saúde pública… ou seja,
se eles atravessam a ponte é no sentido para longe
e não estou certo de alguma vez se terem posto na nossa pele
(eles preferem ler em livros e escrever depois acerca do homem das seis mil barbies)
e se estão do lado de cá da embaixada do equador
acho que fica ali para os lados do meridiano de green-nordic-witch…
[mas obsessivo?,
só se for de vez em quando na interpretação do leitor porque o escritor,
esse é um que quase sempre põe as vírgulas certas no lugar certo,
nunca escreve mal,
bem educado como se sente e saudável acima de todo o Outro diz apenas que
o leitor não interpretou correctamente e repete um pouco irritado
explicando a sua solução.]
Então… bota erro na frase para lhes comer o caco.
Eu para sorrir ironicamente preciso aqui de fazer uma analogia, sem muita justificação objectiva, e invocar o mago gaspar da troika: eu cá por mim acho que a culpa foi do peres, o palhaço deitou o muro abaixo e construiu um condomínio de luxo para os senadores do banco verem os barcos ou as corridas.
«viva la muerte!», digo eu para impressionar uma rapariga espanhola e digo-o também porque sou um morto e assim celebro de algum

modo o meu modo de vida.

No entanto, ela nada disto sabe e prefere mencionar como comentário o durruti.

Eu respondo comentando que existe uma banda inglesa chamada durruti column.

Ela subitamente cala-se dizendo que está bêbada e não quer pensar.

Doutora… só quando chego a casa é que reparo que «viva la muerte» era hino dos fascistas espanhóis e que durruti foi um guerrilheiro anarquista assassinado… e entro em conversas alheias, digo merdas retiradas de contextos sociológicos que não compreendo totalmente, faço associações que ninguém aguenta tentar compreender. O facto é, doutora, além de rude como um nórdico confundiram-me há minutos com um fascista.

Tudo isto, claro, só para sair destas conversas sozinho no final da noite porque o meu mundo parece alterar a metáfora e tornar a distorção real, eu não sou de ninguém, eu até devo parecer gay quando danço unchained nas festas no meio delas e não me ponho à caça. Chego sozinho a casa.

Sou apenas um maluco muito maluco, sou o visconde dos malucos, a música é a minha mãe, os livros são todos os meus pais e a minha verdadeira filha é a tela que pinto, de vez em quando quando calha haver experiências alucinantes.

Doutora!, o poeta, para quem só os outros são paranóicos, acaba por cair na sua própria armadilha ao falar acertadamente da sua hermenêutica dizendo que Outrem é muitas vezes ele próprio.

(ou seja Eu, condição essencial do paranóico na interpretação de «um entre muitos» paranóico)

Ele sabe que se ele próprio fizesse o que manda o Outro fazer, no fim do tempo de jaula nenhum dos seus muitos Outros amigos lhe daria a sopa exactamente como ele a desejou.

Deixariam de lhe dizer «és um ganda maluco, um tipo fixe» para lhe dizerem apenas «olha o teu estado vai-te tratar!»

Acha muito desviado da realidade, doutora, o mecanismo sócio-psicológico do filme «ricos e pobres» com o eddie murphy?

…e digo-lhe mais:

muitos fazem arte com a manha de se esquecerem que se as oportunidades, enquanto jovens, tivessem sido outras, uma bela jotinha por exemplo para colar cartazes na manta, eles próprios seguiriam caminhos opostos aos que hoje dizem seguir, acha esta hipocrisia saudável?

Dizer-se explicitamente covarde é assumir-se implicitamente irresponsável quando se continua a dar lições de conduta dirigidas a Outrem.

Eu, doutora, assumi muita culpa, escrevi 'eu fiz' e muito do que disse que fiz não fiz na realidade, simplesmente bastante do que escrevi na primeira pessoa do singular 'Eu' foi apenas para que o leitor eventual se tente pôr no lugar do narrador e sinta que ele próprio pode ser tão paranóico como qualquer um de nós.

Não há assim tanta distância entre um Eu e um Outro e eu quando o descobri achei difícil de aceitar que esse sonho, de facto, esse meu desejo… intuí mas não acreditei, nunca achei que se tornaria de facto real, e hoje sei que a minha visão se tornou de facto patológica, o ser um fantasma online é um dos meus maiores fracassos.

Eu até posso ser inteligente mas só os espertos, aqueles que sabem aplicar a inteligência, só esses vencem.

Para tentar explicar o mecanismo desta forma particular de psicose preciso dar um exemplo: escrevi um comentário sobre cioran dizendo que respeitava as suas decisões, discursei como um ó-pinador encartado sobre as suas paixões adolescentes que só tinha lido na wiki, discursei contando as palavras por causa da regra editorial e rematei com o soundbyte do qual duvidei imediatamente após premir 'send'.

Não sei se marquei golo ou se a bola foi interpretada pelos coelhos lepufólogos como um coelho, e assim matéria de vulgar produto de rapto por parte da bancada do terceiro anel, quero dizer, matéria de vulgar 'exportação das novas oportunidades de negócio da pátria', se bem me faço entender ó minha bem desejada Outra… :)»´!

Mas escrevi que cioran sabendo-se perdedor se refugiou num quarto e passou ao papel a negação de muita coisa que poderá ter querido ser, daí a não acção como oposição à reacção.

A verdade é que eu, tendo assimilado alguns epigramas e o título dum livro inconveniente, incorporei com estes poucos fragmentos cioran dentro do meu pensamento e, de vez em quando, ó-pino como se soubesse de facto o que cioran viveu. Na verdade é como se Eu fosse o Outro, o próprio cioran assombrado pelo fantasma cioran, e falasse realmente só de mim, pela minha própria voz e muito muito poucochinho. Mas quem é realmente este anómalo 'mim'?

A humildade depois da solidão potencia boas ou más decisões e tentativas de liberdade, é preciso ter clareza mental para se não sucumbir ao ressabiamento ou simplesmente saltar-nos a tampa. Às vezes, simplesmente por má disposição ao acordar ou porque muitas vezes o 'nós'

é, mais uma vez, o desejo por uma Outra que pense como Eu e com quem possa formar um nó, Nós. Nozes? Mas os mortos não aparecem, encontram-se.

A loucura é como uma moeda, tem cara e coroa. O objectivo é eliminar a dualidade do bem e do mal, tentar equilibrar a moeda de pé e tentar sempre não falhar nem ficar extasiado de medo se acertar. Tentativa após tentativa, eu tento que os meus passos sobre o abismo sejam fruto de uma escolha em consciência, não quero ser visto como simplesmente irresponsável, um fora da lei inimputável, um desgraçado, eu luto contra a minha própria aparência, desejo, liberdade de escolha: eu penso logo devo necessariamente existir. Cogito ut sim mur.

Putas ao poder porque os chulos já lá estão, ouvi e bati palmas na manifestação. O mundo é subjectivo, uma ficção, um filme de guerra com falsos heróis, uma selva na mão de burocratas com o seu bónus garantido.

Se a história se repete como farsa e simulação, a história é também uma onda alfa que se insinua repetitivamente em nuance de frequência-conteúdo de emissor, ao mesmo tempo, retransmissor e receptor. Todos nos comentamos uns aos outros o mais directamente possível tentando abolir o meio instituído.

Ser dono do seu próprio nariz, construir a ponte, a casa e o conforto, testar a segurança do equilíbrio, sentir que tudo o que fomos, tudo o que somos se justifica assim que algum epigrama escrito se transmigra e aparece, parecendo quase religioso, antes segundos dias anos séculos depois, na forma às vezes fantasmática que tentamos combater: um «hei-de ser sempre» ajudante. Implícita ou explicitamente, sinto que dizem eu não ser saudável ou então apenas não ter as competências mais adequadas ao posto de trabalho ou, então, pareço um sem abrigo mas… lutarei sempre para ultrapassar o «hei-de ser sempre» explorado e despedido. A lei, mesmo que de vez em quando do meu lado, fez-se para quem a pode pagar: Tivesse eu vinte euros para pagar a taxa de justiça e a diligência teria sido executada e não teria ficado em espera até à prescrição do processo.

Por incumprimento salarial, a lei estava do meu lado mas o agente de vendas fugiu para parte incerta com o material penhorado à empresa dita testa de ferro. O ministério do trabalho convoca-me e diz-me que o processo prescreverá: meta um processo a esse senhor, diz-me o procurador. Claro, claro, areia para os olhos, penso eu, se o próprio ministério público não se importa. Claro, claro, a semana passada li a notícia acerca das fraudes do solicitador, eram todos amigos. O país bateu no fundo

e eu com ele, fiz o que pude para receber o meu dinheiro e até escrevi diários com títulos de carta bomba, alguns deles foram expedidos via email. Outros aguardam enquadramento. Quem se fodeu foi eu: lutei pelos meus direitos mal educadamente, perdi toda a razão, fiquei nervoso, ansioso, raivoso, etc e como eu misturo tudo, à primeira rejeição amorosa, estilhacei o que me restava da boa educação, o meu comportamento tornou-se eufórico, maníaco, compulsivo.

Compulsiva foi a ordem judicial de internamento, com mais ou menos erros no meu processo individual e tudo porquê?, por causa de quem?, eu com o dinheiro dos meus créditos no ferro de testa mudava definitivamente de vida. Talvez deixasse de lado a poesia psicótica de baixa educação, talvez começasse a escrever um romance com rosas rosa ou até portas laranja não sei… qualquer coisa como uma educação sentimental de coelhinhas cuja caras me são sujas e estranhas, talvez pusesse laçarotes cor-de-rosa, talvez para ser capa de revista tampografasse mesmo um saca-rolhas violeta o mais comprometido que pudesse, afinal palmadinha dá e leva, não é? Há quem tenha visto esse hoje ministro na janela em frente acompanhado por michês brasileiros… mas para os fascistas de direita a prostituição deve continuar a ser feita em quartos de hotel usando perucas ou às escondidas no pinhal, para eles os trabalhadores sexuais nunca são violados já que recebem dinheiro.

No entanto, se a escrita é verdadeiro exercício de desabafo, admito um dia ter tido a ilusão de mudar o mundo. Comecei por uma tentativa de exorcismo. No final da história, a anti-heroína devia ser queimada juntamente com todo o meu harém e eu, mau estudante da mística, devia testemunhar em registo oculto a minha vida, morte e renascimento e claro, a ressuscitação oral bastaria para juntar as minhas quarenta e nove partes.

No entanto, se assim tentei escrever a minha ostentação, logo reparei que me faltava verdadeira matéria, não me podia ficar pela aglomeração sincrética de passagens obscuras com filles noir, decidi viver para contar e o desejo virou loucura e eu figurante actor argumentista director de fotografia cenógrafo realizador e audiência primária do meu próprio filme, destroços na cidade vermelha e martinis em derza observando a minha existencialização e descobrindo que afinal há toda uma tradição de observar o próprio umbigo, chego até a escrever a um escritor reconhecido, samplo aqui algumas ideias:

Boa noite, é este o meu primeiro livro que tenho seu, acompanhei a transcrição no blog ao longo dos dias a partir do computador de casa que tinha internet, ficara desempregado no dia do trabalhador (ou de-

veria dizer do novo desempregado), fumava um besigol ao acordar por volta do meio dia, ia tomar café e ler o jornal, voltava para almoçar e depois pedia licença para utilizar o computador e navegava por entre páginas de emprego, e blogs de música. Não estava à vontade, o quarto não era meu, não podia fumar moks, o meu pai é anti-fumador e como ainda moro em sua casa… é duro mas há que respeitar, além disso ele está em vigilância médica devido a cancro, tenho que dar à sola mas como já saí para pior… eu e o meu pai chocamos muito. O meu pai saiu da aldeia e foi quatro anos para a tropa, esteve em angola, o meu pai tem a quarta classe e não deu o salto, veio para onde estamos agora, inscreveram-no nos telefones. Casou, somos três filhos, tivemos uma infância atribulada mas nunca passamos fome. O carinho foi pouco. O meu pai pensou que o filho ia estudar aquilo que ele não pode estudar e que ia ser bom. O meu pai, conservador e anti-comunista, pensou que o filho não precisaria que o pai lhe ensinasse nada, que a escola e depois a universidade lhe ensinaria tudo até qualquer tarefa doméstica, nem que fosse instalar um candeeiro na soleira da porta. Eu, o seu filho, sempre lhe disse que não tinha nascido ensinado e que duas cabeças pensam e executam melhor que uma. Ao fim de uma semana e em vinte minutos, a minha mãe guardou mais uma esperança que pai e filho se reconciliassem. Fizeram-no numa cama de hospital. Meu pai operado vive hoje com um parafuso na cervical. Ele é meu pai apesar de eu não ter pedido para nascer. Conclusão, o meu pai começou a trabalhar e encarreirou quase quarenta anos na mesma empresa, há dez anos foi escorraçado para a pré-reforma e nada faz, passa os dias a cismar. Eu tinha nem um ano aquando do vinte e cinco de abril, estudei para ser engenheiro, quis conhecer mundo e algum conheci e hoje sou empregado de armazém. Parece-lhe uma despromoção?, não, porque o mundo que conheci embora me tenha tornado misantropo por ter batido no fundo do fundo deu-me uma base, no fundo do copo havia um resíduo, e esse sou eu, eu empregado de armazém por não ter tido cabeça para aguentar com chefes de programador júnior de informática, mas eu que sou livre, feliz por ter tempo para me dedicar aos meus passatempos e ainda para amar, aos poucos vou-me tornando menos misantropo, eu que bati no fundo, que desejei bater no fundo para que eu próprio soubesse de que fibra era feita, e se era forte ou um modesto carneirinho, descobri que assim aconteceu esse desejo porque as coisas banais não me tinham sido ensinadas. Aprendi às minhas custas. Hoje que pinto com imaginação mas sem muita técnica (dizem), que não tenho fama de artista nem escritor, que prefiro andar incógnito e ser feliz com a mulher, hoje, eu que tenho

telhados de vidro na psique digo que talvez o meu maior problema tenha sido a relação com meu pai, a minha dedução é que ele também tivera um pai que lhe morreu aos dezanove anos, o pouco que sei dele é que era «mau» e eu pensei que meu pai ia morrer quando eu tivesse dezanove anos. Eu só espero não cantar a mesma ladainha ao meu filho: Eu aos seis anos guardava ovelhas. O meu primeiro salário foram umas botas.

Nunca obtive uma resposta directa além da publicação do desenho «caído que nem um email» e, às vezes, a ânsia de ser escutado e até interpretado leva-me a ser Eu próprio a interpretar que, talvez?!, as respostas surjam implícitas entre as linhas de um ensaio ou epigrama de um Outro, um alguém que ficou na história sendo um Eu, o fantasma gerado pelo acto de escrever live fast die young and leave a beautiful body. Nem todos os implícitos, que eu como captomante adivinho pelo fumo, são tão simpáticos como a seguinte transcrição de saul bellow «a-parecida», as palavras no original em inglês poderão ser outras: o mais simples de todos os seres humanos é, por esta ordem de ideias, esotérico e radicalmente misterioso.

Nunca li saul bellow. E «a ânsia de ser escutado e até interpretado» vai desaparecendo. Sou levado a crer que talvez não passe tudo de um deficit de adaptação ao mundo, de comunicação com o mundo. A sua complexidade de esquema, classificação e regra atinge-me desde novo e resume-se aqui: diz-me solidão… para que preciso eu, agora, de um mundo se eu, como defesa, incorporei muito mundo dentro de um Eu sem distância em quilómetros com um Outro mas viajando pontes no tempo e revertendo a polaridade, esse sinónimo de identidade? Integração, um nome e um valor em troca de suspensão da liberdade mas com juros de responsabilidade, palmadinhas nas costas?

O diminutivo da palavra «palmada» denuncia ironicamente a falsidade ética do contrato social, luto pois!, e assim que recebo um pedido de ajuda, sei que a solução para a minha psicose linguística de pensar que todo o fenómeno chegando ao meu conhecimento acontece porque, e mais ou menos no momento em que… escrevo estar toda a família a ser atacada por um vírus estomacal e estar a fazer soro na urgência «por eu escrever» soro fisiológico na altura em que relembro um momento de repressão hospitalar. Assim pego imediatamente na bicicleta e vou à farmácia tentar conter o mistério de acontecer viajando no tempo as úlceras que vou escrevendo: assim a morte nos separou, para mim é como que tivesses morrido e não sou propriamente um viúvo choroso, espero querida que estejas no céu para assim não nos encontrarmos.

A verdade é que a sequência contada é um pouco irracional. Não

consigo perceber como consigo entrar na frequência e adivinhar por palavras a tua próxima frase, não penso ter uma aparência linear e eu ser irrefutável, a verdade é que penso que tive de viver o meu afundamento para só ter como destino esperar subir até um patamar mínimo de existência e, já não perdido mas incógnito, no meio da multidão mas piscando os olhos à Outra, à verdadeira sócia. E quando conseguir perceber tudo o que parece um absurdo quase sagrado, pouco mais haverá a fazer a não ser sentar-me a ver o pôr-do-sol e esperar… com um pouco de sorte viverei na memória das poucas pessoas que me amaram de verdade e, quem sabe?, algum do meu musgo se transmigrará até eu próprio me esquecer, perder a memória devoluto em pó. Paz.

A verdade é que tenho uma ideologia e se alguma vez estivesse a votos seria à esquerda do ps. Mas como lidar com a repressão transversal a qualquer hierarquia, a qualquer partido burocrata ou clube ecuménico?, e que dizer do chamado estado democrático que transforma joelhadas de bófia, documentadas em imagem, em multas para o agredido no valor de setecentos e cinquenta euros? Se o fatal decadentismo foi uma opção e o fascismo, esse misticismo determinista, uma fuga pessoal absurda de tão irracional, sei hoje que o fascismo está de volta à terra lusa quando uma centena de ninjas e bombeiros mascarados, enganados e convocados para uma acção de formação no contexto de trabalho, conseguem fazer uma juíza ler um acórdão onde se relata o medo deles, hipócrita perante uma vintena de activistas protestando sentados, o bófia joelhou e para não ser julgado por ofensa prendeu o joelhado. E aplicou a multa.

E se não gosto da violência da autoridade também me sinto mal por às vezes me ver forçado a agredir, mesmo como se apenas como resposta a uma ofensa, para impedir a continuação de uma ofensa. Não vou no entanto ao padre nem ao grupo dos ex-qualquercoisa anónimos confessar-me, jesus não é a minha salvação porque percebi que não posso oferecer a face e expor-me a uma segunda ou terceira chapada. Dizem que sou mau.

Violência gera violência. Sofro a minha violência, acho que já passou o tempo de me sentir uma vítima, vejo quem chame o próximo de cobarde e depois faça a fita de dizer: olha ele deu-me um pontapé no peito, ele agrediu-me… «desde que ele me agrediu» diz o poeta à moça dos recados e o que eu digo ao meu colega da obra é que simplesmente eu impedi que o poeta me continuasse a agredir por palavras: tu e. estás a dar o cu por um charro a esse mauricinho de merda que escreve merda[s] merda[s] merda[s]

sick sick sick 666 numa noite de são joão a verdade 999 nein nein nein

a minha história sempre foi um pouco diferente dessa lenda de poeta cuja poesia transcende a sua própria vida. Seria necessário os leitores reconhecerem que um excelente poeta é muitas vezes uma pessoa medíocre. Eu pelo menos tento não me julgar superior nem sinto que tenha de me revoltar e insultar para me fornecerem grátis o produto com que me deixo às vezes iludir com felicidade. A partilha deve ser mútua, fico até com a prova de que a muitos menos elegante magia de austin osman spare bate qualquer ostentação de neófito de crowley que não sabia ou se quis esquecer que a abadia de telema só foi possível na itália de mussolini e que a aurora dourada é hoje o nome de um abrigo partidário do fascismo na grécia entroicada.

Quem se revoltou quando disseram que a revolução chegou? Todos o que nada tinham, os que tinham venderam se ainda puderam e fugiram para gozar reformas no exílio. Deixou-se de ter como amigo o senhor fulano de tal pois este deixou de ter um amigalhaço numa empresa exportadora para o verdadeiro mercado interno, as colónias. Deixou-se de ter de fugir para um bidãovil, caso se tivesse um mau currículo ou não se tivesse o tal amigalhaço, como alternativa à prisão ou à porta da igreja para turista fotografar a fama de pedinte mal-educado vendendo o coto de miséria como mercadoria. Tudo porque a revolução disse que o Estado, ao se dissolver progressivamente, seria o sócio amigo em quem confiar e ninguém precisaria mais de ser pedinte da corporação, ou da igreja, para o ser, em vez, do novo estado, o sonho prometido para quem se revoltasse e aderisse à revolução social do cidadão. O estado refundado legislou que no interesse do novo cidadão, ele, ainda pobre, perdesse a vergonha e se registasse no sistema com o nome de «vítima da sociedade» e se juntasse como «voz da experiência» a uma nova associação, uma nova casa, loja, lobbie, um novo partido, uma nova corporação que defendesse o sonho privado de cada um: por decreto regulamentar, aspirar a transcender a natureza do ser humano e ser monarca do seu próprio nariz e ser ainda reconhecido pela história como o Senhor Alguém Que Fez Obra, aquele bem-falante benfeitor de quem toda a gente fala e deseja vir a ser. Chamaram-lhe o bolo social e disseram que, se bem integrados neste faroeste social regulamentado, todos poderiam comer um pedaço de bolo se fizesse o compromisso. Todo o filiado subiu na escala social trocando de posição conforme a conveniência e dizendo aos filhos: estuda para seres um senhor porque eu mato-me para te dar um futuro. Se eras amigo levaste uma palmadinha nas costas e a caridade

ocasional de um cheque ao fim do mês. Se não eras amigo perguntaram pelo currículo e fizeram um contrato dando a ilusão que seria cumprido desde que te tornasses amigo, te identificasses como escravo do bem comum da empresa, da nova família. A ilusão do espírito livre, um amigo, um sócio em potência capaz de causar mudança para si e todos os sócios, vendo a lei apenas como instrumento temporário de registo da sua liberdade, uma medida para ser ultrapassada. Uma lei para todos mas com a honrosa excepção de cada um. Às vezes repressora e tirana de quem não pensa de acordo, a ilusão de liberdade é perdida todos os dias no modo como a nossa mente interpreta a revolução social e o nosso papel na revolução social em romarias ao cemitério para ver os novos mortos, a nova tradição. Lembras-te de quando éramos novos, do nosso papel na revolução? Éramos uns pobres salafrários, uns grandes malucos mas agora depois de mortos somos burgueses cool. Já viste o tamanho do meu instrumento? A ilusão continuou com o direito a poder participar na festa de adoração do sucesso, personificado no líder. O sucesso mede-se em dinheiro, na quantidade de bolo redistribuído pelo líder, com champanhe para os accionistas e sopa para os novos cartões de pobre, os que não têm amigos nem currículo à porta das novas igrejas, agora reaccionariamente sociais apelando ao sentimento do turismo de mausoléu, dizendo que jesus afinal era socialista e nunca gostou de mercadores nem capital. E assim as corporações se renovaram e voltaram a ser o que sempre foram e pareceram. Estatuto, hierarquia e repressão para quem não aceita ou não pode aceitar a opção do contrato social. As coisas não mudaram assim tanto, não passou de uma falsificação organizada por iluminados a soldo que souberam propagandear nas gentes a ilusão de o sol poder nascer igual e independente, de e para todos, para que no fim cada um, depois do estatuto adquirido e da ruptura ideológica com o clube de juventude rebelde, poder viver hoje, como o homem do cadeirão de pantufas no sofá, a reforma dourada mandando trabalhar as gentes, ou seja, os outros porque, claro, eu trabalhei muito e a minha obra, o meu nome fala por mim. Mudaram apenas os nomes numa passeata evolutiva até à dissolução final do seu sentido de palavra, do desejo de produto à produção do desejo até à propaganda do desejo. Afinal até deus não morreu e tornou-se múltiplo e relativo, foram-lhe mudando o nome conforme a utilidade, de partido bondoso e mártir a portador da luz e maldoso até à reforma compulsiva para taxa de juro e capital, uma teo-social democracia do proletariado, para quem a palavra mudou de anarquistas do partido social para fiéis colaboradores descartáveis vivendo instrumentalizados no substrato ilusório e figurado

da conveniência social com promessa de igualdade e fraternidade no acesso ao bolo, à palavra que dá espírito matando a fome e o choro. Se fores meu amigo e contribuíres dou-te um prato de sopa no meu palácio, senão meu amigo vai morrer profeta lá longe no paraíso! O papa benze, o aiatola proscreve, buda contempla, brama é poeta e o imã vive em segredo enquanto deus omnipotente manda o seu burocrata subir a taxa de juro da nação de poetas. Porque temos de nos rir, parodiamos de vez em quando em animado congresso de sócios, ou assembleia com as gentes, a realpolitik da ilusão, fantasia, farsa e propaganda e colamos ao cínico palavras como estúpido porque não segue exactamente o rebanho, como mau e vingativo porque diz a sua verdade em noites de facas longas, como mal-educado, desavergonhado, impudente, obsceno, imoral porque diz o que todo o rebanho pensa e que espera que alguém diga por ele: a pornografia do poder corrompe. Agora que o deus anarca do capital deixou cair a máscara e nos expulsou da casa que produzia o bolo e deixou de distribuir por todo o fiel sócio contribuinte, nós, as gentes, começamos a descrer do morto deus sebastião, o tal que foi prometido. Porque esse partido, esse deus, esse mercado não passa de um turista, um partido estrangeiro, esse que, a soldo e em saldo, comprou o bolo para produzir sonhos para famílias que vivem lá no paraíso e ter ignorado as gentes de cá. O problema não é ser um crápula mas não ser eu, err… quero dizer, ser um estranho sem cor e não deixar nada para mim, ups… quer dizer, para a gente, para a nação, afinal de contas pago impostos para quem? Não te tenho no meu bolso, deste-me uma facada, oh deus!, eu era teu amigo e, por menos, fiz a guerra em teu nome. Por favor, não me abandones. Como resposta os burocratas e polícias cumprem o protocolo e mandam educadamente deslocalizar a peida para o paraíso porque aqui nunca seremos livres. O estado, a ordem é deus e deus é o mercado e o mercado sou eu e eu sou o inferno. É trabalhar para comer enquanto há e não bufar ou só bufar os que nunca trabalham, claro, a quem nos dá de comer por caridade. Como contra-resposta os clubes e gentes cumprem o protocolo e continuam em passeio a vender a ilusão de progresso, a democratização do deus capital, capital ao dispor de todo aquele que se quiser juntar à revolta para ser visto como mártir, um jesuíta dito espírito livre e filantrópico que nos salvará do inferno, eu, a associação igreja salva do fim do mundo e tu podes ser o meu escolhido, dizem.

Eu justifico-me ou com as melodias em papel areia de gudrun dh virgin prune lawrence ou com as palavras do blixa: mein kopf ist ein labyrinth mein leben ist ein minenfeld.

A minha violência é sobretudo mental, sou mais parecido com um cão que ladra do que com um cão que morde, eu sublimo a violência do tó desabafando ao papel, não me fico pelo oral insulto gratuito de expulsão quase vómito, passo para o papel e envio por carta registada às vezes em linguagem de insulto, às vezes em registo formal conforme a emoção do polícia interno de folga. Se sou doente maluco não me escondo na doença dizendo que não me lembro do que fiz. Claro que não me posso lembrar de tudo, aliás produzo a prova, a evidência do meu próprio acto, do meu erro perante a lei, posso não gostar da lei mas não me faço vítima dessa lei. Boicotemos a cultura do chui e comecemos pelo nosso superego!

Sei hoje em que lado da barricada poderei estar quando um bófia reprimir as verdades e os desejos de um futuro e em que café estarei quando um serviço de ordem de um sindicato reprimir as verdades e os desejos de um futuro.

Sei que, às vezes, não é possível aceitar o contrato social.

Sei que, se fosse bajulador, talvez vendesse livros brochados e pudesse ser considerado um «escritor a sério».

Sei que poderia ter muitos amigos se os que em mim procuraram mel não tivessem sido mandados à merda.

Sei que a minha técnica é fraca. Sei que me vão faltando ideias absurdas para livros onde falta a conveniência pessoal.

Sei que sou o possível que posso ser, sei que tentarei ser qualquer coisa mais e sei que prefiro ter uma cana de pesca do que jogar na lotaria para tentar Ser.

Não sou pedinte por enquanto, vendo um produto quando preciso de ir ao supermercado mas não me quero sentir um produto, apenas um produtor e não apenas um dealer de techno em timbuktu ou em qualquer derza deste planeta.

Sei que posso não ter uma razão científica para o que penso, para aquilo que escrevo parecer replicado com nuances em realidades que se tornam conhecidas pelos mass media.

Sei que tento fugir à noção hermética «algo de bom acontece e algo de mau se replica».

Sei que assumindo-me como zmb o zumbi, transcendo esta definição de morte a cada momento que vivo e que se eterniza pelo uso daquilo que chamam de aspirinas para reescrever ecos de um passado não tão distante assim.

Alguém que parece personagem de filme, ecos de uma casa que renasce a cada momento, a ilusão numa fé ou qualquer outra espécie de

esperança, em algo vindo de dentro e expandindo-se para ti num local onde respiramos em comum, um local cheio de estrelas…

moon shine and moon landing, estrelas e asteróides em constelação dizendo ser possível viver cada momento como se este fosse único,

ecos de memória como se esta existência não tivesse fim, tigre! tigre!,

a cada momento perdido no tempo e deslocalizado recebendo feedback sem destinatário assumido e quão ilusório é ser comentado.

Às vezes, não passo de um potencial instrumento jogado na arena a bel prazer conforme as circunstâncias.

Antes de ser pó, gostaria da gratificação pela possibilidade do dia eterno. Depois de verdadeiramente pó, serei apenas pouso de abutres, um hobo sem qualidades de futuro acesso livre no archive ponto org.

Eu sou mais que a minha função mesmo que, às vezes, perdendo a minha noção de função, pense que não existo porque quem não aparece não existe, eu não pertenço nem aqui nem a ti, pertenço à grande nação zumbi vinda de marte, como eu prisioneira do verbo liberdade, das facas esquizóides do indivíduo e dos gunas dependentes do social.

A verdade é que nunca ouvi vozes dizendo-me para esfaquear, a minha violência é mental, sou apenas um cão que ladra e, entre eu levantar a saia da marlene na caixa do minipreço em pensamento e o acto de efectivamente o realizar, vai uma distância que só estudando bem o objectivo tal alguma vez se concretizará, eventualmente, a canábis tem a sua função de divindade, de intoxicação, de quality time imaginal. Se imagino não preciso de o fazer. Poderei não ser aquilo que escrevo mas escrevo a maior parte das vezes o que quero volver.

Desde que se descobriu que deus não era um só e podia ser qualquer um de nós, desde que a verdade se relativizou democraticamente, não me desejo vítima nem de mim próprio. Serei talvez um género em evolução dentro de mim próprio.

A sequência da minha narrativa pode começar em alhos e terminar em bogalhos dando a ilusão de um artifício começando no nome de um morto-mas-vivo, aquele estado tanto dentro tanto fora da realidade, da sociedade. A psicose de sentir o imã do meu próprio ser faz-me intuir talvez que me desejas numa passerelle de jet set literário mas opto apenas por passar ao lado nem que, por causa disso, te não tenha.

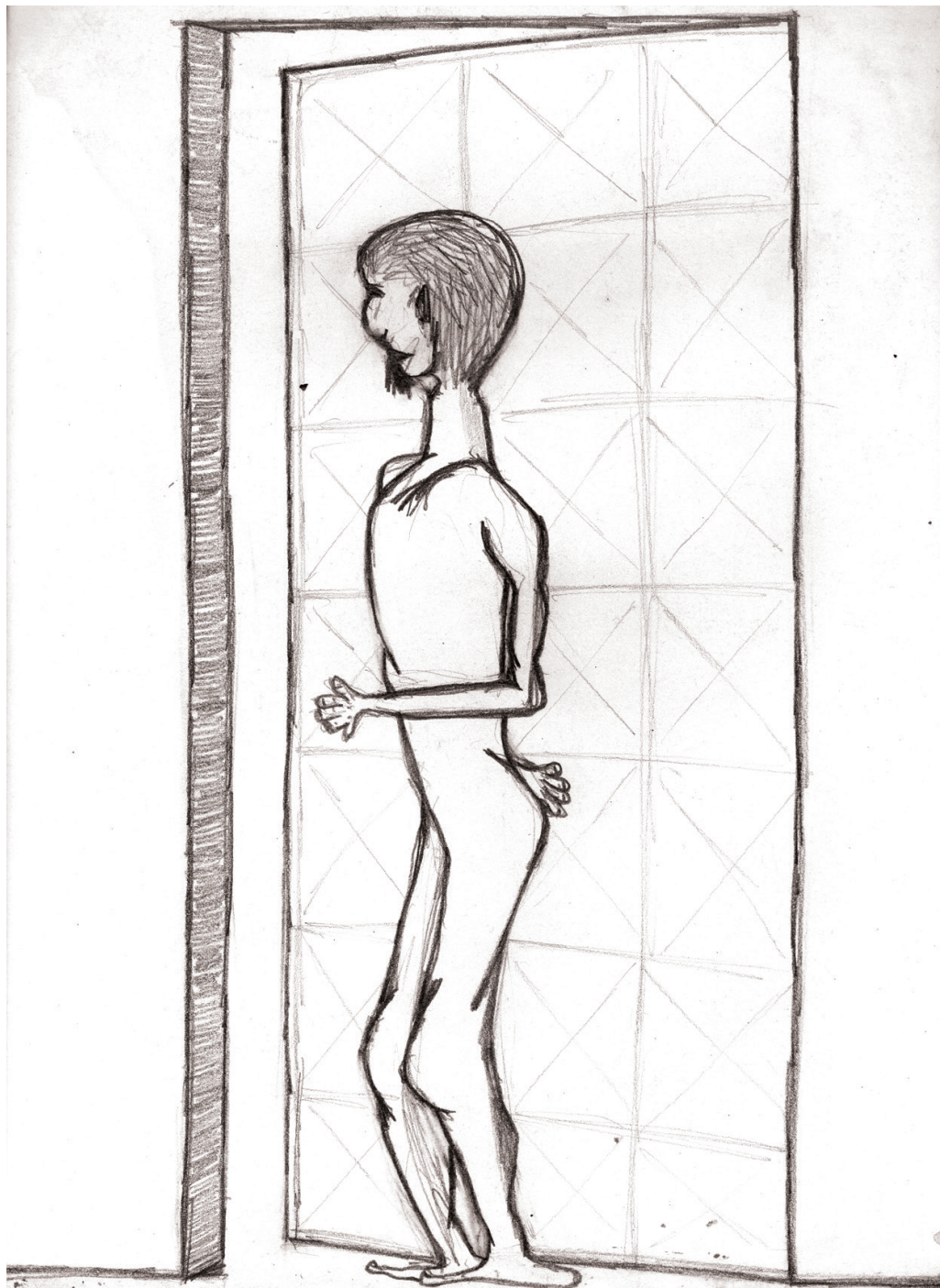
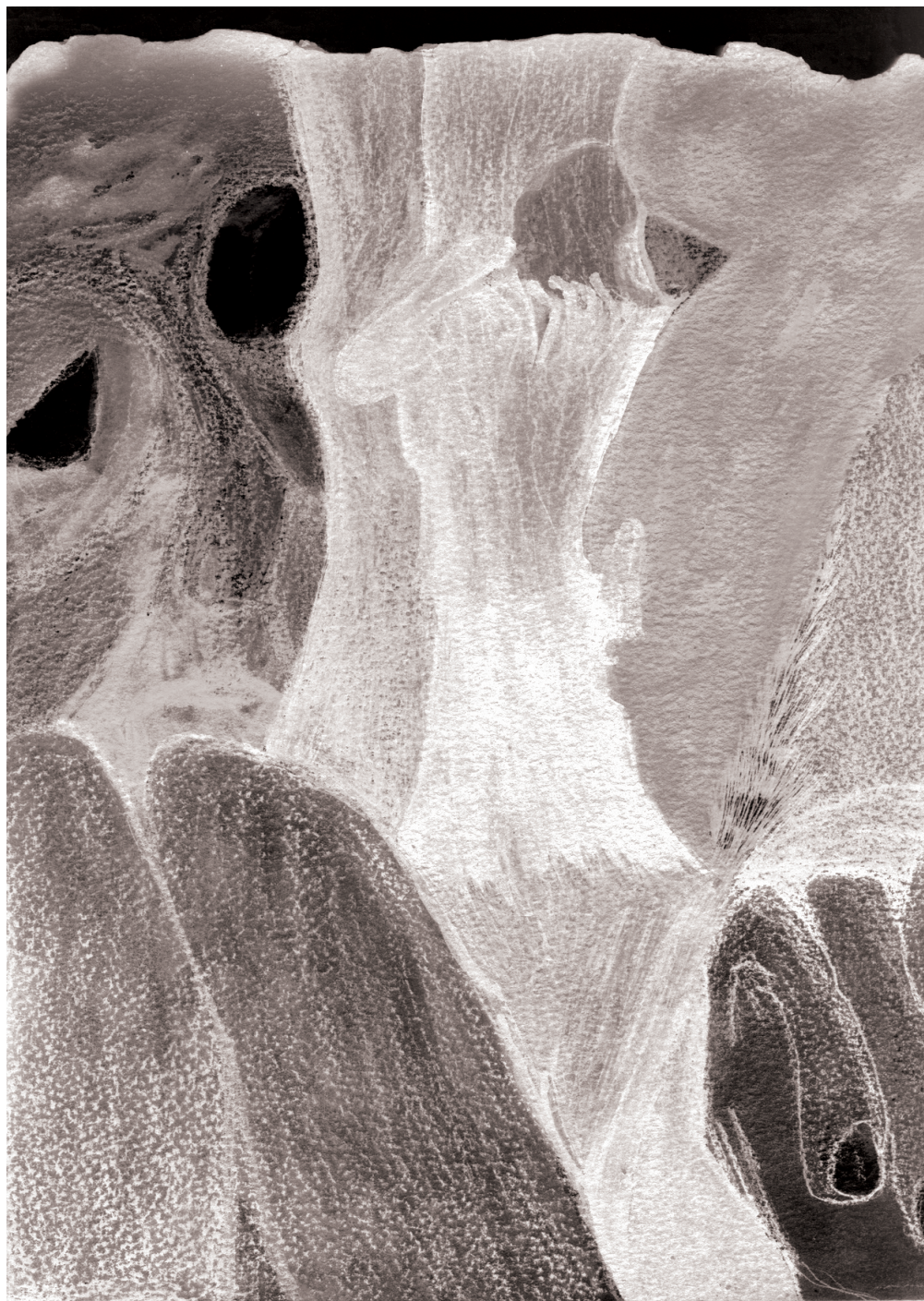
Eu não sou um anjo nem um santo nem um profeta tendo a ilusão de vir salvar o teu mundo, eu não sou já nem resistente nem desistente, apenas resiliente: eu sou apenas eu e sou já alguma coisa vencida a culpa, o remorso, o ressabiamento.

Tenho uma causa, um programa privado, pessoal e de consciência psicológica e social, eis o manifesto de um só subscritor: às vezes, ponho-me a pensar se as minhas palavras não são escutadas pela percepção do cliente regular. Às vezes, sinto que transmito as minhas mais secretas ideias através de telepatia inconsciente julgando pelas palavras recebidas através do regularmente diário feedback. Às vezes, é difícil sobreviver a coincidências estranhas no que digo passado e observo futuro mas… encontro já a saída e começo a ver a luz. Não me sinto já influenciado por ninguém que não eu próprio, afasto-me do feitiço mesmo que ninguém que não eu próprio o tenha lançado. Não acredito, apenas porque não o sei explicar, mas escrevo que a minha mente é uma onda cool de rádio emissora e retransmissora, um tributo à get-out-of-bed radio, toda uma literatura já escrita, não sonhamos todos com um ficheiro secreto? A verdade é que posso psiquicamente intuir o manifesto que the shamen me oferecem aos ouvidos então com dezoito verões, partilhá-lo mesmo contigo: my kind is yours omega amigo for you I will always have time.

De igual modo se, por acaso, virem no vosso bairro o tone malaiko vendendo qualquer zine ou mesmo uma boneca insuflável — para que cada cruco tenha o seu mur — troquem com ele uns ossos e a moeda, vá lá!, como taxa de sacrifício. Ele saberá como muitos rir-se de ter perdido o medo de viver fragmentado, de lhe chamarem de louco ou drogado ou até mauricinho, estes ding an sich são sempre úteis mas relativos, absoluta será a moeda para nós, os tones. Claro que assim, ele ou mesmo eu poderei ir buscar o meu genuíno meio conto de kenga e, para tudo o que verdadeiramente interessa, haverá sempre fêmeas que me completem. Se não as houver, inventá-las-ei pela imaginação: uma fêmea será sempre uma fêmea, uma mulher invisível um dia tornar-se-á real. Fiesta! Um desejo imortal.

Oub'lá filho se eu, teu pai fantasma sideral e adoptado, posso até nem ser descendente de qualquer raça mítica ou mitómana, a verdade é que não sendo cigano sou tratado como cigano apenas pela aparência de inteligente mas com um modo de vida pouco esperto. Num país que não gosta dos amigos de jacques leonard, eu posso até tentar adaptar-me a esse mundo porque preciso de trabalho mas este mundo só me aceita quando eu consentir em deixar de ser quem sou, e quem sempre quis não parecer, para simplesmente passar a parecer um deles porque um escravo nunca é, apenas parece e quem não aparece não existe, está nos livros.

Por isso, meu filho aprendiz de fantasma, como disse a doninha em celebração no hard club há muitos anos num anterior fim-do-mundo: se queres respeito puto dá-te ao respeito [,respeita] e assim terás o respeito a que tens direito.

Quidditas?, haecceitas. O que é? É isto.

Menu Postal

> Para a mulher:

8.15 — Acordar com beijos
8.30 — Pesar menos 2 kilos que no dia anterior
8.45 — Pequeno-almoço na cama com sumo de laranja e croissants
9.15 — Tomar um banho quente com perfume e baunilha
10.00 — Fitness e ginásio com o personal trainer (um gajo bonito com sentido de humor)
10.30 — Tratamento facial, de mãos, champô, secador de cabelo 10mins
12.00 — Almoço com a melhor amiga no melhor restaurante (o mais caro também)
12.45 — Espiar a ex-namorada do namorado e descobrir que ela pesa mais 7 kilos agora
13.00 — Ir às compras com as amigas, sem limite de cartão de crédito
15.00 — Sesta
16.00 — Entrega de 3 dúzias de rosas com um belo cartão assinado por um amante secreto
16.15 — Ginásio e massagem dada por um gajo forte que diz nunca ter a sorte de massajar um corpo tão belo
17.30 — Tentativas numa loja de Haute Couture
19.30 — Jantar com velas (2 velas) com música e boas palavras
22.00 — Banho quente (sozinha)
22.50 — Ser levada em braços para a cama (com novos lençóis de cetim)
23.00 — Beijos
23.15 — Dormir em braços fortes...

> Para o homem (animal, devo dizer):

6.00 — Despertador
6.15 — Broche
6.30 — Boa cagadela fá-lo sentir melhor enquanto lê o desporto nos tablóides
7.00 — Pequeno-almoço: bife, bacon, ovos mexidos, café e tostas preparadas por uma empregada nua
7.30 — Limusine chega
7.45 — Alguns uísques no caminho para o aeroporto
9.15 — Voo em jacto privado
9.30 — Outra limusine com motorista privado para o campo de golfe (broche no caminho)
9.45 — Jogar golfe e ganhar
11.45 — Almoço: MacDo, 3 cervejas, uma garrafa de Don Perigon 1959
12.15 — Broche
12.30 — Jogar golfe
14.15 — De volta ao aeroporto em limusine (uísques no caminho)
14.30 — Avião para Monte Carlo
15.30 — Tarde: pescar, gajas todas nuas no iate
17.00 — De volta em jacto privado, massagem por Pam Anderson
18.45 — Cagar, tomar um duche, fazer a barba
19.00 — Ver as notícias: M Jackson está morto, Marijuana é legal, hard-porno também
19.30 — Jantar: Menu francês, Don Perignon 1953, suculento bife e, para terminar, gelo em 2 grandes seios
21.00 — Cognac Napoleon, charutos Cohuna e ver futebol na tv num ecrã de 29 polegadas. França 11 Inglaterra 0
21.30 — Ménage com 3 gajas (de tendência lésbica)
23.00 — Massagem, banho, pizza e uma cerveja loura
23.30 — Broche para dormir bem
23.45 — Dormir só numa cama grande
23.50 — Explodir durante 30 segundos, até o cão tem de deixar o quarto

(Este menu foi enviado em inglês e por correio por Icata ao Rui)

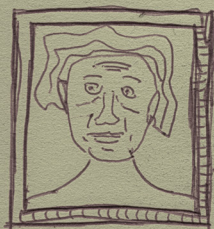
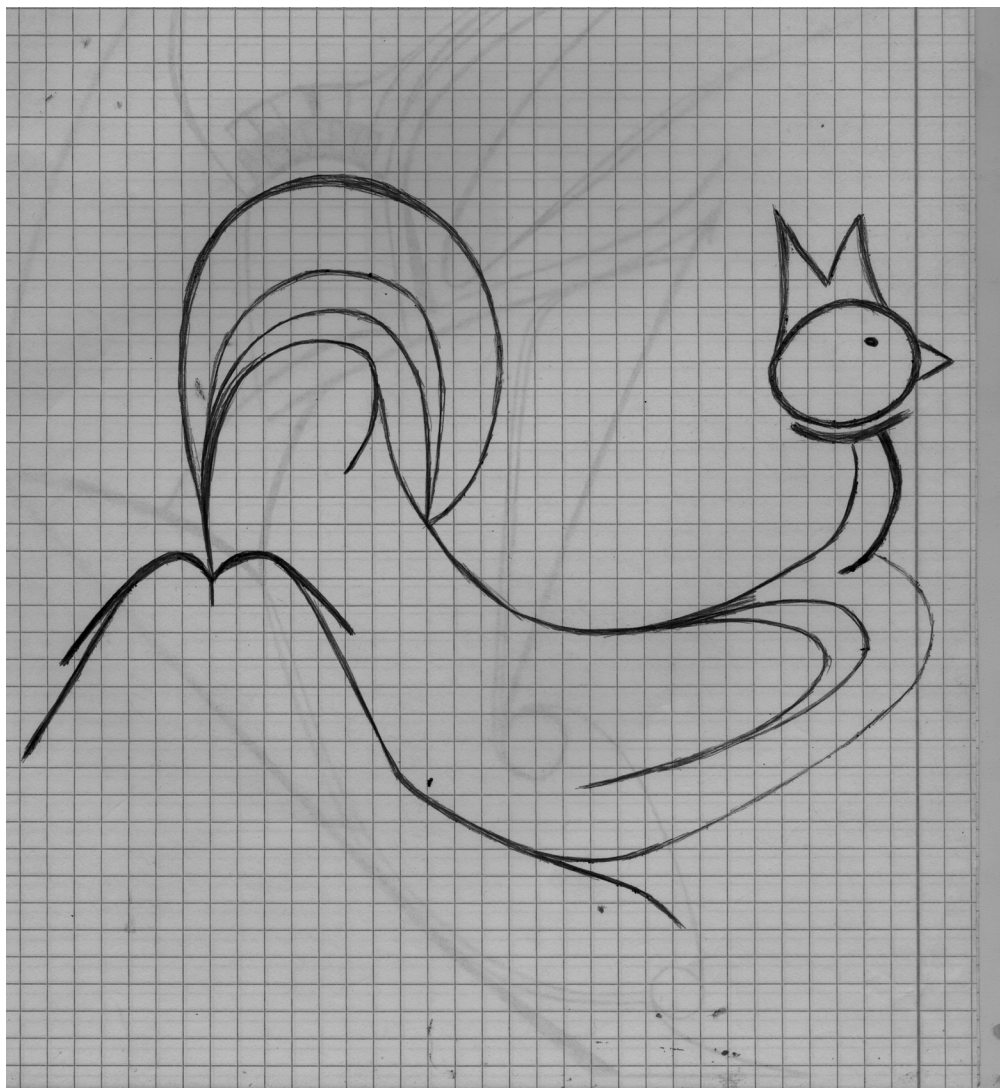
PLE SAY... ...I LOOK
OR
PRETTY GERMAN
WHEN I CUT MY AND HAIR LET MY GROW
MAI

PEOPLE SAY... I LOOK
OUTSIDER
OR
PRETTY GERMAN
WHEN I
WHEN I
LET MY HAIR GROW
MAI

Ode às Borboletas

Eu fui sodomizad@ pela primeira vez
Com a idade de vinte e três
Mas não por um homem
Não!
Eu fui sodomizad@ por uma mulher
Uma pequena jovem mulher
Tão diferente de mim
Eu sou alt-íssim@.
Da primeira vez eu nem sequer gostei do sentimento físico
A mesma mulher sodomizou-me várias vezes
A última vez sozinh@ foi verdadeiramente a vez, a única vez.
Depois de todo este chupanço
Depois de todos estes anos
Tudo o que posso dizer é:
Eu não gosto de piças
Eu tenho os meus vegetais na cozinha
Eu uma vez usei a faca de madeira da minha avó.
Depois de todo este chupanço
Depois de todos estes anos
Tudo o que posso dizer é:
Eu só tive prazer
So adeus man
Eu não estou esperando por ti
Eu nunca esperei por ti
Eu encontrei-a há muito tempo na minha mente!

(Tanques mais ou menos) pelo sonho Derza
Para G. Puccini
de Manuelle Biezon, @ fuf@ radical

MERRY XMAS
&
HAPPY NEW YEAR
FOR ALL OF YOU
BROTHERS & SISTERS
& LITTLE BROTHERS
TOO Z TO
WHERE EVER YOU DESIRE
Z
M
B
16 DEC 2002

A primavera chegará, bandido

Ao atravessamos no semáforo verde em direcção à Praça da Batalha, viro-me para o Doutor A. R. Spider que me acompanha e digo-lhe:

— Olha, há dias ia aqui onde nós estamos e apeteceu-me fazer um verso e enviar para o Rui Moreira, visto que ele quer acabar com as carrinhas... [carrinhas de distribuição gratuita de comida e outros itens como roupa nas ruas do Porto]

— Infame!, diz A. R. e eu concordo:

— É isso, eu ia a caminhar e ali, mais à frente, há um restaurante que faz takeaway, eu ia a caminhar e a ver muitos como eu caminhar para ir buscar a sopa da noite, e vi uma fila de gente, praí quinze pessoas à espera, olha, aqui mesmo, ora vê, à espera de uns bolos gourmet com muito creme e açúcar e do tamanho dum pastel de nata.

— É mesmo!

— Apeteceu-me fazer um verso, qualquer coisa como «lado a lado convivem bolos gourmet com sopas em taparuere» mas não fiz, não me achei capaz de descrever a realidade de modo a alguém de poder agir, intervir, melhorar, quem sabe por caridade ou por simples humanidade. Por isso, não fiz o verso mas pensei que seria mais uma crónica, uma crónica longa que explicasse a esses aristocratas que governam a cidade que não podem varrer as pessoas como lixo, varrê-las das ruas do Centro Histórico para não incomodar a visão idílica que as revistas de turismo transmitem sobre a cidade. Olha, há dias numa visita aos meus pais a meio da tarde, ao postigo da residência dos meus pais, ou seja, à porta de entrada, eu bem lhe disse «pai, nós não sabemos o que é a fome!», ele objectou e disse «eu sou do tempo da meia sardinha», mas eu respondi e ele compreendeu e ele veio da aldeia, não é como o Moreira que nasceu em berço dourado: «pai, tu venceste a fome e há pelo menos cinquenta anos que não a passas, eu mesmo nunca passei fome, eu não sei o que é ir buscar uma dose, e eles dão-nos esta saca de papel que parece a saca do pão mas dum papel mais grosso, almaço, dão-nos a saca com a dose lá dentro, comemos nos degraus da igreja e há quem diga, tenho de ir ali a Passos Manuel buscar uma segunda dose, abriu lá outro restaurante solidário, continuo com fome». O meu pai admirou-se, espantou-se: «é!, pai, a fome anda à solta, a comida é pouca, para muitos deles é a única do dia, a única que comem, nós aqui em casa sempre fizemos quatro boas refeições e vocês hoje, que são só os dois aqui, a mãe e tu ainda o fazem, eu lembro-me de, às vezes, assaltar o frigorífico para barrar tuli-

creme em moletes de pão acabadinho de chegar a casa quando me dava a fome... fome!?, vontade de comer, gulodice mas eles não, as pessoas que comem no restaurante solidário ou, agora com este vírus, lá vão buscar a dose takeaway, passam todo o dia apenas com a comida da noite, e claro, o dia passam-no pedindo uns trocos, cravando um cigarro, contando as suas histórias para ver se arranjam umas moedas para vinho a pacote cheio do chumbo que matou o Beethoven... e o vinho consome-lhes energia, chupa-lhes já não a gordura que não têm mas a pouca carne nos ossos que ainda resta. Alguns, compram açúcar e adicionam-no ao vinho, mais fome dá», «podiam comer uma sopa em vez de beberem o vinho» diz o meu pai, «e quem os deixa sentar à mesa num restaurante?» e o meu pai cala-se.

Também eu me calo após estas palavras e Doutor A. R. Spider continua calado, caminhamos para o restaurante. Estamos já a ultrapassar o Teatro e alguns adolescentes jogando o skate fazem pausa nas acrobacias, fazendo tenção de nos deixar passar. Eu registo e agrada-me o gesto deles, mas sigo com A. R. pela borda do átrio público junto à parede do Teatro deixando-lhes o chão livre para se divertirem. Chegamos finalmente ao Terço, a fila contorna o edifício.

À nossa frente estão dois colegas a falar castelhano, viram-se para trás e reconhecem A. R.

— Salud Dó-ctor.

— Salud amigos, há dias bebi um vinho tinto muito bom, Rioja 1968!

— Ah si, pero el vino blanco es mejor.

— Si claro.

À nossa frente, a fila anda mais rápida já, a comida é dada à porta numa entrada lateral na descida da rua. Hoje, foi dia de receber a reforma para alguns, e um velhote algumas pessoas à nossa frente vê uma jovem negra que sobe a rua para entrar na fila, ela pára o seu caminhar e ele diz-lhe qualquer coisa e ela ri-se, ouço-a dizer ao velhote enquanto lhe dá o braço para caminharem juntos:

— Não vamos comer, vamos gastar a reforma!

Atrás de mim, alguém comenta: — Olha, vão estourar tudo.

E quem o diz parece, pelo som da sua voz, ressentido. Eu que não me viro para trás para lhe ver o rosto, imagino-o como um pretendente sentindo-se atraiçoado.

À frente, duas pessoas à frente dos espanhóis, uma mulher nova, talvez vinte e cinco anos, bem vestida, daquelas que a gente, às vezes, vê nas ruas comprando com os olhos as montras das lojas de roupa, recebe

a sua dose no saco de papel, o senhor do restaurante dá-lhe uma segunda dose porque ela está com uma menina de cinco ou seis anos, deve ser a filha. Ao vê-la, tomo consciência que não são só os pobres que estão com necessidade, também há gente que nunca sonhou precisar de ajuda que, agora nestes dias incertos, se vê e se sente no fundo, a precisar de ajuda e muitas vezes com vergonha de a pedir.

Após recebermos a nossa dose, subimos a rua, A. R. e eu, em direcção outra vez à praça. É nossa intenção sentarmo-nos a comer já nos degraus da igreja porque a comida está quentinha e A. R. não tem microondas em casa para aquecer a refeição.

Reparamos que há uma carrinha estacionada no passeio, pertence a uma associação religiosa, estão a dar café numa banca lateral, ou melhor, uma bebida com café, parece cevada. Mas sabe bem. A. R. deixou a fila da sopa e dirigiu-se ao café, pediu dois, um para ele e outro para mim, eu entretanto guardo a vez e, à minha frente, um jovem, talvez de trinta anos, queixa-se que o Terço só lhe deu uma dose e que, após a dose desta carrinha, vai a Passos Manuel buscar uma terceira.

— É comida a mais, eu estou bem assim. Digo eu, mas ele explica a sua visão:

— Perdi o trabalho, estou a dever três mil euros de renda, para mim não houve moratória porque o contrato é de boca, o senhorio é boa pessoa, arranjei trabalho nas obras, e preciso de comer durante a pausa do trabalho para o almoço, amanhã.

— Sim, irmão, boa sorte. Digo eu.

Recebo também a minha dose e dou o nome, a associação gosta de ficar com um registo informal das pessoas que ajuda. Venho sentar-me finalmente nos degraus. A. R. fica na carrinha a ver se eles lhe arranjam uma camisola para este tempo frio. Depois vem sentar-se.

Comemos em silêncio. A espanhola sem-abrigo, que vive literalmente debaixo da ponte, vem pedir-nos um cigarro, não temos. Enquanto comemos, eu ponho-me a observar as gaivotas que comem os restos deixados por outros como nós no centro da praça, eles levantam-se e colocam a embalagem de estanho no chão e afastam-se. Logo, as gaivotas se aproximam para pousar e comer. Vejo como há uma gaivota alfa e que primeiro come ela, ela bica o resto da comida enquanto as outras fazem centro à embalagem, tentam aproximar e bicar, mas sempre respeitando a gaivota alfa, tentam e voltam para trás, só quando a alfa bicou o suficiente é que as outras comem. A lei da natureza é a lei do mais forte. Como pensando se não deveremos ser contra a natureza...

A dose de hoje do restaurante é uma cuvete de estanho com arroz

branco e seis pequenas sardinhas fritas, petinga, bem cozinhadas, é preciso dizer. A dose inclui ainda dois ovos cozidos ainda com casca, uma bola de berlim e uma garrafa de água de um quarto de litro. Enquanto como as sardinhas e olho as gaivotas penso: «O meu pai era o sexto filho e, segundo o que ele conta, o jantar de batatas cozidas com sardinha assada ou frita em azeite era parco, só havia quatro sardinhas, o resto a terra e a oliveira dava com labor, pelo menos, as sardinhas, eu ainda me lembro, eram bem mais gordas e não como estas que agora como, isto parecem jaquinzinhos, os avós comiam metade de uma, ou talvez comessem uma inteira não sei, mas cada filho, cada irmão comia uma metade, um comia a cabeça e o outro o rabo da sardinha. É isso que os donos disto tudo não entendem, as carrinhas dão uma dose extra de comida, e dão fruta, às vezes mais um taparuere de sopa de legumes e dão sumo em pacote e dão café e dão roupa... as ruas ficam sujas e os pobres comem na rua, sim é verdade, mas são seres humanos que precisam de apoio e não de ser enxotados, ocultados da opinião pública, é preciso que alguém escreva sobre isto!»

E foi isso que eu fiz logo que cheguei a casa e depois de preparar um café de saco no fogão de indução da minha cozinha. Há dias disse a um colega: «certo, a renda é barata mas é só por um quarto, o resto são arrumos e a frequência da casa de banho e da cozinha... mas vê só o estado desta chaminé, repara nas rachas que tem, parece só aparato mas qualquer dia estou com a cabeça debruçada sobre o tacho mexendo o refogado de frango com massa esparguete do almoço e... acabo enterrado debaixo da chaminé!»

É mesmo!, há dias cortei na casaca mas nem tudo é mau, até tenho um fogão ultramoderno, os outros dois ocupantes da casa mal põem os pés aqui em casa, e eu estou e sinto-me senhor de sete quintas.

São agora quase nove da noite. Dispo-me e deito-me por baixo do edredom da cama, tenho na mesinha-de-cabeceira o café quente e uma pedra que achei num muro para fumar. Coloco um cedê a tocar. Começo a escrever, vou bebendo e fumando. Sinto-me cansado de teclar no processador de texto. Termino o que queria dizer e publico nas redes sociais. A bomba que largo não pretende matar ninguém, apenas alertar para situações que não podem passar despercebidas. Somos todos pessoas que precisamos de paz, pão, habitação, saúde e educação. E muitos de nós não podemos pagar estes direitos que diria constitucionais.

Que dizer do sem-abrigo que vi ontem à porta do restaurante pedindo uma tenda e um colchão porque os serviços de limpeza urbana lhe levaram as coisas embora, eu diria mesmo: roubaram e deitaram ao

lixo, ou para onde foi que levaram os cartões de papelão do abrigo de rua?, deixaram morada para levantamento dos pertences do sem-abrigo? Antigamente, era o canil o destino dos pertences... e ontem o sem-abrigo a dizer: — Fiquei só com a roupa do corpo... E eu olho para ele e para o seu olhar alienado, olhando para longe da pessoa a quem se dirige, olhando em frente e para trás, para mais longe, pedindo: — Arranje-me uma tenda, ao menos um colchão...

Desligo o computador e deito-me finalmente, estou cansado, demasiadas emoções num só dia. Vivi hoje como noutras noites a miséria alimentar, miséria mais dos outros que minha, pois eu ainda posso cozinhar. Não estou totalmente dependente da ajuda alimentar mas admito que a poupança me dá jeito para investir noutras coisas como livros ou tubos de óleo. Ponho-me a pensar em Heberto Padilla e no verso: «diz ao menos a tua verdade / e depois / deixa que aconteça qualquer coisa:» e, depois, adormeço a ouvir «Radio», uma peça para dois rádios de John Cage. A capa do cedê é o desenho de um cogumelo.

Dias depois, encontro novamente o Doutor A. R. Spider no jardim ao fim da tarde.

— Tens um charro?, pergunta.

— Tenho.

— Olha, vai ali a tua noiva!

Eu olho e vejo a espanhola sem-abrigo de sapatilhas verde-eléctrico e ignoro que ele me está a gozar e a depreciar, como se eu não merecesse melhor, humpf!, mas ignoro, faço que me rio e pergunto: — Eheh, a sério!

— Estava só a brincar...

Eu continuo o absurdo dizendo: — Não!, não me meto com ela, é casada com um gitano lá nas espanhas e não quero que ele se zangue e venha cá pôr-me a faca!, eheheh...

A. R. sorri, mas pouco. Eu penso que involuntariamente também estigmatizo em anedota o preconceito de classe, chutando o gozo do Doutor de mim para cima de um «cigano». Sinto-me mal com a minha própria atitude, é como se eu pisasse o mais fraco, como se o fraco fosse o único mau. Até um homem, desses que se designam por homens de bem, me tentariam fazer de algum modo a folha se eu me metesse com a mulher deles. É nisto que penso enquanto fumamos calados o charro.

Ouve-se rap vindo de umas colunas. Vemos ao longe um mano a rapar para os amigos. A. R. diz para irmos ter com eles.

Falam de rap entre eles, discutem tendências e estilos de rap e hi-

p-hop, produtores de outrora e produtores novos que descobrem novos mundos. Kapataz rapa mais uma rima, tem um estilo super-rápido e sem perdigotos. Põe Wu Tang a tocar no tubo. Os amigos, um casal de namorados, andam na casa dos vinte anos, quando Kapataz termina nós batemos palmas mas eles dizem «não, palmas não, uus ululantes, uuuu... uuuu». Dou dez euros adiantados por um cedê do Kapataz, afinal é um excelente rapper e conhece todo o mundo, até o Valete dos subúrbios de Lisboa ei... — Põe a «roleta russa!»

A rapariga sorri e diz: — Não, essa é já muito batida. E põe um fadinho da Maria da Piedade. Eu calo-me e rio-me, todos riem e ela, primeiro canta o refrão e, depois ri-se também, dizendo: — Não falem mal da minha Piedade! E põe a tocar uma rapper colombiana. Uma voz em espanhol, o beat por detrás, o rap é mundial.

A. R. diz: Vamos daqui a pouco à comida? Convida-me para um café em tua casa primeiro, ainda não bebi um hoje, sou cafeólico, sabes fazer cartões de apresentação?

— Sim, sei. Porque? Queres que te faça um, é?

— Quero que ponhas: «Doutor A. R. Spider — especialista em vudu e medicina ilegal».

— Ahahah!

Deixamos os nossos amigos musicais e vimos até minha casa. Pelo caminho vou explicando ao Doutor:

— Olha, Doutor, este rapaz fez parte do projecto es.col.a como aluno na Fontinha, ele até disse: «o meu pai não me deixava sair mas se fosse para ir à es.co.la ele já deixava!» e eu: «sim, e davam explicações de inglês e matemática, aulas de pintura, tudo de graça...», ele recorda: «até torneios de pingue-pongue...»

Emociono-me e continuo: — A es.col.a... ei!, foi a melhor coisa que no Porto aconteceu a nível social, a escola era um edifício abandonado para onde os ressacas se iam picar, eles tomaram conta do espaço, alguns ressacas naturalmente afastaram-se e foram picar para outros lados, outros ficaram e deixaram de picar, a escola deu esperança e trouxe educação ao bairro, tornou-o respirável e durante quase dois anos e cosmopolita, muitas das aulas eram dadas por estrangeiros e estudantes em erasmus... houve uma primeira intervenção que os desalojou mas.. numa manifestação, três mil pessoas expulsaram os polícias, mas depois eles voltaram dias depois com reforços e destruíram tudo, tijolaram, partiram o mobiliário, transformaram livros em cimento e deitaram ao contentor do lixo, foram doze anos de Rui Rio, e agora, se o deixarem candidatar novamente, serão doze anos de Rui Moreira, enfim... o povo

do Porto gosta de senhores galantes. E a rapariga tão bonita, tão jovem, tão fresca, eles são já o futuro...

— Sim, ela é muito bonita.

Depois do café de saco em minha casa e depois de irmos ao restaurante solidário, hoje não houve o extra da carrinha, comemos nas escadas da igreja e despedimo-nos e cada um volta para o seu alojamento. Ponho-me a falar sozinho pelo caminho:

— Bem, pelo menos, agora posso tomar e oferecer um café feito por mim aos meus amigos e colegas que me visitam. Aqui há uns anos, era bem diferente. A primeira senhoria não me deixava cozinhar, quanto muito deixava-me aquecer um bule de água para café instantâneo. Não é a mesma coisa. Foi nessa altura que conheci a irmã Lúcia num bar de contrabandistas. Ela era apenas uma das amigas especiais do gerente e, ao que parece, ela engraçou comigo. Ela tinha cabelo comprido louro e encaracolado, apanhado num rabo-de-cavalo e, da primeira vez que falámos, ofereceu-me erva à discrição e eu não me fiz discreto e servi-me bem, gostei logo dela; da segunda vez, pagou-me cerveja nos bares e contou-me algumas das suas histórias mas, depois, quis que eu a acompanhasse de táxi a casa mas algo na sua atitude de senhora mandona, porque pagadora do consumo da noite, fez-me retroceder e não seguir com ela, afinal eram já seis da manhã e, às dez, eu teria de estar já acordado e sóbrio para ir poder reservar o lugar para almoçar na cantina dos pobres, se não chegasse a tempo poderia já não almoçar, já na altura havia muita gente troicada; da terceira vez, já ela rapara a pente zero o cabelo, eu disse-lhe: «sabes o que me falta? Uma companhia...» e ela respondeu soberana: «Compra um cão!» Na manhã seguinte, acordei sonhando com um cão, de lombo assentado e patas no ar, dormindo a meu lado. Não nos vimos durante umas semanas, até que uma manhã de Natal ela me manda uma mensagem para o telemóvel quando eu me preparava para ir almoçar a casa dos meus pais. Respondo agradecendo as boas festas e retribuindo os cumprimentos. Ela volta a responder e convida-me para sua casa. Apanho o autocarro mal posso deixar a família e vou ter com ela já bem almoçado, levo ganza. Chego lá e ela propõe que eu vá à bomba de gasolina abastecer-me de uísque e vinho, dá-me vinte euros. Eu regresso com uma garrafa de Cutty Sark e um vinho tinto de Murça. A sua casa tem um quarto interior sem janela onde dorme a filha de quatro anos num beliche cheio de peluches, uma cozinha, uma sala com uma reentrância onde ela dorme num colchão no chão, nenhuns móveis, chão de taco encerado, uma pequena manta onde nos sentámos,

uma televisão, um leitor de dvd, vários filmes, duas garrafas, dois copos e vários charros. Pomo-nos a ver devedês, a fumar, a beber e acabamos finalmente a comermo-nos.

— É, meu! Não sei porquê, a irmã Lúcia preferia oferecer-me o traseiro, o sexo não era nada seguro, ela não gostava de camisas, e eu cheguei a cansar-me de tão repetitivo que era, sempre a mesma posição, só a via de costas, eram umas belas costas, bem torneadas. Ao princípio ainda me contou como sobrevivera meses a vender rosas vermelhas de papel aos turistas, ou como saía de casa e, até ao fim da rua, cravava um maço inteiro de cigarros, um a um, ia pedindo e ia enchendo o maço usado, Mas, a partir de certa altura, deixámos de falar um com o outro. Enchíamos o copo um do outro, fazíamos mais uma broca, mudávamos de devedê sem mesmo esperar meia hora, ela mandava-me calar quando eu tentava comentar qualquer cena do filme... é!, e depois, chegando ao ponto, dizia «come-me» e eu comia-a.

— O pior é que ela se cagava. Como durante o serão, eram várias as vias-de-facto, eu, às vezes, colocava os joelhos em cima de merda seca, pois nada mais havia senão a luz da televisão. Ei, só de pensar... o pior era que não comíamos mais nada, e o meu estômago começou a ressentir-se do excesso de bebida branca e tinta e de mais nada para compensar, nada de sólido, só líquidos ácidos a corroerem as paredes do estômago, soube que tinha de parar com esta aventura quando senti o final do esófago a arder-me sempre que bebia mesmo que apenas um copo de água, comecei a tentar comer antes de ir para casa dela, comecei a vomitar a comida, soube que tinha de parar...

— Sim, depois ela arranjou um parceiro extra, ainda fizemos um serão os três, com nós dois a competir por ela, ela nessa noite cozinhou-nos um puré com fígados de porco grelhado e mandou-nos ao supermercado comprar bebida, eu disse que não tinha dinheiro, e ela acabou por o escolher a ele na impossibilidade de eu me juntar à sanduíche, raisme fodam.

— Sim mas ficaste-lhe na memória, ela mais tarde voltou a ligar.

— Sim mas eu não quis saber. Sei que ela me deixou de considerar um gatuno e, ao mesmo tempo, queria-me como companhia para ela e para a filha, mas, no fundo, ela só queria ganza. Não sei...

— Da última vez que a vi, ela disse que quando recebesse o abono de família do alemão, do pai da criança, iria comprar um quilo de erva, e eu achei demais, deixei-lhe comida para a filha porque quis deixar e um charro para ela fumar porque ela chorou por ele.

— Nunca mais a vi. Não, minto, há seis meses ou quê, ia no auto-

carro e vi-a no passeio. Parecia aparvalhada. Que alguém me perdoe: ela parecia um rapazinho.

— Mas porque me lembrei agora da irmã Lúcia? Terá sido por o Doutor ter falado da noiva, da minha noiva, da noiva que não existe?

— É, parece que até aos olhos de com quem convivo, o que me falta é uma mulher para me coser as meias e cozer as batatas...

— Não, não é para isso que eu quero uma mulher. Quero numa mulher sentir companhia, empatia e alegria. Quanto ao resto, eu gosto de cozinhar e a comida solidária oferece variedade de pratos gastronómicos, coisas caras de comprar para cozinhar ou menus que eu não sei fazer. Quanto às meias, a minha família dá-me meias no Natal, tantas que dão para o ano inteiro, é usar, ficar roto e deitar fora.

— Mas quanto à minha noiva, como o Doutor A. R. Spider a designou... as últimas e definitivas notícias obtidas da boca de um colega sem-abrigo... veio a polícia e veio o serviço de limpeza... no dia seguinte a tenda deles desaparecera de debaixo da ponte e o espaço estava agora ocupado por um carro estacionado ilegalmente, ao perneta viram-no perto da muralha, a diabética viram-na a sair de uma hospedaria e a minha noiva... um rato tinha-a mordido durante a noite e a cara inchou, depois veio uma infecção na orelha... recolheram-na no antigo Hospital Joaquim Urbano para tratamento alcoólico... diz quem por lá passou e dormiu que é pior que a prisão, ao menos na prisão tens uma hora de passeio por razões de higiene mental, ali, no antigo hospital, uma pessoa que só precise de pernoitar e comer é obrigado a não sair todo o dia, é obrigado a aturar os olhares e as necessidades dos desgraçados em tratamento, uma pessoa dá em maluco.

— A Primavera chegará, bandido.

THE EMPIRE IS NOW...

ELE
EXISTE
MESMO

ASPIRANDO A VIDA...

É
SÓ
APROVEITAR
ZMB

LOCAIS
VERDES
PARADISIACOS
EXISTEM...
PERDURAM
RECORDAÇÕES QUE
SEMPRE
+ OLHANDO OS MORTOS +
ZMB

ONDE SE ASSISTE A TODO UM RITUAL
PERCORRENDO ÍNTIMOS
ANALIZANDO OS SENTIDOS
CONHECIMENTO
EXISTEM PÚLPITOS AZUIS
DE SENTIDOS DESCONHECIDOS
LOCAIS HORRÍVEIS A VISITAR FUTURAMENTE
Alliance
PERCORRENDO AVENIDAS DE CONHECIMENTO
EXISTEM PESSOAS QUE ESPREITAM
OUTRAS QUE SEMPRE LAVAM AS MÃOS
EM TARDES DE DOMINGO
TIRANDO CONCLUSÕES
LMB

EXISTEM CAMIOES DO LUXO
SERÁ A VIDA
PERCORRENDO ROTAS
ONDE BICICLETAS SÃO DEIXADAS AO RELENTO

ETERNAMENTE